

ANDRÉA NATÁLIA DA SILVA

**INSTITUIÇÃO VICENTINA DE GIJZEGEM:
UM ENTRELAÇAMENTO DE RELAÇÕES ENTRE
POLÍTICA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO
NA INSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE FRONTEIRIÇA
BRASIL/PARAGUAI ENTRE 1940 A 1980**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO
CAMPO GRANDE – MS
2008**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

FICHA CATALOGRÁFICA

Silva, Andréa Natália da.

Instituição Vicentina de Gijzegem: um entrelaçamento de relações entre política, religião e educação, na instituição da sociedade fronteiriça Brasil/Paraguai entre 1940 a 1980 / Silva, Andréa Natália da – Campo Grande, MS, 2008.

292 f. 30 cm

Orientador: David Victor-Emmanuel Tauro.

Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Centro de Ciências Humanas e Sociais.

1. Instituição Vicentina de Gijzegem. 2. Educação e Política. 3. Brasil – Paraguai. I. Tauro, David Victor-Emmanuel. II. Título.

ANDRÉA NATÁLIA DA SILVA

**INSTITUIÇÃO VICENTINA DE GIJZEGEM:
UM ENTRELACAMENTO DE RELAÇÕES ENTRE
POLÍTICA, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO,
NA INSTITUIÇÃO DA SOCIEDADE FRONTEIRIÇA
BRASIL/PARAGUAI ENTRE 1940 A 1980**

Dissertação apresentada como exigência final para obtenção do grau de Mestre em Educação à Comissão Julgadora do Programa de Pós-Graduação em Educação na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, sob a orientação do Prof. Dr. David Victor - Emmanuel Tauro.

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
CURSO DE MESTRADO
CAMPO GRANDE – MS
2008**

COMISSÃO JULGADORA

Prof. Dr. David Victor – Emmanuel Tauro

Prof. Dr. Levi Marques Pereira

Prof^a. Dr^a. Maria Dilnéia Espíndola Fernandes

Este trabalho é dedicado àqueles que são a razão da minha existência: Antenor Luiz e Alfredo Gabriel **filhos de amor**, e aos **filhos de coração** Lidiane, Joeder e Josiane e a José Elio, minha metade, que sempre me apoiou e me sustentou nessa caminhada como o maior incentivador.

AGRADECIMENTOS

A DEUS, que como força representativa, dos afetos e desejos do poder de CRIAÇÃO humana permitiu esse trabalho na minha imaginação radical.

Agradeço a todas as coisas dos céus e da terra que permitiram de maneira direta e indireta a execução deste trabalho.

A minha Eterna Mãe, Marta Madalena Guimarães, que não mais está no meio de nós, mas com seu amor infinito, sua dedicação, seu incentivo, suas “brocas”, e seu orgulho e sua autoconfiança na Educação que me confiou, sempre acreditando que eu alcançaria a realização através dos estudos e do conhecimento.

Ao Prof. Dr. David Victor-Emmanuel Tauro, meu orientador, que com a sabedoria e amizade, me proporcionou um maravilhoso conhecimento, e com suas palavras calmas, confortadoras, desde o início, me possibilitaram uma autoconfiança que só um verdadeiro mestre é capaz de permitir, além de seu singelo olhar, do sorriso alegre, do silêncio, da orientação, que sempre me encorajaram sem se esquecer da defesa nos momentos mais difíceis da construção deste trabalho.

À coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS) e ex-Cordenadora da Linha de Pesquisa Estado e Política Públicas de Educação, Prof^a Dr^a Maria Dilnéia Espíndola Fernandes, que sempre com um sorriso alegre e seu conhecimento me fortaleceu para que este projeto fosse alcançado.

Ao ex-Coordenador do PPGEdu, Prof. Dr. Antônio Osório do Nascimento, pelo atendimento solícito e força encorajadora nas horas mais difíceis no decorrer desta caminhada no Programa.

Aos Professores do PPGEdu, cujos conhecimentos teóricos contribuíram para o cumprimento deste trabalho.

Aos Professores que participaram da Banca de Qualificação, Prof. Dr. Levi Marques Pereira e Prof^a. Dr^a Maria Dilnéia Espíndola Fernandes, que contribuíram significativamente com suas críticas e sugestões para este trabalho.

À Secretária do PPGEdu, Jacqueline por sua amizade, carinho nos momentos de tropeços, angústia, medo e desmotivação; cuja cobrança sempre necessária se fez ao longo do cumprimento dos prazos no PPGEdu.

Às Bibliotecárias e seus auxiliares da UFMS que sempre estiveram prontas nos empréstimos dos acervos.

Aos colegas do PPGEduc, e em especial, Odália, Raquel e Sônia pelo apoio nos momentos de conflitos, angústia no PPGEduc e problemática vida pessoal.

Ao Instituto das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres de Gijzegem” por permitirem esta pesquisa e fornecerem informações, e documentos para que esta se concluísse em especial à Coordenadora Provincial da Província Centro – Oeste, em Campo Grande – MS/Br na pessoa da Ir. Maria de Lourdes Braz Sobrinho.

A todas as Irmãs do Instituto, em especial, Ir. Izaura, Ir. Rita, Ir. Godoliva, Ir. Lucia, Ir. Vera, dentre outras, que concedeu seu tempo às memórias por meio das entrevistas conferidas para essa pesquisa.

Às direções e secretárias das Escolas MACE & São José e Santo Afonso, antigas escolas Paroquiais das Irmãs Vicentinas, pelo pronto atendimento de seus arquivos de documentos escolares para a pesquisa.

A todos os entrevistados que compartilharam gentilmente conosco suas memórias e seu tempo para a execução deste trabalho.

À Amiga e irmã do coração Prof^a Mestra Roseli Áurea Soares Sanches, pela amizade, apoio, incentivo, força espiritual e ânimo intelectual nos momentos de medo, angústia e temor, mas também pelas infinitas correções textuais desde os primeiros ensaios para o ingresso no PPGEduc.

À minha ex-professora de Graduação, hoje amiga Prof^a Mestra Elizete Cardoso, que me incentivou para o ingresso no PPGEduc da UFMS.

A todos os ex-professores de Graduação, em especial à professora Elizabeth Brusquetti e de Especialização da Faculdade de Educação Ciências e Letras de Ponta Porã - MS, na pessoa da Prof^a Dr^a Elizangela Scaff, que sempre em diversas oportunidades e nas aulas me incentivaram na busca do conhecimento científico em prol de uma cidadania efetiva na sociedade.

À Faculdade de Educação Ciências e Letras de Ponta Porã, na pessoa da Diretora Prof^a Dr^a Maria de Fátima Viegas Josgrilbert e do Diretor Financeiro, Prof. Cel. Robson Josgrilbert, pelo apoio que me concederam nos momentos dessa trajetória intelectual e profissional.

A todos os coordenadores dos Cursos das Faculdades e Escolas em que trabalhei em que trabalho na pessoa do Mestre Rogério Zaim de Melo e da Mestra Flávia Kaveski, pelo apoio e incentivo durante essa caminhada.

A todos os bibliotecários na pessoa de André Pereira da Silva, que no decorrer destes vários anos estiveram se prontificando e me ajudando com os acervos da Faculdade de Educação Ciências e Letras de Ponta Porã.

Às secretárias da Faculdade de Educação Ciências e Letras de Ponta Porã, em especial a amiga ex-secretária de Curso Fabiana Romeiro, e a secretária geral Ana Paula, e aos secretários de cursos Glauce, Leones e Juliana, que muito me ajudaram desde as primeiras tentativas em busca da construção neste estágio de conhecimento, árduo, mas especial para todo aquele que almeja uma realização pessoal.

À Secretária de Educação do Município de Ponta Porã Prof^a Maria Leny Antunes Klais, pelo apoio incentivo nessa jornada concedido durante o ano de 2005.

À Faculdade de Administração de Ponta Porã, em especial, à Diretora Prof^a Labibe Esgaib Kayatt, pelo apoio e incentivo e concedido entrevista como ex-aluna das Irmãs em Ponta Porã, para essa pesquisa.

À Escola Estadual João Brembatti Calvoso, que através da direção das Professoras Iliana Maria Pilger e Leonides Bezerra, coordenação e funcionários que sempre nos ajudaram para a execução deste trabalho.

As direções das Escolas Estaduais Mendes Gonçalves e Joaquim Murtinho que no ano de 2006 foram solidárias nessa caminhada.

Aos colegas das Faculdades em nome do Professor Mestre João Antônio Barbosa e, as Escolas Públicas, com os quais trabalho e trabalhei em nome da Professora Romilda, pelo carinho, amizade e respeito que sempre me concederam.

Aos Colegas e professores do Curso de Mestrado em História Regional da Universidade da Grande Dourados - UFGD, onde iniciei minha trajetória no conhecimento stricto sensu.

Aos alunos da Educação Básica das Escolas Estaduais, e aos acadêmicos do Ensino Superior, dos cursos de: Pedagogia, Artes, Biologia, Educação Física, Contábeis, História e Geografia que durante esta caminhada vibraram e torceram por mim com votos calorosos de sucesso.

A todos os familiares e amigos, meu pai, meu padrasto, meu sogro, minha sogra, meus irmãos em especial a Angely que sempre orou por mim, aos cunhados na

pessoa de Astúrio e Ordalina que me abrigaram em Campo Grande, aos sobrinhos na pessoa de Eric e Marilene, aos afilhados, aos meus tios, primos, enfim a todos aqueles que sempre me apoiaram e me ajudaram e acreditaram em mim nos momentos turbulentos e compreenderam meus nervosismos e minhas ausências.

RESUMO

O propósito deste trabalho foi buscar registrar e compreender a contribuição da IVG – Instituição Vicentina de Gijzegem para a História da Educação, sob o prisma da religiosidade, a fim de fornecer dados que possibilitariam interpretar como a História da Educação de ontem interfere na atualidade. Para tanto, pesquisou-se o papel das irmãs da IVG no campo educacional e sua influência social, em especial na região de fronteira do Brasil com o Paraguai (Ponta Porã/Pedro Juan Caballero), entre 1940 – 1980, por meio dos relatos de ex-alunos e irmãs. Foram entrevistados ex-alunos e membros da instituição religiosa, a fim de compreender na educação recebida um *magma de significações imaginárias* a partir das relações constitutivas Estado, Igreja e Educação, enquanto criação humana intencional. O trabalho nasceu na prática docente em História da Educação Brasileira, suscitado por debates acadêmicos sobre a religiosidade das mulheres fronteiriças. Por meio da pesquisa, pôde-se perceber que a religiosidade exacerbada na região de fronteira pode ser fruto dessa formação educacional ministrada pelas irmãs da IVG, influenciada pela relação Igreja/Estado/Escola, constitutiva de um simulacro na formação de uma elite fronteiriça, cujas características de formação transparecem nas atividades laborais em que estão envolvidas, marcando a História da Educação Brasileira e, indiretamente, permitindo a ampliação do conhecimento da identidade do ser fronteiriço.

Palavras Chaves: Instituição Vicentina de Gijzegem (IVG), Educação, Magma de Significações Imaginárias.

ABSTRACT

The aim of this work was to attempt to comprehend and register the contribution of the IVG – Vincentine Institute of Gijzegem [Holland] to the History of Education, under the prism of religiosity, with the aim of furnishing data permitting interpretation of how the History of Education affects current reality. To this end, research was done on the role of the IVG sisters in the educational field and their social influence especially in the Brazil-Paraguay frontier region Ponta Porã-Pedro Juan Caballero, between the years, 1940 – 1980, by means of reports and depositions of ex-alumini or the sisters. Ex-alumini and sisters of the religious institution were interviewed in order *to understand the magma of imaginary significations* instituted by relations built between State, specifically as intentional human creation. The study originates in teaching practice on the History of Brazilian Education, sususcitated by academic debates on the religiosity of frontier women. Through this research it was possible to perceive that the exacerbated religiosity of the Frontier could be the fruit of this educational formation ministered by the IVG sisters, influenced by the Church/State/School influence, constitutive of a simulacrum in the formation of a frontier elite whose characteristics of formation transpire labor activities in which they are involved, marking the History of Brazilian Education as well as, indirectly, permitting the growth of knowledge of the frontier man's identity.

Keywords: Vincentia Institute of Gijzegem [IVG]; Education; Magma of Imaginary Significations.

TECENDO A MANHÃ

Um galo sozinho não tece uma manhã: Ele precisará sempre de outros galos. De um que apanhe esse grito que ele e o lance a outro; de um outro galo que apanhe o grito que um galo antes e o lance a outro; e de outros galos que com muitos outros galos se cruzem os fios de sol de seus gritos de galo, para que a manhã, desde uma teia tênue se vá tecendo, entre todos os galos.

MELO NETO, JOÃO CABRAL DE (2004, p.188).

LISTA DE FIGURAS

FIGURA I - Escultura de Símbolos do Município	38
FIGURA II - Alunos uniformizados em pose oficial	50
FIGURA III - Mapa da Bélgica	88
FIGURA IV - Retrato de Elizabeth de Robiano	95
FIGURA V - Álbum do Cinquentenário IVG no Brasil	120
FIGURA VI – Mapa das Missões Jesuíticas no Brasil.....	125
FIGURA VII – Fachada Antiga da Escola Santo Afonso/ Bela Vista 1960	149
FIGURA VIII - Fachada da Escola Santo Afonso/ Bela Vista – 2004	149
FIGURA IX - Fachada Lateral da Escola em Aquidauana 2007	150
FIGURA X - Gruta da Escola de Aquidauana	151
FIGURA XI - Escadaria da Escola Aquidauana	151
FIGURA XII - Corredor da Escola Aquidauana	152
FIGURA XIII - Sala De Aula Na Escola Aquidauana	152
FIGURA XIV - Ponta Porã/Br - Pedro Juan Cabalheiro/Py	153
FIGURA XV - Placa Em Homenagem Aos Redentoristas/ MS	154
FIGURA XVI – Mapa das Missões Redentoristas /MS	171
FIGURA XVII - Crianças Reunidas para Primeira Comunhão	173
FIGURA XVIII - Cruzada Eucarística de Aquidauana	174
FIGURA XIX - Congregação do Sagrado Coração de Jesus Maria MS	174
FIGURA XX - Congregação de Filhas de Maria	175
FIGURA XXI - Cerimônia da 1ª Eucaristia na Igreja Católica	175
FIGURA XXII – Primeira Escola Paroquial Ponta Porã em Alvenaria	177
FIGURA XXIII – Fachada Lateral da Atual Escola Mace & São José	177
.....	

FIGURA XXIV - Boletim de ex- aluna da Escola Paroquial	178
FIGURA XXV - Fachada Central Escola São José/ Ponta Porã	180
FIGURA XXVI - Representação de Gruta da Escola São José/Ponta Porã	181
FIGURA XXVII - Capela Na Escola São Jose Ponta Porã	181
FIGURA XXVIII - Fachada Lateral Antiga Escola de Bela Vista /MS– 2004 ..	182
FIGURA XXIX - Ilustração das atividades desempenhadas pela IVG	185
FIGURA XXX - Sala de Aula em São Paulo 1959	185
FIGURA XXXI - Sala de Ensinos de Corte e Costura em São Paulo	186
FIGURA XXXII - Meninas Aprendendo a Serem Mães	186
FIGURA XXXIII - Livro Didático 1956	194
FIGURA XXXIV - Texto Pedagógico 1960	195
FIGURA XXXV - Texto Pedagógico Revista Elizabeth 1960	196

LISTA DE APÊNDICE

APÊNDICE 01 Tabela / pesquisa nomes de ex-alunos da IVG/ Escola Paroquial São José 1944 a 1980	265
APÊNDICE 02 Questionario / entrevista com ex - alunos da IVG	269
APÊNDICE 03 Questionario/entrevista com Irmãs da IVG	275

LISTA DE ANEXOS

ANEXO 01 A ATA N ° 05 INTEGRAÇÃO ESCOLA A	274
ANEXO 01 B ATA N ° 05 INTEGRAÇÃO ESCOLA A	274
ANEXO 01 C ATA N ° 05 INTEGRAÇÃO ESCOLA A	275
ANEXO 02 A ANOTAÇÕES DE MEMÓRIAS PIONEIRA PONTA PORÃ ...	275
ANEXO 02 B ANOTAÇÕES DE MEMÓRIAS PIONEIRAPONTA PORÃ	276
ANEXO 03 CARTILHA ALBABETIZAÇÃO EX-ALUNA PONTA PORÃ	276
ANEXO 04 LIVRO DE MATRÍCULA 1968 /1969 /1970 /1971 ESCOLA B ...	277
ANEXO 05 LIVRO PROMOÇÕES DO CURSO PRIMÁRIO 1960 ESCOLA A	277
ANEXO 06 ABERTURA DO LIVRO DE PROMOÇÕES ESCOLA A	278
ANEXO 07 ATA DOS EXAMES FINAIS 1944 ESCOLA A	278
ANEXO 08 LIVRO ATA RESULTADO FINAIS 1963 ESCOLA A	279
ANEXO 09 ATA DE EXAME FINAL 1962 ESCOLA A	279
ANEXO 10 ABERTURA DO LIVRO DE TERMO DE VISITA 1945 ESCOLA A	280
ANEXO 11 A TERMO DE VISITA ESCOLA A 1960 ESCOLA A	280
ANEXO 11 B TERMO DE VISITA ESCOLA A 1960 ESCOLA A	281
ANEXO 12 FOTO DAS IRMÃS HÁBITO BRANCO	281
ANEXO 13 FOTO DAS IRMÃS HÁBITO BRANCO E PRETO/PONTA PORÃ	282
ANEXO 14 BILHETE AOS PAIS 1973 PONTA PORÃ	282
ANEXO 15 A FOLDER (FRENTE) DA CONGREGAÇÃO IVG	283
ANEXO 15 B FOLDER (VERSO) DA CONGREGAÇÃO IVG	284
ANEXO 16 ATESTADO DE PROMOÇÃO ESCOLAR PONTA PORÃ	285
ANEXO 17 DIPLOMA DE EX ALUNA 1ª TURMA 1944 /1948	285

ANEXO 18 A DEPOIMENTO DE EX-ALUNA BELA VISTA	286
ANEXO 18 B DEPOIMENTO DE EX-ALUNA BELA VISTA	287
ANEXO 18 C DEPOIMENTO DE EX-ALUNA BELA VISTA	288
ANEXO 18 D DEPOIMENTO DE EX-ALUNA BELA VISTA	289
ANEXO 18 E DEPOIMENTO DE EX-ALUNA BELA VISTA	289
ANEXO 19 SALA DE AULA EM BELA VISTA DÉCADA DE 60	290
ANEXO 20 LIVRO DE REGISTRO DE FREQUENCIA DIARIA ESCOLA B	290
ANEXO 21 DIARIO DE FALTAS / PRESENÇAS/ATRASOS ESCOLA B 1946	291
ANEXO 22 BOLETIM DE NOTAS EX ALUNA 1970	291
ANEXO 23 BOLETINS DA EX – ALUNA DE 4 ANOS	292

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	12
LISTA DE APENDICES	14
LISTA DE ANEXOS	15
RESUMO	09
ABSTRACT	10
INTRODUÇÃO	19
CAPÍTULO I	
COMPONDO UM REFERENCIAL TEÓRICO	27
Intróito Teórico - Rumo ao Objeto	27
1.1 - A construção do Objeto	31
1.2 - Delimitação do Objeto	37
1.3 - Educação do Século XIX: Instituinto a Educação IVG	41
CAPITULO II	
UM OLHAR SOCIAL - HISTÓRICO NA EUROPA	60
2.1 - A Relação histórico - social entre as Instituições Estado e Igreja	67
2.2 - As Revoluções: Instituições Sociais Estado e a Igreja	74
2.3 - A Igreja Católica: Papas e Encíclicas	80
2.4 - O Estado da Bélgica	88
CAPÍTULO III	
TRANÇANDO A HISTÓRIA DAS IRMÃS VICENTINAS DE GIJZEGEM	93
3.1 - Elizabeth de Robiano: Fundadora do Instituto Belga	95
3.2 - O Social Histórico na Criação da IVG	102
3.3 - A instituição Religiosa: criação e funcionamento	108

CAPÍTULO IV

ESTADO RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: IRMÃS VICENTINAS DE GIJZEGEM NO BRASIL: ATIVIDADES E EDUCAÇÃO 113

4.1 - Contextualização Brasil Séculos XIX - XX	115
4.2 - Estado, Igreja e Educação: um entrelaçamento de relações	120
4.3 - A chegada das Vicentinas ao Brasil	134
4.4 - Um breve olhar na Educação Brasileira nos séculos XIX e XX	135
4.5 - Expansão da Instituição Vicentina no território brasileiro	138
4.6 - Atividades da IVG no Brasil	139

CAPITULO V-

A EDUCAÇÃO IVG NO MATO GROSSO DO SUL 146

5.1 - Contextualização Mato Grosso do Sul	154
5.2 - Estado e Igreja: Mato Grosso e a Chegada da IVG	152
5.3 - Educação no Mato Grosso do Sul século XX	164
5.4 - Redentoristas e Irmãs Vicentinas	170
5.5 - Atividades das Irmãs em MS	172
5.6 - Escola Paroquial São José Ponta Porã	176
5.7 - Escola Santo Afonso Bela Vista	182
5.8 - Ações Educativas da Congregação	184
5.9 - Ex-Alunas (os) da Instituição Vicentina entre 1940 - 1980	187
5.10 - Interpretação dos dados	187
5.10.1 - Tecendo a Metodologia e a Compreensão do entrelaçamento Estado, Igreja e Educação	188
5.10. 2 - Interpretação de Documentos	190
5.10. 3 - Atas e Livros de Exames e Promoções	190
5.10. 4 - Perfil dos Entrevistados	196
5.10. 5 - Interpretação das Entrevistas das Irmãs da	200

5.10.6 - Interpretação da classe social dos alunos da IVG na fronteira	226
5.10.7 - Interpretação dos Ensinamentos da IVG	232
CONSIDERAÇÕES FINAIS	249
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	255
APÊNDICE	265

INTRODUÇÃO

O objeto deste trabalho, a contribuição da instituição IVG¹ para a história da educação no Mato Grosso do Sul, durante o período de 1940 a 1980, foi pensado, primeiramente, como interrogação teórica devido à acentuada religiosidade das mulheres na fronteira, que se apresentou como uma incógnita, e também devido às indagações sobre o porquê desta religiosidade. Na época, almejava-se ingresso no curso de mestrado da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, em História no Campus de Dourados, e esse foi considerado um assunto interessante à pesquisadora, à academia e à sociedade.

Entretanto, a construção do corpus para a dissertação de mestrado nasceu mesmo quando assistia a uma comunicação oral na cidade de Dourados, em 2003, sobre “A fé através das canções”, que tratava da religiosidade das mulheres na região de fronteira de Porto Murtinho, no Simpósio Internacional Sobre Religiões, Religiosidades e Cultura. Houve discussões e proposições se essa religiosidade aguçada das mulheres seria um legado da educação recebida na região de fronteira, uma vez que esta educação foi praticada por ordens religiosas femininas em meados do Século XX, em Mato Grosso do Sul.

E nesse diapasão, o fenômeno religiosidade das mulheres fronteiriças apresentou-se como um objeto instigante para estudos à professora de ensino superior, que trabalha com a disciplina de História da Educação e que desejava descrever a história educacional brasileira na fronteira. Destarte, as pesquisas sanariam tanto as indagações pessoais, quanto poderiam servir de estímulo aos acadêmicos no entendimento e na compreensão dos porquês da educação em cada época histórica, num contexto regional, nacional e mundial, pois, permitiria compreender como a história da educação de ontem interfere na realidade atual.

Assim, sob o prisma do olhar da professora, a questão da religiosidade ainda aguçada na região, além de fornecer dados, quanto à história da educação, implicitamente possibilitaria a ampliação e o conhecimento da identidade do ser fronteiriço, homem ou mulher, o que tornou a temática um objeto de estudo

¹ A instituição religiosa feminina Irmãs de São Vicente de Paulo “servas dos Pobres” de Gijzegem, objeto deste estudo será identificada neste trabalho será mencionada com a sigla IVG.

interessante, dada a relevância social-histórica para a academia e para a escrita da História Educacional Brasileira na região de fronteira.

Assim foi que a pesquisadora se deparou com a ordem religiosa feminina das Irmãs “Serva dos Pobres” de Gijzegem na história da educação na fronteira Brasil – Paraguai, o que suscitou, para a elucidação e a compreensão do objeto, uma busca no contexto do século XIX, a fim de compreender a criação dessa Instituição IVG, na Europa, como uma possível ação política da Religião católica, e também da Educação no mesmo século, para compreender o social-histórico que antecedeu à instituição da Congregação IVG, na Bélgica, em 1818, e sua vinda ao Brasil; e, conseqüentemente, sua expansão às terras sul - mato-grossenses.

Vale observar que a motivação ao ato da pesquisa é uma seiva da graduação em Pedagogia, o que permite à pesquisadora não mais entender “as coisas” que se apresentam na realidade social, sem historicizar as idéias e as relações humanas, sob um contexto sócio-histórico-cultural, para assim, entender as intencionalidades e a essência dessas “coisas”. E, agora, como educadora no ensino superior, pensa ser necessária uma ação e um sujeito, político-pesquisador, que contribuam para a apreensão e re-elaboração de novos saberes, empíricos e científicos, através de uma relação estreita entre sujeitos constitutivos da relação professora-acadêmicos.

Destarte, unindo a necessidade profissional aos estímulos provenientes da curiosidade epistemológica, nasceu o interesse pela temática Educação, Política e Religião, motivo que nos levou ao ingresso no Programa de Pós Graduação da UFMS, na Linha de Pesquisa, Estado e Políticas Públicas de Educação, com o objeto de pesquisa² Instituição Vicentina de Gijzegem: Um Entrelaçamento de Relações entre Política, Religião e Educação na Instituição da Sociedade Fronteiriça Brasil/Paraguai entre 1940 a 1980.

A delimitação ao estudo da IVG pauta-se nas reflexões primeiras sobre a religiosidade da fronteira ter uma relação com o trabalho pedagógico das freiras do Instituto das Irmãs de São Vicente de Paula “Servas dos Pobres” de Gijzegem, de origem belga por estarem à frente do ensino na região sul da fronteira do Mato Grosso do Sul, muitas décadas do século XX, em várias cidades, inclusive em Ponta Porã.

² Este objeto se insere a um projeto maior que vem desenvolvendo pesquisas sobre a contribuição das instituições religiosas na região de fronteira Brasil, Paraguai e Bolívia.

A instituição da IVG constituiu assim um objeto de pesquisa que busca compreender a sua contribuição social no campo da educação sul mato-grossense no século XX, em especial, na região de fronteira do Brasil com o Paraguai.

Portanto, buscou-se compreender a Educação na fronteira, como um processo instituído de relações sócio-econômicas, históricas e culturais, a partir do entrelaçamento entre o Estado e a Igreja, enquanto criação humana intencional, a partir de CORNELIUS CASTORIADIS, pois ele aponta que a *instituição da sociedade* ocorre a partir das outras instituições humanas, tais como a Política, a Educação e a Religião, cujo referencial foi apresentado por Tauro (1986), por meio de conceitos e categorias que foram desenvolvidos e descritos através de uma série de obras publicadas no Brasil, além de textos e artigos publicados por outros como: *o social-histórico, a psique, a magma, o imaginário, o imaginário social, o imaginário radical, as significações imaginárias sociais, a instituição da sociedade, a autonomia e a criação*.

Para o estudo, foram escolhidas essas categorias a partir da apresentação do objeto ao sujeito pesquisador, pois elas dependem desse sujeito e de cada leitor, e também da percepção e dos meios para o acesso a essa percepção, quanto ao entrelaçamento do Estado, da Educação e da Religião na elucidação desse objeto. De acordo com René Descartes³, essa percepção e o conhecimento do objeto dependem do “ponto de vista” do sujeito pesquisador. Para ele, esse “ponto” pode ser geográfico, histórico, cultural, técnico, psicológico. A partir do exemplo de uma onda no mar, pode-se imaginá-la e descrevê-la de diversas maneiras “verdadeiras”; pois um homem, que estivesse à cinco metros da onda; ou à dois metros de distância; ou surfando sobre ela e, ou ainda, deitado na areia da praia teria várias interpretações da mesma onda em representatividades diferenciadas.

Por isso a preocupação neste trabalho não é listar categorias, uma vez que

as categorias não são formas puras que dão conta de toda e qualquer realidade para todo o sempre. Elas são relativas, ao mesmo tempo, ao real e ao pensamento, ou seja, a todo o movimento no real e no pensamento. Daí o fato de tanto pertencerem ao campo do conhecimento, quanto indicarem os aspectos objetivos do fenômeno. (CURY 1983, p.22).

³ Vide bibliografia *in fine*.

Apresentar as categorias de Castoriadis serve como instrumento, pois elas possibilitaram apreender a contribuição da IVG - Instituição Vicentina de Gijzegem, na história educacional brasileira, a partir da região de fronteira do MS e a partir dos sujeitos da pesquisa, mesmo sabendo que elas por si não explicam o objeto sem o olhar do sujeito-pesquisador.

Na busca procedeu-se à leitura sobre a Educação desde os primórdios da Humanidade, o Estado desde sua formação moderna, a Instituição Religiosa enquanto instituição imaginária da Sociedade, a Igreja Católica desde o século III na era Romana, e a Política, bem como a instituição da IRIVG em 1818 na Bélgica e o contexto sócio-histórico cultural do século XIX na Europa e XX no Brasil.

Para uma análise e interpretação da contribuição da IRIVG na região de fronteira buscou-se contextualizar e historicizar através de diversos olhares; o que nos levou aos registros escolares das duas escolas antes paroquiais e hoje da rede particular de ensino: livros de registros, de matrículas, de ocorrências, de visitas, de atas e de portarias. Os critérios adotados para a seleção das duas escolas logicamente por terem sido elas o lócus de ensinamentos das Irmãs, uma dessas escolas, localizada na área central de Ponta Porã, será identificada como Escola “A” e a outra, localizada em Bela Vista como Escola “B”; mas a inexistência e ou a insuficiência de arquivos documentais para pesquisa, nos levou a recorrer à História Oral dos ex-alunos.

Além desses dois procedimentos – questionário e análise dos registros escolares – analisaram-se também as Histórias Oraís dos ex-alunos de 1940 - 1980, bem como as pastas, os documentos e as entrevistas gravadas em cassete das religiosas ex-professoras. As informações foram complementadas com declarações e documentos da Congregação IVG do município de Ponta Porã, Bela Vista e Campo Grande, e de homens e mulheres ex-alunos nas localidades mencionadas.

Para tanto, o presente trabalho foi estruturado, em capítulos, contendo a Introdução, em que se esboçam os motivos que levaram à pesquisa e a proposta de trabalho; o primeiro capítulo intitulado **COMPONDO UM REFERENCIAL TEÓRICO**: Intróito Teórico - Rumo ao Objeto que situa o estudo a partir do referencial teórico de Castoriadis, contendo o item 1.1- A construção do objeto, bem como o item 1.2- A Delimitação do Objeto; e 1.3 - A Educação no século XIX: Instituinto a Educação IVG, pois é a partir da História da Educação, do século XIX, que se encontram elementos constitutivos para o entendimento da contribuição da

Instituição pesquisada IVG à história da Educação Fronteiriça e à instituição da sociedade a partir de 1940 até 1980, cerne do nosso trabalho

O segundo capítulo contém uma breve descrição social-histórica de alguns acontecimentos que marcaram o final do século XVIII, o século XIX, intitulado **UM OLHAR SOCIAL – HISTÓRICO NA EUROPA**. Este se divide nos seguintes subitens: 2.1 - A Relação Histórico - Social entre as Instituições Estado e Igreja; o item 2.2 -As Revoluções: Instituições Sociais Estado e a Igreja ; 2.3 - Igreja Católica: Papas e Encíclicas; 2.4- O Estado da Bélgica; a fim de mostrar sob que condições sócio-históricas ocorreu a criação da IVG na Bélgica; para tanto foi feito um estudo sobre a Religião enquanto uma *Instituição Social*⁴, perpassando a História da *Igreja Católica*, e de alguns Papas, com suas respectivas encíclicas, para compreender as relações da expansão da IVG ao Brasil em 1896, e a política da Igreja na época.

Complementa este estudo apontamento de alguns fatos sociais, políticos, econômicos e religiosos do século XIX que instituíram as condições à criação da IVG na Bélgica em 1818, tais como: a Revolução Francesa, a Era Napoleônica e o Congresso de Viena, As Revoluções Européias, o Avanço Capitalista com a Revolução Industrial, os Movimentos Sociais, a Igreja Católica, a Doutrina Social da Igreja e o período do Papado de Pio XI, fomentador das missões evangelizadoras entre 1922 a 1939, época essa, que se faz refletir na expansão das atividades da IVG, partindo de São Paulo, de onde estava desde 1897, rumo ao sul do Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul.

O terceiro capítulo registra o foco da pesquisa já na História da Instituição Religiosa Feminina criada na Bélgica, sob o título **TRANÇANDO A HISTÓRIA DAS IRMÃS VICENTINAS DE GIJZEGEM**, sendo subdividido em 3.1 - Elizabeth de Robiano: a Fundadora do Instituto Belga IVG, no item 3.2 – O Social-histórico na Criação da IVG; no item 3.3 – A Instituição Religiosa: criação e funcionamento.

A construção do terceiro capítulo tem como fonte bibliográfica a obra de Céline Pirson, irmã Lutgardis da Instituição religiosa das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” de Gijzegem, professora de formação. A biografia de Elisabeth de Robiano, baronesa Lecandèle de Ghyseghem , é uma obra de concepção memorialista já que a figura da fundadora é enaltecida e exaltada a todo o momento

4 CASTORIADIS

pela autora; mas acredita-se ser o primeiro passo de uma série de estudos e publicações sobre a Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo de Gijzegem.

O quarto capítulo versa sobre a relação entre Estado, Igreja e Educação no Brasil, sob o título **ESTADO, RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: IRMÃS VICENTINAS NO BRASIL: ATIVIDADES E EDUCAÇÃO**, sendo que no item 4.1 - Contextualização Brasil séculos XIX – XX; 4.2 – Estado, Igreja e Educação: um entrelaçamento de relações, no Brasil através da educação- 4.3 - A chegada das vicentinas ao Brasil, no século XIX 4.4 - Um breve olhar na educação brasileira nos séculos XIX E XX; 4.5 - Expansão da instituição Vicentina no território brasileiro, 4.6 - Atividades da IVG no Brasil.

Neste capítulo, procurar-se-á apresentar de maneira breve o social-histórico da instituição do Estado Brasileiro, por meio do entrelaçamento de relações entre Estado, Igreja e Educação na criação do Brasil, e assim, esboçar os motivos que desencadearam a vinda das Irmãs Vicentinas de Gijzegem da Bélgica ao Brasil, no final do século XIX, a implantação, as atividades e posterior expansão no território nacional brasileiro, em meados do século XX.

E finalmente, no quinto capítulo, contempla-se o objeto dessa dissertação, buscando-se, à luz dos estudos realizados, descrever a história da IVG no Mato Grosso do Sul e sua contribuição à instituição da sociedade fronteiriça através da Educação sul-mato-grossense sob o título **A EDUCAÇÃO VICENTINA NO MATO GROSSO DO SUL**; com os seguintes itens 5.1 – A contextualização Mato Grosso do Sul, 5.2 – Estado e Igreja: Mato Grosso e a chegada da IVG, 5.3 – Educação no Mato Grosso do Sul século XX, 5.4 – Os Redentoristas e Irmãs Vicentinas; 5.5 - Atividades das Irmãs em MS; 5.6 - Escola Paroquial São José Ponta Porã; 5.7 - Escola Santo Afonso Bela Vista; 5.8 - Ações Educativas da Congregação; 5.9- Ex-Alunas(os) das Irmãs entre 1940 – 1980; 5.10 – Interpretação dos dados; 5.10.1 - Tecendo a Metodologia e a Compreensão do Entrelaçamento Estado, Igreja e Educação; 5.10.2 – Interpretação de Documentos; 5.10.3 – Atas e Livros de Exames e Promoções, 5.10.4 – Perfil dos Entrevistados; 5.10.5 – Interpretação das Entrevistas das Irmãs da IVG; 5.10.6 - Interpretação da Classe social dos alunos da IVG na fronteira e 5.10.7 – Interpretação dos Ensinos da IVG, na compreensão dos dados na construção do entrelaçamento de relações entre a política, a religião e a educação .

Sob o título de considerações finais “pontos de vista” alinham-se os fatos que se acreditam serem aqueles que comprovam as hipóteses levantadas, após a interpretação da contribuição da Instituição Religiosa das Irmãs Vicentinas de Gijzegem (IVG) e do seu papel na sociedade fronteiriça através da Educação à História da Educação Brasileira, sob um olhar direcionado à *Instituição Vicentina de Gijzegem: Um entrelaçamento de Relações entre Política, Religião e Educação, na Instituição da Sociedade Fronteiriça Brasil/Paraguai entre 1940 a 1980*, a partir da religiosidade das mulheres da fronteira.

CAPÍTULO I

COMPONDO UM REFERENCIAL TEÓRICO

INTRÓITO TEÓRICO - RUMO AO OBJETO

Para iniciar a pesquisa, procedeu-se a um estudo teórico dos fundamentos filosóficos da educação e um levantamento de fontes bibliográficas e documentais para a construção do objeto da pesquisa, que, a princípio, tinha a delimitação *Um estudo sobre a instituição religiosa das Irmãs Vicentinas de Gijzegem (IVG⁵) e sua contribuição à História da Educação na fronteira sul do Mato Grosso do Sul Brasil-Paraguai, entre 1940 e 1980.*

A partir dessa delimitação iniciou-se a seleção dos dados que compuseram o ponto de partida para a confecção dessa dissertação, buscando as instituições e pessoas que pudessem apontar as fontes primárias e orais. Também se buscou uma série de leituras para compreender a essência do objeto, numa perspectiva teórica, que permitisse uma primeira compreensão do objeto sob entrelaçamento de relações na sua instituição, entre Política (Estado), a Religião (Igreja) e a Educação (Escola).

Assim, a escrita deste capítulo é a construção do referencial teórico com que a pesquisadora se deparou para compreender o objeto de pesquisa, inicialmente intuído pela presença da religiosidade nas mulheres fronteiriças, pela política e pela educação; pois a compreensão de um objeto se constrói à medida que se entende este objeto como fenômeno das instituições sociais no “imaginário social-histórico, constitutivo das relações, resultantes em grande medida, das significações imaginárias presentificadas”, no Estado, na Igreja e na Educação enquanto criação.

Por isso, é mister entender os conceitos de CASTORIADIS, a partir do conceito de “criação”, com um cuidado adicional, pois este conceito deve ser considerado como um “objeto de elucidação, mas jamais de explicação”, como nos aponta a autora brasileira Valle (1999, p. 137) ao explicitar que uma criação é

⁵ IVG é sigla adotada neste trabalho para Instituição Vicentina de Gijzegem.

imprevisível nas suas origens, causas e conseqüências. Segundo a autora, isso se verifica.

(...) porque o que caracteriza a criação é exatamente o fato de não se poder prover, para este determinado acontecimento, uma soma de razões que tornem sua ocorrência necessária: a criação não pode - e a própria frase proclama o contra-senso - ser inteiramente determinada, nunca é completamente definida pelas explicações fornecidas para sua origem. (ib bid).

O conceito da **criação** na obra de CASTORIADIS foi desenvolvido ao longo de sua vida, desde os primeiros textos publicados pelo grupo *Socialismo ou Barbárie* na revista do mesmo nome. A criação vem e é a capacidade da sociedade e de seus membros individuais de projetar, inventar, criar, fabricar os elementos que compõem nosso mundo, nosso universo de pensamento, nossa vida material, nossas instituições, nossa sociedade, nossas leis, formas de viver, de poder. Toda criação é social-histórica.

O **social-histórico** é o modo de instituir a sociedade, contendo o passado, o presente e o futuro como *magma* de elementos solidificados, líquidos e gasosos, em que o instituído representa o sólido, o instituinte o líquido e gasoso. O social-histórico é a forma da sociedade lidar com a parte que já é feita [histórico] pela parte ativa da sociedade, em que “Os mortos pesam sobre os viventes!” O social histórico depende dessa maneira, da criatividade social que não é privilégio de ninguém e de nenhum segmento da sociedade. Ela é livre e pode ser tanto individual quanto coletiva. Ela tanto pode ser estruturada por grupos como pode ser a atividade autônoma de uns ou outros.

De acordo com CASTORIADIS, amostras de criatividade coletiva em grupos foram a Comuna de Paris, os Soviets russos, os Conselhos da Hungria, e também, os campos de concentração, os campos de trabalho, os campos de prisão de Guantánamo. Já amostras de criatividade individual estão em todos os lugares, como invenções, criações culturais, artefatos, entre outras. Todavia, essa criatividade ocorre em decorrência da psique.

A **psique** é um fluxo de representações, afetos e desejos capazes de individualmente criar por si mesma o mundo como seu mundo e as significações imaginárias necessárias para viver neste mundo. O que faz com que cada um de nós seja singular é que o ser humano é dotado de uma imaginação radical, fazendo-o

diferente dos outros seres vivos, dotando-o da capacidade de se representar de seu jeito.

Ora, a ruptura traduzida pelo aparecimento do humano está ligada a uma alteração dessa imaginação, que se torna, a partir daí, imaginação radical, constantemente criadora, aparecimento ininterrupto no mundo psíquico [inconsciente, como consciente] de um fluxo espontâneo e incontrolável de representações, de afetos e de desejos. (CASTORIADIS 1999, p.162).

A psique existe junto com uma outra fonte criadora: o **social-histórico**, que existe pela Imaginação radical junto com a Imaginação social. A sociedade desta maneira cria suas formas e suas instituições junto com a criação individual de pensamentos e obras. Mas, é importante sublinhar que se estes dois imaginários não estão reduzíveis um ao outro, ao mesmo tempo, não são estanques, antes influenciados um pelo outro. Também é constatável que a dimensão psíquica tem sua participação quase sempre ocultada da criação social. Isto porque é o imaginário social que oferece as condições mesmas da existência da psique, já que ela apenas consegue existir no social-histórico. A psique apenas consegue existir como ente socializado. Em seu artigo, *Instituição da Sociedade e Religião*, Castoriadis escreveu que:

A humanidade emerge do Caos, do Abismo, do Sem-Fundo. Ela emerge enquanto psique: ruptura da organização regulada do vivente, fluxo representativo/afetivo/intencional que tende a reportar tudo a si, e existe precisamente enquanto sentido continuamente procurado. Sentido essencialmente solipsista, monádico – ou ainda: prazer de tudo reportar a si. Essa procura, quando permanece absoluta e radical, só pode fracassar e levar à morte do suporte vivente da psique e da própria psique. Desviada de sua exigência originária total, essencialmente alterada, formada/deformada, canalizada, ela pode ser semi-satisfeita mediante a fabricação social do indivíduo. Radicalmente inata à vida, a espécie humana sobrevive criando a sociedade, e a instituição. A instituição permite a sobrevivência da psique ao impor-lhe a forma social do indivíduo, ao lhe propor e impor uma outra origem e outra modalidade do sentido: a significação imaginária social, a identificação mediatizada com esta (com todas suas articulações), a possibilidade de tudo reportar a ela. (CASTORIADIS 1987, pp. 385-386).

A sociedade e indivíduos se pressupõem. Não há possibilidade de existência separada da psique individual fora da sociedade e toda sociedade é sociedade porque é composta de seres humanos vivendo como conjuntos de relações sociais. As sociedades humanas têm sido criadas e caracterizadas por uma grande variedade de

atividades instituintes. Isto é o social-histórico que é composto de dois elementos: um elemento criador, o **instituinte** e um elemento criado, o **instituído**.

Os dois elementos, instituinte e instituído, existem como um todo no meio daquilo que pode ser chamado de um **magma de significações** imaginárias sociais, a partir do qual a sociedade, a realidade, as atividades e as teorias, as concepções e as crenças emergem como criações individuais e/ou sociais⁶.

Pela maior parte do tempo as criações social-históricas têm sido **heterônomas**, isto é, os homens não se reconhecem como fontes de suas próprias ações, mas invocam a Deus ou aos deuses, aos ancestrais, à História, à Razão, ou a outras fontes. Apenas em dois momentos da história – na *polis* de Atenas, na Grécia antiga, e, na modernidade, temos tentativas de instaurar a democracia como forma **autônoma** de viver.

Segundo CASTORIADIS, a religião é, também, uma criação social, instituída pela sociedade como modo de ser ou como identidade dessas heteronímias, onde a alienação se manifesta na atribuição de todos os poderes e atributos a uma força externa e superior à humanidade, o sobrenatural. Esse sobrenatural aqui foi apresentado pela religiosidade Católica das mulheres fronteiriças, instituído sob as atividades da IVG, na educação da fronteira, criando uma rede de significações através da instituição de sentidos que se firmaram como *magma de significações* na instituição, da sociedade fronteiriça.

Tal compreensão pode ser verificada a partir da escrita de CASTORIADIS quando afirma que as instituições das sociedades têm suas origens nas e pelas crenças religiosas.

Em particular, a origem da existência e da instituição da sociedade sempre foi definida nas e pelas crenças religiosas. A ligação profunda e orgânica da religião com a heterônoma da sociedade exprime-se nesta dupla conexão: toda religião inclui a origem da instituição em seu sistema de crenças; e a instituição sempre inclui a interpretação de sua origem como extra-social, remetendo assim à religião. A instituição heterônoma da sociedade e a religião são essencialmente idênticas. Ambas visam ao mesmo objetivo e pelos mesmos meios. Elas não visam apenas à organização da sociedade, mas procuram dar uma significação ao ser, ao mundo e à sociedade, mais ainda, dar-lhes a mesma significação. Elas devem mascarar o Caos, e particularmente o Caos em que consiste a própria sociedade. Elas o mascaram ao reconhecê-lo infundadamente, pela sua apresentação/ocultação, ao fornecer-lhe uma Imagem, uma Figura, um Simulacro. (1987, p. 394).

⁶ Vide Castoriadis (1982).

Assim, a contribuição da IVG, na educação fronteiriça torna-se, sob esse prisma, um objeto de estudo relevante, para o entendimento científico à academia e à sociedade, enquanto fenômeno da História da Educação no sul do Mato Grosso do Sul; e na instituição da sociedade fronteiriça, como um *magma de significações* criadas através das relações constituídas no *social histórico* entre o Estado, a Igreja e a Educação entre 1940 a 1980, que se apresentam, atualmente, na religiosidade aflorada nas mulheres fronteiriças.

O entrelaçamento de relações entre o Estado, a Igreja e a Educação podem ser interpretadas sob a perspectiva de Castoriadis (1987) quanto ao entrelaçamento por ele discutido no texto *Instituição da Sociedade e Religião*, pois segundo Castoriadis (1987, p. 380) a essência da religião está no entrelaçamento entre a origem do mundo e a origem da sociedade, significação do ser e ser da significação, em que tudo o que existe torna-se subsumível às mesmas significações.

E mesmo na sociedade moderna (capitalista tradicional, ou capitalista burocrática), que pretende instituir-se afastada da religião, a persistência de uma dimensão quasi-religiosa ou pseudo-religiosa da instituição enuncia-se e denuncia-se do mesmo modo: a origem do mundo e a origem da sociedade – o funcionamento de um e de outra – estão entrelaçados no interior e por meio da “racionalidade”, das “leis da natureza” e das “leis da história”.

Dessa maneira, compreender a educação, é compreender a religião e o estado, pois entrelaçados deram origem à Instituição da Sociedade Fronteiriça e das mulheres Religiosas da Fronteira.

1.1. A CONSTRUÇÃO DO OBJETO

Assim, para entender essa Educação como elemento de formação de determinado homem em determinada época (1940- 1980) como um fenômeno *social-histórico*, buscou-se entender esse fenômeno a partir dos conceitos de Castoriadis, nos fundamentos históricos e filosóficos da História da Educação no *imaginário social* constituído pelas relações entre a política, a religião e a educação.

Reportou-se, então, ao conceito de História da Educação, em Luzuriaga (1984) porque ele a entende como uma complexidade da história, resultante da vida

individual e da vida social, que é constituída por muitos ideais e muitas instituições, para que se pudesse elucidar a IVG na Educação fronteiriça do Mato Grosso do Sul.

Também contribui para o entendimento dessa complexidade da História da Educação, Larroyo (1974, p.15), pois ele aponta que a educação tem sentido humano e social, e que ela se caracteriza “como processo, por obra do qual as gerações jovens vão adquirindo os usos e costumes, práticas e hábitos, as idéias e crenças, numa palavra, a forma de vida das gerações adultas”. Dessa forma, a educação se manifestava nos povos primitivos como influência inconsciente do adulto sobre a criança e sobre o adolescente.

No entanto, com o passar do tempo, o homem observou a importância desse fato de caráter geral e espontâneo, passando a um conjunto de usos e instituições destinado ao desenvolvimento conscientemente da vida cultural dos jovens.

O que antes era influência espontânea, agora toma a forma de uma influência intencionada, isto é, realiza-se voluntariamente sobre as gerações jovens e é exercida por pessoas especializadas, em lugares adequados e de acordo com certos propósitos religiosos, políticos, econômicos. (LARROYO, 1974, p. 16).

A intencionalidade apontada pelo autor é interessante ao objeto da pesquisa para compreender que toda educação traz consigo uma política educativa, que é a relação indissolúvel entre educação e a vida da sociedade. Larroyo (1974, p. 17) diz que “*o homem educa-se somente à medida que se apropria de bens culturais, a que chamamos língua e economia, ciência e técnica, arte e religião...*”. Reforçou ainda que *com a vida do Estado, do poder público, a educação tem relações peculiares*”, no caso do objeto, a IVG na fronteira Brasil /Paraguai como fonte da *psique* na instituição da sociedade fronteiriça.

Outra concepção significativa de Larroyo (1974) para o trabalho em si, está na posição defendida por ele sobre a educação ser *cívica*, no sentido literal, aquela que ensina às faculdades obrigações dos homens entre si e em suas relações com o Estado; aquilo que em resumo, faz do homem um cidadão. Ele ainda adverte que o Estado, sobretudo o moderno, cuida de orientar e dirigir a educação. Pois, dita normas e disposições para regulamentar a vida educativa do território onde governa, mediante determinada legislação educativa, sempre colorida pelos ideais políticos da época.

Assim, a construção da pesquisa levou à Educação nas sociedades primitivas cujas características eram difusas, e dos povos antigos com peculiaridades burocráticas, filológica, mágica, realista, teocrática, utilitarista, nacionalista e bélico-religiosa; mas é com as sociedades gregas que a educação clássica caracterizou a educação da instituição da personalidade, que com seu modo de ser humano e cívico foi elemento de constituição de outros ideais de educação no mundo; cujas características de uma educação para a personalidade, apontadas por Pitágoras, Sócrates, Platão dentre outros filósofos, levam à compreensão de que o papel da educação é a formação dos indivíduos, segundo o social-histórico da época, uma criação dos princípios que estruturaram toda a educação do ocidente.

Vale observar que esses princípios encontram-se explicitados claramente na Educação Grega, cujo ideal pedagógico constituía-se em: “*formar cidadãos respeitosos com os deuses, patriotas, bravos e fortes, pelo Estado e para o Estado*” Larroyo (1974, p.140).

Assim, o estudo, enquanto busca teórica, dirigiu-se à obra de Platão, *A República*, pois nela o autor implica uma relação entre a política e o conceito da existência de divindade à educação. Para ele, o homem deveria ser educado para ser um filósofo e um guardião, através de um conhecimento que se institui a partir do empenho da alma em se apoderar da verdade.

Segundo Larroyo (1974, p.166) a idéia da verdade para Platão pressupõe o bom, o melhor, o que se equiparava à Divindade, o ágathon (o bom), que possuía todas as qualidades que o divino poderia ter. Essa plenitude de todo o ser, sabedoria e força infinitas, como perfeita Divindade demonstraria que Deus seria a medida de todos os objetos valiosos e não, o homem. Para Platão, o meio segundo o qual o ser chegaria a ser partícipe do mundo das idéias é a educação.

Por isso, para esse filósofo grego, a educação não deve ser infundida na alma das pessoas, mas ao contrário, deve fazer com que a alma se volte para o essencial, isto é, às essências, para o Ser, em suma, para a ciência que a alma possui no “interior” de si mesma. No livro VII da obra *A República* quando ele fala da Caverna e de seus prisioneiros, Platão expressa sua compreensão sobre o conhecimento, comparando este à entrada ao mundo inteligível e a volta ao mundo sensível.

Nesse caso a Educação tem um papel importante em liberar a alma da prisão e da obscuridade da opinião comum, pois o homem deveria ser liberto de seu corpo e de seus sentidos para ser um filósofo e assumir a direção da cidade

(...) assimilando-se o mundo visível à caverna e a luz do fogo aos raios solares. E se interpretares que a subida para o mundo que está acima da caverna e a contemplação das coisas existentes lá fora representam a ascensão da alma em direção ao mundo inteligível terás compreendido bem meus pensamentos, os quais desejas conhecer mas que só Deus sabe se são ou não verdadeiros. As coisas se me afiguram do seguinte modo: na extremidade do mundo inteligível encontra-se a idéia do Bem, que apenas pode ser contemplado, mas que não se pode ver sem concluir que constitui a causa de tudo quanto há de reto e de belo no mundo: no mundo visível, esta idéia gera luz e sua fonte soberana e, no mundo inteligível, ela soberana, dispensa a inteligência e a verdade. É ela que se deve ter em mente para agir com sabedoria na vida privada ou pública. (PLATÃO 1996, p.51).

Assim, o Bem é fonte de existência das idéias (da verdade) e fonte, na alma, do conhecimento dessas idéias. Desse modo foi que a educação grega constituía no objetivo de formar os melhores, ou aristós, para se alcançar o ideal areté, a excelência.

Confronte-se a tal conceito de educação para formar os aristós, ao ideal grego areté em Barros (s/d⁷).

A palavra areté (h (a) reth/, h=j) desígnia o mérito ou qualidade pelo qual algo ou alguém se mostra excelente. Esta qualidade pode referir-se ao corpo e aplicar-se a coisas, como terra, vasos, móveis; pode referir-se à alma. Pode ter o sentido particular de coragem ou atos de coragem ou o sentido moral de *virtude*. A ela se prende aristós (a)risto/j, h/, o/n), superlativo de agathós (a)gaço/j, h/, o/n). Ambas as palavras podem ser usadas no mesmo contexto e para a mesma finalidade.

Assim, entende-se que o ideal grego era expresso numa formação de caráter, através do desenvolvimento das virtudes público-cívicas para o Estado e para a sociedade. Nessa leitura ainda se encontra o princípio da educação como criação humana com finalidades intencionais político-sociais.

Desse modo é que mais tarde, a educação medieval sob a influência forte do cristianismo torna-se cristocêntrica até dar lugar à educação de princípios humanistas com o retorno à educação clássica, baseada na natureza, na arte e na ciência; mas é

⁷ Bibliografia on line

com a educação cristã, reformada que a educação começa a ser dirigida para uma grande massa de pessoas, tanto do campo quanto da cidade, na Europa e na América.

Muito influi nessa educação medieval Agostinho, um pensador, que tal como Platão, também entendia que o homem só poderia encontrar a verdade com o conhecimento. Sobre esse assunto, no diálogo *Contra os acadêmicos*, por meio de engenhosa argumentação, reabilitou os sentidos como fonte de verdade.

Pessanha (1999, p. 14) afirma que para Agostinho os erros provêm dos juízos que se fazem sobre as sensações. Para ele,

a sensação enquanto tal jamais é falsa. Falso é querer ver nela a expressão de uma verdade externa ao próprio sujeito. Assim, nenhum cético pode refutar alguém que afirme simplesmente: “Eu sei que isto me parece branco: limito-me à minha percepção e encontro nela uma verdade que não me pode ser negada”. Muito diferente seria afirmar somente: “Isto é branco”. Neste caso o erro torna-se possível, no primeiro não. Assim, existiria pelo menos uma verdade absoluta, que estaria implicada no próprio ato de perceber.

Os princípios da educação de Agostinho assemelham-se à concepção platônica, que se explica com a existência da alma. Para Agostinho o conhecimento é virtude da alma, uma vez que a verdade é o próprio Cristo no interior do homem. Quando pratica essa virtude, ele se depara com a consciência moral, em que se auto-educa, com disciplina objetivamente, e com obediência subjetivamente.

Uma vez que esse ideal de educação se apresenta na *significação imaginária* do Bem (fonte criadora), a alma se volta à essência, encontrando também nesse âmago os princípios educativos da ordem Jesuítica, das idéias de Santo Agostinho que tinha como referência as idéias de Plotino e de Platão.

Nessa linha de compreensão do Bem, fonte criadora da verdade, Descartes, para quem o conhecimento é as idéias e não a coisa por isso afirma a substancialidade do eu ante o mundo exterior e a

crença na autonomia do pensamento, a idéia de que a razão, bem dirigida, basta para encontrar a verdade, sem que precisemos confiar na tradição livresca e na autoridade dos dogmas. O espírito humano tem em si os meios de alcançar a verdade, se souber cultivar sua independência e conduzir - se com método. (ARANHA 1996, p. 105 -106).

Desse modo, Descartes mesmo não tendo escrito diretamente sobre a educação corrobora para que suas idéias repercutam grandemente na educação, e na

relevância da perpetuação da idéia do Bem, enquanto fonte divina, na formação da ordem moral e social dos indivíduos, por meio do método que preconizava a razão na investigação da verdade.

Nessa linha de educação, segundo Luzuriaga (1984) em sua relação política e religiosa, encontra-se também Comenius, cuja pedagogia reflete uma conjunção de idéias religiosas e idéias realistas em que a parte religiosa se refere aos fins da educação e a realista, aos meios. Em que os fins da educação são a salvação e a felicidade eterna.

Na verdade, os fins da educação para Comenius são três:

O *saber*, que compreende o conhecimento de todas as coisas, artes e línguas; a *virtude*, ou bons costumes, que inclui não só as boas maneiras, como o domínio das paixões; a *pietade*, ou religião, isto é, a veneração interna pela qual a alma do homem se une ao Ser supremo. (LUZURIAGA 1984, p. 139).

Esses fins da educação apontados por Comenius apud Luzuriaga (1984) constituem o que compreende um *magma de significações imaginárias* que emergem como criações individuais e sociais perpetuando as heteronímias nas sociedades. Desse modo, o indivíduo necessita do outro, como afirmação do ser, tanto na sociedade quanto na religiosidade.

Outro filósofo capaz de contribuir para o entendimento da educação numa perspectiva do conhecimento enquanto Bem (da alma) é Kant, pois para ele “todo conhecimento é constituído pela forma priori do espírito e pela matéria fornecida pela experiência sensível”, segundo Aranha e Martins (2003, p. 136). Por isso, segundo Kant não se pode conhecer “a coisa - em - si”, mas os fenômenos, isto é, “o que aparece”.

Há de se considerar também o pensamento de Feuerbach, que acreditava que a religião revela a essência humana; porém, essa essência aparece de forma que o homem só se realiza especialmente na espécie humana, subordinando a existência da miséria humana ao nascimento de Deus, ao sujeito; em outras palavras, o homem sendo sujeito do pensamento e de todas as manifestações espirituais, contribuindo para a construção da idéia do Bem na psique:

da auto alienação religiosa, da duplicação do mundo em religioso e mundano. Seu trabalho consiste em resolver o mundo religioso em seu fundamento mundano. Mas, que esse fundamento se eleve a si mesmo e

se fixe nas nuvens como reino autônomo, isso só se ilumina a partir do auto-dilaceramento e auto contradição do próprio fundamento humano (...). Assim a família terrestre é o segredo da família sagrada. (GIANNOTTI, 2001, p.109).

Essas reflexões sobre o conhecimento enquanto fonte da verdade (razão) e da educação para o Bem (moral) dos pensadores já enunciadas se aproximam do ideal areté, grego, que também contribui para formação dos aristós, e refletir – se - á, neste trabalho, a partir da fala dos entrevistados e na comprovação de que a educação, na fronteira, dada pelas irmãs IVG, contribuíram para a formação de um caráter político-social- moral; evidenciado na ocupação profissional de antigos alunos da IVG, em cargos políticos como Prefeitos, Secretários de Estado, diretoras de instituições estaduais e particulares de ensino, professoras, advogados, cartorários, padres e freiras e líderes religiosos enfim, profissões valoradas pela sociedade como as melhores e que de certa maneira contribuem para o Bem.

Essa reflexão teórica auxiliou na interpretação do objeto e na sua relação com a religiosidade, entrelaçada com a política e com a educação, possibilitando elucidar as *significações imaginárias*, que perpassam a história da Educação; e que foram instituídas pelas sociedades, pela Igreja católica, pelos Estados e que também se refletiria na história de formação das mulheres fronteiriças entre 1940 - 1980 e na própria instituição da sociedade, bem como na história da educação brasileira.

1.2. DELIMITAÇÃO DO OBJETO

Portanto, para a realização da pesquisa sobre a contribuição da IVG à História da Educação e à instituição da sociedade fronteiriça, o trabalho teve então como *locus*, a cidade de Ponta Porã. A foto⁸ abaixo é uma alegoria simbólica da cidade no perímetro urbano, entrada do município, fronteira seca do Estado de Mato Grosso do Sul – Brasil (Br), com o Município de Pedro Juan Caballero, Capital do Departamento de Amambay – Paraguai (Py).

A cidade de Ponta Porã tem um multiculturalismo por ser uma cidade fronteiriça e historicamente contar com elementos culturais dos emigrantes e dos imigrantes que instituíram na região.

8 Fotografada em novembro de 2006 pela pesquisadora em câmara digital Olympus 5.0 mpys. Localiza-se ao lado direito da foto o território brasileiro e ao esquerdo o território paraguaio.

FIGURA I – Escultura de Símbolos do Município



Fonte: Foto da pesquisadora

Os objetos afixados como alegorias representam a cultura da cidade fronteiriça. A alegoria aponta para a interpretação do nome que Ponta Porã, recebeu em seus tempos áureos, época de grande produção de Erva Mate para venda nacional e também de exportação, “*Princesinha dos Ervais*”, a cuia do chimarrão (quente), legado da cultura gaúcha e a Gampa ou cuia de tererê (gelado) da cultura paraguaia. Essa alegoria permite situar a origem da sociedade fronteiriça bem como a situação socioeconômica e cultural dos pioneiros da região.

Segundo Torrecilha (2004, p. 57) o Município de Ponta Porã, área objeto deste estudo, é o primeiro produtor de trigo, e o terceiro produtor de soja e algodão de Mato Grosso do Sul. A região denominada antes da divisão do Estado em região sul-mato-grossense, inicialmente foi colonizada por espanhóis em meados do século XVI, ocupação que durou até o século XVII, e depois, por portugueses a partir do século XVIII.

De acordo com Torrecilha (2004, p. 61)

O município de Ponta Porã localizado a sudoeste do Estado de Mato Grosso do Sul, com superfície de 5.359,30 quilômetros quadrados, possui, além da sede, dois distritos: Sanga Puitã e Cabeceira do Apa. Limita-se ao norte com os municípios de Antonio João, Bela Vista, Jardim e Guia Lopes da Laguna; ao sul, com Aral Moreira e Laguna Carapã; a leste, com Dourados e Maracajú, e a oeste, com a República do Paraguai. Nesse extremo do Estado, a cidade brasileira de Ponta Porã faz fronteira seca por meio de uma linha de aproximadamente, 13 quilômetros de extensão na área urbana com a cidade paraguaia de Pedro Juan Caballero, capital do Departamento de Amambay, que se situa na região nordeste do país.

Ainda serão mencionadas algumas cidades como Aquidauana, município onde se iniciaram as atividades educativas da IVG no Mato Grosso do Sul, e ainda Bela Vista, porque algumas irmãs que estiveram lecionando em Ponta Porã, ou teriam vindo destes municípios ou ido a eles, após trabalhos em Ponta Porã.

A descrição e a análise sobre a contribuição da IVG e a História da Educação em MS, entre 1940 -1980, em Ponta Porã, pautaram-se inicialmente em documentos de escrituração escolar e fotos da Escola Paroquial Santo Afonso, no município de Bela Vista, por ser este o local de onde as irmãs partiram para se instalarem em Ponta Porã. A instituição educacional selecionada para coleta de dados referentes ao período de estudo, em Ponta Porã, é a antiga Escola Paroquial São José, cuja documentação hoje pertence aos arquivos da Instituição Moderna Associação Campo-grandense de Ensino (MACE & São José).

A Escola Mace & São José, uma das maiores escolas de Ponta – Porã nasceu da fusão de duas instituições experientes e conceituadas no Estado de Mato Grosso do Sul: Escola São José, sinônimo de tradição, tendo sido fundada em 1929 e adquirida no ano de 1996 pela Escola MACE - Moderna Associação Campo-grandense de Ensino, destacada na sua cidade de origem como moderna e dinâmica⁹.

Os critérios adotados para a seleção das duas escolas foram a existência de arquivos para pesquisa e a possibilidade maior de uma pesquisa mais contundente

Os documentos escolhidos para este trabalho constituíram as fontes primárias, pois são documentos da escrituração escolar¹⁰, tais como livros de matrícula, fotos, atas, diários de classe, livros de registro financeiros, livro de ocorrência e de portarias, livro de visita e alguns documentos particulares de algumas Irmãs e ex-alunos, como cartas, fotos, diplomas, boletins e outros a serem investigados que poderiam confirmar alguns questionamentos suscitados nas discussões com os acadêmicos quanto à existência de uma relação entre a instalação da IVG e a Política Educacional do país, após 1940; e de que maneira a IVG contribuiu para a História da Educação bem como ocorreu a história de instalação da IVG no Brasil e na região de fronteira do MS.

Além dos documentos das escolas outros procedimentos foram utilizados tais como questionário e análise dos registros escolares, em que se buscou descrever e interpretar os relatos orais de ex-alunos das irmãs de Ponta Porã. E ainda, de outras pessoas da sociedade fronteiriça, que não tenham estudado com as irmãs da IVG, mas que tenham colocado as filhas para estudarem com elas, na tentativa de saber

9 Acesso em 12/07/2007 <http://www.macepontapora.g12.br/pedagogia.asp>

10 Anexo cópia de fotos

qual o motivo que as levaram a colocar as filhas nessas escolas, uma vez que havia escola pública na região, gratuita.

O critério adotado para a seleção dos ex-alunos entre 1940 a 1980 foi escolhido a partir da coleta de nomes e sobrenomes conhecidos do município de Ponta Porã, para facilitar a localização e contato¹¹ destas pessoas cujos nomes foram encontrados durante a pesquisa exploratória na escola Paroquial São José, no livro Ata de Resultados Finais de 1944 a 1980¹² e que depois de identificados e contatados se prontificaram em responder às entrevistas e aos questionários.

As leituras, realizadas ao longo do programa de pós-graduação, permitiram um conhecimento histórico, metodológico e teórico necessário para a confecção desta dissertação. Sendo o objeto estabelecido a partir do referencial de CASTORIADIS, porque este nos permite a restituição das *significações imaginárias sociais* ligadas a essa instituição religiosa, denominada IVG, na Educação, na fronteira, com o Estado e com a Religião.

Procurar-se-á também as relações entre a IVG com as outras instituições sociais na Bélgica e no Brasil, para assim entender as formas representativas instituídas neste mundo *social – histórico*, pleno de funcionalidades, que foram sendo assumidas ao longo de sua jornada histórica através dos sentidos de suas estruturas e funções desempenhadas. Evidentemente, o objeto restituído em questão deve tomar consideração das disjunções entre objeto em restituição e os discursos dos diversos personagens envolvidos.

Há de se considerar que essas disjunções e esses discursos se constituíram num *magma das significações imaginárias sociais*, e, segundo CASTORIADIS, esse magma somente se institui por

espíritos, deuses, Deus; polis, cidadão, nação, Estado, partido; mercadoria, dinheiro, capital, taxas de juros; tabu, virtude, pecado; (...) homem/mulher/criança, tais como são especificados numa sociedade dada, além das definições puramente anatômicas e biológicas, homem, mulher e criança, pois são o que são, mediante as significações imaginárias sociais que as fazem ser assim. (CASTORIADIS 1987, p. 230-231).

11 Tabela confeccionada em anexo.

12 Foto do livro anexo

Assim, podem-se compreender representações que se instituíram na significação da educação IVG na fronteira, a partir das instituições sociais, como a Religião (Igreja), a Política (Estado) e a Educação.

Vale observar que a instituição social maior trabalhada, junto da Igreja, é o Estado, instituição política primordial na sociedade capitalista; o que leva a pesquisadora à busca da contribuição da IVG sob a potência do Estado nas relações para com a Educação; neste caso, a IVG na área educacional, na região fronteiriça.

Sob essa perspectiva, este estudo permitiu expor diversas funções e ações exercidas por membros da IVG na educação no MS, durante o período que compreende este trabalho (1940-1980), além de apontar, ainda hoje, muitos membros ocupantes de cargos de liderança no país, no Estado e na sociedade fronteiriça na área política, social, econômica e cultural como sendo ex-alunos da IVG, o que levaria a pesquisadora a fortalecer as hipóteses traçadas no início da pesquisa quanto ao entrelaçamento entre o Estado, a Igreja e a Escola.

Assim, a história da educação no século XIX, foi necessária por acreditar que esse olhar sob a Educação numa perspectiva universal poderá contribuir para um entendimento das singularidades educacionais na região de fronteira no Mato Grosso do Sul-Brasil, e assim compreender o papel da IVG, instituição criada na Bélgica, enquanto Escola.

1.3. A EDUCAÇÃO DO SÉCULO XIX: INSTITUINDO A EDUCAÇÃO IVG

Compreender a Educação no Século XIX significa compreender a essência da educação IVG, pois esta foi criada em 1818. Entretanto, para essa compreensão é mister um olhar sobre o a Educação do Século XVIII ao século XX, período que se estende entre 1789 a 1914, pois, é nesse período que se constituíram os elementos que possibilitam apreender essa instituição como *criação social – histórico*, a Educação, cuja fonte *instituinte* foi a burguesia, além do advento da Revolução Francesa, equilibrada historicamente pela Revolução Industrial inglesa que se apresentou à sociedade e ao mundo através de um *magma de significações imaginárias*.

Segundo Vale (2006, p. 104) a Educação, como prática social não será suficientemente compreendida, sem que se considere a sua articulação com a prática

sociopolítica, a prática socioeconômica e a prática sociocultural de um país, de uma nação, de um continente ou da totalidade chamada mundo. Por isso,

analisar a Educação Contemporânea Ocidental equivale a evidenciar a evolução da prática social no interior de uma civilização capitalista em termos de economia; liberal na estrutura legal e constitucional; burguesa na imagem de sua classe hegemônica característica; exultante como o avanço da ciência, do conhecimento e da educação e, também, com o progresso material. (HOBSBAWM apud VALE, 2006, p. 108).

Dessa maneira a Educação do século XIX pode colaborar para a elucidação da instituição da Educação do século XX, que é sem dúvida, o resultado do *social-histórico* dos indivíduos e das sociedades.

Foi então, nessa expectativa que apontamos a Educação do Século XIX, como a Educação de princípios ideológicos e culturais nacionalista, cujo objetivo estava voltado para a formação da burguesia sob o ideal da consciência nacional e patriótica.

Vale ressaltar que a Educação realista fundamentada na filosofia e nas ciências modernas, juntamente com a educação racionalista e naturalista do século XVIII foram elementos indispensáveis e proeminentes para que as reivindicações à instrução pública fossem ganhando espaço e subsidiasse a criação de uma educação nacional do Estado pelo Estado do século XIX.

A Escola no século XVIII era um privilégio dos nobres, do clero e dos burgueses ricos, pois lavradores, operários e pobres em geral não tinham acesso à educação escolar. Essa escola que, educava os nobres e os futuros membros do clero era uma escola do passado, e não fornecia mais os privilégios às classes dominantes após as revoluções. Assim, aconteceram muitas reivindicações em favor da Educação Nacional do século XIX.

Segundo Manacorda (1989) essas reivindicações na América, por exemplo, ocorreram com as revoltas dos colonos, contra a metrópole inglesa, que instituíram a fundação da nova Confederação dos Estados Independentes entre 1765 e 1783 pelos então presidentes, Benjamim Franklin e Thomas Jefferson. Estes governantes fortaleceram as solicitações em favor de “uma cruzada contra a ignorância” à promoção das capacidades intelectuais e morais dos jovens, idéias defendidas nos princípios do liberalismo de Locke, quando enfatizava a necessidade de uma educação para as boas maneiras, a educação do *gentleman*.

Manacorda (1989, p.250) ressalta ainda que várias reivindicações também ocorreram na França após 1789, a favor da instrução popular, mas somente através da Constituinte de 1791 é que os projetos de lei, exigindo a “*instrução pública, gratuita no que se refere às partes da instrução necessária a todos os homens*”, tornaram-se realidade.

Durante os anos subseqüentes à Revolução Francesa, outros projetos da Convenção foram aprovados, mas nenhum executado, somente aqueles que poderiam sanar as necessidades imediatas da revolução industrial estavam se consolidando. Foi isto que ocorreu em 1º de maio de 1802, com a cultura tradicional na Educação secundária, ainda quando a França estava sob o domínio de Napoleão; pois segundo Manacorda (1989, p. 252) ele estava preocupado com a educação masculina, mas não com a instrução popular que era atendida de forma simples e rápida através do “*ler, escrever, fazer contas são necessidades de todos e são também os únicos conhecimentos que é (sic) possível dar mediante uma instrução direta e positiva aos habitantes das cidades e dos campos*” pelas ordens religiosas.

Segundo Larroyo (1974, p.564), durante o antigo regime, as monarquias nada faziam pela educação, pois os professores recrutados na sociedade eram sacristãos, chantres, bedéis sepultureiros, sineiros. Assim, a falta de preocupação com a educação no antigo regime, pode-se verificar com o descuido através do analfabetismo que aumentava; além da indigência do ensino elementar, limitada à instrução do catecismo, da leitura e da escrita; o difundido pelo uso de castigos físicos.

Condorcet, de acordo com Manacorda (1989) foi o protagonista na reivindicação de uma educação “única, gratuita e neutra” no século XVIII, quando apresentou o seu *Rapport sur l’instruction publique* em 1792, à Assembléia Legislativa. Seu projeto de educação era para todo o povo, mas deveria estar sob os cuidados do Estado francês; quanto ao conteúdo, estes deveriam estabelecer a igualdade de fato a todos os cidadãos, através dos conhecimentos, sendo que tanto a matemática e a ciência quanto as línguas clássicas teriam a mesma importância na instrução.

Mas o entrelaçamento entre educação e política talvez se possa compreender segundo Manacorda (1989, p 247), na frase da imperatriz austríaca, Maria Teresa, que ilustra muito bem esta relação: - “*instrução é e sempre foi, em cada época, um*

fato político” (*ein Politikum*); por isso, a educação passa a ser do Estado e para o Estado, a partir do século XVIII.

Tal concepção da imperatriz nos reporta a princípio dessa relação entre Educação e Estado, já utilizada como máxima por Pitágoras, na antiguidade, ao desenvolver um sistema de ensino cuja idéia central era o conceito de harmonia entre a vida humana e a ordem que ele percebia no universo. Corroborando para o entendimento dessa idéia de harmonia, defendida pelo filósofo grego Pitágoras, temos que

A idéia central de seu sistema era o Conceito de *harmonia*. A harmonia do corpo e alma, de pais e filhos, de família e Estado, de Estados, entre si. Admitiu as tendências nocivas inatas do homem, mas encontrou o remédio para elas na educação (...), o maior acerto de sua doutrina foi haver observado a ligação radical da pedagogia com a Política e a Cultura geral de um povo. (LARROYO, 1974, p.149).

Desta maneira fica clara então, como a idéia que entrelaça a política e a educação começou a ser instituída nas sociedades. Pois não só Pitágoras aponta para a harmonia entre elas, mas também outro filósofo grego, Platão, na obra clássica *A República*, que ficou na história da humanidade, em que ele defende a formação do cidadão sob a responsabilidade do Estado. Mas não só Platão se preocupou com a Educação pelo Estado, vários outros filósofos também se ocuparam dessa questão.

Segundo Manacorda (1989), na Grécia, desde o século V, era questão de discussão se o Estado deveria assumir diretamente a tarefa da instrução, como se pode observar:

A partir, portanto, do século V, se discute se o Estado, a *pólis*, deve assumir diretamente a tarefa da instrução. O pitagórico Hipódamo, arquiteto e urbanista, construtor dos muros do Pireu e projetista da cidade ideal, prognosticava a educação por conta do Estado para os filhos dos cidadãos mortos em guerra; Platão, como vimos, distinguia a instrução privada e pública (*idía, demosía*), isto é, a instrução a cargo da família e a cargo da *pólis*; Aristóteles informa que, na sua época, fim do século IV a.C., na maioria das cidades a instrução ainda era privada, mas mostra-se pessoalmente favorável à escola pública, como na Política no fim do Livro VII. (MANACORDA, 1989, p. 66).

Todavia, essa reflexão sobre Política e, conseqüentemente, a relação com a Educação, é explanada também nas idéias de Machado (2002) que lembra o conceito de Política sob uma perspectiva social-histórica grega. Para ele a política

(...) seria tal qual os gregos a criaram, a política teria sido o questionamento explícito da instituição estabelecida da sociedade [cf.1992:135] e, junto à filosofia” (...) a primeira emergência histórica do projeto de autonomia coletiva e individual” [p.138]. A política é, pois para ele, projeto – sempre germe instituinte, interrogação das significações imaginárias da sociedade (SIS) instituída visando a outro tipo de sociedade, outro tipo de indivíduo. Além disso, ela é projeto de autonomia, ou seja, de “(...) atividade coletiva refletida e lúcida, visando à instituição global da sociedade como tal” [cf. 1992:145]. (MACHADO, 2002).

O que então nos impõe entender que a relação entre a educação e a política não se concebe de maneira separada, mas enquanto um projeto de autonomia coletiva e individual, que poucos compreendem. Mas, que para a concepção de nosso objeto de estudo torna-se muito importante, uma vez que esta relação ocorre no Brasil no período do Estado Novo, em forma de entrelaçamento que implica a política (Estado), a Educação e a Religião (Igreja Católica) por meio da IVG, na região de fronteira, no MS.

É importante ressaltar que, a educação do século XVIII se tornou uma necessidade universal enquanto instrução, exigindo, assim, no século XIX que esta atendesse a todos. Na afirmação de Manacorda (1989, p.358), os homens “*modernos fazem escola sem rodeios, uma “politikum”, um interesse geral que o próprio poder não somente controla, mas já organiza e renova*”.

A educação no século XIX como em todas as épocas esteve sempre pautada nos fatos políticos e sociais, e com a criação da Spinhuis na Bélgica, no ano de 1818, também não foi diferente, pois sua instituição, por parte da então baronesa de Gijzegem, ocorreu num momento de várias crises políticas, econômicas e religiosas na Europa.

Conforme Klesewetter (1994), a educação no século XIX era entendida como uma chance de vida e de progresso, o que estimulou o movimento operário a exigir a educação. Desse modo, a “*introdução do ensino obrigatório generalizado, embora não se possa identificar com a real freqüência à escola, já é um indício para o grau de consciência da necessidade da educação*”.

Esse indicativo de consciência levou a burguesia a perceber que “*a educação que antes era privilegio de poucos, dos prediletos da fortuna, foi enfim reconhecida (e graças a Deus) como um direito, uma necessidade, uma obrigação da humanidade*” segundo Manacorda (1989, p. 275).

Assim, iniciou-se na Europa a implantação do ensino obrigatório nos países industrializados e avançados, para a manutenção da capacidade de competição industrial em mercados nacionais e internacionais, a partir de 1763, na Prússia; 1814, Dinamarca; 1842, Suécia; 1848, Noruega; 1869, Áustria; 1872, Suíça; 1877, Itália; Inglaterra e País de Gales, 1880; França, 1882; Irlanda, 1892; Holanda, 1900; e na Bélgica, somente em 1914, finalizando com a Finlândia, 1921.

Entretanto, os dados de Klesewetter (1994, p. 36) nos apontam que:

Na metade do século XIX, a cota de todos os alunos do primário, na faixa etária de cinco a 14 anos, era, na Inglaterra e no País de Gales de apenas 10,6%, contra mais de 50% (respectivamente 51,5%, 54,5% e 54,7%) na França, Bélgica e Holanda, pois nestes países as escolas confessionais católicas desempenhavam papel importante.

Assim, pode-se compreender o papel e a contribuição da IVG no cumprimento das ações na instituição do Estado Belga com a escola de fiação, e que, posteriormente, tornou-se instituto de formação religiosa, como um simulacro no atendimento à camada da sociedade que necessitava de educação.

De acordo com Aranha (1996, p. 146), educadores no século XIX reivindicavam a expansão da rede escolar, porque tinham o ideário de “formar a consciência nacional e patriótica do cidadão”.

Essa questão em formar um cidadão encontra-se respaldo na concepção idealista de Platão, já explicitada neste capítulo; cuja relevância se ressalta, pois para ele a educação está a serviço do Estado, mas este por sua vez está a serviço da educação. Não há educação sem Estado, nem Estado sem Educação. O Estado é o indivíduo em ponto grande.

Luzuriaga (1984, p.52) vem legitimar esse entendimento quando assinala que o objetivo da Educação para Platão era:

como para Sócrates, a formação do homem moral, e o meio, é a educação do Estado, na medida em que este representa a idéia da justiça. O Estado não é, pois, fim em si, antes meio de realizar a justiça e a educação conforme a justiça.

A Educação assim age como um *magma de significados* para a representação e legitimação das *tradições inventadas* no século XIX e XX pelo

Estado na construção da consciência do pertencimento, "pátria minha" através do sentimento de patriotismo.

Segundo Hobsbawm e Ranger (1994) a Educação sistematizada era utilizada como instrumento de ascensão social na formação de uma elite nacional, pois “uma elite em desenvolvimento também exigia a construção de redes de interação realmente eficazes”.

Assim, segundo Hobsbawm (1990), o Estado enquanto Nação se utiliza das invenções, das criações e das tradições, para homogeneizar e incorporar nos seus habitantes uma cidadania, cujo principio é a autonomia concedida, entretanto, sabe-se que quanto mais o Estado busca a homogeneização mais emerge a heterogeneidades, evidenciando assim que “é o estado que faz a nação e não a nação que faz o estado”.

A consciência nacional enquanto “comunidade imaginada” tem vários significados teóricos. De acordo com Anderson (1989, p. 56) a nação é uma comunidade política, imaginada, limitada e soberana, porque nem mesmo os membros das menores nações jamais conhecerão a maioria de seus compatriotas, tampouco encontrarão, ou ouvirão falar deles, embora, na mente de cada um esteja a imagem de sua comunhão, aqui entendida como sentimento de pertencimento; numa concepção “castoridiana”, essa instituição tem como fonte criadora a psique, em que o sujeito instituí e é instituído através do social - histórico.

Portanto, entender a Educação, no século XIX, é também compreender o termo “Estado” como conceito de ‘nação’, enquanto idéia concebida pelo nacionalismo, que abrangedora do princípio que sustenta a coesão política e nacional de todos os membros de uma sociedade, cuja educação teve um papel primordial na instituição desse *imaginário coletivo*, a nação, a partir desse século.

De acordo com Stuart Hall (2003, p. 49) a nação é uma “*comunidade simbólica*” o que implica gerar um sentimento de identidade e lealdade para todos. Para isso, utiliza-se de representações, traduzidas em tradições, signos, símbolos e imagens, que são difundidos pelas instituições escolares, religiosas e sociais, com hinos e lemas; e discursos que ligam as pessoas por meio do sentimento de pertencimento que se faz presente no *imaginário social*.

O Estado - Nação, não se resume ao espaço físico organizado, com regras governamentais e políticas, mas a uma “*comunidade ilusória*”, que se organiza

através de interesses específicos de grupos como se fossem de todos. Dessa forma, o Estado é instituído através de alguns, e estabelece, de tal modo, o poder.

Hobsbawm (1982) assinala que na Europa ocorreu uma significativa conseqüência da ciência na indústria, fazendo com que sistemas educacionais se tornassem cruciais ao desenvolvimento de um país. Assim os pioneiros da industrialização na primeira fase, Inglaterra e Bélgica, precisavam investir em educação para que viesse a se tornar uma economia forte e de desenvolvimento.

(...) era quase impossível que um país onde faltasse educação de massa e instituições de educação avançada viesse a se tornar uma economia “moderna”; (...), países pobres e retrógrados, que contavam com um bom sistema educacional, encontraram facilidade para iniciar o desenvolvimento, como por exemplo, a Suécia.

O valor prático de uma boa educação primária para uma tecnologia científica, econômica e militar é evidente. (HOBSBAWM, 1982, p. 62).

A criação da Spinhuis na Bélgica, em 1818, atenderia a essa necessidade sob um simulacro de *significações imaginárias* que foi justificada por Pirson (s/d) como sendo uma ação benfeitora para atender às crianças pobres sem escola o

antigo baronato de Gijzegem, que, sob o regime francês, fazia parte do departamento de Escaut, coubera como herança à rica família Lecandèle. Durante a crise econômica do final da época francesa, e do princípio do período holandês, a inquietude atingira também Gijzegem, assim como todo o resto do país; foi uma época de exportação de cereais para a Holanda, de péssimas colheitas, de dificuldades para obtenção das matérias-primas necessárias para a indústria de fiação e tecelagem. Em Alost, houve fome, ao mesmo tempo em que se registrava uma epidemia de cólera.

A pobreza e o subdesenvolvimento das crianças da classe popular chamaram a atenção do barão e da baronesa de Gijzegem; eles queriam remediar esta situação. (PIRSON, s/d, p. 99).

Entretanto, cabe ressaltar que essas crianças que viviam nas cidades européias, inclusive na Bélgica, eram provenientes do campo, e haviam migrado para a cidade, devido ao desenvolvimento provocado pela Revolução Industrial, concentrando uma numerosa massa popular nas cidades; e, conseqüentemente provocando o êxodo rural; e desta maneira então, essas massas, precisavam ser ocupadas com atividades. Assim, surgiu a necessidade, antes não estabelecida a todas as pessoas que viviam nas cidades: a Educação.

Além da Revolução Industrial, a Revolução Francesa, ou melhor, a revolução política, também já havia instituído no *imaginário coletivo*, que a educação era essencial para um “povo soberano”.

Segundo Machado (2002), de acordo com Castoriadis, a política tem por fim

(...) a instauração de outro tipo de relação entre a sociedade instituída e instituinte, entre as leis dadas a cada vez e a capacidade reflexiva e deliberativa do corpo político; (...) a liberação da criatividade coletiva, permitindo formar projetos coletivos para empreendimentos coletivos e trabalhar neles (1992b:160) .

(...) a criação de instituições que, interiorizadas pelos indivíduos, facilitem ao máximo seu acesso à autonomia individual e a possibilidade de participação efetiva em todo poder explícito existente na sociedade. (1992:148; 1999:69). (MACHADO 2002, p. 302).

Nessa perspectiva então, pode-se entender o porquê dos Estados, como Bélgica, e também o Brasil, dentre outros, utilizarem a Educação no século XIX e XX, para firmarem seus princípios de identidade através do nacionalismo; e ainda responder às diversas revoltas e manifestações dos trabalhadores, que em decorrência da Revolução Industrial reivindicavam melhores condições de vida; e ou também possibilitar um desenvolvimento, para a Nação; pois nessa época, na Europa, os ideais nacionalistas emergiam como uma maneira de as nações alcançarem a liberdade política seja com a independência ou com a unificação; justificando a necessidade da educação.

Cabe ressaltar que, segundo Luzuriaga (1984), a educação estatal não foi obra somente do século XIX, embora este seja o século conhecido como o século do nacionalismo e do monopólio do Estado na Instrução; mas suas origens remontam a séculos anteriores, como elemento importante para a formação dos Estados Modernos, além de apontar uma abertura à instrução privada.

Nos países em que o Estado predomina, é reconhecida a liberdade de ensino para as instituições particulares. Por outro lado, ainda nos países em que a educação é essencialmente função social, o Estado intervém cada vez mais no ensino. (LUZURIAGA, 1984, p. 181).

Assim, Luzuriaga (1984) permite entender como foi que o Estado deixou espaço para que outras instituições da sociedade viessem intervir na Educação, com ações de acordo com seus objetivos e fins, como exemplo, a Igreja católica e outras protestantes.

Na França, a Educação, por exemplo, após a Revolução Francesa seguiu uma tendência autoritária e monopolizada por Napoleão, que buscava assegurar o Império, utilizando - se da Educação como meio para seus fins estatais e econômicos.

Segundo Peeters e Cooman (1967), Napoleão, o general vitorioso, chefe supremo da França, reorganizou o governo, as instituições, e todos os ramos de atividade, desde as relações com a Santa Sé até o Código Civil. Uma das primeiras ações do Imperador foi tomar em mãos a educação da juventude; e o ensino primário foi deixado por ele nas mãos dos Irmãos da Doutrina Cristã e das religiosas para que ensinassem como bem entendessem.

Este imperador decretou, ainda, uma lei organizando a instrução pública de forma centralizada Criou a *Universidade Imperial*, ficando assim com o Monopólio Universitário; posteriormente, complementando seus interesses para com a educação secundária, através do Decreto de 1808, proibiu todo o ensino secundário particular. Os primeiros estabelecimentos foram chamados Liceus, segundo que os professores foram obrigados ao celibato e à residência dentro do Liceu.

A foto abaixo lembra essa uniformização militar de um grupo de estudantes homens da fronteira sul do MS, na cidade de Ponta Porã - MS, datada de 1944 aproximadamente. Essa foto é do acervo pessoal de um ex - aluno do antigo Colégio Dom Bosco, cuja passou a ser em 1944, Escola Paroquial São José, sob direção e atividades pedagógicas das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” e Administração dos Redentoristas segundo o senhor Mauro Marmora.

FIGURA II - Alunos uniformizados em pose oficial



Fonte: Arquivo de Ex-aluno da Escola Paroquial São José

Uma característica importante legada ainda da Educação nacionalista e patriótica de Napoleão pode - ser constatada no uniforme utilizado pelos alunos na região de fronteira, o estilo farda militar.

Observa-se ainda, o símbolo da Pátria Brasileira, a bandeira nacional, nas mãos dos alunos. De acordo com Peeters e Cooman (1967), o fim educacional para Napoleão era prover o Estado de bons homens soldados, de bons funcionários, de servidores dóceis e inteiramente ao seu dispor. A escola deveria ser o vestíbulo do quartel. A Educação tinha, assim, um caráter disciplinador.

Além das contribuições dos filósofos já referidas e de Napoleão, durante o Império Francês na constituição dos princípios de uma educação estadista e nacionalista, há ainda que se referendar aqui a homens como Pestalozzi, que com sua pedagogia focada na criança, tal como Froebel e Herbart, pedagogos, muito contribuíram para as idéias pedagógicas do século XIX, segundo Aranha (1996).

De acordo Aranha (1996, p. 139), há que se lembrar também de outros pensadores como Augusto Comte, Fichte, Schelling, Hegel e Feuerbach cujos pensamentos em vertentes diferentes influíram nas idéias pedagógicas do século XIX, época da criação da IVG na Bélgica. Sendo que os dois últimos, Hegel e Feuerbach criaram o nacionalismo na Alemanha. E, Fichte, acreditando que a exaltação do amor-próprio através da cultura alemã faria do homem alemão um super-homem e da Alemanha uma super-nação, contribuiu para esse nacionalismo.

Em se tratando de pedagogia do Século XIX, segundo Aranha (1996), pode-se dizer que Froebel foi de suma importância, pois com suas idéias de ensino, a partir do interesse da criança, possibilitou o pioneirismo da educação infantil, “pressupondo que os primeiros anos do homem são básicos para sua formação”.

Já Pestalozzi, defendia a escolarização social do povo, e não apenas a instrução de caráter individualista e aristocrático. Fundou em Neuhof, uma escola em que recolhia órfãos, mendigos e pequenos ladrões, a quem, com avançada concepção pedagógica, alia a formação geral e profissional, tentando reeducá-los por meio de trabalhos de fiação e de tecelagem, tal qual a proposta educativa da IVG na Bélgica, em 1818.

Pestalozzi é considerado pois, um dos defensores da escola popular, extensiva a todos, na qual reconhece

firmemente a função social do ensino, que não se acha restrito à formação do gentil-homem, além disso ao povo não se destina apenas a simples instrução, mas a formação completa pela qual cada um é levado à plenitude do seu ser.(...). Para Pestalozzi o homem é um todo cujas partes devem ser cultivadas: a unidade espírito - coração – mão corresponde ao importante desenvolvimento da tríplice atividade conhecer querer- agir, por meio da qual se dá o aprimoramento da inteligência, da moral e da técnica. (ARANHA 1996, p. 143).

O aprimoramento da inteligência e da moral são também atributos defendidos por Herbart que preconizava que o ensino só é educativo quando modifica a conduta do educando. Ele valorizava além da educação moral, a religiosa.

Herbert desenvolve uma pedagogia social e ética com a finalidade de formar o caráter moral por meio do esclarecimento da vontade, que se alcança pela instrução. Com essa afirmação é possível perceber que, para ele, a educação moral (formação da vontade) não se separa da instrução (esclarecimento intelectual), o que supõe uma unidade das atividades mentais (querer e pensar). (ARANHA 1996, p. 144).

Assim, a instrução é compreendida como construção. Para Herbert, segundo a autora, e essa concepção que o leva a não separar a instrução intelectual da moral, porque uma é condição da outra, sendo pressuposto para se atingir com alguns procedimentos básicos: *o governo, a instrução e a disciplina*. Desse modo, formar moralmente uma criança significa educar sua vontade, mas para isso é preciso maior clarificação das representações e crescimento das idéias na sua mente, além de cinco passos formais:

preparação: o mestre recorda o já sabido, a fim de que o aluno traga à consciência a massa de idéias necessárias para criar interesse pelos novos conteúdos;

apresentação: o conhecimento novo é apresentado, sem esquecer a clareza, que para Herbart significa sempre partir do concreto;

assimilação: (ou associação ou comparação): o aluno é capaz de comparar o novo com o velho, perceber semelhanças e diferenças;

generalização: (ou sistematização): além das experiências concretas, o aluno é capaz de abstrair, chegando a concepções gerais; esse passo é importante sobretudo na adolescência;

aplicação: por meio de exercícios, o aluno mostra que sabe aplicar o que aprendeu em exemplos novos; só assim a massa de idéias adquire sentido vital, deixando de ser mera acumulação inútil de informação. (ARANHA 1996, p. 145-146).

Assim, os cinco passos formais de Herbart constituíram numa pedagogia que pretendia ser ciência, a partir de um ensino expositivo, tradicional, com rigor científico da indução a caminho do raciocínio e que parte do concreto ao abstrato.

Tal como já mencionamos anteriormente a educação constituiria para Hobsbawm (1982 b) um elemento de difusão do proto-nacionalismo, agindo como uma alavanca para o desenvolvimento da economia moderna dos estados na época em questão.

Segundo Luzuriaga (1984) foi também durante o século XIX que ocorreu a divergência entre o Estado e a Igreja na Europa em função do liberalismo, o que corroborou para que a Educação fosse utilizada como elemento de intenções ou necessidades, ora à Igreja, ora para o Estado e ora à Sociedade, a qual instituiu e está instituindo.

Isso se pode constatar na Europa na época em que se

(...) desenvolveu a mais intensa luta dos partidos políticos; conservadores e progressistas, reacionários e liberais; por apoderar-se da educação e da escola para seus fins. Em geral pode-se dizer que foi uma luta entre a igreja e o estado em torno da educação; venceu este e em cada país foi organizada uma educação pública nacional. (LUZURIAGA, 1984, p. 180).

E foi neste contexto, a partir da disputa entre o Estado e a Igreja que se originou a educação pública que hoje conhecemos, em todos os países europeus e latinos – americanos.

A instituição da educação pública desta maneira tem como princípios aqueles que norteavam os sistemas nacionais de educação e das leis de instrução pública em todo o mundo ocidental.

No Brasil, por exemplo, isso pode ser comprovado através dos artigos da Constituição de 1824, cujos ideais ocidentais são explicitados à Educação Brasileira, através da constituinte, na época do Império, com a intervenção do Estado por interferência do Imperador D. Pedro I.

O problema da instrução pública foi introduzido pelo discurso inaugural da constituinte, feito por D. Pedro I. O imperador afirmava: “Tenho promovido os estudos públicos, quanto é possível, porém, necessita-se de uma legislação especial”. (CHIZZOTTI in FÁVERO, 2005, p. 36).

Alves (2004, p. 136) assinala a Alemanha como uma nação de avançado estágio quanto à instrução pública no século XIX.

(...) 1. No início do século XIX, após a derrota de Iena (1806) frente às tropas napoleônicas, a Alemanha se viu diante da necessidade de reconstruir a máquina do estado. Por força da atuação de figuras como Stein, Fichte, Humboldt e Süvern as reformas que se sucederam colocaram a instrução pública como pilar central. Em especial entre 1807 - 1817, o Barão von Stein realizou amplas reformas na Prússia e reconheceu a necessidade de fundar a organização do Estado na educação do cidadão. A influência de Pestalozzi se difundiu, motivada por recomendação de Fichte e pela ação política de Humboldt à frente da recém criada *Secção de Cultos e Instrução Pública*, dentro do Ministério do Interior. (...) 2. Por volta de 1815 já era sensível uma certa estagnação no plano político, que se estendeu até 1840. Mas as idéias pedagógicas continuavam avançando, movidas pelas reflexões e propostas de Kant, Fichte Humboldt, Herbart, Schleiermacher e Froebel.

Ainda é assinalado por Alves (2004) sobre este contexto um “choque entre pedagogos e pensadores liberais” na política da Alemanha que se tornou autoritária e clerical, viabilizando assim a criação do Ministério de Assuntos Eclesiásticos e de Instrução Pública, definida, desta maneira, a dependência da educação à Igreja. Apesar dos ideais liberais da Revolução de 1848 a inferência clerical na educação se fortaleceu, mesmo com a visão liberal das Disposições Gerais do ministro Falk, em 1872; e os estabelecimentos de ensino, na Alemanha, continuaram com a posição de referência, no final do século XIX.

Segundo Peeters e Cooman (1967, p. 92), Hegel foi quem complementou as idéias de Fichte, afirmando que para sustentar e ampliar a vida cultural da Nação alemã era preciso colocar este tesouro nas mãos do Estado, que, para ele constituía se em

uma instituição social por excelência, existindo antes do indivíduo (sic), antes da família, antes do povo, antes da igreja. O Estado é Absoluto. Dêle dimana tudo quanto é humano; nêle, se encarna todo o ideal moral.

Dessa maneira, numa concepção nacionalista, a educação deveria pertencer ao Estado, ser ministrada por ele e para ele.

Entretanto, não compreendemos assim como Hegel; pois, de acordo com Cornelius Castoriadis, o Estado é uma instituição social criada e instituída pelo homem e assim não é antes do indivíduo, mas existe porque existe o indivíduo social.

E, é nesse contexto que várias instituições religiosas foram instituídas na Europa. Dentre as quais destacamos a Spinhuis, Instituto de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” de Gijzegem, na Bélgica, em 1818, que iniciou suas atividades assumindo a educação primária na Bélgica após a queda de Napoleão; e também na América Latina e na África, contribuindo para a instituição das sociedades e da História da Educação, através de atividades educacionais e religiosas.

Lembrando CASTORIADIS, as instituições religiosas são instituições sociais, por isso constituem objeto de elucidação do social - histórico, uma vez que são elementos instituintes da instituição da sociedade, devido à função *magma de significações imaginárias* aos indivíduos.

As *significações imaginárias* podem ser entendidas por meio da educação na sociedade também na fala de Aranha (1996), pois ela afirma que a educação escolar não é algo isolado, tampouco uma ilha no oceano; por isso entendemos que a educação está inserida numa rede de *significações imaginárias da sociedade*¹³, assim num entrelaçamento de relações, refletindo e apresentando os interesses de outras instituições também sociais, para responder às necessidades da sociedade na qual esta instituída.

E, são essas necessidades sejam do Estado ou da Igreja, que precisam ser evidenciadas e elucidadas na história da educação brasileira, por volta de 1940 no sul do Mato Grosso do Sul, pois tanto a sociedade brasileira quanto a educação na fronteira foram instituídas sob um contexto histórico com o legado dos europeus, e se iniciou em 1549, com a chegada do primeiro grupo de Jesuítas ao Brasil; que segundo Saviani (1998), foram educadores e missionários, permitindo a pesquisadores um estudo sob um olhar no social-histórico.

Nessa perspectiva, a contextualização da Educação na Europa, desde 1818 até a época do estudo em questão, fez-se necessária, à medida que a Educação nesse período do século XIX tem como objetivo segundo Luzuriaga (1984), a instrução do homem burguês, seja para a produção, seja para a difusão ou para a expansão da escola pública, de caráter laico, gratuito e universal, conforme os ideais preconizados no século XVIII.

A Educação nacional no século XIX refletiu as idéias, os pensamentos políticos, econômicos e sociais, advindos dos séculos anteriores; principalmente, dos

13 Id CASTORIADIS

anos setecentos e oitocentos, quando ocorreram as transformações com a revolução comercial, que abalou a estrutura das sociedades aristocráticas, os privilégios da nobreza e do clero, a cobrança de impostos, além das alianças entre burgueses e a realeza. E ainda, idéias iluministas, cujo poder se encontra na razão humana. Tais modificações permitiram elementos que constituíram a força para a instituição da chamada “dupla revolução” por Hobsbawm.

De acordo com alguns teóricos da História da Educação, como Manacorda (1989), Ponce (1990), dentre outros, a educação, enquanto instrução em escola pública, gratuita para crianças pobres, teria surgido no século XIX, em função do nascimento da fábrica; mas que segundo ele, visava à instrução religiosa, à instrução disciplinar e ao trabalho manual, como também enfatiza Aranha (1996, p.111), ao escrever sobre a opinião do francês Compayré quanto à finalidade destas escolas de educação pública. Para Compayré estas escolas atendiam à função de agências para informações ou lugares de mercado, onde as pessoas abonadas pudessem ir buscar servidores domésticos, empregados comerciais ou industriais.

Sob este contexto, a Educação e seus valores ficaram voltados à *“modernização da instrução com conteúdo científico - técnico tendo em vista as atividades trabalhistas ligadas às mudanças que vinham acontecendo nos modos de produção”*, segundo assinalou Manacorda (1989, p. 227).

As idéias de Castoriadis viabilizam entender que a educação, enquanto uma instituição instituída pela sociedade se institui e institui a própria sociedade, não atende somente aos interesses e necessidades industriais e ou econômicas, mas reflete *social histórico*, e é por isso que não se pode dizer que ela, a escola, atenderia em primeira instância ao modo de produção emergente, nesse caso o capitalista, pois enquanto instituição, criação social da sociedade, ela concerne todos os fenômenos no *social - histórico* e não só os econômicos.

A educação, enquanto simulacro das necessidades da sociedade não é coisa só do século XIX, ocorreu também na segunda metade dos anos setecentos com as transformações no modo de produção e com as necessidades diárias; por meio do processo de trabalho, das idéias e da moral como também das formas de ensino no advento das fábricas, com a revolução industrial na Inglaterra.

E também com o desaparecimento das agremiações das artes e dos ofícios, na aprendizagem artesanal, que originou os elementos, para o nascimento da escola pública tal como assinala Manacorda (1989, p.249): a “fábrica e escola nascem

juntas: as leis que criam a escola de Estado vêm juntas com as leis que suprimem a aprendizagem corporativa (e também a ordem dos jesuítas)”.

Todavia, quando se fala de educação pública é importante considerar que esta será um ponto para a educação nacionalista e, por conseguinte, a educação das ordens religiosas, que inicialmente teriam finalidades assistencialistas. Mas, essa escola que, a princípio, se destinava às crianças, filhos dos trabalhadores fabris, emergiu somente em meados do século XIX, como forma conciliadora entre as lutas e reivindicações dos operários e a disputa entre a burguesia com o tempo devotado às crianças no trabalho e no ensino. Por isso, foram instaladas escolas noturnas e dominicais para aqueles que trabalhavam, uma vez que haviam aprovado a obrigatoriedade do ensino para os trabalhadores.

Assim, segundo Aranha (1996), essas idéias dos pensadores enciclopedistas, racionalistas e naturalistas da pedagogia iluminista do século XVIII foram proeminentes à criação escola liberal e laica, pois viabilizou os esforços para uma educação nacional no século XIX, que se espalhou ao mundo.

Dentre esses pensadores, acima citados de diferentes correntes a autora destaca La Chalotais que se empenhou no Ensaio de educação nacional, além de Lepelletier e Condorcet que também contribuíram com projetos apresentados à assembléia legislativa francesa, para a educação dos séculos vindouros.

Outros pensadores também foram significativos para a Educação do século XX, segundo Aranha (1996) dentre os quais, Rousseau, Emmanuel Kant e Comenius, pois foram eles que forneceram subsídios para a organização da Educação pública e nacional do século XIX.

Para essa autora, além dos pensadores já citados contamos também com Basedow, pensador alemão (1723 -1790), que deu início a um movimento denominado filantropismo, no qual a educação teria como finalidade possibilitar ao homem condições para ser feliz. Sendo assim, a “aprendizagem deve ser prática e agradável, estimulando a atividade racional e a intuição, mais do que a memória, com igual interesse pela educação física”. Pestalozzi, também alemão (1746-1827), estudioso de Rousseau e de Basedow, interessou-se pela educação elementar e, sobretudo pela educação das crianças pobres, contribuindo, assim, para a construção de *significações imaginárias* para a educação pública do século XIX.

Manacorda (1989) possibilita entender o ideal educativo do século XIX quando enfatiza que a politização, a democratização e a laicização da instrução

depende do Estado e dos Indivíduos, e a maneira para que isso ocorra exige uma educação universal.

O processo de politização, democratização e laicização da instrução tem origem na consciência dos indivíduos e na prática dos Estados. Com as revoluções da América e da França, há exigência de uma instrução universal e de uma organização do saber, que acompanhará o surgimento da ciência e da indústria moderna. (MANACORDA, 1989, p. 249).

E, é na segunda metade do século XIX, que se inicia o período da história contemporânea, marcada pelas revoluções burguesas, pela reforma da instrução, as resistências da igreja católica, pelos ideais marxistas, pelos ideais socialistas; época em que a educação pública era apresentada como instrumento eficaz na formação de cidadãos conscientes, defensores das liberdades políticas e econômicas. Assim, começa a surgir a idéia de que a *“escola é redentora da humanidade capaz de transformar o súdito em cidadão”* como referendou Cotrim (1991 p. 221).

E, talvez seja por essas questões que no século XX a Educação se apresentada com finalidade democrática e estatal, permitindo atender a um maior número possível de indivíduos, para o Estado.

Luzuriaga (1984) assinala que no século XX surgiu a intenção de universalizar a educação pela cooperação de todos os países, cooperação que, respeitando o sentido nacional, chegou a estabelecer uma educação pública de alcance universal. E, como exemplo, cita a Escola Unificada na Alemanha, a Escola Única na França, à Educação Pública na Inglaterra, a Escola Pública nos EUA, a Escola Única do Trabalho na Rússia, na Itália, sendo que na Espanha, também se estabelece a Escola Pública.

Cumprе ressaltar ainda que no século XX surgiram movimentos para a “educação nova” que valorizava a criança e a formação integral; escolas experimentais, escolas ativas de ensino e reforma (disciplinar). Nessa época foram criadas escolas inglesas, alemãs, austríacas, francesas, belgas, suíças, italianas, espanholas ou norte-americanas com seus diversos métodos, os quais segundo Luzuriaga (1984) devem ser considerados para a compreensão do entendimento da Educação do século XX. Assim ele destaca o Método Montessori, o Plano Dalton, o Método Decroly, o Sistema de Winnetka, o Método de Projetos, o Método de Cousinet, a Autonomia dos Alunos e a Comunidade Escolar como significativos à *“educação para a democracia”*.

Além destas escolas citadas e dos métodos que se destacaram no século XX, Luzuriaga (1984) aponta diferentes pedagogias como a individual, a psicológica, a experimental, a ativa, a social e a filosófica; com diferentes ideais sendo que para ele, esta última contempla ainda outras pedagogias a partir das correntes: Idealista, de Valores, Científico, Espiritual e Cultural.

Percebe-se, pois, que a Educação do século XX, instituída sob várias crises e fenômenos sociais, político, econômico e cultural, tende ao ideal democrático, cujo princípio encontra respaldo na concepção pitagórica “*eduquem-se as crianças para que não seja necessário castigar os homens*”, e permeará a educação.

A partir desse olhar, na história, na educação ocidental, é que se busca compreender a IVG na sua história e na Educação do Brasil.

CAPÍTULO II

UM OLHAR SOCIAL- HISTÓRICO NA EUROPA

O objetivo deste capítulo consiste em apresentar uma breve descrição social-histórica que marcou o final do século XVIII, o século XIX e o início do século XX, para compreender a criação da Instituição Religiosa Irmãs de São Vicente de Paulo, “Servas dos Pobres” de Gijzegem, e a expansão de suas atividades, em terras brasileiras.

Assim buscou compreender o social-histórico que permitiu as relações nas Instituições Sociais, Estado e a Igreja; as mudanças na sociedade a partir dos papas e suas encíclicas, para então entender a Instituição Religiosa Feminina das Irmãs de São Vicente de Paula “Servas dos Pobres” de Gijzegem (IVG), no Estado da Bélgica, cuja Educação interferiu na educação do século XIX na Europa, e, conseqüentemente, no século XX, no Brasil, em especial, na região de fronteira do MS.

No decorrer da história da humanidade, o homem esteve ligado por relações simbólicas à apresentação de interesses e necessidades como *magma de significações imaginárias*, ocorrentes nas instituições por ele criadas: Igreja, Estado e Educação. Desde os primórdios, ele se utilizou da moral apresentada pela religião, na Igreja, para um comportamento na política, fenômeno que se apresenta como Estado, e utilizado como processo educacional para “moldar” os homens na instituição da sociedade, em uma determinada época histórica.

O Estado assume o papel de regulador “dos conflitos no interior da sociedade nacional”, pois enquanto instituição pensada e criada pelo homem, esta seria a representação política de todos os membros na sociedade. Por isso, valemos de Chauí (2000) para esclarecer que o Estado é uma representação que significa uma presentificação mental do que está ausente, uma presença em-imagem ou uma re-presentificação, cujo conceito está ligado ao ato de representação, ou seja, como a *figura* do representante. Esse conceito, na Era Medieval, foi concebido por ordem divina, isto é, representava Deus. Com o liberalismo, essa visão deslocou-se do âmbito místico ao âmbito da razão, em que o conceito de representação necessitava

ser transferido da pessoa do rei para a impessoalidade, ou melhor, para a racionalidade do Estado.

Segundo Chauí (2000), o teórico que teria formulado esse conceito de representação que se configura na autorização responsável consentida pelos súditos (cidadãos) ao Estado teria sido Thomas Hobbes.

Esse conceito de se fazer representar pelo Estado, ou melhor, de alguém representar alguém, ou alguém representar muitos ou todos é significativo à compreensão do objeto, a partir das relações entre a política, a religião e a educação, enquanto instituições que representam ideais e concepções não mais das pessoas, mas que no século XIX se apresentaram como um projeto político para a identidade do Estado, na construção das *significações imaginárias*, no caso da educação do século XIX representada pela Educação Pública Nacional.

Contribuindo para tal entendimento temos Luzuriaga (1984, p. 180) afirmando que

Todo o século XIX foi um contínuo esforço por efetivar a educação do ponto de vista nacional. Nesse século, desenvolveu-se a mais intensa luta dos partidos políticos, conservadores e progressistas, reacionários e liberais, por apoderar-se da educação e da escola, para seus fins. Em geral, pode-se dizer que foi uma luta entre a Igreja e o Estado em torno da educação; venceu este e em cada país foi organizada uma educação pública nacional.

Nesse sentido é possível compreender porque a educação no século XIX teve, segundo Aranha (1996), ideário da Educação Nacional, cujo objetivo era instituir a Educação Pública, a *universalização do ensino, o estabelecimento de uma escola elementar universal, leiga, gratuita e obrigatória* com a expansão da rede escolar, à formação da consciência nacional e patriótica do *cidadão*, uma vez que o fenômeno da urbanização se acelerava em decorrência do capitalismo industrial e era necessária também a qualificação da mão-de-obra para a complexidade do trabalho.

Além de entender a Instituição Estado é preciso compreender a história da Revolução Francesa, pois foi essa revolução burguesa que separou o Estado da Igreja no século XVIII, fazendo com que, no século XIX, novas relações entre a nobreza e a burguesia viabilizassem o retorno da relação entre Estado e Igreja, época da criação da IVG.

Segundo Larroyo (1974, p. 563), a Revolução Francesa não foi somente uma revolução política; foi uma revolução social no mais amplo sentido do termo,

pois ela afetou a vida religiosa, as instituições econômicas, o ideal da educação, através do seu processo destrutivo e violento, criando as bases políticas de um novo conceito de instrução pública.

O antigo regime havia-se descuidado da obra da educação. O analfabetismo aumentava a indigência do ensino elementar, limitada à instrução do catecismo, da leitura e da escrita; o difundido uso de castigos físicos; a precária situação dos professores, recrutados, não poucas vezes, dentre os sacristãos, chantres, bedéis, sepultureiros, sineiros; tudo isso revelava, às claras, o pequeno alcance da monarquia nestes problemas e explicava as profundas preocupações dos homens da Revolução em remediar tal estado de coisas. (Id bid 1974, p.564).

Foi neste contexto de mudanças e necessidades educativas que ocorreu na Bélgica, a criação de uma instituição educativa por uma mulher da classe nobre, no século XIX.

Após a Revolução Francesa, a França começou a viver sob o poderio de Napoleão Bonaparte; figura que se tornou mito e mereceu atenção de muitos historiadores, pelo fascínio que sua carreira militar e política exerceram não só na França, mas em todo o mundo, como se pode verificar em Hobsbawn (2001):

Os homens que se tornaram conhecidos por terem abalado o mundo de forma decisiva no passado tinham começado como reis, como Alexandre, ou patrícios, como Júlio César, mas Napoleão foi o “pequeno cabo” que galgou o comando de um continente por seu puro talento pessoal...(…) Todo jovem intelectual que devorasse livros, como o jovem Bonaparte o fizera, (...) Todo homem de negócios (...) tinha um nome para sua ambição: ser (...) “um Napoleão das finanças” ou da indústria. Todos os homens comuns ficavam excitados pela visão, (...) de um homem comum que se tornou maior do que aqueles que tinham nascido para usar coroas. (HOBSBAWN 2001, p. 93-94).

Nas palavras desse autor, Napoleão foi apontado como um “*homem racionalista, curioso, iluminado, mas também discípulo de Rousseau o suficiente para ser ainda romântico do século XIX*”, figura que todo homem que rompesse com as tradições poderia identificar como seus sonhos, já que ele conseguiu instituir na Europa uma era, a Era Napoleônica, que de acordo com Nadai e Neves (1995, p. 147-149) foi a época em que Napoleão e as tropas francesas conquistaram a Bélgica e a Holanda.

Consta ainda em Nadai e Neves (1995) que as principais realizações de Napoleão foram a Administração pública. Na Economia criou o Banco Francês, estabeleceu as tarifas protecionistas e direcionou verbas na construção de obras públicas, para fortalecimento do comércio e da indústria; no Direito, Napoleão elaborou novos códigos que ficaram conhecidos como Código Napoleônico, consagrando as aspirações da burguesia; além disso, na Educação ele reorganizou o ensino francês, que passou a ter como principal missão a formação de cidadãos capazes de servir ao Estado, além de utilizá-la como meio de controle do comportamento político e social dos cidadãos.

Outra realização também importante de Napoleão de acordo com Nadai e Neves (1995) para nossos estudos além da Educação já mencionada foi à elaboração de um acordo que restabeleceu em 1801 a paz religiosa entre a Igreja católica e o Estado francês, cujo objetivo era fazer da religião um instrumento de poder político. Através desta Concordata, a Santa Sé na pessoa do papa reconheceria o confisco das propriedades da igreja, em troca do amparo do Estado ao clero. Por sua vez, Napoleão reconheceria o Catolicismo como à religião da maioria dos franceses, mas preserva para si, o direito de indicar bispos cujos nomes seriam depois confirmados pelo papa; assim normalizaria as relações entre Estado e Igreja que estavam rompidas desde a Revolução.

Segundo Nadai e Neves (1995), depois da trégua de Napoleão com a Igreja e de ter se tornado cônsul francês, e instituído o regime Império, com sua auto-coroação além de provocar uma série de guerras para expandir o domínio francês por vários países, inclusive contra Portugal, Napoleão decretou o Bloqueio Continental, fazendo com que o rei D. João VI de Portugal viesse instalar-se com toda a sua comitiva real no Brasil, e transformasse o panorama da colônia brasileira em todos os aspectos da vida social, econômica, política e cultural.

Entretanto, a expansão francesa repercutiu de maneira negativa em vários países europeus, inclusive na Bélgica; pois a política militarista de Napoleão começava a provocar a insatisfação, sendo contestada pela sociedade aristocrata européia, e pelos povos conquistados, dando origem a uma reação denominada restauração.

Essa reação originou o Congresso de Viena, um Comitê de quatro países (Inglaterra, Prússia, Áustria e Rússia) que buscavam restabelecer o princípio da legitimidade para a restauração dos governos tais como eram antes da revolução

francesa. Segundo Nadai e Neves (1995) apesar do princípio da legitimidade, o critério que valeu foi o estabelecimento do equilíbrio entre as potências, com a reorganização dos territórios europeus. Sendo que a Bélgica e a Holanda passaram a constituir os Países Baixos austríacos, sendo objetivo das a anexação e o controle dos rios Reno e do Scheldt, para evitar o avanço francês sobre a Bélgica.

A anexação da Bélgica e da Holanda fez com que ambos os países perdessem sua identidade nacional, porém a Bélgica, durante as revoluções de 1820 a 1848, restabeleceu sua independência, em 1830, com muitas lutas.

Vale ressaltar que as decisões do Congresso de Viena não foram aceitas pacificamente, mas sob a instituição religiosa, quando em 1815, o Czar Alexandre I buscou a Santa Aliança, para assegurar um compromisso de ajuda mútua entre as monarquias, em nome da religião e assim, combater a revolução onde ela ocorresse. Até porque,

as idéias religiosas não tinham mais força política. Porém, simbolicamente, o retorno à situação anterior à Revolução pressupunha reafirmar os princípios religiosos que haviam sido criticados e abolidos pelo racionalismo laico que fundamentou os ideais revolucionários. (NADAI e NEVES 1995, p. 149).

E como já referendamos anteriormente os homens vivem num *magma de significações imaginárias* instituído pela apresentação, representação e re-presentificação da religião. Esse contexto permite entender o porquê da busca das forças políticas através da religião por Alexandre I, para acalmar os reis, os súditos e as decisões do Congresso.

Todavia precisa-se entender que as relações entre o Estado e a Igreja na França têm origem nos ideais revolucionários que culminaram em novas revoluções na Europa entre 1820 e 1848, que podem ser identificados em três ondas no mundo ocidental; a primeira entre 1820-1824 que se caracterizou por reações liberais contra o reacionário absolutista, compreende movimentos europeus e americanos; a segunda onda entre 1829 - 1834, tendo o ano de 1830 como o mais significativo, pois é nessa fase que toda a Europa, a Oeste da Rússia, e os Estados Unidos foi afetada; sendo, a última fase, a maior de todas elas, em 1848.

Mas, não só as revoluções políticas e ideológicas marcaram a vida ocidental, houve também a revolução industrial, que evidenciou as diferenças de classe e, conseqüentemente, aflorou o surgimento da “*ação conjunta de homens, a partir de*

uma determinada visão de mundo, objetivando a mudança ou a conservação das relações sociais numa dada sociedade” segundo Tomazi (1993, p. 216).

Essa ação conjunta, referendada por Tomazi (1993, p. 223), é o que denomina movimento social e que para existir necessita de alguns elementos constitutivos tais como o projeto, a ideologia e a organização. Segundo o autor, é no século XIX com a Revolução Industrial que insurgiram os primeiros movimentos operários em prol da melhoria dos salários ou pela redução da jornada de trabalho. Assim, *“o movimento operário nasceu (...) sob as condições aviltantes à dignidade humana, no que se refere à habitação, saúde e alimentação, sem falar na educação, que praticamente inexistia”*. Neste contexto havia necessidade de uma instituição que acalmasse os ânimos exaltados da massa que reivindicavam seus direitos.

Mas, a compreensão de nosso objeto exigiu também um breve olhar na história da Igreja Católica por ser uma instituição basilar na formação e instituição de várias sociedades, como a brasileira. Pois, ela desde a sua criação sempre se materializou através dos desejos e afeto até então, somente imaginados pelo homem.

Assim foi que a Igreja Católica, com força de uma instituição social, está no “mistério do absoluto”; que, segundo Dempsey (1966), é a competência da religião e tem como objeto Deus e as relações do homem com Deus.

Esse absoluto compreende um ensinamento teórico sobre *“a natureza e a atividade divina, sobre a natureza e o destino do homem e uma série de preceitos que lhe regem a conduta”*; que abrange um *magma de significações imaginárias* no qual o ser humano, como instituição “psicossomática e social”, dá significado às convicções e aos seus sentimentos mais íntimos, nas relações sociais e políticas.

Valendo-se da função que lhe é conferida, a Igreja Católica buscou acomodar o homem no século XIX, do caos em que vivia, após a Revolução Industrial, com o simulacro de Doutrina Social.

Para Schully e König (1994) a Doutrina Social é um conjunto de concepções e orientações sócio-políticas, econômica e cultural da sociedade, que teve como finalidade promover e libertar o ser humano na totalidade terrena e transcendente, para a construção do Reino definitivo.

As concepções e orientações da Doutrina Social apontam ações da Igreja Católica na área da Educação através da relação com o Estado. Assim, segundo Tambara (2004), a Igreja utilizou uma das formas mais eficazes e tradicionais de comunicação com os fieis e, com a sociedade em geral, a epistolar. Para ele, a igreja

se utiliza das encíclicas papais e das cartas pastorais episcopais, para disseminar nas sociedades as *significações imaginárias* necessárias à manutenção de seu poder social.

Segundo Tambara (2004), as epístolas abordam assuntos que merecem atenção do episcopado e do vaticano, a cada século; por exemplo, no XIX, os temas eram sobre o “comunismo, o matrimônio e a educação”.

Por isso, há necessidade de se referir a alguns papas da Igreja católica, porque eles escreveram encíclicas que fomentaram missões evangelizadoras e educativas entre 1896 a 1940, período que compreende a expansão das atividades da Instituição Vicentina de Gijzegem (IVG) da Bélgica ao Brasil; depois de Olinda ao Estado de São Paulo, onde permaneceram até 1929, quando chegaram às terras sul do Mato Grosso, hoje, Mato Grosso do Sul.

Tal busca histórica se justifica para elucidar quanto às indagações da pesquisa, sobre as possíveis relações entre o Estado, a Igreja e a Educação na época em que a IVG adentrou na região de fronteira sul do Mato Grosso do Sul, em meados do século XX. Pois, o entendimento desse fenômeno social não se dá sem um conhecimento e a compreensão de sua essência.

Assim, a leitura sobre as teorias, que justificam a criação do Estado Moderno enquanto Instituição social permite compreender as relações políticas, religiosas e educativas entre Estado, Igreja e Educação que se refletiu no século XVIII e XIX.

Algumas respostas encontradas pela pesquisadora esclarecem como essas relações foram fortalecidas pela IVG no Brasil, através das atividades educativas desenvolvidas na região lócus da pesquisa. Pois, sabe-se que tanto o universal incluiu o particular quanto o particular incluiu o universal, enquanto essência que institui e também se faz instituída, além de elucidar a contribuição da IVG à religiosidade presente nas mulheres da região de fronteira, indagação primeira desse trabalho.

A compreensão se houve a instituição de um entrelaçamento de relações entre o Estado, a Igreja e a Educação, para a criação da congregação IVG na Bélgica, através de sua fundadora, e a expansão à história da Educação nos Séculos XIX e XX, será elemento fundamental para entender se isso interferiu na instituição da sociedade brasileira que se apresentou na região de fronteira sul do Mato Grosso do sul lócus da pesquisa.

2.1 - A RELAÇÃO HISTÓRICO-SOCIAL ENTRE AS INSTITUIÇÕES ESTADO E IGREJA

Este tópico tem como objetivo apresentar a relação entre o Estado e a Igreja e os acontecimentos na Europa, no século XIX, procurando compreender o momento social histórico, em que a instituição IVG foi criada em Gijzegem, na Bélgica, e os motivos que a fizeram expandir suas atividades ao Brasil e, conseqüentemente, ao Mato Grosso, através da Educação à instituição da sociedade fronteiriça, que é apresentada como o ponto de partida das indagações, em referência às mulheres com hábitos excessivos à religiosidade católica, o objeto dessa pesquisa.

Assim, partiu-se à interrogação sobre as Instituições Sociais, Estado, Igreja e suas relações, motivo pelo qual houve a necessidade da contextualização do objeto a partir das transformações no século XIX, na Europa. Inicia-se o entendimento, explanando sobre a Igreja Católica, instituição que esteve, por longos anos, interferindo na vida social dos homens e das mulheres, determinando seus comportamentos, valores éticos, estéticos e morais.

Para isso, houve uma reflexão sobre o homem, ser que sempre se utilizou da criatividade para suas criações sociais através da psique, e que criou a Igreja Católica como representante da sua religião, e vem utilizando – a como representação de seus afetos e desejos, para alcançar o mundo ideal e espiritual. Antes, esse homem serviu-se de seres divinos para fortalecer o simbólico, através do imaginário, com o passar do tempo, porém, ele criou a religião para sustentar suas crenças humanas; contudo, a apresentação e a existência dessa religião se fazem através da Igreja, uma instituição social humana, que segundo Emmanuel Kant, deve ser entendido como uma instituição criada para satisfazer as necessidades do homem. É preciso pensar e entender a Igreja, enquanto uma instituição que representa segundo KANT (2005, p.97) “o reino (*moral*) de Deus na terra, na medida em que isso possa ser realizado por meio dos homens”.

Através da *imaginação radical* e da *imaginação social* o homem, na sua existência, recorre à religiosidade para solução ou acomodação de questões sociais, ou ainda, para justificar ações no público ou privado, com atitudes políticas, herança da antiguidade clássica. Confronte-se, em relação a tal fato, o pensamento dos Pré-socráticos quanto ao sentido político da religiosidade. Segundo Souza et. all (1999,

p.08) “a racionalização do divino conduz a uma religiosidade “exterior” que mais convém ao público a que se dirigem (...): a de sentido político, que servirá para justificar as tradições e instituições da Cidade-estado”.

Essas reflexões nos estudos voltaram - se para as questões quanto à Instituição Social Estado, para entender onde e como se iniciaram as relações entre o Estado e a Igreja, que transpassou o tempo e instituiu a história de muitos países, em foco o Brasil. Essas relações foram instituídas através de um *magma de significações* entrelaçadas pelo Estado, e pela Igreja; e que se refletiu se na Política Educacional Brasileira, em meados do século XX, e que, possivelmente, tenha papel relevante na instituição da sociedade fronteiriça, no Sul do Mato Grosso do Sul, por meio das atividades da IVG, pois se verifica que muitas pessoas, cuja formação aconteceu na região, têm forte tendência às funções políticas, sociais, educacionais e religiosas na sociedade brasileira, além de doutrinar a crença religiosa a muitas mulheres fronteiriças ao catolicismo.

Pautando-se nessas indagações, valem-nos de Engels, (2005, pp. 107 -116) que explica a origem do Estado como uma instituição social criada na antiga sociedade gentílica, época em que o Estado como o entendemos hoje, começou a ter significado coletivo de representação de “todos”. Assim, iniciou-se também a necessidade de alguém ser ensinado e educado para ser o governante, o chefe ou o líder, dessa instituição, tendo a educação um papel primordial desde as primeiras civilizações no processo formativo e sistemático, que cumprirá com a prática na “tradição inventada”¹⁴ pelo Estado. Foi a partir da instituição gentílica que ocorreu a separação entre bens públicos e os bens privados, característica que foi reforçada na formação do Estado Moderno e que perdura até os dias de hoje.

O nosso estudo demandou, ainda, uma concepção antropológica da instituição social Estado, o que nos reportou a Krader (1970). Segundo ele, a gênese do Estado teve várias maneiras, como se pode constar na descrição:

O Estado não tem uma única origem, mas muitas. Ele se originou de maneira independente em vários lugares e em diferentes épocas. Surgiu de diferentes formas: por conquista externa, pelo desenvolvimento

14 Termo utilizado por HOBBSAWM (1984, p. 9) que inclui tanto as “tradições” realmente inventadas, construídas e formalmente institucionalizadas, quanto as que surgiram de maneira mais difícil de localizar num período limitado e determinado de tempo _ às vezes coisa de poucos anos apenas - se estabeleceram com enorme rapidez.

interno, e por ambos, desenvolveu-se num território, de combinações de relações territoriais e consangüinárias. (KRADER 1970, p.166).

Nesse entendimento, o Estado, enquanto forma unitária com traços comuns em todas as suas variações exigiu da humanidade o desenvolvimento de um sistema de governo para os grandes grupos de pessoas - tanto sociedades simples quanto complexas, e assim também a tarefa de educar esses governantes.

Esse sistema de governo pode ser entendido, segundo Hobsbawm (1984, p. 17) pelas “tradições inventadas” que legitimam a nação, através de três categorias:

aquelas que estabelecem ou simbolizam a coesão social ou as condições de admissão de um grupo ou de comunidades reais ou artificiais; b) aquelas que estabelecem ou legitimam instituições, status ou relações de autoridade, e c) aquelas cujo propósito principal é a socialização, a inculcação de idéias, sistemas de valores e padrões de comportamentos. Embora as tradições dos tipos b) e c) tenham sido certamente inventadas (como as que simbolizam a submissão à autoridade na Índia britânica), pode-se partir do pressuposto de que o tipo a) é que prevaleceu, sendo as outras funções tomadas como implícitas ou derivadas de um sentido de identificação com uma “comunidade” e /ou as instituições que a representam, expressam ou simbolizam, tais como a “nação”.

Essa afirmativa de Hobsbawm (1984) reforça a idéia de que a “*espécie humana sobrevive, criando a sociedade e a instituição*”, o que para Castoriadis constitui as *significações imaginárias sociais*.

O Estado, como instituição social, funciona, assim, para tornar o ser humano controlado e civilizado, pois é através das leis e das ações do Estado que se assegura uma organização e uma coesão social.

Nessa perspectiva, o Estado, enquanto instituição social tal como a Igreja, tem o objetivo de atender às necessidades sociais de uma sociedade ou de um grupo da sociedade, como nos indica Castoriadis (1987). Segundo ele, as Instituições sociais existem para atender não só as necessidades sociais, primárias dos homens – comer, vestir, morar – mas outras que vão sendo criadas durante a convivência. Desta maneira tudo que envolve o ser e o fazer dos homens, socialmente, exerce fascínio e influência sobre eles, como é o caso da religião.

Essa questão sobre a atração do social sobre os homens reforça, por exemplo, a religião, que em diferentes sociedades, se traduziu em práticas que revelaram valores sociais considerados indispensáveis para a vida social, tais como a “*obediência às leis e prescrições religiosas, ações solidárias, ritos e cerimônias*”

cheias de simbolismos culturais”. Além de outras ações comportamentais individuais e coletivas que são regidas por impulsos humanos, provando assim, o quanto o social pode atrair o homem seja para expressar a religiosidade, seja para atender os apelos do consumo material.

Entende-se aqui o Estado como uma instituição da sociedade que permite a ela permanecer unida, através do *imaginário social*, instituindo normas e valores que, agindo como *magma* possibilita a construção de uma sociedade a sua maneira, em diferentes momentos, em que o *social-histórico* entendido a partir das *significações imaginárias sociais* para Castoriadis, (1987, P. 230) são, por exemplo: (...); polis, cidadão, nação, Estado (...).

Castoriadis (1987, p. 388-389) corrobora para a compreensão da Religião, como um *magma de significações imaginárias*, que exige a significação social para existir. Para ele a religião tem a função de reconhecer, apresentar/ocultar o abismo, fornecendo ‘respostas’ determinadas, figuradas, e coisificadas às questões nas quais se articula e se traduz a significação (...) nesse sentido a religião, às vezes, santifica, de um modo ou de outro, tanto sua própria origem como a origem da instituição da sociedade, constituindo pois, o núcleo da instituição da sociedade.

Assim, para entender a instituição Igreja católica, buscou-se o Cristianismo, doutrina que se consolidou e se estruturou como Igreja, a partir de reunião de pessoas, com objetivos comuns, em assembléias (palavra de origem grega, Eklesia), que se instituiu como “Católica”, que quer dizer, universal; criando, desse modo, a instituição Igreja católica como indica Cáceres (1993), no século I.

Durante o governo de Augusto, período em que o império romano foi invadido por concepções religiosas místicas provenientes do Oriente. Uma dessas religiões, o cristianismo, surgido na Galiléia, difundiu-se como religião das camadas populares, graças ao trabalho do apóstolo Paulo, seu brilhante organizador. (CÁCERES 1993, p.59).

De acordo com Cáceres (1993), o cristianismo como religião não só das camadas populares, mas como instituição social, teve início por volta do século IV d.C. No ano de 313, o Imperador Romano Constantino tornou o trono hereditário, utilizando “(...) *como suporte de sua dinastia a religião e o exército*”, começando assim, historicamente, o uso da religião no fortalecimento do poder político, a relação entre o Estado e a Igreja.

Nesse sentido, Cotrim (2002) afirma ainda que, apenas em 391 d.C, o Imperador Romano Teodósio tornou o cristianismo a religião oficial de Roma.

Segundo Cáceres (1993), houve períodos históricos em que ocorreram rompimentos nas relações entre o Estado e a Igreja, como o Cesaropapismo, que provocou o Grande Cisma com a divisão da cristandade em duas Igrejas: uma Ortodoxa e outra Católica Apostólica Romana.

Além do Grande Cisma, houve também a negação dos princípios católicos com o Monofisismo e a Iconoclastia que provocava a destruição das imagens, proibindo sua utilização, e para piorar ocorria a expansão da religião mulçumana; mesmo assim, a Igreja Católica se fortaleceu e superou as crises com o Estado, conservando sua identidade institucional e servindo de instrumento para a unificação política, no período da história medieval.

Esse olhar sobre onde e como surgiu a relação entre o Estado e a Igreja, permitiu entender que as instituições sociais, criadas pelo ser humano e institucionalizadas socialmente, mantêm, entre si, relações de interdependência; pois, quando ocorrem alterações em uma instituição social, esta pode acarretar mudanças maiores ou menores nas outras. Exemplo disso ocorreu na época em que foram instituídos os Estados Modernos.

Cáceres (1993) aponta que a criação dos Estados Modernos fez com que as relações entre o Estado e a Igreja se reiniciassem no final do período medieval, entre a burguesia, o clero, e a nobreza. Esse entrelaçamento de relações se consolidou com o rei, por meio das teorias políticas instituídas sob o poder divino, fortalecendo o seu poder político com o apoio da Igreja.

Apesar dos problemas que a Igreja enfrentava com a reforma protestante, ele sempre esteve consagrando as relações políticas entre o Estado e a sociedade, pois segundo Carnoy (1990), a religião é um elemento político para governar e também para poder ser governado.

A religião como *criação social-histórico da psique, da imaginação radical* junto do *imaginário social* é eficaz na união e na materialização das outras instituições sociais, neste caso, o Estado, a Educação e a Igreja. Ela sempre constituiu um *magma de significações* para o ser humano tanto em relação à autoridade temporal do rei quanto em relação à autoridade espiritual do papa, como se pode constatar nas palavras de Carnoy (1990, p.20).

(...) durante um longo período da história a lei divina definiu as relações entre os indivíduos, inclusive quem os governava e como eles deveriam ser governados. A lei divina vinha de uma autoridade superior, uma força sobre-humana, que estava acima e além da compreensão e controle do indivíduo e, mais ainda, dentro de cada pessoa, dando-lhe a possibilidade de uma compreensão e de um conhecimento completo.

Dessa maneira, a lei divina justificava as relações entre o Estado e a Igreja, no contexto dos chamados Estados Monárquicos fortalecidos pelos reis politicamente, por meio da união com a burguesia por interesses e centralização do poder, num território limitado, de maneira progressiva, fazendo com que vários reinos se constituíssem em países, com impostos, moedas, exércitos e justiça de abrangência nacional (*imaginário coletivo*).

É na época dos Estados Monárquicos Cristãos como Portugal e Espanha, no final do século XV, empreenderam um processo de colonização a América, que se pode verificar na História de vários países latinos, inclusive na do Brasil, como nos assinala Tauro (1986, p.53), afirmando que os europeus estavam,

bien engagés sur la voie maritime depuis le début du XV ème siècle, découvrant, explorant et colonisant des îles atlantiques et des enclaves en Afrique, les Portugais partirent vers la fin du siècle à la recherche des épices et de l'or des Indes. Leur 'aventure' avait lieu, bien entendu, dans une ambiance généralisée en Europe, ambiance favorable à l'ouverture au monde et à l'expansion des activités non seulement commerciales, mais également politico-économiques, religieuses et scientifiques. Le Portugal fit le premier pas dans ce qui deviendra une course coloniale internationale em liaison avec de nombreux facteurs¹⁵.

A expansão das atividades comerciais, políticas e econômicas esclarece por que, em 1549, o Brasil foi colonizado e teve uma história educacional voltada à educação cristã, cujo objetivo era o ensino aos gentios, sob os cuidados dos Jesuítas.

Segundo Saviani (1998), as relações entre a Política, a Educação e a Religião tiveram início com a chegada do governante Tomé de Souza, homem que representava a coroa portuguesa no Brasil colônia, sob comitiva de caráter religioso cristão.

15 T.N. Bastante engajados na via marítima depois do começo do século XV, descobrindo, explorando e colonizando as ilhas atlânticas e as faixas na África, os portugueses partiram no fim do século à procura das especiarias e do ouro das Índias. Sua "aventura" ocorreu, certamente, num ambiente generalizado na Europa, ambiente favorável à abertura ao mundo e à expansão das atividades não somente comerciais, mas igualmente político - econômicas, religiosas e científicas. Portugal deu o primeiro passo naquilo que se tornaria uma corrida colonial internacional em ligação com numerosos fatores.

(...) governador geral do Brasil chegou em 1549 trazendo consigo os primeiros jesuítas, cujo grupo era constituído por quatro padres e dois irmãos chefiados por Manuel da Nóbrega. “Eles vieram com a missão conferida pelo rei de converter os gentios” “Porque a principal coisa que me moveu a mandar povoar as ditas terras do Brasil foi para que a gente delas se convertesse a nossa santa fé católica” de modo que os gentios “possam ser doutrinados e ensinados nas coisas de nossa santa fé”. (SAVIANI 1998, p. 01).

Os jesuítas eram os defensores da fé e da Igreja Católica em todo o mundo, na época da Reforma Protestante, que se insurgiu na Europa e se espalhou por todo o mundo através dos processos de imigrações. A ordem foi fundada em 1534 por Inácio de Loyola, como um mecanismo contra o surgimento das novas religiões, que abalavam a supremacia política e espiritual da Igreja Católica.

Na época em que a Companhia Jesuítica foi criada, tanto os protestantes quanto os católicos começaram a utilizar a Educação para a proliferação de suas doutrinas religiosas; assim, o ensino se tornou um elemento instituinte das crenças religiosas, segundo Larroyo (1974, p.371-385).

Os jesuítas, porém não empreenderam somente atividades educacionais religiosas no começo do Brasil, mas também ações de “découverte, exploration, pillage, conquête com o início da exploitation excessive du bois-brasil¹⁶”. Nessa perspectiva, a Educação Brasileira foi um dos elementos mais importantes para o *social - histórico* brasileiro, sob os cuidados dos Jesuítas por mais de 200 anos, porém, por questões socioeconômicas e políticas divergentes da coroa portuguesa, estes instrutores, em 1759, foram expulsos das terras brasileiras, sob a atuação do Ministro Marquês de Pombal.

A expulsão os Jesuítas não conseguiu desfazer um canal religioso na identidade brasileira, o qual possibilitou o projeto educacional da IVG, em Olinda em 1896, e em meados do século XX, uma nova empreitada na instituição da Sociedade fronteiriça, na região lócus da pesquisa, com o ensino primário.

Essas reflexões e essa compreensão perpassaram a instituição, os Estados Modernos, período em que a Igreja se reafirmou sob a teoria absolutista, tendo como base as idéias de Thomas Hobbes, quando o Estado passa ser Soberano na “*realização máxima de uma sociedade civilizada e racional*”. (Para melhor

16 T.N. descoberta, exploração, pilhagem, conquista com início da exploração excessiva do pau brasil.

compreensão sobre as teorias do Estado Moderno sugere-se leitura de Carnoy (1990).)

Castoriadis (1987) permite-nos entender que os homens, na maior parte do tempo, não se reconhecem como fontes de suas ações, responsáveis por criações social-históricas, o que os leva à necessidade de se apresentar por meio de *significações imaginárias*, invocando a Deus, os deuses, os heróis, ou outras fontes para justificar seus comportamentos e a sua própria existência e ou sua sobrevivência. Assim, Estado e Igreja aparecem tendo, conseqüentemente a Educação, um simulacro dessa apresentação.

Por meio do autor já citado, é possível interpretar as relações entre religião (Igreja católica) e política (Estado) desde a essência, passando pela época Antiga, Medieval, chegando à Era Moderna e até à contemporaneidade, cuja fez reflexão na instituição da sociedade brasileira, em especial na região de fronteira sul do Mato Grosso do Sul, è, ainda hoje, é expressiva na religiosidade das mulheres fronteiriças.

2.2- AS REVOLUÇÕES: INSTITUIÇÕES SOCIAIS, ESTADO E IGREJA

As Revoluções entre 1789 a 1848 são mister para a compreensão do contexto da Bélgica, tanto para o seu desenvolvimento sócio-cultural, como para a política, pois foi em 1830 que ela obteve sua Independência, e seu estudo é relevante por ser lócus da instituição religiosa IVG, congregação feminina, objeto das indagações sobre a religiosidade das mulheres fronteiriças, na fronteira do Mato Grosso do Sul.

Cáceres (1993) e Cotrim (2002) informam que no período de domínio napoleônico as relações entre a Igreja e o Estado foram reatadas, em 1801, por meio de uma concordata assinada com o papa Pio VII. Napoleão, em 1802, elaborou uma constituição dando a si mesmo amplos poderes para controlar a França. Tornando-se primeiro Cônsul, ele escolhia os ministros e os membros do Conselho de Estado, centralizando a política - administrativa. Neste período, foi redigido o Código Napoleônico por um corpo de juristas, que inspirado no Direito Romano, influenciava todo o ocidente.

Ainda segundo Cáceres (1993), no período do Consulado, Napoleão estabeleceu uma *Reforma no Ensino, tornando a Educação responsabilidade do*

Estado e adequando - a ás necessidades nacionais. Ele criou os liceus, uma espécie de internatos responsáveis pela formação dos futuros oficiais do exército ou ocupantes de altos cargos civis, enfatizando, principalmente, o ensino superior, como as escolas de Direito, Política e Técnica Naval.

Na época do Bloqueio Continental, a família real Portuguesa exilou - se em terras brasileiras em 1808, fugindo da invasão napoleônica, uma vez que Portugal era aliado da Inglaterra, por questões econômicas. Esse exílio fez com que o Brasil se tornasse uma Monarquia Constitucional, com muitas mudanças em diversos setores da vida social na instituição de uma sociedade por meio do social-histórico. (Ver mais em Tauro (1986, p. 293 – 351)).

Entretanto, não só a Revolução Francesa e a Era Napoleônica trouxeram ao mundo mudanças na política e na educação, mas também a Revolução Industrial e as revoluções burguesas entre 1820 a 1848; que, segundo Hobsbawm (2001, p. 17) corresponde ao período chamado “dupla revolução” entre 1789 -1848. Essa dupla revolução marcou de tal modo o mundo que este nunca mais foi o mesmo; a Revolução Industrial passou a ser a maior e mais conhecida revolução, repercutindo na vida socioeconômica da humanidade, com novas técnicas e aumento de produção e por que não dizermos, nas questões de educação.

Para Hobsbawm (2001) essa “dupla revolução” constituiu-se na “(...) *maior transformação da história desde os tempos remotos quando o homem inventou a agricultura e a metalurgia, a escrita e o Estado*”. Dentre as transformações na vida social européia, constatam-se a criação de uma instituição religiosa feminina na Bélgica, em meados do século XIX, que veio ao Brasil por volta 1896 e com atividades educativas influenciou na instituição da sociedade brasileira, seja com a educação formal seja com a educação religiosa.

A Revolução Francesa foi um fato histórico importante para o contexto da sociedade belga, em especial, para aquela que fundou a congregação das Irmãs Vicentinas de Gijzegem, senhora Elizabete de Robiano, de família nobre, aristocrata, cristã e católica, cujos privilégios, garantidos de geração em geração foram abalados com a queda do antigo regime. A perda dos privilégios da classe social de Elizabeth, na Europa, fez com que as classes desprivilegiadas pagassem altos impostos, em decorrência da crise econômica e agrária já existente. Além disso, questões sociais, desencadeadas pela Revolução Industrial, evidenciaram as más condições educativas na Bélgica.

A situação social na Europa, em especial na Bélgica, encontrava-se em um verdadeiro caos, em meados do século XIX; não só por causa das revoluções Francesa e Industrial, mas também por causa das Revoluções de 1820 a 1848, dos chamados movimentos operários, e dos nacionalistas, que motivaram a Independência em 1830. (Para saber mais sobre a Revolução Francesa ver Eric Hobsbawm (2001)).

A classe operária começa a enfrentar grandes problemas no início do século XIX, originários da Revolução Industrial, que a estimulou aos vários movimentos trabalhistas e burgueses, na Europa, em prol de melhores condições de vida, de trabalho e inclusive de Educação. Dentre esses se destaca o Movimento Luddista, com a destruição de máquinas em 1811; a Lei de Livre Associação, aprovada pelo parlamento Inglês em 1824; A Lei dos Pobres em 1834, o Movimento Cartista; O programa de 6 pontos de 1836; A Associação dos Trabalhadores de Londres em 1838; A fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT) em 1864. Em 1886, a manifestação pacífica de desempregados se transformou em um ataque à propriedade, à riqueza e aos privilégios, com a quebra de vitrines, tombamento de carroças e assaltos.

Aos poucos, os movimentos reivindicatórios foram canalizados e ganharam autonomia, pois os operários, reconhecendo a sua situação, desenvolveram diferentes formas de organização, na Inglaterra, como as Uniões Operárias - trade unions, instituição de auxílio mútuo, assistencialista, cujo objetivo era ajudar nas questões econômicas e nas reivindicações por melhores condições de trabalho; mas no final do século XIX, na Inglaterra, na França e nos estados Unidos, as trade unions constituíram os sindicatos que passaram a ser instituição representativa dos trabalhadores, organizadores de suas lutas.

Entre as organizações operárias da primeira metade do século XIX, destacou-se o Movimento Cartista na Inglaterra, e em Londres foi criada a Associação de Operários para lutar pelo sufrágio universal. Foi essa associação que elaborou uma Carta do Povo ao parlamento, solicitando o sufrágio universal.

Mas foi, no final do ano de 1848, que o pensamento socialista, criação dos homens, tornava-se vigoroso, criando condições para uma ideologia no *imaginário coletivo* dos trabalhadores, e a crença na luta de classes e na ditadura do proletariado. Surgiu, assim, o socialismo científico com seus representantes mais expressivos, Karl Marx e Friederich Engels, criadores das organizações como a Liga Comunista em

1847, a Associação Internacional dos Trabalhadores e a I Internacional em Londres em 1864, em que redigiram um Manifesto de Constituição, incorporando as idéias contidas na obra Manifesto Comunista, escrito por eles em 1848.

Segundo Hobsbawm (2001) depois de 1830 o movimento em favor da revolução se dividiu e uma serie de implicações como os movimentos nacionalistas conscientes, dentre os quais os que melhor simbolizam a evolução destes movimentos, são os chamados “jovens” fundados ou inspirados em Mazzini, como a Jovem Itália, Polônia, Suíça, Alemanha, França, Irlanda e os subseqüentes como Jovens Tchecos ou Turcos, cujos membros pretendiam uma fraternidade de todos, libertando - se simultaneamente. Cada um buscando justificar sua preocupação com sua nação através da adoção do papel de Messias de todos. Todavia a sociedade contava com um elemento muito forte à intranqüilidade social, a religião.

Hobsbawm (2001, p. 251) afirma que as classes médias, vindas das massas, utilizavam-se da religião como um amparo moral poderoso,

uma justificativa para sua existência social contra o desprezo e o ódio da sociedade tradicional, e um mecanismo de sua expansão. Quando sectaristas, a religião os libertava dos grilhões daquela sociedade. Dava a seus lucros um título moral maior do que o do mero interesse próprio racional; legitimava sua aspereza em relação aos oprimidos; unia-os ao comércio que proporcionava civilização aos pagãos, e vendia os seus produtos.

Dessa maneira a religião favorecia uma estabilidade social à classe média além de servir de ópio ao povo, segundo Marx in Hobsbawm (2001), Uma vez que os sentimentos religiosos eram indispensáveis à organização política contra a revolução.

Para Hobsbawm (2001, p. 152), o nacionalismo não se limitava aos membros das fraternidades revolucionárias, mas ao descontentamento dos proprietários menores; gerando o surgimento de uma classe média e até de uma classe média inferior em inúmeros países, tendo como porta-vozes, em grande parte, intelectuais profissionais.

Os interesses empresariais eram, às vezes, o carro-chefe do nacionalismo, como na Bélgica, onde uma pioneira comunidade industrial considerava-se, duvidosamente, desafortunada sob o domínio da poderosa comunidade mercantil holandesa, à qual tinha sido presa em 1815. (id bid, p. 153 – 154).

Apesar de muitos dos proponentes do nacionalismo serem das classes educadas, a exemplo da Bélgica, havia exceções entre lombardos e piemonteses, italianos e até mesmo da Grã-Bretanha, da França e da própria, Bélgica revelando um número relativo de 40 a 50% de analfabetos participantes, na década de 1840. Entretanto, para Hobsbawm (2001), o analfabetismo não constituiu obstáculo à consciência política. Mas, este poderia ser equacionado pela religião.

Equacionar o nacionalismo com a alfabetização não significa que a maioria, digamos, dos russos, não se considerasse “russa” quando confrontada com alguém ou alguma coisa que não o fosse. Contudo para as massas em geral, o teste de nacionalidade ainda era a **religião**¹⁷: o espanhol era definido por ser católico, o russo por ser ortodoxo. (HOBSBAWM, 2001, p. 156).

É possível entender o que Hobsbawm (2001) diz quando se compreende a religião como uma instituição de complexa *rede de significações imaginárias*, pois segundo Castoriadis (1987) o homem sempre recorreu à religião presente no imaginário na instituição das sociedades para dar significações necessárias à política.

Hobsbawm (2001) nos mostra também que a religião sempre foi um elemento forte para o *imaginário coletivo*, pois é um antigo e experimentado método de estabelecer uma comunhão através de uma prática comum entre as pessoas que nada teriam em comum, e assim fortalecer o nacionalismo em muitos Estados-Nação no mundo.

As religiões tribais atuam pouco sobre as modernas nacionalidades, mas que as religiões mundiais que foram inventadas entre o século VI a.C. e o século VII d.C. são universais por definição e, portanto, pensadas para escamotear as diferenças étnicas, lingüísticas e políticas dentre outras. (HOBSBAWM, 2001 p.156).

Como se pode constatar segundo Hobsbawm (1990) a religião católica por ser universal tem como característica esconder as diferenças étnicas, lingüísticas e políticas porque servem a interesses no *imaginário coletivo*. Na idéia desse autor, a religião é um elemento de eficácia para a construção das Nações no século XIX.

A religião é um cimento paradoxal para o protonacionalismo e também para o nacionalismo moderno, que, comumente, a considerou com muita

17 Grifo nosso.

reserva (pelo menos nas suas fases mais militantes) como força que poderia desafiar o proclamado monopólio da “nação” diante da lealdade de seus membros. (HOBSBAWM 1990, p. 84).

Em 1871, o socialismo agiu como *magma de significações imaginárias*, num dos mais importantes movimentos populares, a Comuna de Paris, que apesar de reprimida e derrotada ficou na história como uma amostra de *criatividade coletiva*, por ser a primeira manifestação da força proletária autônoma da história.

A Igreja católica se manifesta contra as ciências positivas que provocava o rompimento entre fé e ciência, durante o século XIX; e talvez por isso, em 1896, num contexto das ações da Doutrina Social da Igreja Católica Romana, a IVG chega à cidade de Olinda, no Pernambuco.

Mas afinal o que se entende por Doutrina Social da Igreja e qual é o seu significado?

Trata-se de um conjunto de concepções e orientações relativas ao funcionamento sócio-político, econômico e cultural da sociedade, cuja elaboração tem como fonte a Sagrada Escritura – em especial o Evangelho –, os escritos apostólicos, a Tradição dos Santos Padres da Igreja dos primeiros séculos do cristianismo e os diferentes pronunciamentos magisteriais – especialmente as Encíclicas Sociais. (HANS 1994, p. 09 -10).

Desse modo, para compreender alguns motivos da chegada das IVG ao Brasil, reportar-nos-emos à reflexão corroborada por Sigrist (1998), de que a Igreja é uma instituição social que se encontra instituída nas sociedades através da cultura e da vida, nas “relações sociais instituídas, simbolizadas e sancionadas”, assim, a partir do social histórico das sociedades, neste caso, da sociedade brasileira.

Vale lembrar que a Doutrina Social, no século XX da Igreja Católica interferiu em diversos assuntos políticos e econômicos de vários países da América Latina, inclusive no Brasil nos conflitos sociais, originários da miséria e das condições sociais, produtivas das sociedades e nações industriais, que foram encampadas pela Igreja Católica por meio da Encíclica do Papa Leão XIII.

Em seguida, nosso olhar foi direcionado à Primeira Guerra Mundial, iniciada em 1914, à Revolução Russa de 1917, pois estes fatos provocaram impactos na Bélgica, e no mundo, e conseqüentemente, no Brasil. Entretanto, para compreender a IVG na região fronteira entre o Brasil e o Paraguai no Mato Grosso

do Sul, por volta da década de 1930 e 1940 do século XX, foi imprescindível uma atenção ao período entre – Guerra e o “Crash” de 1929 nos EUA, uma vez que estes acontecimentos tornaram possível, de certa maneira, a instalação da Congregação em terras sul mato-grossenses.

Desta maneira buscar-se-á compreender a IVG a partir de uma breve descrição da história da Igreja Católica, através dos papas e de suas encíclicas, desde o ano do nascimento da fundadora da Congregação IVG, época em que foi suprimida a ordem dos Jesuítas em 1773, até a expansão da congregação às terras sul fronteiras do MS.

2.3 - IGREJA CATÓLICA: PAPAS E ENCÍCLICAS

Neste tópico buscamos de maneira sucinta recordar a história da Igreja Católica a partir da figura dos Papas e suas encíclicas, pois essa história permitirá entender a criação da IVG, seus objetivos educativos e sua expansão ao Brasil no final do século XIX.

Para tanto, deve ser referendada a figura do Papa Clemente XIV, que esteve no papado romano na ocasião do triunfo dos ideais iluministas, e do surgimento de reis déspotas esclarecidos, momento em que ocorreram os conflitos e as intrigas políticas entre a Igreja e o Estado, os quais provocaram, na época, o banimento e a desobrigação dos Jesuítas de seus votos religiosos, o fechamento de seus colégios em todo o mundo, inclusive no Brasil, cujos reflexos se fizeram sentir na Bélgica.

Segundo Pirson (s/d) em função das medidas de Clemente XIV, a família de Elizabeth, fundadora da IVG, hospedou alguns ex-jesuítas em sua residência, o que não só mudaria a História da Educação na Bélgica, mas também no Brasil.

Tambara (2004) afirma que existia um consentimento em relação a ação do Papa, “como o pai comum” com o episcopado e com a humanidade nas dioceses, através da “sollicitude omnium Ecclesiarum” ou seja, o ‘cuidado de todas as Igrejas’. Cujas relações eram consolidadas pelas encíclicas e cartas papais.

(...) uma das formas mais eficazes e tradicionais de comunicação da Igreja Católica com seus fieis e, mesmo em relação à sociedade em geral, foi a epistolar. Nesta área, destacaram-se, na hierarquia da Igreja, as encíclicas papais e as cartas pastorais episcopais. (TAMBARA, 2004).

Mas o Papa Pio VII, eleito em Veneza após a morte de Pio VI, época da Revolução Francesa, contrariou a opinião de que não haveria mais Pontificado; e durante seu papado que ocorreu entre 1800 a 1823, a companhia Jesuítica consegue restaurar-se, ano no 1814, ano em que a Condessa de Lecandèle de Gijzegem, Elizabeth, criou a IVG.

Segundo Matos (2005), foi Pio VI que lutou contra as decisões e determinações de Napoleão Bonaparte, provocando dessa maneira um rompimento entre o Estado e a Igreja, que se espalhou por todo o mundo. Segundo ele após a revolução francesa houve um profundo conflito entre a Igreja e o ideário republicano. Que fez com que Napoleão tomasse o poder e enfraquecesse o poder do papado, suprimindo a Igreja, na França. Por isso,

dois papas da época sofreram bastante nas mãos do novo regime. O primeiro foi Giovanni Angelo Braschi ou Pio VI (1775-1799). Em 1798, o exército francês ocupou Roma, proclamou uma república e declarou que o papa não mais era o governante temporal da cidade. Pio VI morreu no ano seguinte, virtualmente como prisioneiro dos franceses. Seu sucessor, Barnaba Chiaramonte, eleito papa Pio VII (1800-1823), inicialmente foi deixado em paz. Todavia, em 1808 Napoleão tomou a cidade de Roma e o papa foi feito prisioneiro por vários anos, até a queda do soberano francês em 1814. Pouco depois de retornar a Roma, Pio VI restaurou a Sociedade de Jesus. (MATOS, 2005).

Após a morte de Pio VII, que lhe sucedeu foi Leão XII entre 1823 – 1829, Que apesar de condenar as sociedades bíblicas, reorganizou o sistema educacional sob a influência dos Jesuítas. Foi também durante seu papado que se estabeleceu a relação entre a Igreja e o Estado que estava rompido, inclusive no Brasil, situação que perdurou até a Proclamação da República como nos indica Tambara (2004).

A relação entre Igreja e Estado no Brasil regeu-se até a Proclamação da República pelo sistema de padroado cujos privilégios, em 1827, (Bula Praeclara Portugalliae Algarbiorunque Regum) foram concedidos ao Império Brasileiro. Assim, plasma-se uma relação de continuidade do “status quo” anteriormente reconhecido a Portugal. Em resumo, esta concordata concedia ao Imperador o poder de aceitar ou vetar as orientações advindas de Roma. Entretanto, esta foi uma questão controversa em todo período Imperial. (TAMBARA , 2004).

A Leão XII foi que sucedeu Pio VII, seu pontificado ocorreu entre 1829 a 1830, a quem, são devidas as reformas sociais que marcaram os Estados

eclesiásticos, em particular, a Itália. Apesar de seu pontificado ter sido rápido, sua encíclica condenou as sociedades bíblicas e as secretas, como os Maçons.

Após o papado de Leão XII, o papa Gregório XVI, entre 1831 a 1846, experimentou diversas invasões e revoluções, inclusive a independência da Bélgica. Sua história é relevante, para este trabalho, pois, em 1825 ele foi nomeado cardeal, para redigir a concordata que garantisse tanto os interesses dos católicos da Bélgica quanto os interesses dos protestantes holandeses uma vez que em virtude do Congresso de Viena estes estavam unidos.

Apesar de ser considerado conservador em sua política, por ter proibido a construção de estradas de ferro nos territórios papais, incitou algumas missões da igreja católica.

Segundo Matos (2005) o Papa Pio IX assumiu o trono do Vaticano entre os anos de 1846 a 1878, após a morte de Gregório XVI, e fortaleceu muito a Igreja Católica, tendo seu pontificado perdurado por 32. Longos anos. Talvez isso explique os motivos que permitiram a ele restituir a hierarquia da Igreja católica na Inglaterra e na Holanda. Outra ação relevante para a igreja católica foi a divulgação do dogma da Imaculada Conceição ao mundo. Foi ainda em seu pontificado que ocorreram as reuniões do Concílio do Vaticano I, nas quais se aclamou o dogma de *infallibilidade do papa em questões de fé*; com isso o Papa adquire autoridade para decidir se algum assunto está ou não está em consonância com a Bíblia e com a tradição eclesiástica. Foi ele também que acabou com as leis que obrigavam os judeus a viverem em Guetos, e a desempenharem algumas ocupações profissionais, bem como de ouvirem homilia para se converterem ao catolicismo. Foi com ele no papado que os Estados Papais findaram sua existência, ocorrendo então a República Romana, e a instituição de uma constituição e de um parlamento, a partir da Unificação da Itália, em 1848, ficando com capital, a cidade de Roma.

Pio IX enfrentou um novo problema que foi o nacionalismo italiano e a luta pela unificação da Itália, até então subdividida em muitos principados, um dos quais eram os antigos estados pontifícios. Um desses líderes nacionalistas foi Giuseppe Garibaldi, que casou-se com a brasileira Anita Garibaldi. Em 1870, as tropas do novo Reino da Itália tomaram os estados papais e assim chegou ao fim o poder temporal dos papas, que havia atingido o seu auge no pontificado de Inocêncio III, no século 13. (MATOS, 2005).

Consta que mesmo perdendo seu poder político, Pio IX definiu suas prerrogativas na área religiosa, através da bula *Ineffabilis*, proclamando o dogma da imaculada concepção de Maria em 1854. Segundo Matos (2005), com isso Pio IX

foi o primeiro pontífice a definir um dogma por si mesmo, sem o apoio de um concílio. Dez anos depois, Pio promulgou a encíclica *Quanta cura* (1864) e seu famoso apêndice, o *Silabo de Erros*. Suas oitenta proposições condenaram explicitamente, entre outras coisas, o protestantismo, a maçonaria, a liberdade de consciência, a liberdade de culto, a separação entre a igreja e o estado, a educação leiga e, em geral, o progresso e a civilização moderna. Sua última grande realização foi o Concílio Vaticano I (1870), o qual, através do decreto *Pastor aeternus*, proclamou o controvertido dogma da infalibilidade papal. Essa infalibilidade ocorreria quando o papa fala "ex cathedra", isto é, no exercício oficial do seu cargo, definindo questões de fé e moral. Não por coincidência, isso ocorreu no mesmo ano em que a Itália anexou os estados pontifícios. (MATOS, 2005).

Ainda segundo esse autor, algumas encíclicas condenando as teorias que surgiam no século XIX, como o comunismo e as ações anticristãs. Através da Encíclica Quarta Cura ele listou 80 erros considerados principais para o nosso tempo, dentre os quais expressos no americanismo que pregava a “liberdade de religião e de pensamento, separação da igreja e do estado”. Na Syllabus, o 80º erro assinalado por Pio IX foi o de que o “Pontífice tem de se reconciliar e acordar com o progresso, liberalismo, e a civilização moderna”.

Para Tambara (2004) a relação Estado Igreja é uma questão que está subjacente ao processo de constituição do sistema de ensino. Ele ainda afirma que a Igreja em meados do século XIX procurou fixar um relacionamento político diplomático destinado a colocar as concepções ultramontanas como hegemônicas.

Foi Leão XIII, entre 1878 a 1903, através da encíclica *Immortale Dei* em 02 de novembro de 1885 que viabilizou a constituição cristã dos estados eclesiásticos. Além desta encíclica, Leão XIII ainda escreveu a *Libertas* em 1888.

De acordo com Matos (2005) a igreja católica só começou a ser favorável às transformações da modernidade com Leão XIII.

A Igreja Católica e seus pontífices começaram lentamente a aceitar o mundo moderno com o papa Leão XIII (1878-1903). Embora ainda marcadamente conservador, a ponto de declarar na bula *Immortale Dei* que a democracia era incompatível com a autoridade da igreja, ele deu uma série de passos construtivos no relacionamento com diversos governos europeus. Sua realização mais notável foi a encíclica *Rerum novarum* (1891), na qual expressou o pensamento social da Igreja e fez

uma corajosa defesa dos direitos dos trabalhadores no contexto da revolução industrial e do capitalismo em expansão. (MATOS, 2005).

Em 1896 com a *Bula Apostolicae Curae*, Leão XIII inseriu a idéia da subsidiaridade no pensamento social católico. Foi ele também quem garantiu que a ordenação de diáconos, padres e bispos nas igrejas anglicanas, incluindo a Church of England, não teria mais validade perante a Igreja.

Outra ação de Leão XIII foi a condenação à Maçonaria, e a classificação do americanismo como uma heresia, na carta *Testem Benevolentiae*, de 1899. Contexto este em que a IVG veio instalar - se em Olinda, no ano de 1896, e, posteriormente, em São Paulo, em 1897.

O papa Leão XIII é lembrado por historiadores e teóricos de várias áreas de conhecimentos por seus princípios econômicos, uma vez que sua encíclica de 1891, *Rerum Novarum*, tratou da matéria doutrinária em vários campos, como: os costumes, e o culto da doutrina social entre outros.

Por tratar nessa encíclica sobre os direitos e deveres do capital e do trabalho, ele escreve a todos os bispos do mundo sobre as condições das classes trabalhadoras, e demonstra que apoiava a organização operária, mas se mostrava contrário ao marxismo, e ainda rejeitava o socialismo quando defendia a propriedade privada.

A "Rerum Novarum", encíclica "sobre a condição dos operários" defendeu o dever do Estado em garantir os direitos dos operários, entre os quais sublinha a importância do seu direito de criar sindicatos para reivindicar a realização de seus legítimos interesses. Leão XIII não só rejeita o socialismo e responsabiliza o capitalismo pela questão social, mas propõe uma verdadeira política social que inspirou toda política social e trabalhista contemporânea. (PEQUENA ENCICLOPÉDIA DE DOUTRINA SOCIAL DA IGREJA).¹⁸

Esse Papa confiava que as soluções para os sofrimentos dos trabalhadores seriam através das ações advindas entre Igreja – Estado – empregadores - empregados. Por isso ele tratava das relações entre o governo, os negócios, o trabalho e a Igreja, na sua encíclica, propondo uma estrutura social e econômica diferente, a qual mais tarde se denominaria de corporativismo, sendo um de seus princípios a busca entre a vida industrial e a justiça social.

18 On line,

Segundo Carneiro (1999, p. 71 – 79), “durante o período de Leão XIII (de 1870 a 1900), a Europa assistiu a uma onda crescente de anti-clericalismo, pela difusão das idéias caras ao positivismo: valorização da ciência e do progresso”.

Tais idéias fizeram com que a Igreja Católica instituísse ações para a supremacia da Igreja e da religião católica. Segundo Carneiro (1999), foi assim que Leão XIII institucionalizou ações para apresentar a igreja católica e sua hierarquia para o mundo moderno, apoiando os sindicatos dos trabalhadores nas reivindicações salariais; porém muitos dos princípios da Encíclica Rerum Novarum foram extintas por encíclicas posteriores, como a Mater et Magistra, de 1961, de João XXIII.

Segundo Matos (2004) o Papa Pio X, sucessor de Leão XIII, atuou de maneira pastoral, dando início à codificação do Direito Canônico. Em seu papado ocorreu o laicismo, heresia de todas as heresias, atuando com muita força em várias tendências modernas, tanto nos estudos bíblicos como teológicos entre 1903 e 1914. Esse papa modificou também as liturgias, missa para os católicos, favorecendo a participação de todos na hora da Eucaristia e da comunhão, viabilizando o acesso das crianças à Eucaristia, desde que estivessem na “idade da razão”.

Com suas encíclicas provocou uma crise ao catolicismo na Europa, até resultou até na separação entre a Igreja e o Estado francês em 1870; porém apesar dessas crises, promoveu no mundo o estudo do catecismo e do canto gregoriano.

De acordo com Matos (2004) através do Codex Iuris Canonici, o Papa Bento XV buscou as relações de pacificação entre as diversas nações em conflito na primeira guerra mundial, entre 1914 - 1922, e ainda concebe uma reforma administrativa na igreja católica com o objetivo de organizar a igreja dentro de um sistema mundial.

Bento XV, sucessor do Papa Pio XI, foi aclamado por muitos como um pontífice ‘muito sábio, de grande energia e fé’. Consta que ele foi o criador do rádio, que veio ser instalado no Vaticano.

Em 1929, Pio XI (1922-1939) assinou uma concordata com o ditador fascista Benito Mussolini, o Tratado de Latrão, mediante a qual foi criado o Estado do Vaticano. Ele também apoiou o regime de Francisco Franco na Espanha. Mais problemática foi a concordata com Adolf Hitler em 1933, vista por muitos observadores internacionais como uma aprovação tácita do regime nazista. Todavia, em 1937 Pio XI publicou a encíclica *Mit brennender Sorge* (“com viva ansiedade”), contendo severas críticas ao nacional-socialismo. (MATOS, 2005).

Cabe enfatizar que foi durante o período em que Pio XI esteve no papado que a IVG expandiu suas atividades de São Paulo ao Mato Grosso atual MS, iniciando-se a instalação de suas atividades missionárias e educativas no município de Aquidauana; uma vez que foi ele o responsável por provocar as missões enquanto ação católica da doutrina social da Igreja entre 1922 a 1939. Segundo Tambara (2004) Pio XI disse que:

A educação cristã da juventude, dificultada e às vezes descuidada, aí como em outras nações, está agora seriamente comprometida por erros contra a fé e a moral e por calúnias contra a **Igreja** a qual se apresenta como inimiga do progresso, da liberdade e dos interesses do povo (CARTA AO EPISCOPADO FILIPINO, 1944, p. 964 in TAMBARA, 2004).

Consta que ao mesmo tempo em que eclodia a II Guerra Mundial, subia ao trono o pontifício como papa Pio XII (1939-1958), sendo nessa época que a IVG saiu de Bela Vista no antigo Mato Grosso, para se instalar, em 1944, no município fronteiriço de Ponta Porã.

Segundo Matos (2005), Pio XII

(...) tem sido severamente criticado por seu silêncio diante das atrocidades cometidas pelos nazistas contra os judeus, mesmo convertidos ao catolicismo. No campo doutrinário, ele proclamou o dogma da ascensão corporal de Maria (1950). Paradoxalmente, esse papa conservador tomou iniciativas que contribuíram para as grandes mudanças que viriam a acontecer na igreja após a sua morte. Ele incentivou o uso dos novos métodos de estudo bíblico através da encíclica *Divino afflante Spiritu* (1943), bem como valorizou e estimulou as igrejas localizadas fora da Europa. (MATOS, 2005).

A política de Pio XII não foi neutra como a maioria dos papas, em período de guerra, pois ele desenvolveu uma “campanha de apoio aos judeus”, em 1943, quando os nazistas invadiram Roma. Ele abriu a Santa Sé aos refugiados, concedendo a cidadania do Vaticano a mais o menos 1.500.000 pessoas. Os seus críticos não o perdoam pelo fato de ter mantido silêncio ao não falar publicamente contra o nazismo durante a guerra, apesar de o papa buscar a paz e o alívio da Segunda Grande Guerra, em todo o mundo, com mensagens radiofônicas e escritas a todo o povo.

Na época em que o Papa João XXIII, esteve no pontificado, mostrando-se preocupado com a diocese Romana, entre 1958 – 1963, as irmãs da IVG passaram a usar um hábito mais leve no Brasil em virtude do clima.

A maneira simples de João XXIII levou à convocação e à reunião do Concílio Vaticano II, mudando de vez a vida da Igreja católica no século XX, em todo o mundo.

Segundo Matos, (2005), o período em que João XXIII esteve no pontificado foi

um dos períodos mais extraordinários da história da igreja e do papado teve início com a eleição do idoso cardeal Angelo Giuseppe Roncalli como papa João XXIII (1958-1963). Convencido da necessidade de uma ampla atualização (*aggiornamento*) da igreja, ele convocou o Concílio Vaticano II, formalmente instalado no dia 11 de outubro de 1962. Esse importante concílio, que teve expressiva participação de bispos do terceiro mundo, aprovou resoluções sem precedentes nas áreas de renovação litúrgica, preocupação com os pobres e diálogo interconfessional. As duas últimas preocupações já haviam sido expressas respectivamente na encíclica *Mater et Magistra* e na criação do Secretariado para a Promoção da Unidade Cristã.

O sucessor, de João XXIII segundo Matos (2005), foi o cardeal Giovanni Battista Montini (Paulo VI, 1963-1978), embora mais contido do que João XXIII, deu prosseguimento ao Concílio Vaticano II, no interesse de "construir uma ponte entre a Igreja e o mundo moderno". A "Constituição Pastoral sobre a Igreja no Mundo Moderno" foi o documento mais longo já produzido por um concílio e contrariou profundamente com certas ênfases o documento do século anterior. Paulo VI também publicou a contestável encíclica *Humanae vitae* (1968), que proibiu aos católicos o uso dos métodos de controle artificial da natalidade.

De acordo com Matos (2005), a sucessão de Paulo VI, ocorreu com a eleição do último papa do século 20, em 1978, o polonês João Paulo II (Karol Jozef Wojtyła), primeiro papa não-italiano desde o século 16.

Sua atuação corajosa contribuiu para a derrocada do comunismo em sua pátria e no leste europeu. Em 1981, ele sobreviveu a um grave atentado na Praça de São Pedro. É também o papa que mais se deslocou pelo mundo afora, tendo feito quase uma centena de viagens internacionais. Dotado de sólido preparo intelectual, tem publicado inúmeras encíclicas, abordando temas éticos, sociais e teológicos: *Redemptor hominis* (1979), *Dives in misericordia* (1980), *Sollicitudo rei socialis* (1988), *Veritatis splendor* (1993), *Evangelium vitae* (1995), *Ut unum sint* (1995). Por outro lado, representa um recuo conservador em relação aos seus predecessores,

como ficou evidenciado na sua atitude em relação à teologia da libertação, nas suas interferências diretas em muitas organizações da igreja e, em geral, no seu entendimento exaltado da autoridade papal. (MATOS, 2005).

Os estudos sobre os papas evidenciaram as relações entre a Igreja e os interesses do Estado, mas nos permitiu compreender o momento em que a IVG foi criada; e, conseqüentemente, os motivos desta criação como também a expansão ao Brasil, e ao Mato Grosso em meados do século XX.

Atentaremos agora a uma breve abordagem ao Estado Belga, considerando que este foi o lócus da criação da IVG, objeto de estudo da pesquisa.

2.4 - O ESTADO DA BÉLGICA

A Bélgica foi parte da província romana, denominada Gália, em latim Gallia, território que corresponde atualmente ao Sul dos Países Baixos, Bélgica, Luxemburgo, Nordeste da França e Oeste da Alemanha, além de parte da Suíça, como se pode observar no mapa da Bélgica para confrontação territorial. Sua população se constituiu de uma miscigenação de tribos classificadas como celtas e germânicas que eram chamados de belgae.

Atualmente, a Bélgica é um país da Europa Ocidental que pertence à União Européia e a NATO (OTAN). Foi membro-fundador da União Européia, em 1957, sendo a capital, Bruxelas. Sua localização geográfica é contornada, ao norte pelo Mar do Norte e pelos Países Baixos, a leste pela Alemanha e por Luxemburgo e ao sul e ao oeste pela França.

FIGURA III - Mapa da Bélgica



Fonte: http://eupedia.com/belgium/map_belgium.¹⁹

Mas vale ressaltar que a independência belga ocorreu na primeira metade do século XIX, pois de acordo Hobsbawm (2001), esta época foi marcada por “ondas revolucionárias”, decorrente das tentativas dos governos reacionários europeus que queriam dar uma nova feição à Europa após a queda de Napoleão, com o Congresso de Viena. A burguesia tentou desmontar essas reações entre 1830 e 1848, todavia as transformações econômicas e sociais ocorridas até aquele momento levaram para a cena política os novos quadros do proletariado. E, desta maneira, as lutas burguesas tiveram dois alvos a aristocracia e o proletariado, sendo a aristocracia derrotada, em 1830

Na fase revolucionária entre 1820 - 1848, Hobsbawm (2001, p.128) cita a separação pacífica do Brasil de Portugal.

Em 1822, o Brasil separou-se pacificamente de Portugal sob o comando do regente deixado pela família real portuguesa em seu retorno à Europa após o exílio napoleônico. Os EUA reconheceram o mais importante dos novos Estados quase que imediatamente, os britânicos reconheceram-no logo depois, cuidando de concluir tratados comerciais com ele, e os franceses o fizeram antes do fim da década.

Entre 1829-1934, a onda revolucionária afetou toda a Europa, a oeste da Rússia e o continente norte-americano. Foi neste período que houve a derrocada dos Bourbon na França e isso estimulou a insurreição belga que posteriormente conquistou a sua independência da Holanda, em 1830, segundo Hobsbawm (2001, p. 128 -129).

Consta ainda, que em 1830 ocorreu o aparecimento da classe operária como força política autoconsciente e independente na Grã-Bretanha e na França, e os movimentos nacionalistas em grande número de países da Europa. Este período marca também a história da industrialização e da urbanização no continente europeu e nos Estados Unidos, quando ocorreu uma leva de migrações humanas tanto sociais quanto geográficas, que se refletiram na história das artes e na ideologia.

Assim, de modo geral, a Europa Ocidental e a Grã-Bretanha serão marcadas pelo início de uma crise no desenvolvimento da nova sociedade.

19 - acessado em 14/03/2007

De acordo com Pirson (s/d, 135), os membros da família Lecandèle se envolveram nas lutas contra o anti-protestantismo e na oposição contra o domínio holandês, como afirma Hobsbawm (2001, p. 330 – 332), por volta de 1840 quando

havia vários Estados novos, produtos da revolução; a Bélgica, a Servia, a Grécia e alguns estados-latino-americanos. Ainda assim, embora a Bélgica fosse uma força industrial de importância (até certo ponto porque movia - se na órbita de sua vizinha, a França), o mais importante dos estados revolucionários eram os Estados Unidos, que já existia em 1789.

Na terceira e maior fase revolucionária estourou a chamada “primavera dos povos” em todo o continente europeu. E é nesse contexto, que uma mulher preocupada com atitudes políticas, religiosas e sociais do século XIX, fundará a congregação religiosa feminina.

Compete observar ainda que a Bélgica após sua independência se tornou um país forte no desenvolvimento industrial, o que explica suas influências e investimento no Brasil no século XIX e XX como podemos verificar no texto da empresa BRITCHAM²⁰, época em que São Paulo comemorava seus 450 anos de fundação.

De acordo com a BRITCHAM (o texto traz informações desde 1916 a 2006), a Bélgica teve intensa Influência na cultura e nos negócios em São Paulo e no Brasil, contribuindo para a formação da nação brasileira.

Segundo os dados da Associação Britcham, dentre os vários estrangeiros imigrantes no Brasil, foram os belgas que tiveram maior participação na formação brasileira desde 1544, quando, um empresário e banqueiro da Antuérpia comprou um engenho de açúcar na Capitania de São Vicente, Erasmus Schetz, assinalando assim a primeira relação comercial entre Brasil e Bélgica, que persiste até os nossos dias.

Essa contribuição belga ao Brasil pode ser observada a partir a Arquitetura, da Tecnologia e da Filosofia em diversas instituições como a USP, ESALQ e a PUC. Os belgas não só ajudaram no desenvolvimento tecnológico e cultural de São Paulo, mas também em todo o Brasil na segunda metade do século XIX, período esse que compreende a vinda da IVG para o Brasil.

20 É uma associação nacional sem fins lucrativos, cujo objetivo é incrementar as relações Brasil e Reino Unido, promover debates e atuar no desenvolvimento de oportunidades de negócios para as comunidades empresariais britânicas e brasileiras. Fundada em 1916, a Britcham tem escritórios no

De acordo com a BRITCHAM, muitos brasileiros, que estudaram na Bélgica, trouxeram, em sua bagagem intelectual, conhecimentos belgas no século XIX, pois naquela época estudar na Bélgica era considerado um status para a sociedade brasileira. Os dados da empresa apontam que na década de 1860, nada mais, nada menos que 700 brasileiros foram estudar nas universidades belgas.

Observamos que em 1896 chegou também à instituição religiosa belga ao Brasil, a Congregação Religiosa Feminina intitulada Instituto das Irmãs de São Vicente de Paulo, “Servas dos Pobres de Gijzegem”.

A BRITCHAM ainda nos informa que a participação belga no Brasil pode ser verificada através das arquiteturas do Teatro Municipal (1911), do Mercado, da “Casa das Rosas” na Avenida Paulista, hoje museu aberto ao público. Além das várias instituições educacionais tais como; A Escola Politécnica, o Instituto Tecnológico de São Paulo, a Faculdade de Filosofia da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, a Escola de Assistência Social, o Instituto Butantã, e a Escola de Agronomia Luiz de Queiroz (ESALQ).

Dentre as obras ligadas ao comércio e à indústria no Brasil citam-se: o Viaduto Santa Efigênia, a Société Belge des Plantations au Brésil, através da “Fazenda Flandria”, a Citrobrasil S.A., “Elvépé”, a Induselet, filial da ACEC – Ateliers des Constructions Electriques de Charleroi, a Solvay S.A. que se instalou em Santo Amaro com o nome de Indústrias Químicas Eletro-Cloro (hoje Solvay Indupa do Brasil S.A.).

Destacam-se ainda empresas como Thy-Le-Château, Ougrée, Marcinelle, Ateliers de Willebroeck e Couillet forneceram grande parte do material ferroviário empregado na construção de ferrovias no Brasil, a firma Franki, fundada em 1935, como filial da belga Pieux Franki, e também a fundação do Banque de l’Union Belgo – Brésilienne, posteriormente, com novos sócios e sob o nome de Banco Ítalo-Belga.

A influência mútua entre a Bélgica e o Brasil desencadeou a instalação de representações diplomáticas e de apoio aos negócios entre ambos os países, sendo que em 1908 foi estabelecida uma representação oficial do Estado de São Paulo na Bélgica, o Commissariat Général de l’État de São Paulo. E assim foi que se instalou em 1946, o Consulado Geral da Bélgica em São Paulo, sendo o primeiro Cônsul-

Geral o Sr. Maurice Weckx. Vale lembrar ainda que no início da Era Vargas, em 1933 foi fundada a Câmara de Comércio e Indústria Belgo - Luxemburguesa e Brasileira, com sede também em São Paulo e ativada em todo o território brasileiro.

A contribuição da Bélgica para a formação de S. Paulo se deu, portanto em vários planos:

No plano cultural e acadêmico, com a vinda de excelentes pensadores, professores, engenheiros, arquitetos e cientistas, e pela ida de brasileiros à Bélgica para estudar. Tanto uns quanto outros tiveram extensa e persistente influência na cultura, na ciência e na tecnologia do Brasil e de S. Paulo;

Nos planos industrial, agrícola e financeiro, por investimentos e empreendimentos de empresas e empresários belgas, que aportaram capitais e, muito especialmente, tecnologia e equipamento.

Na formação profissional pós-acadêmica de engenheiros, técnicos e administradores, que trabalharam nestas empresas e foram influenciados pelos seus métodos e processos, tanto tecnológicos quanto administrativos. (BRITCHAM, 2006).

A BRITCHAM ressalta que as influências da Bélgica não se resumem ao Estado de São Paulo, mas podem ser vistas também nas técnicas das rendeiras, mulheres nordestinas, que aprenderam com **freiras belgas**; o que demonstra de maneira explícita que as atividades da Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo no Brasil foram significativas não só no campo religioso, mas educativo e social. E ainda aponta que a influência belga se pode constatar também na formação de outras faculdades, como a conceituada Escola de Engenharia Federal de Itajubá (EFEI), e em empresas como a Belgo - Mineira em Minas Gerais; consta que dentre a variedade de influências que São Paulo recebeu, a Bélgica contribui de forma significativa, não só com homens, mas também com idéias e capitais. Essa influência da Bélgica ganhará vulto no Brasil de maneira especial com a questão da Congregação da IVG de que trataremos no terceiro capítulo, e para a compreensão da IVG no Brasil e na região de fronteira do MS, buscamos a história da criação da IVG, na Bélgica.

CAPÍTULO III

ENTRELAÇANDO A HISTÓRIA DAS IRMÃS VICENTINAS DE GIJZEGEM

Este capítulo tem como objeto apresentar a biografia de Elizabeth de Robiano, fundadora da Congregação Religiosa Feminina das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” de Gijzegem; e também a história da instituição pesquisada. Os dados descritos neste capítulo podem ser encontrados em algumas referências dos documentos episcopais e pessoais, analisados pela escritora, memorialista, Céline Pirson, Irmã “Lutgardis”²¹ membro da IVG na Bélgica. A autora apontou na história da fundadora muitas relações socioeconômicas e políticas, com pessoas importantes, de famílias aristocratas, funcionários do governo belga e autoridades eclesiásticas; essas informações contribuem para o entendimento quanto a sua intervenção, em vários momentos históricos do Estado da Bélgica, sobretudo com ações a serviço da Igreja.

Durante a pesquisa sobre a história da congregação somente foi encontrada a obra de Celine Pirson, editado pela editora Loyola, obra de circulação interna das casas da IVG. É uma bibliografia com características memorialista, com ênfase na figura de Elizabeth de Robiano. Esta obra nos subsidiou como referencial bibliográfico para descrever a Instituição Religiosa Belga por ela criada, para entender a contribuição dessas IVG na história da educação brasileira, a partir da fronteira do MS.

Segundo Pirson (s/d) o corpus da biografia de Elizabeth pode ser confirmada em vários acervos dentre os quais:

os arquivos de seu convento, os “Arquivos gerais do Reino”, em Bruxelas, os “Arquivos do Rein”, em Gand e em Beveren, e outros

21 Cèline PIRSON, nasceu em Mol, em 1915, cursou magistério na Escola Normal de Gijzegem. Em 1935 entrou para Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres de Gijzegem; depois do noviciado, seguiu estudos de literatura no Instituto Paridaens, em Louvain; atuou no ensino secundário, principalmente no Instituto N.-D.- Belvédère, em Asse. Depois que se afastou do magistério, consagrou seu tempo à redação da biografia de Elizabeth-Marie-Eugenie-Josèphe de Robiano, que após casada com o Barão de Charles Lecandèle de Gijzegem se tornou senhora Lecandele Baronesa de Gijzegem.

arquivos conventuais, mas, especialmente, os arquivos episcopais de Gand, que compreendem, entre outros, uma verdadeira mina para os historiadores. (PIRSON, s/d, p. 07).

A obra de Pirson (s/d), além de ser a principal das fontes primárias para a História da Congregação IVG, é também relevante ao nosso trabalho, inclusive porque nos indica as relações de amizade entre a fundadora e membros da Ordem Jesuítica, homens que marcaram presença significativa no Ensino de muitos lugares, inclusive no Brasil por 200 anos, quando um decreto de Sebastião de Carvalho e Mello, Marques de Pombal, expulsou-os de Portugal e de todo domínio português. Isso nos aponta uma relação entre os objetivos da IVG e os objetivos dos jesuítas, pois, a IVG foi instituída no momento em que estes estavam de certa maneira proibidos de suas funções educativas na Europa e no Mundo. Talvez a IVG seja um apêndice do trabalho dos Jesuítas para a Igreja Católica na Bélgica, e, conseqüentemente, na Europa e no Brasil.

De acordo com Pirson (s/d, p.10), os documentos mostraram também na pesquisa que ela realizou para escrever a biografia de Elizabeth, uma mulher rica e muito expressiva, com múltiplas atividades na igreja, que se utilizando da educação recebida, de suas virtudes pessoais, e de seus inúmeros relacionamentos, fortuna e privilégios, criou uma instituição que, segundo sua intenção, teria a missão de atuar onde houvesse uma necessidade. Assim se instituiu a congregação com o carisma que se efetivou e foi transmitido aos seus membros até a atualidade, sobre o tema *“estar presente onde uma necessidade se manifeste, especialmente ao lado dos pobres”*, como se pode verificar no folder de divulgação e propaganda da Congregação no Brasil ²².

A congregação fundada por Elizabeth, Irmãs de São Vicente de Paula, “Servas dos Pobres” de Gijzegem, como é conhecida, expandiu-se para outras terras além da Bélgica. Atualmente há Comunidades espalhadas por vários países: no Brasil desde 1896, no Zaire desde 1930, na Republica do Congo, na República dos Camarões desde 1985, e hoje também na Argentina, no Uruguai e no Paraguai.

Para compreender e interpretar os motivos da criação da Instituição Religiosa das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” de Gijzegem

22 Fotos em anexo

buscou-se descrever a história de Elizabeth de Robiano Senhora de Lecandèle, Baronesa de Gijzegem e fundadora da Instituição Vicentina de Gijzegem na Bélgica.

3.1-ELIZABETH DE ROBIANO: FUNDADORA DO INSTITUTO BELGA IVG

FIGURA IV – Retrato de Elizabeth de Robiano



Fonte: Foto do Quadro do acervo da Casa da IVG em Ponta Porã – MS, denominada Comunidade Santa Inês.

Como se pode perceber, a face de Elizabeth, retratada pelo artista, que intimamente a chamava de Betzi como muitos tinha uma expressão austera e forte, com características masculinizadas, o que evidencia uma personalidade firme.

Consta na biografia de Elizabeth que sua história teve início no Palácio dos Limpens, na estreita Rua des Dominicains, em Bruxelas, na Bélgica, em 25 de julho de 1773; com o som dos sinos da capela cristã, que convocava os moradores da cidade, para as missas matinais.

Seus pais, de família nobre, fizeram com que Betzi nascesse sob o título de condessa, pois sua mãe,

Jeanne-Marie-Norbertine, a mais velha das duas filhas de Jean-Jérôme-Ange de Limpens, conselheiro-pensionário dos Estados de Limbourg e de Isabelle-Norbertine van der Laen, dama do marquesado de Mélin e Bisecq, viera à casa de sua mãe para dar à luz sua primeira filha. Em 2 de setembro do ano anterior, na pequenina capela doméstica de seus pais, ela desposara Jean-Joseph, conde de Robiano, filho do chanceler anterior de Brabant, senhor de Beisem, Buken e Assent. Jean-Joseph era conselheiro e recebedor geral dos Estados de Brabant, no território de Antuérpia. (PIRSON, s/d, p. 13).

A referência à família de Elizabeth, explica-se pelo fato de poder contextualizar e descrever sua relação com o Estado e com a Igreja, por sua ascendência, uma vez que vários membros de sua família, além de devotos da religião católica, ocuparam diversos cargos importantes na Igreja Católica, a exemplo seu tio Jean-Antonie de Robiano, bispo de Roermond, no Estado Belga, no século XIX e nos séculos antecessores.

Os pais de Elizabeth, Jeanne e Joseph, após o casamento, fixaram residência em Antuérpia, território da paróquia de Notre-Dame, região nobre do Meir. Conta-se que por serem católicos convictos, a residência se justificava naquela região, pois lá existiam muitas igrejas e o casal tinha um costume acentuado em frequentá-las; contudo, apesar da residência fixa ser em Antuérpia, a residência real era na casa de campo, em Buken, perto da Malines, com vastos bosques, onde situava a Igreja de Santo Antônio.

Betzi nasceu no castelo dos avôs maternos, os Limpens, família tradicional, de religião católica, o que explica seu batizado no dia de seu nascimento na Catedral de Saint Michel, sob os costumes da tradição Católica. Recebeu o nome de Elizabeth-Marie-Eugénie-Josèphe, tendo como padrinho, o Conde Eugène de Robiano, irmão de seu pai, e por madrinha a avó materna. Elizabeth pertencia à classe social mais elevada da época, a nobreza, a qual lhe conferia certos privilégios e regalias.

Segundo Pirson (s/d, p.14) consta que durante muitos anos a família dos Robiano, teve sua hegemonia na Bélgica, decorrente do título de conde, recebido por seu avô materno em 1754, através das cartas patentes de Marie-Thérèse, imperatriz católica da Áustria, período em que o território belga estava sob domínio austríaco.

De acordo com Pirson (s/d), os pais de Elizabeth viajavam muito entre Buken, Antuérpia, Bruxelas e Tervuren; e era em Tervuren o casal se mantinha mais informado, sobre os assuntos do mundo, na época considerado pequeno.

O mundo na década de 1780 é que ele era ao mesmo tempo menor e muito maior que o nosso. Era menor geograficamente, porque até mesmo os homens mais instruídos e bem – informados da época – digamos, um homem como o cientista Alexander von Humboldt (1769-1859) – conheciam somente pedaços do mundo habitado (...) Não só o mundo conhecido era menor, mas o mundo real, pelo menos em termos humanos. (HOBSBAWM 2001, p.23-24).

Foi numa dessas viagens com os pais, que Betzi e os irmãos ouviram falar sobre a extinção da Ordem dos Jesuítas, pelo Papa Clemente XIV em 1773, o que deixou a família de certa maneira preocupada quanto os estudos dos filhos. Onde eles iriam estudar? Tal preocupação se explica uma vez que os jesuítas eram considerados muito bons nos seus ensinamentos porque “possuíam muitas escolas, além de terem sido capazes de, por longo tempo, formar professores e disciplinar alunos”²³ em todo o mundo.

No período entre 1780 - 1790, a Bélgica, *locus* da criação da IVG, esteve sob o domínio Austríaco, no reinado de Joseph II. Foi em seu reinado, que ocorreu a diminuição do poder dos nobres e da igreja católica, com o confisco de terras, promoção e libertação dos servos, abolição de obrigações feudais, aperfeiçoamento do exército e atribuição do serviço militar obrigatório. Neste contexto já se pode perceber o prelúdio da teoria do Estado Liberal, cujas idéias e mudanças revogariam o poder absolutista, suas mordomias e seus privilégios. No ano de 1781, Joseph, através de concessões aos protestantes, descontentou os católicos, mas nesta época os jovens da família Robiano, embora fossem de uma fidelidade extrema à Igreja de Roma, ainda não se interessavam por questões políticas; isso só iria acontecer mais tarde graças à intervenção política de Elizabeth, em a favor da religiosidade Católica na Bélgica.

Segundo Pirson [s/d], Betzi respeitava e admirava muito o pai, pelo interesse nas ciências, nas artes, na física, nas pinturas de mestres antigos e modernos, bem como por colecionar conchas; o que de certa maneira mostrava um homem inteligente e instruído para época. Além disso, ele gostava de fiar seda caseira e depois experimentá-la. Tal atitude do Senhor Robiano oferece um elemento importante, para nossas interpretações sobre uma Bélgica agrária, que sofresse profundas transformações com a chamada Revolução Industrial, fato que talvez tenha sido o estímulo para que Betzi criasse a escola de fiação, a qual mais tarde se tornou

23 ARANHA (1998: p.125).

a Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo "Servas dos Pobres de Gijzegem", em 1818.

A bibliografia de Elizabeth ainda aponta um pai que gostava de ensinar e divertir os filhos, mas quando necessário também sabia punir, exemplo, era se durante o dia, a menina deixasse escapar alguma mentira, ou se ela não comesse o que era sua vontade, ele não hesitava em lhe abdicar sua bênção, à noite, ou mesmo deixá-la com fome; ensinava com recompensa e castigos.

Exemplo de fidelidade religiosa se comprova na primeira comunhão de Elizabeth, em 1785, na Igreja Católica, preparada pelo pai, que lhe ensinou todas as lições do catecismo. Nessa preparação Elizabeth teve que:

Obedecer a um horário bastante rígido: levantar-se bem cedo, fazer as orações da manhã tomar o café da manhã, ir à igreja paroquial para ouvir a missa e ali mesmo receber as lições de catecismo dadas pelo padre, e depois acompanhar o ensinamento religioso de uma piedosa senhorita da cidadezinha. Por volta do meio-dia, alguém viria para levá-la de volta à casa. Passaria quase toda à tarde ao lado do pai, conversando com ele a respeito do grande acontecimento para o qual se preparava. Para isso, o pai havia cancelado todos os seus compromissos. E Betzi era toda ouvidos. A jovem ainda achava tempo para fazer um pouco de tricô. Para ela, tudo isso representava uma amostra da vida que teria no céu. (PIRSON, s/d, p. 16).

No dia da Comunhão chegou, e como era, e ainda é uma cerimônia muito valorizada por católicos, toda a família de Betzi, se reuniu em Antuérpia para a celebração. A avó materna, também madrinha de batismo, junto com a tia de Betzi, trouxe um lindo vestido pintado à mão, que a jovem queria vestir no mesmo instante, a mãe concordou, mas segundo Pirson, o pai não, pois ele queria que ela fosse "vestida com roupas comuns" para ir a casa dos padres Carmelitas, à Festa de São José, festejada todos os anos pela nobreza, o que de certo modo aponta para um simulacro.

Talvez essa educação rígida legada pelo pai seja o que a fundadora instituiu no ensino da congregação, princípios que nortearam os ensinamentos de sua formação geral, considerada excelente.

O ano da comunhão foi de muitas lembranças, mas a morte do pai, conde Robiano, ocasionada pela descoberta de que seu administrador financeiro gerenciava muito mal seus negócios adulterando documentos; fazendo-o adoecer; buscando restabelecer-se nos ares dos ciprestes de Vries. Onde após a morte do Conde a

senhora de Robiano-de-Limpens começou a administrar a vida familiar e financeira; como necessitava de muito viajar muito entre Antuérpia, Buken e Bruxelas, motivo que a levou a estabelecer residência em Bruxelas.

Nessa época começaram os problemas para os nobres, pois como já foi dito antes, o rei Joseph II ameaçava as classes privilegiadas, o clero e a nobreza, por meio de um imposto imobiliário, a cujo pagamento estava sujeito a nobreza, atribuindo ao rei o direito de controle sobre os bens da igreja; já que desejava unir todas as áreas hereditárias do país em um único estado centralizado. Essas atitudes provocaram a oposição não só por parte dos adeptos da igreja, mas também da classe nobre.

Os filhos da família Robiano mal entendiam o que estava acontecendo, somente Betzi, a mais velha, compreendia um pouco melhor os acontecimentos quanto aos privilégios da nobreza e da igreja que eram sagrados. Nesta época Elizabeth foi para o Convento das Ursulinas de Tournai, apesar das ordens contemplativas terem sido extintas, porque as ordens de ensino e hospitalares ainda persistiam destarte as leis napoleônicas.

Em 1795, os Países Baixos do Sul foram anexados a França, e as leis francesas foram aplicadas nessa região. Uma lei de 1ª de setembro de 1796 que suprimia pura e simplesmente todas as comunidades religiosas, exceto as congregações dedicadas ao ensino e aos hospitais. Mas, outra lei, de 25 de novembro de 1797, aplicava-se igualmente a estes dois últimos tipos de congregação. (...) Napoleão entendeu que as congregações hospitalares e de ensino eram necessárias. Autorizou a existência de determinadas congregações, (...) com expressa autorização imperial (...) com cuidadoso exame dos estatutos. (PIRSON s/d, p. 111).

Segundo Pirson o convento de Tournai era uma dessas congregações autorizadas a funcionar, e nele Elizabeth fez seus estudos. Foi nesse período, em 1789 que a Europa viveu um das maiores tensões da história: a “dupla revolução”, como caracterizou Hobsbawm (2001), além da Revolução Francesa, a Revolução Industrial. Essas transformações sócio-econômicas e culturais afetaram as sociedades agrárias, nesse caso os Países Baixos, e em especial a Bélgica, pois “*o mundo em 1789 era essencialmente rural e é impossível entendê-lo sem assimilar este fato fundamental*”.

Nessa época Elizabeth vivia sob os cuidados do internato de Tournai, e sob a orientação espiritual do abade Corneille Smet seu orientador, que lhe desencorajou a vida religiosa.

Segundo Pirson (s/d) o abade Cormeille Smet em cartas se manteve prudente a essa vontade de Betzi.

Sem dúvida, deveis ter implorado bastante pela graça do Espírito Santo, a qual só pode mostrar-vos a vós mesma tal como sois. Uma das melhores maneiras de vos conhecerdes melhor, e de conhecerdes a vontade de Deus, é fazer um retiro de pelo menos oito ou nove dias. Há ainda outro ponto a considerar, ou seja, que espécie de regra vos seria, mas conveniente. Aparentemente, vós sabeis que há dois tipos de regras: uma delas é pela vida ativa; a outra pela vida contemplativa. As irmandades hospitalares e as religiosas que instruem a juventude têm uma vida mais ativa. As Carmelitas e algumas outras têm uma vida contemplativa. (PIRSON s/d, p. 19).

O destino quis que Elizabeth, ajudasse a mãe, enfrentando as dificuldades quanto ao cuidado dos bens materiais, na chefia da família, e na criação dos irmãos, e para isso ela se utilizou dos regulamentos aprendidos com o pai na administração das questões familiares, inclusive redigindo normas aos irmãos Louis e Eugéne antes que previam até penalidades para as eventuais faltas.

A situação social e econômica na Bélgica piorou muito quando muitas propriedades da igreja foram confiscadas e vendidas pelo Estado

(...)1794, uma nova calamidade abateu-se sobre a Bélgica: a venda de bens considerados de propriedade nacional, cuja maior parte era formada por bens da igreja. A grande revolução francesa não apenas reduzira em dois terços o número de sacerdotes, mais a grande maioria dos conventos fora confiscada pelo **Estado**²⁴. As antigas terras monásticas foram arrematadas, sem escrúpulos, por apólices que já não tinham valor algum. Assim, nada menos do que um terço das propriedades imobiliárias da Bélgica passara para outras mãos. Isso dera lugar a uma enorme especulação imobiliária, resultado numa gigantesca transferência de capital, para proveito da burguesia. (PIRSON s/d, p. 21).

Nos dados de Pirson (s/d) consta que em 1794, quando os Franceses afastaram categoricamente os austríacos das províncias belgas e o país viveu uma grande crise, com as pilhagens de suas matérias primas, produtos manufaturados, objetos de arte, pois tudo havia sido confiscado.

Mas, quem sofreu realmente com a crise belga após a Revolução Francesa foram os pobres e os miseráveis, já que a inflação e o desemprego generalizaram e não havia mais dinheiro, alcançando o ponto máximo do colapso em 1795. Betzi, que

24 Grifo nosso.

havia recebido uma educação com o pai e com as freiras do Convento das Ursulinas acreditava poder ajudar os pobres e receber as graças do céu, pensamento este que talvez a tenha inclinado à criação da congregação sob o nome de “Servas dos pobres” de Gijzegem. Pois segundo consta ela *“economizava, para poder dar esmolas. Sua mãe também dava muito aos pobres. (e) Nos seus relatórios de despesas aparece com frequência a expressão: Para a sacola dos pobres”* (PIRSON, s/d, p. 20).

Com a morte de seus avôs maternos em 1796, a mãe de Betzi já com 23 anos, herdou o castelo de Tervuren da família Robiano – de - Limpens, onde Betzi e os irmãos descobriram uma nova maneira de se unir às tradições, em reuniões com os amigos. Embora, oficialmente eles vivessem em Bruxelas; mas Everberg, não muito distante de Tervuren, morava a família nobre dos Merode; também num castelo; a proximidade fez com que as duas famílias Robiano e Merode se tornassem amigas para sempre.

Segundo Pirson (s/d) nessa época Elisabeth desejava um Estado religioso, mas via tudo desmoronar. As coisas não iam bem socialmente e era chegada a hora, dos jovens belgas fazerem parte dos exércitos franceses, o que provocou o grande boato de revolta. O problema não era só as convocações dos jovens, havia os sacerdotes que se recusavam a fazer o juramento de lealdade às leis republicanas francesas, e por isso eram deportados.

Elizabeth acreditava que não sobreviveria a isso, mas tudo se acalmou e ela venceu a crise como muitos outros.

Ao completar 26 anos de idade, em Antuérpia, conheceu Charles Lecandèle, com 38 anos, homem erudito, rico, protetor das artes, piedoso e amadurecido pela vida..

Pertnecia a uma família de “comerciantes de tecidos em Lille”, que havia se instalado em Antuérpia no século XVII, muito conhecida, por ter-lhe sido atribuído títulos de nobreza em 1743, pela imperatriz Marie-Thérèse. Sua notoriedade maior, porém se deve ao fato de seus familiares serem considerados os “verdadeiros mecenas da Igreja de Sain-Jacques”. Fato esse que explicava os motivos da família Lecandèle ter sua própria capela funerária, pois

Charles era um amante das artes, em sua biblioteca estavam inúmeras obras catalogadas: holandesas, francesas, latinas e até mesmo italianas, relativas á arte, à historia, à heráldica, à teologia, às ciências naturais e à tipografia. Ali se encontrava uma obra de Dante, numa edição de 1478, além de preciosos manuscritos. (PIRSON s/d, p.22).

Essa descrição das características de Charles traduz de certo modo uma personalidade que encantou Elizabeth fazendo com que acontecesse a cerimônia de casamento em 14 de maio de 1799, e assim se encerrava uma fase da vida de Elisabeth.

3.2 - O SOCIAL – HISTÓRICO NA CRIAÇÃO IVG

O social histórico que criou a IVG na Bélgica tem como *magma de significações imaginárias* a relação de Elizabeth de Robiano com a ordem religiosa masculina, os Jesuítas, que foi suprimida por Clemente XIV. Essa ordem que detinha a hegemonia do ensino na Europa e em vários países da América.

Discorrer sobre a ordem jesuítica permite compreender como ocorreu a criação da IVG foram após a eliminação da ordem jesuítica pelo papa, da noite para o dia. Os jesuítas foram liberados de seus votos religiosos, e isso provocou o fechamento de seus colégios em vários lugares no mundo, inclusive na Bélgica.

Como cerca de três mil missionários jesuítas deveriam abandonar o trabalho em todas as obras apostólicas, foi lhes concedido, e para acalmar os ânimos, o direito de se tornarem sacerdotes seculares. Alguns se opuseram a essa concessão, o que não ocorreu com Corneille Smet, o conselheiro de correspondente de Betzi, nos tempos em que ela era interna em Tournai.

Segundo Pirson, a maior parte dos ex-jesuítas buscava manter a fidelidade aos seus ideais. Alguns chegaram a partir para a Rússia Branca, pois a czarina Catarina II, não querendo ver desaparecerem os colégios dos jesuítas, proibiu a publicação do breve apostólico em seu império, por isso, um pequeno número de jesuítas continuaram suas atividades na Rússia. A princípio, com o tácito acordo do papa e, a partir de 1783, com a aprovação do papa Pio VI.

Pirson (s/d) afirma que, algum tempo mais tarde, outros ex-jesuítas procuraram reagrupar-se na “Sociedade do Sagrado Coração de Jesus”, fundada na Bélgica, e, em 1798 foi constituída a congregação “Sociedade da Fé de Jesus”, que obteve aprovação do papa Pio VI e, depois outra, e a “Sociedade do Sagrado Coração de Jesus” que, juntamente com a primeira, se fundiram e constituíram a “Sociedade dos Padres da Fé”. Segundo Pirson (s/d),

os Padres da Fé – todo mundo sabia que se tratava de Jesuítas “disfarçados” – exerceram um lindo apostolado até que a sociedade acabou sendo dissolvida por ordem de Napoleão, em 1807. A sociedade também existia na Bélgica, onde D. Maurice de Broglie mostrava ter por ela uma grande estima, a ponto de lhe haver confiado o seminário de Roulers, que permaneceria aberto até 1812, ainda que sob a direção de sacerdotes seculares. Os Padres da Fé consagraram-se, em segredo, a todos os tipos de obras apostólicas. (PIRSON s/d, p. 66).

Foi assim que Pierre Leblanc e o seminarista Pierre Varin se uniram à sociedade e segundo Pirson (s/d) as perseguições para com a sociedade somente diminuíram quando o padre Varin, foi nomeado superior, e retornou à França, em companhia de outros sacerdotes. Foi nessa época, que os novos candidatos uniram-se à sociedade, como os padres Bruson, Lê Maître e Van de Kerckhove, os quais se tornariam mais tarde grandes amigos de Betzi, sendo o padre Lê Maître aquele que ajudaria Elizabeth na redação dos primeiros regulamentos da IVG.

O padre Leblanc manteve correspondência com o prior dos jesuítas na Rússia, com o propósito de fundar um noviciado da ordem, na Bélgica. Assim, por isso o padre Fonteyne, responsável pelos jesuítas dispersos pelas províncias belgas, foi à Gand, onde a senhora Penaranda exercia a direção da chamada abadia de Dooreseele, com alguns jovens sacerdotes, dentre os quais estava o padre Le Maître.

Segundo Pirson (s/d) depois da queda de Napoleão Bonaparte, em 1814 alguns ex-padres da Fé celebraram uma reunião, pensando ter chegado o momento de voltar à antiga “Companhia de Jesus”, para a qual chamaria de volta dos Jesuítas da Rússia. Mas os padres Bruson e Leblanc tinham opiniões diferentes.

Maurice de Broglie era bispo nesse período, e desejava contar também com a presença dos Jesuítas em sua diocese. Foi por isso que o padre Fonteyne previu a realização de um encontro com a senhora Penaranda, amiga de Betzi; nessa reunião participou o sacerdote francês padre Varin.

De acordo com Pirson (s/d) o padre Leblanc na época da reunião esteve em Louvain, visitou o castelo de Rumbek, que o conde de Thiennes desejava colocar à disposição do noviciado, uma vez que já havia recebido o consentimento do padre Fonteyne, bispo de Gand para sua abertura; o bispo ainda teria recomendado que o noviciado se chamasse “casa de retiro”. A visita de Fonteyne ocorreu em

(...) 31 de Julho de 1814, festa de Santo Inácio, e o padre Fonteyne já dera as boas-vindas a onze candidatos: Quatro padres da Fé: Bruson Leblanc, Donche e De Hasque, e sete rapazes, entre os quais estavam Isidore Van

de Kerckhove, futuro companheiro do padre Le Maître em Gand. (PIRSON s/d, p.67).

Segundo Pirson (s/d) os noviços de Rumbeke tornaram-se amigos de Elizabeth, através do conde de Thiennes, parente dos Merode, amigos dos Lecandèle, ou por intermédio da senhora de Penaranda, já que Elise Lecandèle era interna na abadia de Dooreseele, ou pelo próprio D.Maurice de Broglie.

Para a autora da biografia de Elizabeth, quando Napoleão desembarcou no continente em 1815, todo mundo temeu, inclusive o padre Fonteyne, alarmado diante da possibilidade de seus noviços serem submetidos à leis da conscrição, serviço obrigatório militar, imposto por Napoleão. Nessa época Elizabeth senhora de Lecandèle já estava envolvida nos negócios da diocese, com D. Maurice de Broglie, bispo nomeado por Napoleão, tendo recebido uma carta do vigário geral, o abade Le Surre, dizendo:

Informai, eu vos imploro senhora, ao padre Fonteyne e a seus rapazes, que eles nada têm a temer quanto à conscrição. Em uma longa conferência que mantive no último domingo com o Sr. Conde de Thiennes, com quem conversei a respeito desse decreto, ele me disse da maneira mais positiva que jamais seria questão de colocar sob esse tipo de recrutamento os jovens que se destinam à condição eclesiástica ... Recebi ontem uma carta de S. Excelência, pedindo para informá-la de que irá à sua casa na próxima sexta-feira. Se o padre Fonteyne não estivesse tão apressado para partir para Gijzegem, eu iria mandar por ele um pacote que tenho aqui para vós, e que contém as duas cruzes de ouro com uma relíquia de Sainte Colette e três autênticas²⁵. (PIRSON s/d, p.68).

Essa carta mostra a intimidade na relação entre Elizabeth e os membros superiores eclesiásticos em assuntos importantes quanto à conscrição de jovens ao serviço militar para o Estado.

Mas, a autora da biografia de Elizabeth enfatiza posteriormente que quando Napoleão desembarcou no continente em 1815, todo mundo intimidou-se, inclusive o padre Fonteyne, alarmado diante da possibilidade de seus noviços serem submetidos à lei da conscrição, serviço obrigatório militar, imposta por Napoleão. Nessa época Elizabeth, senhora de Lecandèle já envolvida nos negócios da diocese, com D. Maurice de Broglie, bispo nomeado por Napoleão;

²⁵ A autora observou que a senhora de Lecandèle tinha uma grande devoção por relíquias.

Conforme os esses dados de Pirson (s/d) pode-se comprovar que que a vida pacífica do noviciado em Rumbeke esdurou muito pouco tempo, pois

em 12 de março, quando Napoleão chegava a Paris. Luis XVIII fugia para Gand, e toda a Bélgica temia uma nova invasão das tropas francesas. O padre Fonteyne chegava à conclusão de que a permanência em Rumbeke não mais oferecia segurança. Ele decidiu então fugir para a Holanda com os seus noviços. Repartiu-os em três grupos que partiram com um dia de intervalo entre si, começando em 26 de março. Apenas um desses grupos chegou à Holanda. Por ocasião de uma parada em Gand, o Sr. Destelbergen. Mas, um terceiro grupo deveria dirigir-se para Gijzegem. (PIRSON s/d, p. 68).

Essa fuga desestruturou novamente a organização eclesiástica. O que somente foi melhorado Desse modo foi que eem 1815, quando o padre Fonteyne convocou aqueles que ficaram em Gijzegem, retornassem a Rumbeke, e assim fizeram, mas dois desses esses noviços ficaram doentes e só puderam partir mais tarde. Todavia em fevereiro de 1818, o padre Fonteyne faleceu e seu sucessor o padre Leblanc, e não demorou começou a enfrentar enormes dificuldades, pois o rei Guilherme que governava a Bélgica, não desejava de maneira alguma, ouvir falar dos Jesuítas. Essa época em que Elizabeth criou a IVG na Bélgica.

Muitos Jesuítas foram perseguidos e partiram para Hildesheim, outros para Brig na Suíça, e alguns permaneceram em Gand. Os jesuítas de Brig tinham um importante internato de noviços belgas onde alguns ficaram durante quatorze anos.

Para custear os Jesuítas exilados na Suíça, Pirson (s/d) afirma que eles contavam com o apoio de amigos da Bélgica, especialmente da senhora de Lecandèle de Gijzegem, que a qual fazia uma exigência aos noviços, ajudados pelos fundos provenientes da Bélgica, que eles permanecessem vinculados ao país, para retornarem à Bélgica, assim que as circunstâncias se tornassem mais favoráveis, sendo que o superior geral dos Jesuítas, em Roma, concedeu com plena aprovação ao pedido de Betzi.

Assim, foi que os padres Van Lil e Franckeville, mais tarde se tornaram os provinciais Jesuítas na Bélgica, já que eram antigos protegidos de Lecandèle, e, bem como o padre Roothaan, superior geral da ordem.

Portanto, não é de admirar que a senhora de Lecandèle, educada segundo o espírito de Santo Inácio, em 1832, fosse chamada de “*co-fundadora da província belga dos Jesuítas*” pelo padre Roothaan, de Roma; e ainda sustentasse com fartos

donativos e empréstimos a Missão Americana nos Estados Unidos no final do século XIX, quando ocorreu a Guerra de Secessão, época, em que na América se ouvia, em diferentes pontos, apelos por ajuda, tais como:

as minorias católicas, os imigrantes europeus disseminados ao longo dos rios, os índios, os antigos escravos negros, todos estavam sendo vítimas da opressão. Quem, os iria socorrer? Até o ano de 1789, o território dos Estados Unidos tinha sido uma terra de missões. Ali, a religião predominante era o protestantismo. Os “Peregrinos”, fundadores da primeira colônia inglesa, eram protestantes (...). Isso não significa que não se teriam registrado implantações católicas. (PIRSON s/d, p. 77-78).

Consta no período da supressão da Ordem Jesuítica, que Maryland era católica, e também outros estados, pois os jesuítas já havia trabalhando em prol da missão católica em muitos lugares. Sabe-se também que de cinco jesuítas que em 1783, se reuniram, em Maryland para negociar a construção de uma igreja católica na nova república, quatro haviam recebido formação na Bélgica, sendo o quinto deles nomeado por Roma, prefeito apostólico da Missão Americana; e, em 1790 tornou-se Bispo de Baltimore. A missão perdurou por longos anos na história dos Estados Unidos.

A participação de Lecandèle na missão empreendida por Jesuítas na Missão americana pode ser conhecida no museu local dos jesuítas, nos Estados Unidos, em Saint-Louis, no Campus da Universidade de Saint-Louis, pois lá, há uma “Sala De Smet” com um quadro onde se encontra a gravado o nome de sua doadora, baronesa Elizabeth Lecandèle de Gijzegem, o qual foi levado pelo célebre padre De Smet, apóstolo dos índios americanos, na “Missão americana” no século XIX. No quadro há a seguinte referência:

Os amigos dos meus amigos também são meus amigos²⁶, diz o provérbio. D. Du Bourg, [...] grande amigo, desde os tempos da juventude, de D. Maurice de Broglie, que, por sua vez, era um eminente amigo da senhora de Lecandèle. PIRSON [s/d, p.75].

Essa referência “aos amigos dos meus amigos também são meus amigos” refletir-se-á no entrelaçamento das relações de amizade entre os missionários redentoristas americanos e as irmãs da IVG, no século XX no Brasil e em outros

26 Grifo nosso

países da América; pois segundo Pirson (s/d), D. Du Bourg foi colega de Maurice de Broglie no Seminário de Saint-Sulpice, em Paris, logo no princípio da Revolução Francesa, tendo emigrado para a América, exercido o cargo de diretor do colégio de Baltimore. Em 1815 foi nomeado bispo da Louisiana. Voltou mais tarde à França em busca de colaboradores, com a finalidade de conseguir fundos para sua Missão.

Graças à relação de amizades anteriores foi-lhe fácil tal intento. Pirson (s/d) relata que

Como diversos outros sacerdotes e bispos americanos, ele esperava encontrar missionários belgas para sua diocese. E, como muitos dentre eles, Spalding escolheu o castelo de Gijzegem, nas cercanias de Alost, como seu quartel-general, durante sua permanência em nosso país. A octogenária que ali morava, a “douairière” de Lecandèle de Gijzegem, nascida condessa de Robiano, fora, durante muitos anos, a grande benfeitora da Missão americana. O contrato foi firmado no castelo de Gijzegem, em 17 de abril de 1853, por D. Spalding, bispo de Louisville, e T. J. Rijken, superior geral da Irmandade Xaveriana. (PIRSON s/d, p. 95).

Desse modo fica evidente a importância da compreensão não só da figura de Elizabeth num contexto religioso, mas principalmente, em relação à missão americana que permite compreender as relações entre a IVG e os redentoristas americanos em meados do século XX no sul do Mato Grosso. Pois, foram eles que primeiro vieram às terras sul mato-grossenses por volta de 1929 e, conseqüentemente, depois acompanhados de algumas Irmãs da IVG, como consta no livro dos redentoristas.

No sábado dia 23 de novembro de 1929 a bordo do navio “S. S. Northern Prince” dois redentoristas, Francis Mohr e Alphonse Hild, partiram de Nova York para a diocese de Corumbá no sudoeste do Mato Grosso, o novo campo apostólico assumido pela Província Redentorista de Baltimore nos Estados Unidos. O que levou os Redentoristas a assumir esse desafio apostólico foi à insistência da Santa Sé, e a Carta de Dom Antonio de Almeida Lustosa, bispo de Corumbá, ao superior Geral dos redentoristas em Roma. (CINQUENTENÁRIO: OS REDENTORISTAS, 1980, p. 12).

Consta no Cinquentenário²⁷, que em MS que no ano de 1931 a recém – criada Missão redentorista em Aquidauana, foi marcada por uma nova fase, pois uma reunião em outubro de 1929, o Padre Francis solicitou ao Padre Estevão

²⁷ Dos Redentoristas 1930-1980

Heigenhauser, em São Paulo, que lhe indicasse alguma Congregação religiosa feminina para dirigir as escolas que pretendiam criar em todas as suas paróquias. E, assim foi que as irmãs da IVG estiveram por longos anos na Educação fronteira com os padres redentoristas. Assunto a ser explorado ainda nessa dissertação.

3.3 - A INSTITUIÇÃO RELIGIOSA: CRIAÇÃO E FUNCIONAMENTO

Muitas foram às relações entre Elizabeth de Robiano e D. Maurice de Broglie, jesuíta, os quais permitiram a criação da IVG, instituição que esteve instituindo a História da Educação no Brasil, no século XX, em especial no Mato Grosso do Sul.

Pirson (s/d, p.99) relata que a Revolução Industrial, contribuiu significativamente para a criação da Congregação IVG, na Bélgica, por ter chamado à atenção do barão e da baronesa de Gijzegem, para a necessidade visível das crianças da classe popular, que esperavam remediar a situação caótica existente na região; como primeira tentativa abriu em 1812 um hospital e um asilo, porém esses não prosperaram.

Consta então que Elizabeth de Robiano Condensa de Lecandèle, juntamente como o barão, conversou com o Bispo D. Maurice de Broglie, a respeito do desejo deles de atenderem às necessidades sociais da região, e sobre as tentativas frustradas que havia com o hospital e o asilo. Diante disso, o prelado aconselhou o casal a abrir uma escola para as crianças pobres.

Segundo Pirson (s/d) há uma passagem da história do Convento de Moorslede que descreve como ocorreu a criação da instituição religiosa das Irmãs Vicentinas de Gijzegem, na Bélgica. Segundo ela,

a esposa do senhor de Gijzegem, baronesa Elizabeth Lecandèle, nascida condessa de Robiano, era, em Gijzegem, ao norte de Alost, uma benfeitora para os habitantes dos seus domínios. D. de Broglie, condenado por Guilherme I, encontrou refúgio no castelo da baronesa de Gijzegem. O prelado aconselhou a senhora de Lecandèle a abrir uma escola para as crianças necessitadas. Algum tempo mais tarde, o bispo já não se sentia em segurança em Gijzegem. Para que pudesse escapar de Guilherme I, a baronesa o levou disfarçado ao castelo de Dadizele. A baronesa de Gijzegem e a esposa do conde Philippe de Croix, nascida Marie-Ernestine de la Grange, eram muito unidas por laços de amizade. A escola dos pobres de Moorslede estava localizada na propriedade censitária do senhor de Croix. Portanto, nada há de extraordinário no fato de a condessa conhecer as irmãs de Moorslede. A baronesa de Gijzegem

manifestou à condessa de Dadizele sua esperança de encontrar alguém que pudesse abrir e dirigir uma escola de fiação (spinschool), em sua aldeia. Foi sugerido que ela procurasse em Moorslede. Mal retornou a Gijzegem, ela endereçou um pedido ao padre Dumortier, que, por sua vez, conversou a respeito com a superiora do convento. Uma resposta favorável foi remetida a Gijzegem, com a reserva de que a irmã cedida só estaria à disposição da fundação por um período de doze meses. Uma eleição teve lugar então em Moorslede; foi escolhida irmã Bárbara Cool, uma jovem muito piedosa, cordial, e especializada na arte de fiar. Em janeiro de 1818, ela partiu de sua comunidade, acompanhada de uma aluna de dezesseis anos de idade, chamada Sophie Engels. Em Gijzegem, as duas eram esperadas por Marie Vermassen de Smetlede, já aceita anteriormente. A baronesa recebeu irmã Bárbara com enorme simpatia, e, em 21 de janeiro, era inaugurada a escola de fiação. (PIRSON s/d, p.100).

A baronesa católica, política e aristocrata, considerou o conselho do prelado como um dever. Criou a escola, contando para isso com a ajuda de uma jovem da cidade de Smetlede, Marie Vermassen, que havia lhe oferecido seus serviços em 1817. Ela foi então encaminhada para estudar e se formar com as irmãs das escolas dos pobres de Moorslede, retornando, em 1818, para as atividades da escola criada por Lecandèle.

Bárbara Cool – irmã Barbe, se tornou uma figura de grande importância histórica para a fundação da IVG, em 20 de janeiro de 1818, assim como Sophie Engels, Marie Vermassen e mais quatro crianças que foram escolhidas entre as mais pobres da aldeia para assistirem à missa na Festa de Santa Inês, na Igreja paroquial, em honra do Espírito Santo, na presença do barão e da baronesa, para que após a missa fosse inaugurada a escola (spinhuis²⁸). Esse fato traz em si um simulacro o *magma de significações imaginárias que a escola estaria a serviço das necessidades das camadas populares.*

Segundo Pirson (s/d, p.101-102), após a missa todos foram a uma casa que pertencia ao barão, na rua principal da aldeia, Dorpsstraat para a cerimônia de inauguração oficial da escola. Esta foi celebrada diante de um pequeno altar improvisado, onde estava um crucifixo e dois pequenos quadros, marcando a presença da religião.

De acordo com Pirson (s/d) nos arquivos de Gijzegem, há uma carta de autenticação de uma relíquia de São Vicente de Paulo, que ilustra o dia da inauguração na escola e, conseqüentemente, o apoio do clero nessa obra.

²⁸ Casa de fiação em flamengo

Essa peça foi assinada em 12 de fevereiro de 1818 por D. Benoit Van Troyen, protonotário dos Países Baixos; foi contra-assinada em 24 de junho de 1818 pelo vigário geral episcopal Goethals, de Gand. Isso prova que o apoio do clero tinha sido dado desde o início à “Spinhuys”: “In oratio de Spinhuys Gijzegem”. A pequenina escola começava a funcionar. (PIRSON, id.bid).

Conforme essa descrição se pode observar que desde o início havia uma relação amistosa entre a Escola e a Igreja. Pirson (s/d, op cit) explica que essa escola correspondia justamente ao tipo de escola-oficina do século XIX, que às vezes era chamada “escolas dos pobres”, onde as moças pobres poderiam aprender a fiar, a costurar e a tricotar, sendo que o resultado de seu trabalho poderia ser levado para casa por seus alunos.

Nessa pequena escola ensinava-se também o ensino elementar, leitura, escrita, religião e noções de cálculo. Consta que o número de alunos aumentou depressa, pois todos vinham para aprender a fiar, a escrever e a contar. Segundo Pirson (s/d) a Casa como era e é chamada, recebia uma roca e uma meada de linho. Isso explica o fato de logo depois, receber o apelido de “Spinhuys” (casa de fiação). O ensino na Spinhuys começou a ser considerado pelas pessoas que dispunham de condição econômica como bom e assim elas começaram a exigir que seus filhos fossem aceitos na escola. Desse modo, a escola Spinhuys começa também a sua história de elitização.

Contudo, segundo Pirson (s/d, id. bid.), essa situação exigiu da baronesa novas medidas uma vez que:

o nível de desenvolvimento dessas crianças era bem mais elevado do que daquelas que já vinham freqüentando a Spinhuys. Uma primeira solução foi a organização de aulas de corte e costura. Para essa finalidade, a baronesa convocou o concurso de sua costureira pessoal, Antoinette De Keyser.

Esse fato exigiu a ampliação das obras da Spinhuys, pois de acordo com Pirson (s/d) a casa tinha quatro cômodos: um deles, era ocupado pelas crianças vindas da classe média, no segundo cômodo, que era o quarto de dormir das irmãs, trabalhavam as meninas pobres; assim não havia lugar para os meninos pobres; eles tiveram de ser levados para ocupar uma sala de uma outra casa operária, situada na frente da Spinhuys que também pertencia ao barão de Lecandèle. Um terceiro cômodo fazia às vezes de cozinha, de sala de jantar, de sala de descanso e de

oratório. O quarto cômodo, onde se lavava a louça, era pequeno demais, ali ainda ficava a escada para o porão.

Além disso, as duas moças que auxiliavam nos trabalhos da Irmã Barbe advindas do Convento de Moorslede na Spinhuis desejavam se tornar religiosas para então se dedicarem aos pobres, mas não dispunham de meios financeiros para irem a Moorslede. Então, a baronesa resolveu tornar a pequenina Spinhuis um convento, somente precisando da aprovação do bispado, D. Maurice de Broglie. Embora exilado na França, ainda era considerado Bispo, de Gand; assim, em 13 de maio de 1819, foram concedidas à baronesa através das Regras de Vida preparadas pelo padre Lê Maître, também jesuíta exilado, as regras que continham noventa e uma páginas e nove capítulos, cujo princípio se resume em *“humildade, simplicidade e caridade”*. Isso é referendado por Pirson, (s/d) com certa crítica, já que algumas das primeiras irmãs morreram muito jovens por viverem com tanta austeridade e pobreza.

De acordo com Pirson (s/d, p.111), na Spinhuis, o método de ensino seguia a técnica de “ensinamento mútuo”, recente descoberta pedagógica do século XIX; as crianças aprendiam juntamente com os princípios de leitura, da escrita e do cálculo, um ensino religioso e a arte de fiar, sendo que os trabalhos manuais eram escolhidos pela própria baronesa. *“Ela própria redigia as cartas de circunstâncias, de modo que as irmãs pudessem ditá-las às crianças. Todos os meses ela corrigia as provas, presidia à proclamação dos resultados, lia a lista de honra”*.

Pirson (s/d) destaca que a filha mais velha de Elizabeth também ensinava na Escola, dava os cursos para as crianças e o idioma francês às irmãs. Quanto aos exercícios aplicados na Spinhuis eles eram corrigidos no castelo, com a ajuda do abade Wauthier, o capelão, e com a terceira filha Octavie. A segunda filha dos Lecandele ensinava “boas maneiras” nas aulas de comportamento.

Vale ressaltar que a fundação da Congregação religiosa enquanto escola, somente aconteceu porque havia um decreto de 1802, em 22 de julho, onde Napoleão permitia a existência de congregações religiosas, hospitalares e de ensino.

Quanto ao vestuário usado na casa fundada pela baronesa e pelo barão, onde moravam as irmãs, as crianças e os jovens, Pirson (s/d) destaca que *“as mestras desse tipo de escola usavam uniformes religiosos, que lhes conferiam um ar de maior autoridade”*.

Na Spinhuis como era chamada a escola da IVG, as coisas aconteciam de maneira um pouco diferente, pois a Irmã Barbe, como era realmente religiosa e

praticava os princípios e o regulamento escolar de Moorslede, usava hábito, e as duas jovens, Sophie e Marie que viviam como noviças em um convento, não usavam. Porém, a baronesa insistiu para que elas também usassem o mesmo hábito, para terem mais autoridade; foi assim que as jovens passaram a usar também o hábito de noviças das “Filhas da Caridade”, como afirma Pirson (s/d). Desse modo a escola criada pela baronesa se tornou a casa das irmãs, o que tornou a “Spinhuis” a primeira casa de formação do Instituto da IVG na Bélgica, que no final do século XIX imigrou ao Brasil, para o Mato Grosso atual MS em meados do século XX com atividades missionárias, e de educação.

CAPÍTULO IV

ESTADO RELIGIÃO E EDUCAÇÃO: IRMÃS VICENTINAS DE GIJZEGEM NO BRASIL

Neste capítulo, se buscou brevemente descrever as relações entre o Estado e a Igreja Católica do Brasil. E, delinear alguns motivos que desencadearam a vinda da IVG da Bélgica ao Brasil, sua implantação, suas atividades e posterior expansão no território brasileiro, no final do século XIX e meados do século XX, bem como a Educação nessa época.

Para descrever as relações da Igreja e do Estado no Brasil, foi necessário buscar na história da humanidade as realizações sociais do pontífice Leão XIII uma vez que sua encíclica *Rerum Novarum*, publicada em 1891, instigou a expansão missionária de religiosos às sociedades capitalistas, assim viabilizando a instituição da *doutrina social* da igreja católica pelo mundo, inclusive no Brasil.

Segundo Paiva (2003, p. 66), essa encíclica tinha como princípio uma ação social transformadora, da sociedade capitalista, pois esta era acentuada pelas diferenças entre o pobre e o rico. Entretanto, ele enfatiza que a *Rerum Novarum* não se efetivou, já que naquela época “não seria ainda momento de abertura da igreja para as questões sociais”. Todavia, ele ressalta que.

isso só seria vivenciado de maneira plena e oficial décadas mais tarde, com a chegada de João XXIII. Portanto, a virada do século não seria ainda o momento de a Igreja fazer qualquer movimento em direção a um engajamento que ressaltasse em ação social transformadora. Era ainda o tempo de uma prática católica assistencialista, cuja ação era no sentido da caridade e não no sentido genuíno da solidariedade. Nessa visão de mundo, o pobre era visto como objeto de caridade e motivava uma prática assistencialista, e não como símbolo de injustiça a quem deveria ser prestada solidariedade para uma transformação estrutural mais profunda. (PAIVA, id. bid.).

Assim, se evidencia um *magma de significações imaginárias* na psique individual e coletiva quanto à pobreza e à injustiça social, cujo simulacro se faz presente em ações assistencialistas da igreja na sociedade.

Dessa maneira, pode-se compreender que a vinda da IVG Belga ao Brasil a partir de 1896, foi uma ação inserida no conjunto de ações da Igreja Católica para o

seu fortalecimento, manutenção e mesmo ampliação de sua esfera de influência na ordem social brasileira, uma vez que na história brasileira tal influência ocorreu desde o início da colonização portuguesa no século XVI, como se pode verificar nas obras da História Geral da Civilização Brasileira, Coleção Herdeiros de Sérgio Buarque de Hollanda (2004).

Assim foi que, no final do século XIX, a Igreja católica com sua doutrina buscou através das missões atingirem uma grande maioria de pessoas ainda não católicas, ou aquelas que estivessem abaladas na sua religiosidade católica. Devido às teorias políticas e econômicas, advindas da “dupla revolução” que insurgia em todo o mundo ocidental inclusive no Brasil. Graças à chegada dos imigrantes europeus após a abolição de escravos, segundo Petrone (1997), na década de 1890,

(...) além de entrar o maior número de imigrantes, também se registra o maior de uma só nacionalidade: 690 375 italianos, que se dirigiram principalmente para as fazendas de café de São Paulo. Vieram ainda 164 193 espanhóis e 216 474 portugueses (...) o maior contingente de alemães é da década de 1920, quando se registram 55 839 imigrantes dessa origem. Nessa década aparecem pela primeira vez, registrados como os tais, os poloneses (28 110), lituanos (26 374), iugoslavos (22 127), além de húngaros e tchecos em menor número. Aparecem também os romenos em número significativo (28 626), embora já mencionados nos registros desde 1908. (PETRONE 1997, p. 101).

E por meio, dessas migrações adentraram novas idéias políticas, econômicas e religiosas no Brasil, no final do século XIX, que exigiram das autoridades católicas ações para conter a perda de fiéis católicos.

O Brasil, como a maioria dos países da América Latina, sofreu diretamente uma tensão social em 1896, época em que a IVG chegou ao Brasil, na cidade de Olinda, Pernambuco, esse período é marcado pelo início das mobilizações operárias e de diversos levantes revolucionários políticos, devido à chegada dos trabalhadores europeus.

Porém, para a compreensão do período em estudo, no MS, na região de fronteira, a partir da década de 1940 até 1980, buscou-se elencar como iniciaram às relações entre a Igreja e o Estado no Brasil, motivo pelo qual a chegada da corte portuguesa é significativa. Pois, foi nesse momento que ocorreram as grandes mudanças na Europa, por causa da Revolução Industrial, da Revolução Francesa, ou ainda, por consequência das Guerras Napoleônicas e do Congresso de Viena.

4.1 - CONTEXTUALIZAÇÃO BRASIL SÉCULOS XIX – XX

Sendo o Brasil, colônia de Portugal, sofreu diretamente as mudanças sociais com a chegada da família real em 1808, que fugia da perseguição Napoleônica, devido ao Bloqueio Continental, por ele decretado contra a Inglaterra, nação amiga de Portugal. Essa transferência da comitiva real ao Brasil instituiu novos hábitos, novas crenças e novos valores na sociedade brasileira até então conhecida como colonial. É o que nos aponta Tauro (1986).

Dans les annales de l'histoire portugaise, le 29 novembre 1807 marque une date très symbolique- la faillite du regime patrimonial mercantile portugais dramatiquement exprimée par fuite de la famille royale vers le Brésil. Pourtant, le cours des événements ultérieurs montre la résistance de cette monarchie portugaise. Acculée à chercher asile dans sa colonie, elle se transforme en une monarchie constitutionnelle et, si l'on peut dire, se divise pour mieux régner. Ce destin du patrimonialisme portugais au Brésil joue sur trois registres, à savoir: les rapports entre la métropole portugaise et sa colonie brésilienne et leurs changements, les rapports internationaux entre le Portugal et ses voisins européens, et, enfin, la nouvelle situation du Brésil vis-à-vis de ces puissances européennes. (TAURO, 1986, p.293)²⁹

A monarquia constitucional instituiu no Brasil uma “novo rapport établi entre le Portugal et le Brésil fut accompagné d' une réformulation des rapports entre le Brésil et l' étranger”³⁰ que segundo Tauro, (1989, p. 294) viabilizou relações e inter-relações de poder para melhor governar.

D João, rei de Portugal, trouxe para o Brasil muitas idéias econômicas, políticas e culturais, mas também ideológicas, tais como as maçônicas; idéias estas que serão pivôs à deflagração da crise entre o Estado e a Igreja, no Brasil, no final do século XIX, juntamente com as novas crenças religiosas advindas com os imigrantes europeus e novas concepções políticas.

29 T.N. Nos anais da história Portuguesa, vinte e nove de novembro de 1807 marca uma data muito simbólica – a queda do regime patrimonial mercantil português dramaticamente expresso pela fuga da família real para o Brasil. Portanto, o curso dos acontecimentos ulteriores mostra a resistência dessa monarquia portuguesa. Pressionada a procurar asilo em sua colônia, ela se transforma em uma monarquia constitucional e, pode - se dizer divide-se para melhor reinar. Esse destino do patrimonialismo português no Brasil se expressa sobre três registros, a saber: as relações entre a metrópole portuguesa e sua colônia brasileira e suas inter-relações, as relações internacionais entre Portugal e seus vizinhos europeus, e, enfim, a nova situação do Brasil diante desses poderes europeus.

30 T.N. A nova relação estabelecida entre Portugal e o Brasil foi acompanhada de uma reformulação das relações entre o Brasil e o Estrangeiro.

O Brasil experimentou no decorrer do século XIX a inquietude dos movimentos emancipatórios e nacionalistas entre 1800 a 1848. Dentre os quais podemos citar: a Inconfidência Mineira, a Inconfidência Baiana, a Revolução de 1817 a Confederação do Equador, algumas agitações entre 1831 a 1837 no período Regencial, a Cabanagem entre 1834 a 1840, Revolução dos Farrapos entre 1835 a 1845 e a Sabinada em 1837.

Em 1850 o Brasil sofreu diretamente uma transformação econômica quanto à mão de obra escrava, pois a abolição do tráfico negreiro exigia uma mudança social, o que provocou uma imigração maciça de europeus ao Brasil em busca de trabalho e melhoria na qualidade de vida.

De acordo com Tambara (2004), foi nesse período que a relação entre o Estado e a Igreja começou a declinar com a decretação da infalibilidade do papa em questões de doutrina por ocasião do Concílio Vaticano I, em 1870, reforçando a hierarquia da Igreja. Ele cita que a partir desse conclave, muitas atitudes e comportamentos pragmáticos dos reis e imperadores colocaram o Vaticano em segundo plano, o que marca as primeiras insatisfações entre Igreja e Estados.

Vale ressaltar aqui que, em 1870, quando terminou a guerra entre Brasil /Paraguai, aparecia o Manifesto Republicano que, embora de limitado alcance e significação na época, seria sem dúvida, outra questão na inquietação social em prol da República. Assim em 1888 era extinto o trabalho escravista no Brasil, e a necessidade de trabalhadores para o desenvolvimento do Brasil.

Tambara (2004, s/p.) destaca que a relação entre a Igreja e o Estado no Brasil esteve fortalecida pelo sistema de padroado, durante logos anos. O padroado segundo Tambara foi um dos

Movimentos políticos e ideológicos que no século XVIII e XIX construíram um sistema de relações Estado/Igreja em Portugal e no Brasil no qual houve um super-dimensionamento do poder temporal em relação ao poder espiritual, que vai desembocar no sistema de padroado ou regalismo.

Entretanto, de acordo com Paiva (2003, p. 61), o padroado implantado aqui no Brasil desde os primeiros séculos da colonização, ocorreu dentro do espírito da cristandade, e perdurou até a Proclamação da República. *“Apesar de a Santa Sé ter de ceder parte do seu poder centralizador para o monarca de Portugal, estava*

assegurada a propagação do catolicismo em território tão amplo e de difícil evangelização”. (op.cit. p. 61-67).

Paiva (id.bid.) adverte que o regime de Padroado foi um dos mais convenientes para Roma, pois garantia a evangelização das terras descobertas e a certeza de que estas terras seriam católicas.

As relações do Estado e da Igreja no Brasil começaram a ser abaladas quando ocorreu a Independência no Brasil em 1822, época em que o imperador, com a imunidade de decidir a respeito das orientações vindas de Roma, desagradou a Santa Sé, que conseqüentemente entrou em conflito com a Monarquia, cuja conseqüência foi que deflagração da chamada Questão Religiosa entre Império e Roma em 1872, apesar do sistema de padroado ter sido adotado dentro dos moldes da tradição católica de outras regiões do planeta. Como evidencia Paiva (2003).

Esse período de conflitos na relação da Igreja com a esfera política não foi de mão única. Além da Questão Religiosa, movimento de rebeldia dos bispos D. Macedo Costa e D. Vital, que nutriam sentimentos ultramontanos e que interpretaram no Brasil a tendência conservadora de Pio IX de manter a prerrogativa de a Igreja ser “mestra da verdade”, tornando o padroado régio inconcebível e a maçonaria uma obscenidade, foi também um momento em que se acirra um forte sentimento anticlerical na esfera política brasileira por parte dos liberais, que lutavam pela democratização religiosa para que os novos imigrantes com profissões de fé diversas tivessem espaço garantido na esfera publica. (PAIVA 2003, p. 66).

Nessa colocação de Paiva (2003), é possível compreender a necessidade da Igreja Católica para garantir sua hegemonia e hierarquia no Brasil. Até porque nessa época insurgiram também os movimentos messiânicos como Canudos e Contestado, que juntamente com as idéias maçônicas, socialistas, anarquistas, positivistas e também comunistas instigaram a separação entre o Estado e a Igreja.

Além desses movimentos e dessas idéias, a República foi o estopim que faltava para a concretização dessa separação. A perda do apoio dos senhores de terras, os famosos *coronéis*, a Abolição da Escravatura, a Questão Religiosa e a Questão Militar, que provocaram a separação entre o Estado e a Igreja.

Mas, essas crises entre a monarquia e os coronéis, a igreja e as forças armadas não atrapalharam as transformações entre 1850 a 1870 como a implantação das estradas de ferro, o telégrafo e as primeiras indústrias. Essas transformações permitiram ao exército uma importância significativa, mas também aos políticos,

ressaltando os movimentos revolucionários e republicanos, provocando entre políticos e militares vários atritos entre 1883 a 1889.

Esses vários fenômenos políticos, religiosos, culturais e ideológicos culminaram no final do século XIX na Proclamação da

República, que se instala no Brasil em Novembro de 1889, [esta] encontra a Igreja enfraquecida e incapaz de negociar um novo pacto que viesse a substituir o regime do Padroado e a sua situação de religião oficial do Estado, que lhe havia sido atribuída pela Constituição de 1824. O Estado Republicano rompe com o regime do Padroado e proclama-se leigo. A separação entre a Igreja e o Estado é oficializada por decreto em janeiro de 1890 e confirmada pela Constituição republicana de 1891. Entre os dispositivos incluídos nesta Constituição, para garantir a plena separação entre a Igreja e o Estado, estava a introdução do Ensino leigo nas escolas públicas. (BAÍA HORTA, 1994, p.92)

Segundo Baia Horta (1994) essa separação constitucional é um fato que viabilizou a Igreja uma ação missionária apoiada por aqueles que não aceitam o Estado leigo e o ensino leigo. Assim a Igreja através da doutrina social que se espalhava por todo o mundo compôs os elementos que viabilizaram uma ação da Igreja Católica para conter a separação que estava enfraquecendo sua hegemonia no patronato brasileiro.

Segundo Roos (1994) foi no século XIX que se manifestou de forma mais ou menos veemente a luta entre a Igreja e o Estado. Além disso, os católicos representavam somente um terço da população e tinham que defender-se contra um poderoso protestantismo que se espalhava com força e poder (ROOS, 1994, p. 61).

Foi assim que a Igreja através da bula papal de Leão XIII conclamou os religiosos de todo o mundo para resgatarem a fé católica. E dessa maneira a encíclica *Rerum Novarum* ecoou às religiosas de todo o mundo inclusive às Irmãs de São Vicente de Paulo de Gijzegem da Instituição Religiosa Feminina Belga IVG, o que permitiu sua chegada ao Brasil e sua expansão nas terras brasileiras como já explicitado no capítulo anterior.

A encíclica de Leão XIII continha princípios para uma convocação dos religiosos no sentido social, assim a defesa dos interesses dos trabalhadores era a força semiótica da bula, cujo simulacro é evidenciado num magma de significações imaginárias. Pois, seus títulos e artigos solicitavam melhores condições de vida e trabalho para a classe trabalhadora, como assinala Roos (1994, p. 62).

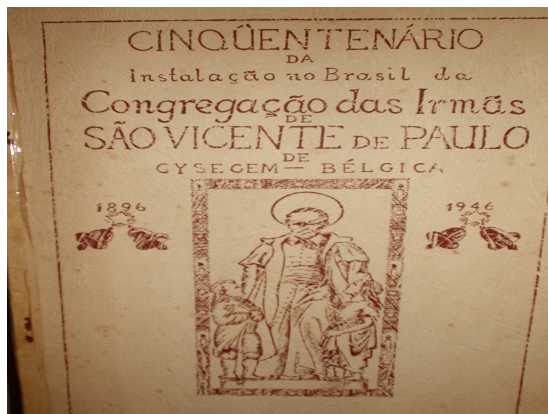
Pode-se bem observar que, após o aparecimento da encíclica *Rerum Novarum* (1891), surgiu um movimento operário de inspiração cristã, que procurava não só mitigar solidariamente as necessidades atuais de seus membros, como também antecipar cooperativamente formas privadas de seguridade social.

Essas práticas do pontífice Leão XIII fizeram surgir movimentos operários católicos na História da Igreja e da Humanidade conhecidas pelo simulacro das causas sociais. Eles se apresentam como uma preocupação aos males sociais, que flagelavam a humanidade inteira no final do século XIX, levando o pontífice a questionar sobre as possíveis causas e os possíveis remédios para as massas trabalhadoras.

Para Leão XIII o germe de todos os males estaria na

(...) ignorância religiosa. O remédio seria o ensino da doutrina cristã. Então sua voz potente ecoou suscitando novas cruzadas. Não eram mais os santos lugares que deviam reconquistar, e sim o coração do homem, lugar de honra para Deus Nosso Senhor. O novo grito do século XIX foi, pois, “AS MISSÕES”, como nas épocas de fé esse grito fora AS CRUZADAS! (CINQUENTENÁRIO 1946, p. 10).

Este motivo trouxe a Instituição Vicentina de Gijzegem das Irmãs de São Vicente de Paula “Servas dos Pobres” às terras brasileiras. Até porque, escutar o “pai” da Igreja era como se escutasse o próprio Deus, a quem as pessoas deveriam ser obedientes e devotas. Dessa maneira iniciou-se a história da IVG no Brasil, cujo objetivo era ensinar através da missão educativa, o remédio aos males sociais, a doutrina religiosa cristã.

FIGURA V - Álbum do Cinqüentenário IVG no Brasil

Fonte: Foto da capa de um dos documentos mais antigos da história da IVG no Brasil (Álbum do acervo da casa da comunidade IVG - Ponta Porã- MS)

O “grito” de Leão XIII se fez ouvir na Bélgica, época em que a congregação religiosa feminina das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” de Gijzegem se dirigiu para o Brasil.

4.2 – ESTADO, IGREJA E EDUCAÇÃO: UM ENTRELAÇAMENTO DE RELAÇÕES

A relação entre o Estado e Igreja na Educação Brasileira é uma relação que teve início ainda durante a colonização quando Portugal difundiu o cristianismo no Brasil através dos Jesuítas.

Desta maneira, pensar a Educação na região de fronteira sul do MS, entre 1940 a 1980, pressupõe pensar numa Educação que foi instituída por portugueses no empreendimento colonizador, através da obra catequética dos Jesuítas desde 1530; cujo modelo de educação era o europeu, do século XVI, bem como a forma de Estado por eles instituída na estrutura cultural administrativa e religiosa que empreenderam nas terras brasileiras, através da educação com os índios brasileiros.

A Educação no Brasil, quando os europeus chegaram, tinha característica difusa das sociedades brasileiras tupis. Como corrobora Florestan Fernandes (1986) ao escrever sobre a educação naquela época.

Adultos, homens e mulheres sabiam como agir nas diversas atividades relacionadas com a caça, pesca, horticultura, com a repartição dos víveres, com o conforto e a segurança domésticos com a guerra etc. O ‘pai’, a ‘mãe’, o ‘filho’, a ‘filha’, o ‘irmão’, a ‘irmã’, a ‘tia’, o ‘tio’, todos sabiam o que esperar uns dos outros e como comportar-se nas variadas situações

tribais. Se surgisse algum imprevisto, as exigências novas podiam ser examinadas pelos velhos – as cabeças de parentela. (FLORESTAN FERNANDES in 2002, p.86).

Com o “descobrimento” essa educação difusa passou por muitas transformações econômicas, sociais e culturais em função das necessidades e dos interesses da metrópole portuguesa vindo a ser uma educação nos moldes cristãos.

De acordo com Teixeira, (2000, p.51-52), o Estado europeu e a Igreja católica foram as duas instituições sociais que conduziram o processo de colonização na América espanhola e portuguesa a partir do século XVI. Segundo ele

(...) para o Estado, a conquista material era vista como instrumento de acumulação de riqueza e poder. Para a Igreja, a conquista espiritual era instrumento de recomposição e ampliação do “rebanho” católico, reduzido e ameaçado na Europa pela ação da Reforma Protestante.

No Brasil, no exercício de sua missão espiritual, a Igreja tratou logo de implantar os serviços religiosos³¹. Para o atendimento dos colonos, foram construídas as primeiras igrejas e capelas, criadas paróquias, colégios, irmandades, seminários e dioceses, geralmente a cargo do clero secular. Por meio desses serviços, as autoridades eclesiásticas do reino exerciam seu controle sobre a vida religiosa, intelectual e moral de toda a sociedade colonial. [...] O trabalho da Igreja católica, tanto em relação aos colonos quanto aos índios, negros e mestiços, foi de enorme importância para a colonização e seria fundamental para a formação da sociedade brasileira. Detentora do monopólio dos serviços religiosos oficiais (missas, batizados, casamentos, enterros, festas, peregrinações, irmandades, etc.) a Igreja católica ajudou a estruturar o cotidiano social de uma população heterogênea, rala e dispersa. [...]. Apesar de atuarem em campos diferentes. Na prática, a divisão de direitos e atribuições subordinava a **Igreja ao Estado português**, pelo regime do **padroado**³², que vigorou durante toda a colonização e até depois dela, a Coroa assumia encargos importantes em relação à manutenção da Igreja, pagando, por exemplo, boa parte das despesas de manutenção dos vigários e dos seminários. (TEIXEIRA 2000, p. 51-53).

A explicação de Teixeira (2000) permite compreender que as relações entre o Estado e a Igreja no Brasil fazem parte da instituição da sociedade. Segundo Teixeira (2000), no princípio, as intenções de Portugal não eram tornar o Brasil uma nação independente, mas incorporá-lo ao domínio português. Foi desta maneira que o país europeu começou explorar o pau Brasil, o que exigiu a criação de um sistema administrativo e de povoamento com características européias.

31 TEIXEIRA ainda corrobora com nossa interpretação quando ilustra seu texto com a imagem da Igreja de Nossa Senhora das Neves, em Olinda, Pernambuco, que foi construída de costas para o mar no século XVI para se afirmar como o grande pilar ideológico da colonização, juntamente com outras obras arquitetônicas como o Convento de São Francisco.

32 Negrito nosso.

Segundo Tauro (1986, p. 64), a corte portuguesa empreendeu uma política de doação de terras com um sistema que consistia em “(...) *distribuer des terres à ceux qui voulaient s’établir dans la colonie, sous le regime de sesmarias (droit de propriété privée entière, sous la seule obligation de cultiver les terres avant l’échéance de 5 ans*³³).

Constam que no início da colonização e da exploração para melhor controle do território brasileiro houve a divisão em quinze capitanias, grandes faixas de terras sob a administração de um nobre português, que recebendo o título de donatário ficava com todos os direitos de exploração da faixa denominada capitania hereditária.

L’ institution des capitaineries héréditaires surgit dans un contexte d’inquiétude à la Cour portugaise: la pression croissante autour du commerce oriental portugais (2), les nouvelles des attaques des indiens et des corsaires français au Brésil. La décision de peupler le territoire brésilien et de le coloniser fut une solution décidée par le monarque et un élément clé de sa nouvelle politique. (TAURO 1986, p. 63)³⁴.

Entretanto, mesmo com a política colonizadora e o sistema de capitanias o monarca não conseguiu evitar as invasões dos corsários. E, além das invasões os muitos donatários também não conseguiram êxito na administração e na exploração de suas capitanias, por diversos fenômenos geopolíticos e econômicos.

A crise dos donatários e a invasões fizeram com que o rei de Portugal, temendo perder as terras brasileiras para os corsários franceses, criasse outra forma para administrar a nova colônia, uma instituição de governos gerais, solução por ele encontrada; pois, os governadores gerais administrariam junto dos donatários. Assim, eles se tornaram os primeiros políticos do Brasil e as autoridades máximas, como representantes do rei português no local.

Au contraire de la capitainerie qui dans sa forme, fonction et signification demeure un office administratif, (1) les terres de chaque capitainerie

33T.N. (...) distribuir terras àqueles que desejassem se estabelecer na colônia, sob o regime de sesmarias (direito de propriedade privada inteira) sob uma única obrigação de cultivar as terras antes do prazo de 5 anos.

34 T.N. A instituição das capitanias hereditárias surgiu em um contexto de inquietude na corte portuguesa: a pressão crescente em torno do comércio oriental português (2), novos ataques dos índios e dos corsários franceses no Brasil. A decisão de povoar o território brasileiro e de o colonizar foi uma solução decidida pelo monarca e um elemento chave de sua nova política.

furent distribuées aux colons catholiques, portugais ou étrangers sous le régime des sesmarias. (TAURO 1986, p. 66)³⁵

Com Tauro (1986) entende-se que o Estado começa a consolidar sua relação com a Igreja quando as terras das capitânicas foram distribuídas aos colonos católicos.

A Capitania da Bahia por ser estrategicamente bem localizada tornou-se sede do governo geral, sendo o trabalho do governador geral, estabelecido através das leis e do decreto instituído em 1548, como aponta Tauro.

Le décret proclamant l'institution du Gouvernement general(17- XII – 1548) et la Charte proclamant la nomination de Tomé de Sousa au poste de Gouverneur (07-I-1549) [...] cette institution sera un "instrument de contrôle de comande et de gouvernement" [...] Tout patrimoine devait être défendu, organisé, développé. (TAURO, 1986, p.81)³⁶.

E, foi dessa maneira que o Estado controlou e governou as terras brasileiras. Vale destacar que entre 1548 e 1549 chegou ao Brasil o primeiro governador geral de Portugal e alguns Jesuítas - homens missionários da fé católica, que o Estado português confiou à educação da colônia por mais de duzentos anos para administrarem o Brasil, combaterem e fazerem alianças com índios, enfrentando os corsários, os inimigos estrangeiros, para fundarem as vilas, construírem fortes e realizarem atividades para o “desenvolvimento” da colônia.

La fragilité de la colonie, les menaces provenant des Indiens et des corsaires devaient être conjurées par la mise en oeuvre de nouveaux dispositifs de défense. [...] l'appareil étatique, doté des fonctions administratives (civiles, militaires et ecclésiastiques), renforce sa présence déjà énorme dans l'espace politique par ses interventions dans les rapports sociaux émergents. (TAURO 1986, p.82)³⁷.

35 T.N. Ao contrário da capitania que em sua forma, função e significação tornou-se um trabalho administrativo, as terras de cada capitania foram distribuídas aos colonos católicos (grifo nosso), portugueses ou estrangeiros sob o regime das sesmarias.

36 T.N. O decreto proclamando a instituição do governo geral (17-12-1548) e a carta proclamando a nomeação de Tomé de Souza ao posto de governador (07 -01-1549) [...] esta instituição será “um instrumento de controle de comando e de governo” [...]. Todo patrimônio deveria ser defendido, organizado, desenvolvido.

37 T.N. A fragilidade da colônia, as ameaças provenientes dos índios e dos corsários deveriam ser conjuradas para por em prática novos dispositivos de defesa [...] O aparelho do estado, dotado de funções administrativas (civis, militares, militares e eclesiásticas) reforça sua presença já enorme no espaço político por suas intervenções nas relações sociais emergentes.

De acordo com Tauro (1986) o Estado reforçou sua presença com várias funções administrativas civis, militares e eclesiásticas. Sabe-se que além do cargo de Governador Geral, ainda foram criados outros cargos políticos para a manutenção do Brasil Colônia tais como Ouvidor-mor que cuidava da justiça; o provedor-mor, responsável pela arrecadação dos impostos e administração dos gastos, e o Capitão-mor encarregado da defesa do litoral. A função de Governador Geral existiu até 1640 quando passaram a ser chamados de Vice-reis.

A referência à chegada dos Jesuítas é fato mister para a compreensão da educação brasileira. Segundo Aranha (1996),

quando o primeiro governador-geral, Tomé de Sousa, chega ao Brasil em 1549, vem acompanhado por diversos jesuítas encabeçados por Manuel da Nóbrega. Apenas 15 dias depois, os missionários já fazem funcionar, na recém-fundada cidade de Salvador, uma escola “de ler e escrever”. É o início do processo de criação de escolas elementares, secundárias, seminários e missões, espalhados pelo Brasil até o ano de 1759, quando os jesuítas são expulsos, pelo marquês de Pombal.

Nesse período de 210 anos, eles promovem uma ação maciça na catequese dos índios, educação dos filhos dos colonos, formação de novos sacerdotes e da elite intelectual, além do controle da fé e da moral dos habitantes da nova terra. (ARANHA 1996, p. 99).

Para entender a hegemonia educacional dos Jesuítas verifica-se na ilustração a seguir quatorze colégios sob seu domínio instalados na região litorânea já no início do século XVI e 19 missões nas terras que atualmente constitui o Brasil.

Todavia, há de considerar também que não só os Jesuítas fortaleceram o magma de significações imaginárias entre o Estado e a Igreja no Brasil, mas, outras ordens também se instalaram nos limites do Brasil colônia como se pode constatar na ilustração, sobre a instalação da missão Jesuítica em diversas localidades no território do Brasil.

FIGURA VI – Mapa das Missões Jesuíticas no Brasil



Fonte: Revista Disney Explora 500 Anos de Brasil ³⁸

Assim, os Jesuítas contribuíram para a instituição da sociedade Brasileira e da educação da missão catequética e evangelizadora nas terras brasileiras até meados do século XVIII, que permitiu, no século XIX, um campo propício IVG em Pernambuco.

Cabe destacar que a religiosidade Cristã Católica adentrou no Brasil com os primeiros povos colonizadores. De acordo com Diégues Jr (1980, p. 73), são povos que originaram da instituição de vários elementos étnicos, o que lhe possibilitou uma diversidade cultural. Dentre os diversos povos consta a presença de Judeus, que influenciaram tanto na formação étnica quanto nos aspectos políticos e sociais, e muitos deles também receberam dos romanos o nível intelectual, a facilidade nas comunicações e nas construções de estradas e cidades, bem como o espírito municipalista, democrático, mas, principalmente, a fundamentação religiosa para o Cristianismo.

Diégues Jr (1980) enfatiza que Portugal conseguiu sua unidade social quando se utilizou do Cristianismo como fundamento em sua formação étnico-cultural, e assim formou sua homogeneidade através de elementos celtas, germânicos

³⁸ Estado e a Igreja no Brasil Editora Abril, 2000.

ao norte, mediterrâneos e berberes ao sul, bem como de elementos europeus da Europa central e setentrional. E foi desse modo, que se instituiu a chamada cultura luso-cristã, que expandiu para o oriente, África e América, como foi a exemplo do Brasil.

O cristianismo adentrou então, como religião nas terras brasileiras com o empreendimento colonizador do sistema patrimonial mercantil português, onde “la société portugaise forma un tout, un ensemble où la division sociale interne, comme l’institution royale, étaient considérées comme faisant partie du plan divin”³⁹ que segundo Tauro, (1986, p.106), fortaleceria *o imaginário social coletivo* na colônia e, conseqüentemente, faria com que os concidadãos aceitassem as diferenças sociais como coisa divina, simulacro da religião.

Consta que o Brasil foi “descoberto” e colonizado no auge da expansão marítima e comercial européia. Com espírito comercial e mercantil, Portugal empreendeu um sistema difusor e divulgador da cultura européia na América. Mas, não só a América foi alvo da colonização Portuguesa, outros países como a Ásia, o Oriente e a África também.

Segundo Diégues Jr. (1980, p. 87) cinco grupos vieram para o Brasil, o que permite contrariar outras posições quanto ao povoamento brasileiro ser exclusivo de criminosos como querem alguns, ou de aristocratas, como querem outros.

2. Fidalgos e militares, os que tiveram preferência nas concessões de terras, e que constituíram os elementos de classe mais elevada na época, não só por sua origem, senão ainda por sua participação nas conquistas e navegações portuguesas;
3. Sacerdotes, que representavam a parte espiritual da colonização, influndo a organização moral da sociedade que se erigia, sobretudo os pertencentes a ordens religiosas, destacadamente os jesuítas;
4. Degredados, aqueles que vieram para o Brasil em virtude de degredo a que eram condenados, às vezes por crimes ou pecados assim considerados na época: em sua maioria, pecados de amor;
5. Criminosos, os que fugiram para o Brasil por verdadeiros crimes cometidos, aqui procurando Couto e homizio, ou incorporando-se à vida desregrada verificada em algumas capitânicas, contra o que, alias, já falava Duarte Coelho;

Homens bons, lavradores, artífices, artesãos, (...) foram os verdadeiros colonizadores, capazes de uma atividade sedentária, permanente, de rotina. (DIÉGUES JR, 1980, p. 87).

39 T.N. A sociedade portuguesa forma um todo, um conjunto onde a divisão social interna, como a instituição real, era considerada como fazendo parte do plano divino.

E, foi por meio deste processo de formação social – histórico que ocorreu a criação do Estado Luso Brasileiro, cujo sistema administrativo foi instituído por uma ação colonizadora, em que a religião foi um fenômeno de grande relevância. Uma vez que dentre todos os membros da colonização, houve aqueles ligados à religião que compunham as diferentes ordens religiosas que marcaram presença no Brasil (franciscanos, beneditinos, carmelitas, dominicanos), em que se destacaram os jesuítas, privilegiados na corte portuguesa que não tiveram dificuldades em se deslocar para o Brasil, para exercerem o papel de mestres, catequistas, defensores dos índios e organizadores de missões.

Destarte, instituiu-se a sociedade brasileira com a contribuição lusitana, que além da *“língua, legaram também a organização social, a religião católica, a arte, a vida de família, o espírito tradicionalista, enfim o “ethos” do brasileiro”* segundo Diégues Jr (1980).

Foram os jesuítas que fundaram as primeiras organizações e deram a formação religiosa católica à sociedade brasileira.

les jésuites seront surtout connus au Brésil pour leurs oeuvres auprès de la population indienne qu'ils organisèrent en communautés. [...]

Alors, que ce soit par leur travail de conversion des païens ou auprès des colons, les jésuites et, avec eux, les autres ordres missionnaires qui les suivirent au Brésil, jouèrent un rôle très important dans la formation catholique de la société coloniale brésilienne, même si leur oeuvre ne fut pas accomplie sans heurts avec l'administration et population coloniale. (TAURO 1986, p. 114)⁴⁰

Os Jesuítas foram também importantes no empreendimento português no início do povoamento do Brasil, entretanto, as primeiras ações portuguesas nas terras brasileiras não foram de colonização, mas para extrair o pau-brasil e depois é se voltaram para a preocupação em povoar e produzir açúcar e objetos procurados nos mercados consumidores europeus.

Foi entre 1750 - 1777 com o *“uti possidetis”* que ocorreu a definição das fronteiras do território brasileiro, até então denominado Santa Cruz, época em que um grupo de portugueses imigrou para a Amazônia e para o Extremo sul, os

40 T.N. Os jesuítas serão, sobretudo conhecidos no Brasil por suas obras junto à população indígena que eles organizaram em comunidades [...] Desse modo, quer seja por seu trabalho de conversão dos pagãos ou junto dos colonos, os jesuítas e, com eles, as outras ordens missionárias que os seguiram no Brasil tiveram um papel muito importante na formação católica da sociedade colonial brasileira, ainda que sua obra não fosse acompanhada sem esforços com a administração e a população colonial.

chamados “casais”, famílias vindas das Ilhas de Açores e da Madeira que constituíram famílias de grande importância para o povoamento do brasileiro.

Segundo Teixeira (2000), nos séculos XVII e XVIII, os jesuítas eram fortes politicamente, pois eles mantinham igrejas, paróquias, colégios e missões desde Paranaguá (no atual estado do Paraná) até São Luís do Maranhão e a região amazônica.

Em torno dessas instituições, a organização religiosa acumulou um vasto patrimônio em terras, plantações, edificações, engenhos, escravos, etc. Foi provavelmente na implantação e organização das missões que os jesuítas mais se destacaram. (TEIXEIRA 2000, p. 53).

O poder dos Jesuítas era tão hegemônico que suas missões se tornaram motivo de disputa entre colonos e entre o Estado, em virtude da autonomia e da acumulação de poder das Reduções Jesuíticas. A situação nas missões ameaçava transformar-se num Estado dentro do Estado. Antes que isso ocorresse os Jesuítas foram expulsos de Portugal em 1759, e sua companhia foi fechada pela Igreja, sendo reaberta somente no início do século XIX.

No decorrer do século XVIII, cresce a animosidade contra a Companhia de Jesus. O governo temia o seu poder econômico e político, exercido maciçamente sobre todas as camadas sociais ao modelar-lhes a **consciência** e o **comportamento**. (ARANHA 1996, p. 133).

Temendo as perdas políticas que vinham exercendo na colônia e sua força na consciência e no comportamento das camadas sociais o Estado português, segundo Aranha (1996) lançou através de Pombal uma reforma em 1759, como o afastamento da ordem Jesuítica do lusitano secular português. E o Estado tomou para si a tarefa de reformular, dirigir e oferecer o ensino público.

No Brasil, após o afastamento dos Jesuítas, seus colégios segundo Teixeira (2000, p.116) foram substituídos por aulas régias e escolas públicas, com pouca eficiência sustentada por um imposto cobrado sobre a venda de vinho e aguardente, tanto por falta de professores quanto por escassez de recursos materiais.

Vale ressaltar que durante o século XVII e XVIII ocorreram muitas revoltas, guerras e conjurações no Brasil. Primeiro entre,

colonizadores e índios, portugueses e estrangeiros, escravos em luta pela liberdade. A elas sobrevieram as disputas entre colonos e jesuítas. Mais tarde, tornaram-se cada vez mais acirrados os conflitos entre a sociedade colonial e os agentes do Estado português. O desdobramento desse processo seria a luta dos colonos por sua emancipação. Entretanto, no Brasil dos séculos XVII e XVIII não se lutava apenas contra os interesses e as pressões da metrópole. Dentro da própria colônia, grupos sociais e étnicos lutavam entre si, [...] esses conflitos expunham as múltiplas contradições do processo de colonização. (TEIXEIRA 2000, p. 123).

E, é nesse contexto que a Corte Portuguesa em 1808, chega ao Brasil, e D. João declara aberto os portos para as nações amigas, ao comércio e a exportação, instaurando assim sérios problemas na colônia, pois os colonos e comerciantes deflagraram revoltas e insurreições dentro do território brasileiro.

Segundo Vasconcelos (2002), as relações que provocaram a separação entre o Estado e a Igreja foram desencadeadas, graças ao Tratado de Comércio e Navegação, de 1810, no artigo XII, quando D. João concedeu a liberdade de culto aos ingleses e a tolerância religiosa a outros acatólicos residentes no Brasil. Mas foi a Constituição de 1824, no artigo 5º, que deixou claro que todas as outras religiões, existentes no reino, seriam permitidas desde que seu culto fosse entre seus membros e sem qualquer divulgação ou templo específico para tal manifestação, apesar de enfatizar que a Religião Católica Apostólica Romana continuaria sendo a religião oficial do Império Brasileiro. Assim

o Tratado expressava claramente: que os vassallos de sua majestade Britânica, residentes nos territórios e domínios, não serão perturbados, inquietos, perseguidos, ou molestados por causa de sua religião, mas antes terão perfeita liberdade de consciência e licença para assistirem e celebrarem o serviço divino em honra do Todo-Poderoso Deus. Mas essa liberdade continha limites. Restringia-se à licença para assistirem e celebrarem os seus cultos entre si, mas não lhes permitia a sua divulgação. A punição para os infratores era rigorosa: a deportação. No entanto, por mais restrita que fosse tal liberdade, representou um dos primeiros passos no longo processo de desvinculação da Igreja do Estado. (VASCONCELOS, 2002, p. 135).

E assim foi o início da crise entre o Estado e a Igreja católica que pode ser verificada na Constituição de 1824, devido à relação diplomática entre o Brasil e o estrangeiro, quando se instituiu a liberdade religiosa aos estrangeiros, desde que eles não propagassem, nem divulgassem a fé poderiam praticá-la.

Isso demonstra que a crise na Igreja Católica, no Brasil, tem início com a formação do Estado liberal no final do Império, pois, esta forma de Estado tem como fundamentos o Estado Laico que caracteriza a ausência da religião.

No Brasil antes do Estado Liberal, a Igreja, através do Padroado, marcava uma forte relação com o Estado que, de certa maneira, refletia-se diretamente nas ações políticas para com a Educação brasileira. Tal crise aponta, enfim, a reforma tridentina, chegando com força em terras brasileiras, onde a nova cristandade começa a conviver com a luta abolicionista e maçônica.

Entretanto, os conflitos agravaram como já referendamos em decorrência da chegada dos imigrantes ao Brasil, e as idéias liberais e racionalistas já anunciadas. Segundo Carneiro Jr. (1990, p. 73) “*durante o período de Leão XIII (de 1870 a 1900), a Europa assistiu uma onda crescente de anti-clericalismo, pela difusão das idéias caras ao positivismo: valorização da ciência e do progresso*”.

Porém, a crise se efetiva com a proclamação da República como enfatiza Vasconcelos (2002).

Com a proclamação da República, em 1889, especialmente com a separação da Igreja e Estado a partir do decreto nº. 119-A, de 7 de janeiro de 1890, o catolicismo “entrou numa nova fase” (extinção do padroado). O Decreto garantia a “plena liberdade de cultos, o livre exercício e propaganda da religião evangélica, em lugar da mera tolerância do culto protestante”. Essa nova situação dava aos protestantes o direito de apelar às autoridades requerendo proteção e reparação em caso de abuso de direitos legais, ameaças ou perseguições. (VASCONCELOS, 2002, p. 136).

Vasconcelos (2002) mostra que após a Proclamação da República houve rompimento na relação entre o Estado e a Igreja através do decreto de 1890 e da constituição de 1891, por conceder direitos aos estrangeiros residentes no Brasil, a outras crenças.

Fenômeno imigratório é importante para o entendimento da história brasileira, pois os imigrantes trouxeram na “bagagem” as idéias marxistas, socialistas, nazistas, fascistas que tanto assustaram a Igreja e provocaram as perseguições por parte do Estado.

Baía Horta (1994) aponta que, apesar da questão religiosa, foi nessa época que se iniciou a introdução do ensino leigo nas escolas públicas, logicamente em função das crianças não católicas.

É neste contexto, no final do século XIX, que a Santa Sé através de Leão XIII conclama os religiosos para evitar que as outras religiões e idéias se disseminassem no Brasil, até então de maioria católicos. É nesse quadro de crise que a IVG chega ao Brasil por força desse chamado.

À voz do Papa o mundo inteiro se viu socorrido por falanges benditas de servos do senhor que dando expansão ao seu zelo se fixaram em terras estranhas... Foi assim que a 5 de maio do Ano da Graça, 1896, sete (o número parece simbólico!) irmãs de São Vicente de Paulo deixaram a Casa-Mãe e demandaram as longínquas plagas da terra de Santa Cruz. (CINQUENTENÁRIO, 1946, p. 10).

Apesar da Proclamação da República separar a Igreja do Estado no final do século XIX, isso em nada atrapalhou a chegada da IVG ao Brasil para sua missão educacional. A separação ocorrida em função da constituição não perdurou para sempre, e teve suas relações entrelaçadas novamente a partir do social – histórico, a partir de 1930. Todavia, vale lembrar que, a necessidade de uma “reação católica” foi desencadeada ainda em 1921 como atesta Baía Horta (1994).

Segundo Baía Horta (1994), foi no final da década de 20 que retornaram as relações amistosas entre o Estado e a Igreja, pois

O estado Oligárquico liberal entrará em crise e a Igreja apresentar-se-á como um apoio válido. Além disso, na medida em que o Estado laico se aproxima do fim, o aprofundamento da questão social, o crescimento e a radicalização política da pequena burguesia e do operariado farão com que o comunismo apareça no horizonte da Igreja como o novo adversário (Baía Horta, 1994, p.96).

Foi essas ameaças políticas que possibilitaram as tentativas da Igreja Católica para uma “reação Católica”, já aludida anteriormente, promovendo o lançamento de uma revista denominada “A ordem” e a criação, em 1922, do Centro Dom Aquino.

E assim, a Igreja Católica mobilizou entre 1924 e 1926 várias reivindicações dentre as quais a introdução de “emendas católicas” na Constituição do país, por ocasião da revisão constitucional promovida por Arthur Bernardes. Dentre as mudanças surgia o *“reconhecimento do catolicismo como religião da maioria do povo brasileiro e a reintrodução do ensino religioso nas escolas públicas”*, conforme apontou Baía Horta (1994, p. 95).

Entretanto, a Igreja não conseguiu o apoio de Arthur Bernardes, mas conseguiu em 1926, do eleito Presidente de Minas Gerais Antonio Carlos Ribeiro de Andrada, quando este salientou em seu discurso de posse a importância da religião na formação e no aperfeiçoamento do caráter. Em 1928, o Presidente de Minas Gerais, “*Antonio Carlos autorizará a introdução do ensino religioso no horário escolar de todas as escolas dependentes do governo do Estado de Minas Gerais; esta autorização será convertida em lei em outubro de 1929*”. (BAÍA HORTA, 1994, p.96).

Além, dessa vitória a Igreja católica também já havia conseguido, em 1927, na Conferência Nacional de Educação em Curitiba que “o ensino moral em todos os institutos de educação tenham por base a idéia religiosa”. Époça em que as Irmãs da IVG chegam à cidade de Aquidauana no Mato Grosso, em 1929.

Em 1931 e 1932, ocorreu no Rio de Janeiro a mobilização nacional da Liga Eleitoral Católica (LEC) para a incorporação dos “princípios básicos da ordem social cristã” na Constituição federal do país. A conquista ocorreu com Francisco Campos em 1931, que após ser nomeado Ministro da Educação encaminhou a pedido do Padre Leonel Franca, por ordem do bispo Dom Leme, a questão da Introdução do ensino religioso nas escolas pública ao Chefe do Governo Provisório, Senhor Getúlio Vargas. E assim foi que, através do decreto de 30 de abril de 1931, nº. 19.941, o ensino religioso passou a ser incluído nos currículos das escolas públicas do Brasil.

Vale lembrar que em 1932 o Brasil viveu um momento de suma importância na Educação com o manifesto dos pioneiros, além das idéias do otimismo pedagógico entre 1920 a 1930.

Segundo Baía Horta (1994, p. 99), a Igreja estava arraigada no ensino secundário, através do controle de uma rede de colégios.

(...) e presente entre os intelectuais através do cetro Dom Vital e da Associação dos Universitários Católicos, fundada em 1929, não tinha praticamente nenhuma presença no ensino primário. Ora, o número de alunos do ensino primário havia quase que duplicado entre 1920 e 1930, e esta expansão tendia a acelerar-se. Assim, ao lutar pela introdução do ensino religioso nas escolas públicas, a Igreja estava lutando para garantir a sua influência sobre as classes populares urbanas.

A educação constituiu, pois, um caminho crucial para a conduta moral e intelectual da sociedade e para a ação pedagógica da Igreja no fortalecimento de seus ideais sem o risco de uma fratura entre uma religião de intelectuais e outra para o

povo. Segundo Baía Horta (1994), Beozzo enfatiza que a Educação das Massas era tão importante quanto a conquista espiritual e cultural das elites. Além do que, a luta da Igreja para garantir a introdução do ensino religioso nas escolas públicas poderia dar à *“Igreja acesso ao Estado e à legislação, mas seria um erro se descuidasse do acesso direto à população através da educação”*.

Por isso, Vargas, em seu discurso contra o comunismo, enfatiza a religião como elemento nacional, reforçando a relação da Igreja e do Estado, já enunciada com Francisco Campos, através da Constituição de 1933-1934, quando incluiu o Ensino Religioso nos currículos de todas as escolas públicas do país, além de atribuir à União Federal a tarefa de fixar normas e bases para a Educação Nacional, com a criação do conselho Nacional de Educação.

O Presidente Vargas, em 1935, insistirá que há,

necessidade de “recompor e estruturar solidamente os princípios da nacionalidade (...) reforçando os vínculos da família, da religião e do Estado”(p.154-155). Para realizar isto, “os brasileiros, confraternizados para a defesa do que lhes pode ser mais caro - a existência da nacionalidade e, com ela, as instituições básicas da família e os princípios cristãos “(p.151), poderiam contar com o poder público” posto a serviço dos interesses vitais da nacionalidade, cuja estrutura assenta sobre a família e o sentimento de religião e de pátria” (BAÍA HORTA 1994, p.107-108).

Dessa maneira foi que na década de 30 a Igreja reatou sua união com o Estado através da Educação; que, segundo Vargas, possibilitaria os vínculos familiares à nação, além de contribuir de maneira vital aos objetivos nacionais através do magma de *significações imaginárias* propícias ao patriotismo necessário à *“recuperação dos valores perdidos”* tais como *a religião, a pátria e a família*. Segundo Francisco Campos, esse três valores estavam indissolivelmente ligados à religião; entretanto, era à base dos outros dois.

Corroborando para a contextualização do retorno das relações entre o Estado e a Igreja, Tambara (2002) nos assegura que

na década de 30 do século XX, a **Igreja** retomou seu papel de colaboradora privilegiada da política governamental, recebendo desta uma série de benefícios, mormente no que diz respeito à educação. Este processo teve seu ápice com a vitória, pelo menos parcial, das emendas religiosas por ocasião da Assembléia Constituinte de 1934, dentre as quais se destacam as emendas que se referiam ao ensino religioso. (TAMBARA, 2002).

Segundo Tambara (2002) a Igreja Católica só conseguiu retomar seu papel hegemônico no processo de instituição ideológica, apesar do caracterizado papel de coadjuvante no aspecto político, por meio do domínio do aparelho ideológico escolar pela Igreja.

Assim é que a atenção se voltará no próximo item para a chegada da Congregação religiosa feminina das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” de Gijzegem ao Brasil no final do século XIX.

4.3 - A CHEGADA DAS VICENTINAS AO BRASIL

A Spinhuis, criada na Bélgica, e que se tornou Instituto das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” de Gijzegem chegou, em 1896, à cidade de Olinda, no Brasil, com a missão de educar, uma vez que as irmãs foram incitadas a evangelizar o mundo com os ensinamentos da doutrina cristã pelas ordens da encíclica Papal de Leão XIII; por isso.

Aos 5 do mês de março de 1896 deixando a terra que as viu nascer, nossas primeiras irmãs partiram de Bruxelas para Paris e de lá, um navio as conduziu ao Novo Mundo. A travessia foi favorável e dezenove dias depois, no Porto de Recife o Venerável Beneditino Dom Van Caloen as recebia. (CINQUENTENARIO, 1946, p.11).

A vinda das irmãs para o Brasil ocorreu num momento de crescente anticlericanismo, e sua instalação ocorreu em Olinda, em 1896, de onde a Congregação IVG partiu a pedido do bispo, para instalar-se em São Paulo.

Consta que algumas irmãs da IVG partiram de São Paulo por volta de 1929 para iniciar sua instalação no Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, contribuindo para a história da Educação no país, e em particular na região de fronteira do Mato Grosso do Sul entre o Brasil e o Paraguai no período correspondente entre 1940 a 1980. “*No ano da graça 1897 chegavam ali as quatro Missionárias que lançaram as bases da grande obra. São Paulo, a cidade Anchieta e do aclamado e a terra do progresso e da garoa foi terreno propicio à novel fundação*” (id. bid, p. 16).

Convidadas por Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque (arcebispo do Rio de Janeiro), quando visitava a sua terra natal, em Olinda, algumas irmãs da IVG partiram em 1898, para atuarem em São Paulo, capital, e assim fazer afluir vocações e, desta maneira, atenderem aos mais pobres. Consta no cinquentenário da IVG, no

Brasil, que a preocupação do Bispo Arcoverde se pautava na questão da doutrina religiosa católica, visto que a separação da Igreja e Estado era um fato do Estado Republicano.

Mas, fenômeno migratório em São Paulo, acelerado com alemães, espanhóis, italianos e japoneses, introduzia um novo mundo através de suas relações e instituições, tais como: a língua, os costumes, as diferenças étnicas, as religiosas e também as políticas. Muitos deles eram dissidentes da Igreja anglicana no Brasil, e isso era uma ameaça à Igreja católica, com seus cultos e com a implantação de colégios acatólicos.

Segundo Faoro (1993), a Igreja católica no Brasil esteve num período de crise, durante a implantação do Estado liberal, no final do império, pois essa teoria evidenciava a separação da Igreja e do Estado, com seus princípios de laicidade social, que por razões históricas, políticas e sociais se encontravam unidos e fortalecidos no Brasil com o Estado Patrimonialista, mais elucidações sobre o Estado patrimonialista ver Faoro (1993).

Para que pudéssemos contextualizar a contribuição da IVG à história de educação fez-se necessário um estudo quanto ao entrelaçamento entre Estado e Igreja e Educação, cujo foco são as políticas públicas oficiais, que se desenvolveram a partir de 1896 e contribuíram para as mudanças significativas na implantação e no desenvolvimento da educação escolar no então Mato Grosso atual Mato Grosso do Sul. Assunto que trataremos no 5º capítulo deste trabalho.

4.4 - UM BREVE OLHAR NA EDUCAÇÃO BRASILEIRA NOS SÉCULOS XIX E XX

Para descrever e interpretar a contribuição da IVG na região de fronteira sul do MS, através da Educação sistematizada, foi necessário compreender a educação no Brasil no século XX o que de certa maneira exigiu um olhar breve no século XIX, quando as irmãs chegaram, ao Brasil e assim trouxeram em suas bagagens conhecimentos da formação e da Congregação instituída em 1818, na Bélgica.

De acordo com Hilsdorf (2003), a Educação brasileira no século XIX tem sido alvo de interesse para os historiadores da Educação, pois é um período de contribuições valiosas para a pedagogia no Brasil.

Assim, a obra educacional de D. João que ficou conhecida como Joanina desenvolvida a partir de 1808, no Brasil é relevante, pois, traz *grandes mudanças nos sistemas econômicos, social e cultural da colônia, mas também fiscal, na administração da justiça e na organização militar*. Para um confronto dessas informações temos que

a ação Joanina na educação escolar acompanha a tendência geral apontada pela história da educação para os séculos XVIII e XIX, de **perda pela Igreja da gestão da educação escolar para os funcionários do Estado**, ao manter as seguintes características das reformas de 1759-1772: estatização, no sentido de concentrar o controle da educação escolar dos níveis secundário e superior nas mãos do estado, e pragmatismo, no sentido de oferecer conhecimento científico utilitário profissional, em instituições de ensino avulsas, isoladas segundo o modelo ilustrado - outro modelo da época era a opção napoleônica (liberal) da Universidade centralizadora. (HILSDORF, 2003, p.34).

De acordo com Saviani (2004), a história da escola pública no Brasil tem sua origem nas modificações políticas, culturais e econômicas no final do século XIX, bem como a eliminação da condição de pessoas negras como escravas através da abolição e o conseqüente aumento da imigração no Estado de São Paulo de vários estrangeiros, dando origem ao surgimento da “classe média urbana” e dos “nascentes grupos industriais”, que através de manifestos conclamavam uma educação pública, do Estado, ou melhor, oferecida gratuitamente pelo Estado.

Ghiraldelli Jr (2001) entre 1887 e 1896 assevera que as idéias pedagógicas tinham como princípio o “entusiasmo pela educação”, cujo meio era a expansão escolar e acabar com o analfabetismo do povo, uma vez que esses princípios foram amortecidos e sufocados pela política oligárquica dos cafeicultores.

Ainda de acordo com esse mesmo autor, o surto nacionalista e patriótico originado pela Primeira Guerra Mundial entre 1914-1918 conquistou intelectuais no Brasil para a questão do desenvolvimento do país e para a problemática da educação popular. Para ele o crescimento industrial e a urbanização pressionaram a escolarização no país, fazendo com que surgisse o entusiasmo na educação.

O veículo de divulgação dessa nova fase do entusiasmo pela educação consubstanciou-se nas inúmeras “ligas contra o analfabetismo”, que se multiplicaram pelo país. Tais ligas seguiram o exemplo da Liga de Defesa Nacional (1916) e da Liga Nacionalista do Brasil (1917), fundadas por intelectuais, industriais, médicos etc., que, imbuídos de fervor nacionalista, pregavam o civismo, o escotismo, um patriotismo

exacerbado e, além disso, visavam desenvolver uma campanha de erradicação do analfabetismo. (GHIRALDELLI JR., 2001, p. 18)

Dessa maneira várias ações em favor de uma educação nacional, cívica e patriótica começam a ser alvo de intelectuais e profissionais liberais.

Na década de 1920 diversos acontecimentos contribuíram para o processo de mudança das políticas brasileiras, tais como o Movimento dos 18 do Forte (1922), a Semana de Arte Moderna (1922), a fundação do Partido Comunista (1922), a Revolta Tenentista (1924) e a Coluna Prestes (1924 -1927) a qual influirá diretamente na história do MT, atual MS.

Na educação foram realizadas reformas no âmbito estadual, com Lourenço Filho, no Ceará, em 1923, Anísio Teixeira na Bahia, em 1925, Francisco Campos e Mario Casasanta, em Minas em 1927; Fernando de Azevedo, no Distrito Federal (atual Rio de Janeiro) em 1928, e Carneiro Leão em Pernambuco em 1928. Neste contexto houve condições para que Getúlio Vargas, candidato derrotado nas eleições por Julio Prestes, em 1930, tomasse o poder.

Nesse período de 1930 ocorreram reformas na educação no âmbito estadual, dentre as quais cita a de Francisco Campos em 1931, que, segundo Baía Horta (1994), alternou a educação com uma série de decretos, pois visava organizar o ensino superior e médio com finalidade de formar homens para as atividades nacionais.

Assim a educação do

homem para todos os grandes setores da atividade nacional, construindo no seu espírito todo um sistema de hábitos, atitudes e comportamentos que habilitem a viver por si mesmo e a tomar em qualquer situação as decisões mais convenientes e mais seguras.

Além de Francisco Campos, outro personagem da História da Educação neste período citado por Baía Horta (1994), que deve ser ressaltado foi Gustavo Capanema, que, em 1942, instituiu a Lei Orgânica do Ensino Secundário com os seguintes objetivos.

formar (...) a personalidade integral dos adolescentes; acentuar e elevar (...) a consciência patriótica e a consciência humanística, dar preparação intelectual geral que possa servir de base a estudos mais elevados de formação especial.

Como se pode constatar a Educação a partir de 1930 começa a ter objetivos com a política de Vargas, pois no ensino médio a formação de jovens e adolescentes tem como meta a formação do cidadão brasileiro.

Vale ressaltar que mesmo com as reformas para o ensino médio, profissional e superior, elas influíram na educação primária dos estados federativos do Brasil, até porque no discurso de Vargas os bispos brasileiros, em 1939, sua preocupação em educar homens obedientes com o auxílio da Igreja já evidenciava o retorno da relação entre o Estado e a Igreja, como se pode constatar a seguir.

O Estado, deixando à Igreja ampla liberdade de pregação, assegura-lhe ambiente propício a expandir-se e ampliar o seu domínio sobre as almas; os sacerdotes e missionários colaboram com o Estado, timbrando em ser bons cidadãos, obedientes à lei civil, compreendendo que sem ela - sem ordem e sem disciplina, portanto - os costumes se corrompem, o sentido da dignidade humana se apaga e toda vida espiritual se estanca. Tão estreita colaboração jamais se interrompeu; afirma-se, de modo auspicioso, nos dias presentes e há de intensificar-se certamente, no futuro.(VARGAS in BAÍA HORTA 1994, p. 118).

Esse pronunciamento de Vargas, segundo Baía Horta (1994) demonstra o comprometimento em garantir à Igreja uma liberdade que ela necessitava para agir e ambiente propício a esta ação; mas para seu domínio religioso deveria se restringir à pregação e ao “domínio sobre as almas”, e em troca o Estado Novo esperava dos membros do clero que estes, através da palavra e do exemplo, ensinassem aos fiéis a obediência à lei, à ordem e à disciplina.

É nesse contexto social-histórico que a IVG adentrará em terras do Mato Grosso, em especial na região de fronteira, em 1944 como se pode verificar na história de sua expansão territorial.

4.5 - EXPANSÃO DA INSTITUIÇÃO VICENTINA NO TERRITÓRIO BRASILEIRO

A Congregação IVG da Baronesa de Lecandèle atravessou a sua história e seu tempo, quando aportou no Brasil em 1896, como irmãs missionárias, para participarem da vida sócio-cultural do povo pernambucano.

Depois de Olinda, as Irmãs Vicentinas como já foi aludido alhures, foram em 1898 para São Paulo, cuidar de crianças órfãs no educandário da Casa Pia de São

Vicente de Paulo. Esta obra da IVG teve um surto surpreendente, pois fez afluir muitas vocações e muitas Irmãs foram chamadas para trabalharem com os pobres, não só em São Paulo.

O interesse de Arcoverde, o bispo, em levar as Irmãs da IVG a São Paulo se pauta na necessidade de resgatar fiéis para a igreja católica e assim contribuir para o bem Pátria, da Família e da Religião, como já referendamos no decorrer desse capítulo, até porque em São Paulo, no início do século XX, havia surto de protestantes e revolucionários, e começaram a surgir colégios acatólicos .

Tambara (2002) explica que a Igreja Católica chegou a utilizar sua arma mais contundente: “a excomunhão” com base no Direito Canônico de 1920, aos pais ou aos responsáveis que mandassem seus filhos se educarem ou se instruírem em religião acatólica

26. Recordamos a disposição Canônico proibindo à freqüência nas escolas acatholicas e das mixtas, i.é, em que são admittidos também protestantes. Can. 1274,1381 e 1382.

27. Por isso, prohibimos que nas escolas catholicas, tanto primárias quanto secundárias, sejam admittidos alumnos acatholicos, sem que se tomem as cautelas necessárias, para evitar que os catholicos se tornem indifferentes em matéria de Religião e percam a fé.

28. Creanças catholicas não freqüentam escolas acatholicas, neutras, mixtas, isto é, que também são franqueadas a acatholicas. (RESOLUÇÕES, 1920, p. 11 in TAMBARA 2002).

Essas proibições da Igreja católica viabilizaram a expansão das ações educativas da IVG no território brasileiro, não somente na capital paulista; mas expandiram também suas atividades educacionais, religiosas e sociais para o interior de São Paulo e para outros Estados, a exemplo de MT, atual MS.

4.6 - ATIVIDADES DA IVG NO BRASIL

Dentre as missões e atividades desenvolvidas pelas religiosas da Instituição Vicentinas de Gijzegem, no Brasil, destacam-se a Fundação do Noviciado na Penha e o ensino nos Colégios em: Colégio Nossa Senhora da Penha, Colégio Santo Antonio de Lisboa em Tatuapé; Colégio João e Raphaela Passalacqua, no bairro Bela Vista, São Paulo; em Jundiaí, Colégios São Vicente de Paulo e Francisco Telles.

Além dos colégios em São Paulo as Irmãs se dedicaram também ao ensino em Goiás, Santa Catarina e Mato Grosso do Sul no auxílio aos Padres Redentoristas em suas paróquias, instalando suas casas nessas localidades.

Sob a assistência religiosa dos revmos Padres Redentoristas da Baviera era, sob o ponto de vista espiritual êste (sic) o ambiente propício para instalar-se a nossa Casa de Formação. “Há páginas, diz Santinha de Lisieux escrevendo sua própria vida, que só serão lidas na eternidade”. O mesmo se poderia dizer desta fundação... (CINQUENTENÁRIO, 1946, p. 22).

Além da fundação do Noviciado da Penha para a formação de novas religiosas, consta que a IVG também fundou um externato com fim triplo, em virtude no excessivo número de moças que procuravam a instituição.

Aumentando-se o número das Irmãs cresceram também as obrigações. Desde que fora possível, dera-se começo na Penha a um externato – duas aulas ali funcionavam. Uma para meninas outra para meninos. O fim desse externato era triplo: ensinar às crianças a doutrina cristã e as primeiras letras; dar às noviças a possibilidade de praticarem o ensino; e mediante módica contribuição da parte dos alunos, auxiliarem a parte financeira da casa (as mensalidades eram de 3, 2, e 1 cruzeiros). Houve, entretanto, mães generosas que pagavam Cr\$ 5,00 mensais. (CINQUENTENÁRIO 1946, p. 23).

É possível constatar que a IVG seguia os princípios praticados na Instituição desde a sua gênese, pois na época de Elizabeth de Robiano, era comum aceitarem moças de famílias nobres para serem educadas e ensinadas com boas maneiras e assim utilizar de seus recursos financeiros para manter a casa.

Após terem se tornado conhecidas na Penha e terem formado muitas noviças, a Casa matriz da Penha começou a abrir outras casas e assim a IVG começou a estender suas atividades.

Mogi das Cruzes foi a primeira de nossas cidades do interior que recebeu as Irmãs de São Vicente de Paulo. O Revmo. Cônego João Lourenço de Siqueira, ex-vigário e ex-comissário da Ordem Terceira daquela cidade que viu nascer, concebera um plano digno de seu zelo sacerdotal: dotar sua terra de um educandário para órfãs e meninas pobres. A obra foi iniciada com um externato. Circunstâncias estranhas à sua vontade, impediram-no de começar o orfanato. (CINQUENTENÁRIO 1946, p. 27).

Dentre as obras das Irmãs da IVG há exemplo de atividades para com as crianças pobres, em São Paulo, na Casa da Pia, as irmãs recebiam os meninos jornaleiros após a jornada de trabalho muito cansativo, alfabetizando-os, alimentando-os, curando-os e mesmo dando-lhes banho, como se verifica.

Elas viam transformar-se êsses (sic) meninos rudes e sem trato em promissora caravana de alfabetizados (sic) sadios; sua linguagem pouco asseada tornava-se polida, seus gostos abrutalhados eram mudados e eles se sentiam ingressados numa vida nova. (CINQUENTENÁRIO 1946, p. 66).

Além do trabalho com os meninos jornaleiros, consta ainda que na Casa da Pia a IVG tinha além das salas de aula, jardim da Infância, e uma ampla sala de costura, que foi construída para ensinar às meninas uma função. Assim as muitas obras sociais desse grupo de irmãs colaboraram para o caráter moral, através da religião, das escolas de costura, do corte, dos bordados e das confecções e ainda contribuíram para formação cívica do país. Vale destacar que, em alguns colégios da IVG, houve um grande esforço na caminhada da "educação libertadora" com pais, professores, alunos e funcionários.

As irmãs ainda trabalharam em educandários junto aos menores em São Paulo, Pindamonhangaba e Rio de Janeiro. A Casa da Pia em São Paulo, sempre serviu de parâmetro para as outras casas, pois foi lá que ocorreu a expansão, o desenvolvimento e as reformas das casas e das obras das Irmãs.

À sala de costura acrescentou-se a de enfermagem, e logo depois a de pintura, a que seguiram - se novas instalações para as órfãs, dormitórios, banheiros, sala de engomar, de recreio, salão de festas e finalmente um amplo dormitório com sala ambiente para trabalho, recreio e leitura. (CINQUENTENÁRIO 1946, p. 31).

Assim, as atividades na casa da Pia foram sendo ampliadas como consta no livro do Cinquentenário da IVG, e em 1918 as Irmãs de São Vicente de Paulo, expandiram-se pois foram chamadas a atuarem na capital da República, no Distrito Federal.

Eram 4 as eleitas do Senhor que iam corajosas e confiantes plantar ali a boa semente trazida do Spinhuis para Olinda, desta para São Paulo e de São Paulo para o Distrito Federal.(...)Além do curso ministrado às alunas, dão-se aulas de piano e violino, de dactilografia (sic), desenho, flores,

trabalhos manuais e costura. As centenas de alunas que por ali passaram se conservam como que ligadas à “Escola” o que permite à Superiora a Digna Irmã Maria de Jesus fazer da mesma, um centro de piedade e de apostolado. (CINQUENTENARIO 1946, p. 33).

Nessa citação pode-se observar a ampliação das atividades para as alunas nas casas da IVG, que foram legadas as outras casas, inclusive no MS.

No ano de 1916 as Irmãs fundaram a sétima casa, as Irmãs de São Vicente de Paulo, no bairro Vila Mariana na Capital paulista. Essa Casa se tornou importante, pois foi onde funcionou a primeira IVG no Brasil externato. Esse externato era perfeitamente montado para funcionar “desde o início com um curso de trabalhos de agulha, de corte e de costura, assim como o de pintura”, característica da IVG desde a sua criação, na Bélgica.

Em 1922, destaca também no bairro Perdizes, na rua Turiassu um asilo construído para os pobres, sob os cuidados das Irmãs. O edifício era majestoso com capela própria e acomodações para religiosas, ladeado por pequenas habitações limpas e confortáveis onde viviam os deserdados da fortuna que se encontravam na terceira idade, tanto mulheres quanto homens. Segundo descrição do cinquentenário da IVG, aos idosos

nem lhes faltam festejos e banquetes – nos dias de São Vicente de Paulo, Natal, Ano Bom, Reis e diversos outros. – As Damas de Caridade se desvanecem em servir-lhes pratos finos, por suas mãos aristocráticas preparados. Ornamentam os jantares, concertistas e films (sic) escolhidos. (CINQUENTENÁRIO 1946, p. 40).

Nesse discurso a velhice aparece com um simulacro cheio de *magma de significações imaginárias*.

Ainda, no bairro Bela Vista, na Rua João Passalacqua, as irmãs também fundaram uma casa que se denominou Instituto Passalacqua, onde elas aparavam as crianças e instruíam os pobres.

Em 1926, uma comissão presidida pelo Revmo. Vigário da Paróquia, Cônego André Pieroni solicitou a fundação de um educandário para meninas e meninas sob a direção das Irmãs da IVG, na cidade de Laranjal, e assim, mais uma cidade paulistana recebia a educação IVG.

Internato para meninas e um externato para meninas e meninos com jardim da infância, aulas de música, pintura, costura e bordados. O

número de alunos era pequeno para as dimensões do prédio. Foi então que a Irmã Orlanda pela 2ª, vez Superiora da Casa, pleiteou e conseguiu estabelecer o curso secundário, no ano de 1934. Era sem dúvida um arrojo que para muitos mesmo de Laranjal pareceu uma utopia. (...) Hoje Laranjal tem também sua Escola Normal e ainda neste ano de 1946, se Deus quiser, dotará o Estado e a Nação, de mais uma plêiade de normalistas. (CINQUENTENÁRIO, 1946, p. 42).

Além destas casas já mencionadas as Irmãs após a visita da Reverenda Madre Superiora da Congregação ao Brasil, fundaram também várias outras. Em Pindamonhangaba foi fundado um Instituto tal qual o instituto da Penha, em virtude do barulho com o fluxo urbano que atrapalhava as residentes em sua formação na Penha.

Consta que, em 1931 a IVG recebeu uma chácara do “*Senador Dino Bueno ilustre pindamonhangabense, vulto respeitável, tanto como homem do Estado quanto jurisconsulto e, sobretudo como cristão e benemérito*” como doação para a fundação da Casa Instituto à feição da Casa da Pia de São Vicente de Paulo.

As irmãs da IVG também fundaram um rincão na Vila Gysegem situado a pouca distância da Penha. A chácara era um instituto com muitas modalidades de ensino, além da beleza natural que oferecia às residentes alunas e mestras, com frutos, verduras e animais, o qual era o sustentáculo das casas, compondo-se de repartições para atender várias necessidades exigidas pelas atividades da IVG.

O lindo rincão encerra verdejante plantação de eucaliptos, milho, mandioca, batatas, bananeiras, sendo todo ele um lindo pomar!... O chão se alcatifa de hortaliças onde as ervilhas e as cenouras se misturam com couves, alfaces, repolhos. Afora o gasto da casa, a chácara abastece de legumes e frutas, Penha e outras de nossas casas da Capital. A frente é enfeitada por gracioso jardimzinho. Tem seu estábulo, galinheiro e criação de suínos e coelhos. A casa das Irmãs foi construída especialmente para o fim a que se destina – compõe-na pequeno sanatório e confortável residência. A capela é ampla, devociosa. Comunica-se por dentro com compartimentos das Irmãs e parte da enfermaria e tem entrada na frente, pois é semi - pública. (...) A superiora da Casa é ao mesmo tempo Diretora do Externato, enfermeira e fazendeira. Mate, um curso completo do primário, recebe alunas de piano, de dactilografia bem como de corte e costura. Como nas demais casas, as Irmãs se dedicam ao ensino do catecismo, na extensão do reinado de Cristo. No começo, duas Irmãs iam diariamente de charrete (guiada por uma delas) até a Escola Paroquial onde uma ministrava lições aos meninos e outra às meninas. Hoje que há escolas próprias e que o bairro cresceu os alunos vêm em busca das mestras em V. Gysegem. (CINQUENTENÁRIO 1946, p. 38).

O rincão era um exemplo de serviço social da IVG, sabe-se que ele atendia às finalidades de prover saúde, recursos, alimentos, ensino e formação. Na época da revolução foi refúgio para muitos ex-combatentes.

Os vários problemas de ordem política e social na década de 1930 do século XX em São Paulo, decorrentes das insatisfações populares provocaram a atenção de vários religiosos, inclusive das irmãs da IVG.

No movimento pró Constituição que empolgou a Capital Paulista no memorável 1932, quando o Exmo. Sr. D. Duarte Leopoldo e Silva bateu às portas das Comunidades religiosas pedindo o concurso das Irmãs na confecção de roupas de campanha para os combatentes, já encontrou nossas salas de aula transformadas em oficinas desses trabalhos. E mais tarde, quando o êxodo das populações foragidas dos soldados da ditadura procuraram abrigo na Capital, nossas casas se abriram de par em par (...), receberam famílias inteiras, fornecendo-lhes gratuitamente, dormida e alimentação, cuidados e medicamentos. (CINQUENTENARIO 1946, p.65).

As irmãs da IVG muito trabalharam na confecção de roupas aos combatentes da Revolução Constitucionalista, e, devido a essa insurreição a chácara se transformou numa grande lavanderia do hospital de sangue dos combatentes paulistas: Além de abrigar aqueles que bateram às portas do Instituto, procurando abrigo para suas famílias fugitivas.

Aquele casarão hospitaleiro abrigou a todos que lhe bateram às portas. E por isso quando cessado o movimento viram-se erguer as paredes da mimosa capela um grupo de ex-combatentes quis presenteá-la com lindos vitrais que agora possui. (CINQUENTENARIO 1946, p. 44).

Assim a IVG adentrou nos movimentos revolucionários com apoio e ajuda aos ex-combatentes, em verdadeiro espírito de amor-cristão, de amor ao próximo.

Consta que foram fundadas outras Casas, em São Roque, Santos, Dois Córregos e Botucatu, em São Paulo e também diversas casas no Mato Grosso a partir de 1929 que serão foco do próximo capítulo.

Embora o fim principal do Instituto seja a educação das crianças, nenhuma obra de caridade adequada à religiosa, nos é interdita. Por isso, desde o início da missão no Brasil, vamos encontrar, (...) visitando os pobres e os doentes. (CINQUENTENARIO 1946, p. 62).

Merece destaque que, embora as casas da IVG tenham historicamente a finalidade de atender às crianças, elas atendiam também a adultos, a pobres e a doentes. Assim, foi que as Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” de Gijzegem começaram a atuar também na Saúde, em hospitais e nos domicílios ou ainda atendendo os necessitados nas Casas do Instituto, como ocorreu na Epidemia de varíola em Olinda, no início do século XX, e na epidemia de gripe espanhola, que assolou o Brasil, notadamente, na capital Paulista.

Desta maneira, as Irmãs da IVG começaram a trabalhar no serviço social, nos Hospitais, no Amparo Maternal de São Paulo, e no Mato Grosso com índios, menores, acampamentos e assentamentos da Reforma Agrária, além dos pensionatos nas cidades de Santos e Campos do Jordão.

Essas religiosas ainda hoje trabalham na promoção dos idosos, na cidade de Jundiaí – SP, bem como em Dois Córregos SP, Vinhedo SP, Santos e Guarujá. Além, é claro, de atuarem também nas Paróquias com as pastorais junto aos jovens, crianças, grupos de favelados, cortiços, e jovens gestantes. Consta também ainda Instituto de formação religiosa em São Paulo, colégios da IVG em São Paulo, em Goiânia, Distrito Federal em Mato Grosso do Sul casas comunidades.

No Mato Grosso do Sul as atividades da IVG estão ligadas aos assentamentos, acampamentos, adolescentes gestantes, e também à atividade docente como co-parceiras do Governo do Estado e do Governo Municipal em Projetos que visam ao nivelamento escolar e a atividades de inclusão social na profissionalização de autônomos, com atividades artesanais e trabalhos manuais, característicos das comunidades da IVG.

Atualmente, as Irmãs Vicentinas de Gijzegem, no Brasil, constituem um número de 210 mulheres, formando 34 comunidades (casas) distribuídas nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro, Santa Catarina, Mato Grosso do Sul (incluindo uma Comunidade Ycuamandyjú no Paraguai), Goiás e uma irmã na missão no Amazonas, sendo que no Brasil há duas províncias a Sudeste e a Centro Oeste; a Casa Provincial sede da Província Centro Oeste, localiza-se em Campo Grande-MS.

CAPÍTULO V

EDUCAÇÃO IVG NO MATO GROSSO DO SUL

Este capítulo é resultado das indagações quanto à contribuição da IVG à Educação Fronteiriça do Mato Grosso do Sul de 1940 a 1980 e buscou elucidar as possíveis relações existentes na realidade social da fronteira quanto à “exagerada” religiosidade aparente das mulheres fronteiriças à religião católica. Para isso, as pesquisas tiveram início com um levantamento bibliográfico quanto à história da Instituição, o que apontou no primeiro momento a ausência de material de fontes secundárias; todavia, partindo da angariação de fontes primárias se encontrou um livro da biografia da fundadora da instituição, de forma memorialista, mas que fornece dados para a compreensão da Congregação religiosa e feminina.

Também se deparou com o texto do Cinqüentenário dos Redentoristas e do Cinqüentenário da Instituição IVG no Brasil, além de alguns números da Revista Trimestral elaborada pelas Irmãs Vicentinas, denominada ELIZABETH, números 01 a 11, de 1958 a 1960, intitulado Boletim das Irmãs Vicentinas de São Vicente de Paulo, publicação na Praça Nossa Senhora da Penha em São Paulo, como também Atas da antiga Escola Paroquial em Ponta Porã, onde as religiosas estiveram dirigindo por mais de três décadas.

Desta maneira, deparamo-nos com o início das atividades dessas religiosas nas terras sul mato-grossenses, no final da década de 20, por volta do ano de 1929, no

município de Aquidauana,(...) porção oeste do estado de Mato Grosso do Sul, com uma área territorial de 17.008,5 km².

É limitado ao norte pelos municípios de Corumbá e Rio Verde do Mato Grosso, a leste por Rio Negro, Corguinho, Rochedo e Terenos, ao sul por Anastácio e Dois irmãos do Buriti, e a oeste por Miranda e Corumbá.

(...). Após a escolha do local para se estabelecer o novo povoado, Sr Coronel Theodoro Rondon, juntamente com os Coronéis Augusto Mascarenhas e Jango de Castro, percorreram a região em busca de parceiros para aquisição da área. Juntaram então, em torno de quarenta pessoas, para a reunião que aconteceu no dia 15 de agosto de 1892, no local onde está localizada a Praça Nossa Senhora da Imaculada Conceição, e decidiram escolher dentre os participantes os responsáveis para implantação do núcleo ora criado. Foram eles: Theodoro Rondon, Augusto Mascarenhas, Estevão Alves Correa, João de Almeida Castro e Manoel Antonio Paes de Barros. Estas pessoas são consideradas como

sendo os fundadores de Aquidauana, que inicialmente recebeu o nome de Alto Aquidauana sob a invocação de Nossa Senhora da Conceição, que é a padroeira do município. FONTE⁴¹

Assim foi instituído o município pioneiro das atividades educativas, catequéticas e missionárias da IVG no MT hoje MS, juntamente com os padres redentoristas, com a instalação da Casa Paroquial e da Escola Paroquial na praça de Nossa Senhora de Imaculada Conceição. Pois, segundo os dados do Cinquentenário da IVG as terras do Mato Grosso eram terras propícias para a missão evangelizadora.

Em 1719 as notícias do ouro em abundância no rio Coxipó - mirim atraíram para o estado de mato grosso cerca de 1000 aventureiros em busca do novo El Dourado, expondo-se a tôdas (sic) as privações, aos maiores perigos. Em 1929, uma missão norte-americana vinha de Baltimore com destino ao mesmo estado; não buscava tesouros corruptíveis, mas almas remidas pelo sangue do redentor (...) Padre Francisco mandou um despacho telegráfico ao Padre Estevão e este pôe Nossa Revma. Madre Hermeta e sua Digna Assistente a par dos desejos do padre yanque. (...) Urgia atender ao zêlo (sic) santo dos redentoristas de Mato Grosso, e bem depressa se organizou a Comunidade, a Superiora e a Digna Irmã Tereza Joseph – Professoras Irmã Lourença, Irmã Roberta, Irmã Adriana que cuidaria dos arranjos domésticos. (CINQUENTENÁRIO, 1946, p. 46-47).

As instalações da IVG nas terras sul-mato-grossenses, primeiramente, na cidade de Aquidauana em 1929, têm como explicação a necessidade da missão da Santa Sé.

Uma vez que, segundo os dados do Cinquentenário Redentorista (1980, p. 12), em 1927, a Santa Sé consultou o Padre Patrick Murray, Superior Geral dos Redentoristas, sobre a possibilidade da Congregação do Santíssimo Redentor tomar parte política da Santa Sé de auxiliar aos países da América Latina para minorar o problema da falta de padres.

Foi dessa maneira, que a Missão redentorista e as Irmãs da IVG expandiram suas atividades missionárias após receberem informações do Bispo Dom Antônio Lustosa de que (id. bid. p. 12) estavam numa região de missão com apenas oito sacerdotes, e que o território era muito amplo, correspondia a 400 mil quilômetros quadrados, onde viviam 200 mil habitantes.

⁴¹ Prefeitura Municipal de Aquidauana MS

<http://www.prefeituraaquidauana.com.br/index.php?pagina=cidade-perfil> acessado em 20/05/2007.

Assim, havia justificativa política e religiosa também para que as irmãs religiosas da IVG pudessem auxiliar os padres redentoristas e assumirem a educação no Mato Grosso; implementando assim, inicialmente, em Aquidauana, seu ensino.

Consta que nas escolas dos padres redentoristas

elas uniam os trabalhos de uma verdadeira catequese; conseguiram que os Padres legitimassem perante Deus a sociedade mais uniões, que cristãos desertores retornassem à grei do Bom Pastor; que o terreno se desbravasse incrementando novas fundações. Assim, surgiram Bela Vista, Miranda, Campo Grande, Ponta Porã. (CINQUENTENÁRIO op.cit., p. 47).

As Irmãs cumpririam, pois, os objetivos da Santa Sé, quanto à questão as proibições do direito canônico da igreja, e garantiriam que crianças católicas não viessem estudar em escolas não católicas, já aludidas anteriormente no capítulo 4. As leituras ainda apontam a chegada das Irmãs da IVG com os redentoristas também em Miranda. Consta que,

a bicentenária Paróquia de Nossa Senhora do Carmo em Miranda, Mato Grosso do Sul, foi entregue aos Padres redentoristas em fevereiro de 1.930.

(...) Da sede da paróquia os padres, as irmãs e leigos deslocam-se para dar atendimento religioso a 4 enormes fazendas; 3 estações da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil; 4 colônias e 9 outras pequenas localidades são verdadeiras comunidades de base. (CINQUENTENÁRIO, 1980, p.23).

Outra cidade em que as Irmãs aportaram foi Bela Vista, em 1931, no Brasil e no Paraguai, na mesma década. *“Quando os Padres Redentoristas assumiram a paróquia de Bela Vista, receberam também o encargo de dar atendimento à cidade irmã de Bella Vista no Paraguai”*. E, para desenvolver as atividades nesse atendimento foi criada a

Escola Paroquial, inaugurada a 01 de março de 1932, congregou de início as famílias. As associações religiosas: Apostolado de Oração, Cruzada Eucarística, Filhas de Maria, e outras. Em seguida surgiram a Legião de Maria, Movimento de Cursilhos, O movimento Familiar Cristão, Círculos Bíblicos e grupos de jovens, que trouxeram nova ênfase para o apostolado dos leigos. Para desenvolver todas essas atividades a Paróquia de Bela Vista conta com a imponente Matriz de Santo Afonso construída pelos Padres Redentoristas e inaugurada em 1935, com o convento das Irmãs, com a enorme Casa Paroquial, e com ótima sede social que serve para encontros e outras atividades da família belavistense. (CINQUENTENÁRIO 1980, p 26).

FIGURA VII - Fachada da Antiga da Escola Santo Afonso/ Bela Vista 1960

Fonte: Foto da foto do acervo da Antiga Escola Santo Afonso em Bela Vista MS⁴²

Como se pode constatar no Cinquentenário (1980) a Escola Paroquial na região de fronteira era uma instituição que além do ensino formal, atendia a comunidade com várias atividades sócio-culturais que atendia objetivos educacionais, religiosos e sociais.

Dessa maneira é interessante a visualização da imagem do prédio da Escola Paroquial Santo Afonso que mostra sua grandeza e opulência, desde meados do século XX, mas ainda hoje presente na cidade de Bela Vista, como instituição pastoral.

FIGURA VIII - Fachada da Escola Santo Afonso/ Bela Vista - 2004⁴³

Fonte: Laura acadêmica do 2º ano do curso em Pedagogia em 2004

42fotografada por Laura (acadêmica do 2º ano do curso em Pedagogia em 2004) com câmera digital.

43fotografada por Laura (acadêmica do 2º ano do curso em Pedagogia em 2004) com câmera digital.

A pesquisa, porém terá como foco a chegada das irmãs em Ponta Porã em 1944, todavia por uma questão histórica descreveremos primeiramente o social histórico a partir de Aquidauana por originária desse município a IVG em Ponta Porã.

O prédio destinado à escola das Irmãs foi construído em frente à Igreja Católica de Aquidauana, onde estiveram por décadas dirigindo e lecionando a educação primária, na segunda metade do século XX.

FIGURA IX - Fachada Lateral da Escola em Aquidauana 2007



Fonte: Acervo da pesquisadora⁴⁴

O prédio ainda hoje existente no município de Aquidauana mostra uma arquitetura do período de 1930, cuja grandeza e beleza são visíveis aos olhos; seus traços arquitetônicos demonstram uma supremacia, além de conter elementos da religiosidade católica, como a gruta erguida no pátio da escola com a Imagem de Nossa Senhora, tal como em Bela Vista e em outras escolas.

⁴⁴ Fotografada em 01/07/2007 pela pesquisadora, com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixels

FIGURA X - Gruta⁴⁵ da Escola de Aquidauana



Fonte: Acervo da pesquisadora

Além desse elemento religioso, o prédio com divisões muito bem arquitetadas conta com duas escadarias, corredores em ladrilhos e faixa decorativa que transmitem além da beleza a opulência e o poder da religião.

FIGURA XI - Escadaria⁴⁶ da Escola Aquidauana



Fonte: Acervo da pesquisadora

⁴⁵ Imagem fotografada pela pesquisadora em 01/07/2007 com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixel

⁴⁶ fotografada pela pesquisadora em 01/07/2007 com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixel

FIGURA XII - Corredor⁴⁷ da Escola Aquidauana

Fonte: Acervo da pesquisadora

As salas de aula e as outras dependências da Escola da IVG em Aquidauana são amplas, arejadas e com luminosidade bastante satisfatória, contendo seis janelas na maioria delas.⁴⁸

FIGURA XIII - Sala de Aula⁴⁹ na Escola Aquidauana

Fonte: Acervo da pesquisadora

Todavia observa-se em visita realizada em Aquidauana para conhecimento e pesquisa, que a maioria das portas da escola tem pequenas janelas (visor) em vidro

⁴⁷Imagem fotografada pela pesquisadora em 01/07/2007 com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixel

⁴⁸ Imagem fotografada pela pesquisadora em 01/07/2007 com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixel

⁴⁹Imagem fotografada pela pesquisadora em 01/07/2007 com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixel

transparente, o que aponta para uma interpretação de vigilância nos corredores, por funcionários bedéis, o que demonstra uma educação de cunho tradicional e conservadora, marcada também pela arquitetura aparente.

Segundo moradores próximos à escola o que trabalham na casa paroquial informaram⁵⁰, a escola fechada, sem atividades educativas em virtude de encontrar-se em reforma, pois, havia sido alugada por uma rede franqueada para uma instituição de educação privada, para o funcionamento da Educação básica e cursinhos pré-vestibulares.

Consta ainda, no Cinqüentenário (1946) da IVG que as Irmãs se instalaram também em Campo Grande em 1942; e no ano de 1944, na cidade *lócus* dessa pesquisa, Ponta Porã, terras do Mato Grosso, região de fronteira seca com o Paraguai.

Figura XIV - Ponta Porã/By - Pedro Juan Cabalheiro/Py⁵¹



Fonte: Sanches (2006)

As cidades de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, irmanadas pelo sentimento de religiosidade graças as suas colonizações estampam por meio de suas bandeiras à entrada das localidades a identidade de dois países cujas fronteiras geográficas constituem um magma de significações imaginárias representadas pelo colorido verde e amarelo da brasilidade, e ainda pelo vermelho e azul paraguaio.

⁵⁰Em 01/07/2007

⁵¹Foto da entrada da Cidade de Ponta Porã e Pedro Juan Caballero, marco divisor atual, imagem extraída da dissertação.

5.1 - CONTEXTUALIZAÇÃO DA HISTÓRIA DO MATO GROSSO DO SUL

Para a contextualização e o entendimento da história do Mato Grosso do Sul foram consultados vários autores, não só da área da Educação, mas também da História, que além de MS nos apontaram fatos da História do Brasil importantes para a compreensão do período pesquisado.

Dentre os autores consultados Rosa, (1990, p. 19) nos enfatiza que

a história de Mato Grosso do Sul guarda estreita semelhança com a de nosso País. Habitada no século XVI por dezenas de tribos indígenas, vê seu território ser invadido por estrangeiros de diferentes raças e nacionalidades, que aqui buscam a riqueza fácil, não hesitando em aprisionar, escravizar e dizimar os índios.

A ênfase da autora é significativa para a elucidação do objeto, pois, em função dessa singularidade étnica e cultural é que a IVG veio ao MS. De acordo com a Igreja Católica esses estrangeiros e os índios estavam precisando de uma atenção cristã, e assim iniciou-se, em 1929, a missão redentorista, um trabalho missionário evangelizador, catequético e educacional na região, conforme dizeres da placa afixada na fachada central da Casa Paroquial em frente à Igreja Católica em Aquidauana.

FIGURA XV - Placa Em Homenagem Aos Redentoristas/ MS⁵²



Fonte: acervo da pesquisadora

⁵²Fotografada em 01/07/2007 pela pesquisadora com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixels

Fato interessante, segundo Rosa (1990) é que na época da colonização litorânea e das capitâneas hereditárias do Brasil, a Espanha criou as chamadas províncias castelhanas, cujas terras ao sul do mato grosso eram pertencentes então à Espanha, em virtude do Tratado de Tordesilhas.

Consta ainda em Rosa (1990) que o Governador da Capitania do Mato Grosso, Capitão General Luís de Albuquerque de Melo Pereira e Cáceres, aproveitando do tratado de Santo Ildefonso, ampara-se contra os invasores sob a tese “uti possidetis” assegurando a posse do Rio Paraguai, fixando os limites do Brasil no Oeste “*hoje este alvissareiro Estado do Mato Grosso.*” (Rosa 1990, p.20), e sinalizando assim, a Marcha para o Oeste, ou seja, um movimento político e econômico que trouxe os Bandeirantes, responsáveis pelas primeiras povoações do Estado, e considerados desbravadores porque não se detiveram diante das dificuldades.

Diante desse quadro, o Governo Nacional, através do entrosamento entre as atividades particulares e as realizações do governo, atraiu para o Mato Grosso suíços, japoneses, espanhóis, italianos, franceses, alemães, portugueses, norte-americanos, árabes e indianos os pioneiros nas diversas atividades produtivas do Estado, que graças a essa migração sofreu muitas transformações não só políticas, mas também econômicas, religiosas e culturais.

Rosa (1990) ainda aponta que no período entre 1840 e 1845 centenas de fazendeiros de Minas Gerais e São Paulo adentram no Estado, modificando o seu panorama econômico por meio da agropecuária, e das atividades de horticultura pelos japoneses.

Após a chamada Guerra do Paraguai, os limites do Brasil com este país foram restabelecidos, nas terras do Mato Grosso, hoje Mato Grosso do Sul, o que novamente se tornou atrativo aos pastores mineiros e gaúchos militares ou não, fugitivos do movimento revolucionário que se instalaram no país entre 1892 a 1906, e que contribuíram para a compreensão da instituição da sociedade fronteiriça por tantos migrantes paulistas e sulistas.

Outra fonte econômica que se deve ressaltar é que, a partir de 1870, ocorreu a exploração da cultura erva-mate nativa na região fronteiriça, pela Cia Matte Laranjeira, permitindo que fosse assentado o poderio econômico sul-mato-grossense no Estado, devido ao grande contingente de estrangeiros na fronteira.

A compreensão, porém, da História da Educação no Estado Mato Grosso do sul, (antes Mato Grosso), pois segundo ela, há evidências de que durante a instituição do Estado Novo nos é dada por Brito, muitas pretensões nacionalistas ocorreram no Brasil e no Estado, em virtude do panorama econômico, político e social que se encontrava nas principais idéias do contexto mundial.

Esse panorama econômico do Brasil, no entanto, de acordo com Oliveira (2003) sofreria abalos devido à grande crise política e econômica, ocorrida nos Estados Unidos em 1929, mais precisamente em Nova York, atingindo também o Mato Grosso.

A “quebra” da bolsa de valores acentuou a diminuição do valor de títulos, em todo o mundo, levando à destruição das fortunas de vários países em um curto espaço de tempo. A propagação desse episódio provocou, no âmbito mundial, uma redução das importações norte-americanas e o repatriamento dos fundos de curto prazo, aplicados na Europa, por parte dos bancos dos Estados Unidos, o que provocou uma crise na produção e exportação do Café, do Brasil cujas conseqüências tiveram fortes reflexos na economia nacional brasileira segundo Oliveira (2003).

Pierucci (2004) nos aponta que até 1930 o Brasil ocupava um lugar privilegiado no ranking das importações com os Estados Unidos, por ter com esse país um forte poder de barganha desde 1920 graças à política de resseguro, mas era Londres que constituía uma fonte alternativa vital para os recursos financeiros do Brasil, especialmente, no caso dos empréstimos necessários à operação da política de valorização do café.

Do ponto de vista econômico, o último quartel do século XIX no Brasil fez com que a cultura cafeeira se consolidasse não com o único produto, mas como o principal produto de exportação: “*a produção brasileira, que havia aumentado de 3,7 milhões de sacas de 60 kg em 1880 -1881 para 5,5 em 1890 -1891, alcançaria em 1901 -1902 16,3 milhões*”. Assim, a crise aludida por Oliveira (2003) e Pierucci (2004) apontaram que esse aumento na produção perdeu-se em 1929 com a crise mundial.

Saviani (2004, p.13-14) ressalta que o Brasil se beneficiava muito com os altos preços e com a situação de quase monopólio de que usufruía no mercado internacional, graças ao café que propiciou um alto grau de capitalização e que, com a crise mundial do final dos anos de 1920, foi o fator básico da industrialização do

país, segundo o modelo de “substituição de importações”, que marcando a nova fase vivida pelo Brasil e inaugurada com a revolução de 1930.

Assim, o Brasil precisava de novas fontes econômicas e uma delas estava na região de fronteira, até então não valorizada pelo Estado.

Segundo Corrêa (2005), apesar da presença de militares na região fronteira, da Alfândega e da Estrada de Ferro Noroeste, a soberania brasileira não era definida, e a presença do Estado somente começou a se efetivar após a crise mundial.

Na região sul, a presença do Estado começou a efetuar-se na década de 1920 com a construção de quartéis desmontáveis de tijolos e estruturas metálicas, por exemplo, em Ponta Porã e Bela Vista, e também como consequência do envolvimento regional em movimentos militares nacionais, desde o tenentismo até 1932, quando o sul chegou a instalar um governo estadual. No entanto, somente após a Revolução de 1930, teve início de forma intensiva uma política federal para o controle da fronteira, como por exemplo, a Lei de Nacionalização. De mão-de-obra, que, sem dúvida, interferiu nos negócios internos da Matte Laranjeira, já que a mão-de-obra utilizada pela companhia era predominantemente paraguaia. (CORRÊA 2005, p.101).

Esse entendimento é mister à compreensão quanto à Política Educacional no MS, pelo Estado e pela Igreja Católica, já que a partir de 1930 ocorria um fenômeno emigratório muito intenso para o sul do Mato Grosso, hoje fronteira seca com o Paraguai, locus de instalação da instituição IVG.

Para compreender a situação em que se encontra a região de fronteira na época em que a IVG se instalou é necessária uma compreensão dos movimentos nacionais que repercutiram no sul do Mato Grosso como apontaram Rosa (1962) e Corrêa (2005).

Segundo Rosa (1962, p. 70), vários movimentos revolucionários contribuíram para que Ponta Porã e Bela Vista fossem alvo de pessoas fugitivas. Consta que, até meados da década de 20 do século XX, a região fronteira, locus da pesquisa, era terra de ninguém, com ausência do Estado. Todavia, para assegurar a “propriedade” da terra do Estado na região de fronteira, o então presidente da república Senhor Getúlio Vargas, no período do Estado Novo, empreendeu uma política de colonização e desenvolvimento na região do sul do Mato Grosso, atual Mato Grosso do Sul, gerando o intenso fenômeno migratório à fronteira, nesse período da história brasileira.

É fato na história do Estado Brasileiro e do Estado do Mato Grosso do Sul que para prevenir-se da 2ª Guerra Mundial o Brasil, através do Governo Estado Novo de Getúlio Vargas, lançou a política *Marcha para o Oeste*, criando assim o território Federal de Ponta Porã em 13 de setembro de 1943, extinto em 1946, para resguardar a fronteira. Desse modo muitos brasileiros, advindos de diversas regiões do país, instalaram-se na fronteira, graças à política de doação de terras, o que viabilizará a necessidade de educação na região para a nacionalização do povo que nela residia.

5.2 – ESTADO E IGREJA: MATO GROSSO E A CHEGADA DA IVG

Para contextualizar as relações entre o Estado, a Igreja, a Educação, e as políticas públicas oficiais, entre as décadas de 1930 - 1980, à Educação, recorreremos a Baía Horta (1994) e a Vasconcelos (2002) quanto à relação Estado Igreja para o fortalecimento político tanto do país quanto da Igreja.

A igreja Católica tentou novamente oficializar a religião católica romana na Constituição de 1934. Não conseguiu, mas exerceu outros tipos de pressões: “pressões para instalar crucifixos em câmaras municipais, estaduais e federal; o uso de fundos públicos para a construção de templos e catedrais, o esforço em prol da dedicação do Brasil ao sagrado coração de Jesus; estabelecimento de relações diplomáticas com o Vaticano”. (VASCONCELOS 2002, p. 137).

A crise brasileira que se deflagrou na política social e econômica na década de 30, decorrente da queda da bolsa (crash) em 1929 deu origem à revolução de 30 e à Instalação de um governo novo com uma forte tendência autoritária com Getúlio Vargas. Essa Revolução originou a Revolução Constitucionalista de 1932, o que levou vários emigrantes, que seguiam idéias socialistas e até anarquistas e que reivindicavam, nesse período, por melhores condições de vida e de trabalho, a fugirem e adentrarem em terras brasileiras distantes, uma vez que estavam sendo perseguidos politicamente.

Muitos chegaram às terras sul mato-grossenses, conhecidas como terra de ninguém, por serem fronteiras com outros países como nos aponta Corrêa (2005, p. 41), sem vigilância constantemente “A fronteira transformou-se, num primeiro momento, em *terra de ninguém*, sem a presença efetiva das autoridades governamentais para impor a ordem, a segurança”.

Estes homens se aventuravam para o MT em busca de refúgio e de sobrevivência, em terras inexploradas, mas muito produtivas para a plantação e para a criação de animais, como os bovinos. A localização viabilizava ainda, no caso de uma necessidade maior, a facilidade de fuga para os outros países, favorecendo os motivos que levaram Vargas à colonização da fronteira através de investimentos, e, sobretudo, à evangelização pela Igreja com os Redentoristas.

Diferenciando-se do direcionamento oficial que definiu as funções econômicas de Corumbá como entreposto comercial importador e exportador, a fronteira sul de Mato Grosso foi sendo ocupada de forma desordenada, tendo como referência a guerra com o Paraguai. Em primeiro lugar esta ocupação foi fortemente atraída pela existência na região de ervais nativos. (...) Além disso, a partir de 1887, quando foram criados no Paraguai os partidos Colorado e Liberal, a radicalização política daí decorrente, que provocou revoluções e perseguições aos adversários, motivou também uma intensa mobilização de Paraguaiois através da fronteira. (CORRÊA 2005, p. 46)

A ocupação das terras fronteiriças no sul do MT atual (MS) ainda contou com a leva de emigrantes gaúchos, que fugiam das perseguições da Revolução Federalista entre 1893-1895.

Para Corrêa (2005),

por outro lado, a existência de campos propícios à criação de gado bovino, semelhantes aos pampas gaúchos, chamou a atenção dos soldados do exército imperial brasileiro que, após o termino da guerra⁵³ se encarregaram de divulgar no Rio Grande do Sul “a notícia de que aqui existiam campos devolutos, próprios para a criação de gado, e imensas matas virgens, onde se encontrava a erva-mate nativa”. (id.ibid.47).

Os emigrantes consumidos pela longa caminhada, na rota pela Argentina, pela dificuldade em transcender barreiras naturais como o rio Paraná pela carência de vias de acesso por meio de pontes ou balsas, enfrentavam muitos perigos e chegavam ao MT com pouquíssimos recursos para a conquista da fronteira; mesmo assim, a luta pela terra, começou por meio do “*enfrentamento com índios, paraguaiois e com as pretensões da Companhia Matte Laranjeira, então, a maior arrendatário da fronteira, com aproximadamente 60.000 quilômetros quadrados*” Corrêa (op.cit, p.48). De acordo com esse autor,

⁵³Guerra Brasil – Paraguai

O homem da fronteira, dessa maneira, forjando-se numa mescla de costumes indígenas, paraguaios e gaúchos, falando uma língua de fronteira em que se entrelaçavam o português, o regionalismo gaúcho, o guarani e o castelhano. O cotidiano fronteiriço incluiu, ainda, a convivência intensa com a violência. (CORRÊA, op.cit.p.48)

Porém, mesmo sob toda violência e insegurança as famílias emigrantes enraizavam-se no campo e motivavam o aparecimento de pequenos núcleos urbanos.

Corrêa (2005) nos relata que a fronteira era considerada *terra de ninguém*, uma fronteira guaranizada no território brasileiro, que só se manteve como terras brasileiras por causa das atividades da Matte Laranjeira e pela atuação dos pioneiros da fronteira, em especial, os emigrantes gaúchos, os quais contestaram o monopólio da Matte Laranjeira na produção ervateira e pecuária.

Crescia na fronteira a necessidade de instituições para o fortalecimento da identidade nacional e do território enquanto terras brasileiras, por isso Corrêa (2005) nos aponta que

De forma mais contraditória, o que mais se notava na fronteira era a falta de *representações de brasilidade* de sua população ou, com registraram autoridades e viajantes da época, a ausência de um *sentimento de nacionalismo* na região. A ausência de um *caráter nacional* na região, com a presença efetiva de instituições (manifestações nacionais ou agências representativas dos interesses do Estado nacional), tais como quartéis, escolas e igrejas, era reforçada em grande parte pela falta de uma política de atendimento e de desenvolvimento socioeconômico a ser desempenhada tanto pelo governo estadual como pelo governo federal. (CORRÊA, 2005, op. cit., p.100-101).

Mas, é Pereira in Corrêa (2005) que vem corroborar para nosso entendimento quanto à necessidade da instituição IVG na região de fronteira entre Ponta Porã e Pedro Juan Caballero quando enfatiza, com certa surpresa, a ausência de igrejas, ou melhor, da religião; já que a religião se faz necessária como um fenômeno de representação que leva o ser humano ao sentimento de unidade através do *magma de significações imaginárias*, referendadas por Castoriadis (1987).

A ausência completa de igrejas (sic), tanto de um lado como do outro. É facto (sic), que infelizmente, impressiona profundamente o viajante que visita as duas povoações. (PEREIRA in CORRÊA 2005, p. 101).

E, é por isso que através de Francisco Campos in Baía Horta (1994) se pode entender a importância da chegada da IVG ao MT (atual MS), tanto para o Estado

quanto para a Igreja Católica; pois na época a religião era considerada a *força moral* à organização da sociedade após 1930.

Certamente a educação moral e cívica pode concorrer para a formação e esclarecimento da **consciência nacional**⁵⁴ Mas quais os fundamentos dessa educação moral, no meio da anarquia das doutrinas contemporâneas e na desorientação geral das inteligências, sem pontos de mira ou de referência por que orientar-se ou dirigir-se? **Só a religião pode oferecer ao espírito pontos de apoio e motivos e quadros de ação moral regulada e eficiente**⁵⁵. A educação moral não é mais do que um subproduto da educação religiosa. A educação moral resulta da cultura dos sentimentos de veneração, de admiração, de entusiasmo, de reconhecimento e de temor, que só a religião, que está à raiz do espírito, pode alimentar, nutrir e aprimorar. O de que precisamos se precisamos de educação moral, como não se contesta, é de educação religiosa. (FRANCISCO CAMPOS in BAÍA HORTA 1994, p.101 - 102).

Esse discurso defendido por Francisco Campos será utilizado por Getúlio Vargas após 1930, uma vez que o país atravessava uma crise de autoridade que só poderia ser restaurada sob uma educação moral e cívica servindo-se religião como apontou Vargas em seu discurso em 1939, no Concílio Plenário Brasileiro já aludido anteriormente; Vargas confiava então ao clero o ensino “à obediência à lei, à ordem e a disciplina”. Desse modo, conforme Melo e Silva (2002) revelou a questão da consciência nacional e a religião entrelaçou-se na região fronteira, na instituição de uma identidade nacional brasileira.

Segundo Rosa (1962, p. 26-27), a Empresa Matte Laranjeira desbravou, incontestavelmente, zonas inóspitas, abriu estradas e portos para o transporte da erva mate, que em meados da década de 20 do século XX foram entregues ao domínio público, sendo foi ela mesma uma fonte de recursos, para quantos a procuravam. Todavia, a sua zona de arrendamento ultrapassava em muito, a área que deveria ocupar; constituía, naqueles tempos um vasto monopólio, abrangendo os limites do município de Ponta Porã, até as margens do rio Paraná, e por isso, sua longa ocupação muito entrouvrou o povoamento do sul de Mato Grosso, o que fez emergir insatisfações por parte dos emigrantes.

Surgiram muitos conflitos e pleitos judiciais, quando começaram a chegar as levas de rio-grandenses, que vinham do sul, e procuravam se estabelecer nas terras devolutas do estado. Os requerimentos não

54Grifo nosso

55Grifo nosso

obtinham despacho favorável, diante dos protestos da Empresa, que explorava toda aquela zona, delimitada pelos rios Dourados, Ivinhema, Amambá e Paraná, fechando a área com a fronteira do Paraguai. (ROSA 1962, p. 27)

A questão foi resolvida em 1916, com a concessão das terras aos ocupantes, pelo então presidente do Estado, General Manuel Caetano de Faria e Albuquerque. Esse fato originou um conflito entre o presidente e a assembléia legislativa, em sua maioria, republicanos conservadores, favoráveis à Empresa Matte, causando à revolução e a queda do partido republicano conservador. Nessa época, segundo Rosa (1962) houve a intervenção federal em Mato Grosso, e novas eleições foram realizadas, sendo eleito Presidente do Estado o bispo D.Aquino Corrêa, apoiado pelo partido republicano mato-grossense, chefiado pelo coronel Pedro Celestino. A luta pela posse de terra foi deflagrada com disputas, lícitas e não lícitas, nas quais algumas vidas foram perdidas.

Essa situação caótica pela terra entre os posseiros e a Empresa Matte segundo Melo e Silva (2002) somente seria resolvida com a intervenção do Estado.

Faz-se mister, portanto, que se desperte no brasileiro o interesse de povoar e nacionalizar aquele território e que aproveitem as vantagens acenadas especialmente aos que lá se encontram,(sic) desprotegidos e desiludidos, para que se não retirem, em busca de outros ares. (id.bid. p.189).

O governo agindo em prol dos emigrantes e do povo da fronteira, fortaleceu essa faixa de terra que ganhou novo impulso com a Estrada de Ferro Noroeste pelo início de suas atividades de funcionamento por volta de 1908, viabilizando novas condições para a presença de militares, do aparato estadual e do aparato alfandegário.

Getúlio Vargas lança então um projeto de desenvolvimento para o qual conta com a força e a ajuda da Igreja, a qual será base para a difusão de sua ação por meio da educação na propagação da fé e, de certa maneira, na manutenção dos interesses do Estado, uma vez que este já se firmara com boas relações.

O respeito à nação, o sentido de pertencimento e de proto-nacionalismo serão propagados como propaganda governamental através da comunicação e da educação, cabendo à Igreja inculcar os ideais de nação, propostos pelo movimento do Estado Novo e pelos discursos de Francisco Campos, então ministro da educação.

Consta que na carta em que o ministro da educação envia ao Presidente Vargas expondo os motivos para a decretação do Projeto de Introdução do Ensino Religioso em todas as escolas públicas, destaca-se a possibilidade de recuperação dos “valores perdidos” da sociedade brasileira através da religião, com o ensino religioso nas escolas públicas ou escolas religiosas.

E como não podia deixar de ser, os “**valores perdidos**” **que somente a educação poderia recuperar, eram os valores ligados à religião, à pátria e à família** (p.154). Eram os mesmos valores que serviam de bandeira para os vários sistemas políticos totalitários da época, e que, no Brasil eram constantemente invocados nos discursos anticomunistas, principalmente a partir de novembro de 1935. (BAÍA HORTA 1994, p. 107).

De acordo com Baía Horta (1994), para Francisco Campos há uma indissolúvel dependência recíproca entre a *família, a pátria e a religião*, sendo a pátria uma afinidade de famílias reunidas por laços de sangue e espirituais.

De acordo com Baía Horta (1994, p. 107) a religião seria tal como apontou Francisco Campos “o sustentáculo da moral e da pátria”, pois esta, através do Ensino Religioso seria.

Um instrumento de formação moral da juventude, um mecanismo de cooptação da Igreja Católica e uma arma poderosa na luta contra o liberalismo e no processo de inculcação dos valores que constituíam a base de justificação ideológica do pensamento político autoritário.

E assim foi que a partir de 1930 chegavam ao MT, às irmãs primeiramente em Aquidauana, depois na região de fronteira em Bela Vista, visto que.

É fácil abrir uma casa com os bons Padres norte-americanos. A questão de finanças não os embaraça absolutamente. Na verdade as Irmãs também se impõem sacrifícios. Graças a essa Providência visível é que no dia 27 de dezembro de 1931 nossas Irmãs iam fixar-se na fronteira do Brasil, em Bela Vista. Era piloto da caravana a Revma. Irmã Maria Hubert que hoje é chefe da nau Capitânea de toda nossa equipagem. (CINQUENTENÁRIO 1946, p. 48)

Posteriormente, fixaram se em outras cidades como Ponta Porã, as religiosas Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” de Gijzegem da IVG para trabalhar nas paróquias e escolas paroquiais dos padres redentoristas na Missão

evangelizadora e de ensino, na fronteira, até então violenta e considerada *terra de ninguém*.

“Bem-vindos a Ponta Porã, Senhores”.

Essas palavras foram pronunciadas, altas horas da noite do dia 11 de abril de 1943, pelo motorista da Jardineira da Empresa “Auto Transporte Sacadura”. Alvos de cordial recepção eram os padres Harold Driscoll e Bernard Rainer, os dois redentoristas que chegaram para tomar conta da paróquia e município de Ponta Porã em substituição dos idosos e doentes padres salesianos que até aquele momento tinham se dedicado à educação e atendimento espiritual do povo pontaporanense.

No decurso dos próximos 3 anos foi notável a transformação em Ponta Porã. As duas acanhadas salas de aulas passaram a ser a nova “Escola Paroquial São José”, tendo anexo o convento das Irmãs Vicentinas que dirigiam a escola. A nova residência dos padres estava pronta também. (CINQUENTENARIO 1980, p. 51).

A chegada das irmãs e dos redentoristas a Ponta Porã foi marcante para o povo da região, tanto na instituição de uma educação que da própria sociedade. Todavia, faz-se necessário descrever como estava a educação no MT antes da chegada dessas religiosas ao estado.

5.3 - EDUCAÇÃO NO MATO GROSSO DO SUL SÉCULO XX

Este tópico tem como finalidade apresentar a Educação do Mato Grosso do Sul no início do século XX, para que se possa compreender o contexto educacional em que a Congregação das Irmãs Vicentinas de Gijzegem chegou às terras matogrossenses.

No contexto de 1930 com suas transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais que foram instituídas as relações entre o Estado e a Igreja, na História da Educação no Mato Grosso. Pois, foi no final do século XIX, a época em que foram criadas as condições que desenrolaram as transformações que deflagraram a Revolução de 1930 no Brasil.

Para descrever a História da Educação em Mato Grosso, recorre-se a Brito (2001, p. 56) por seus estudos nessa temática. Segundo ela,

a educação escolar em Mato Grosso no início dos anos 30 (...) ainda estava às voltas com dois dos principais problemas enfrentados pelo setor durante a República Velha. Por um lado, os limites impostos à organização de um sistema de ensino de âmbito estadual, dadas as condições sócio-econômicas do estado, de população rarefeita, espalhada

por milhares de quilômetros quadrados. Território que, em sua grande maioria, não chegava a ser atingido pelos tentáculos das ações estatais. Por outro lado, em se tratando de verbas públicas, a forma precária como eram aplicadas as verbas estatais no setor educacional, cujos recursos encontravam destinação certa no atendimento das prioridades “do dia”, definidas pelas disputas entre, os diversos grupos de pressão - representando os interesses de usineiros, ou de pecuaristas, ou da empresa Matte Laranjeira, entre outros - em luta pelo poder estatal.

A Educação organizada no Mato Grosso, durante o Governo Federal de Getúlio Vargas, de acordo com Brito (2001) se apresenta à sociedade, somente após os anos 30, com o desenvolvimento das atividades econômicas diversificadas; pois o estado enfrentava vários obstáculos com reflexos da divisão internacional do trabalho em âmbito mundial na transição da sociedade capitalista monopólica, à pecuária extensiva e o esgotamento da mineração.

Estes obstáculos contribuíram para que a pecuária extensiva se firmasse como a principal atividade econômica na região e devido à escassez da mineração surgiram algumas charqueadas e saladeiros.

Brito (2001) afirma que com o fim da Guerra entre o Brasil, o Paraguai, o Uruguai e a Argentina, o acesso às terras do Mato Grosso foi facilitado. Mas, ainda enfrentava alguns entraves com o surgimento do monopólio comercial e exportador de navegação e concentração do capital pelas casas comerciais, bem como o monopólio de extração da erva mate, pela Companhia Matte Laranjeira, possuidora dos direitos de locação e usufruto dos ervais nativos no sul do Estado.

Em decorrência desse fato ocorreram muitas mudanças significativas no Mato Grosso quanto à economia decorrente da emigração extensiva. Sabe-se que a especialidade brasileira é a economia agrária e que as co-relações de forças políticas no país iriam convergir para as mudanças nos anos seguintes à crise cafeeira. O que trouxe reflexos na organização escolar do Brasil, inclusive no Mato Grosso, em função do fluxo migratório no final do século XIX e início do século XX.

Vale ressaltar que a educação na região de fronteira sul do mato grosso em 1930 era quase que inexistente, seja por causa das verbas, seja por causa da distância. Essas deficiências foram apontadas por Brito (2001), como fatores que dificultavam uma ação do Estado na organização do ensino primário, enquanto sistema na região; Assim, do mesmo modo que a educação no país exigia mudanças, também na região de fronteira isso era fato notório. Mister seria então desbravar essa educação na

fronteira, onde a IVG com os Redentoristas encontrariam elementos favoráveis para isso.

Brito (2001) corrobora com nossa interpretação, quando cita um “*Regulamento da Instrução Pública Primária do Estado de Matto-Grosso*”, decretado em 22/04/1927 sob o n.º. 759, que deveria regulamentar a necessidade de haver cinco tipos de escolas públicas para a organização dessa instrução pública. Segundo ela, as escolas eram classificadas e caracterizadas em: *escolas isoladas*, denominadas rurais, que ficavam a mais de 3 quilômetros da sede do município; *escolas isoladas urbanas*, que se localizavam num raio até 3 quilômetros da sede municipal; nelas o ensino tinha duração de 3 anos. *Escolas de cursos noturnos* semelhante às urbanas isoladas pois tinham uma clientela diferenciada, sendo seus alunos maiores de 12 anos e trabalhadores, que só poderiam estudar à noite. E escolas denominadas *grupos escolares*, cujo funcionamento dependeria de haver, no mínimo, oito classes que deveriam ser estabelecidas por regiões com mais de 250 crianças com idade escolar.

Corroborando com essas idéias, Brito (2001, p.57) aponta ainda que no ensino rural o terceiro ano compunha-se de Leitura, Escrita (também chamada Caligrafia), Língua Materna, Aritmética, Educação Moral e Cívica (também chamada de Deveres Cívicos e Morais), currículo considerado essencial para esse tipo de ensinamento.

A escola rural tem por fim ministrar a instrução primária rudimentar; seu curso é de dois annos e o programa constará de leitura, escripta, as quatro operações sobre numeros inteiros, noções de História Patria, Chorografia do Brasil e especialmente de Matto-Grosso e noções de Hygiene⁵⁶.

Brito ressalta ainda (2001, p. 286-287) que houve as chamadas *escolas ambulantes*, que antecederam as quatro já citados anteriormente acompanhando os cinco tipos de escolas públicas. Mas esclarece também que somente a partir de 1937 é que se evidenciou uma mudança de caráter organizacional no ensino no Mato Grosso, com o crescimento e a participação de grupos e escolas reunidas.

A década de 30 e os primeiros anos da década de 40 foram marcados pela atuação da Comissão Especial de Faixa de Fronteira, preocupados com a

⁵⁶Artigo 6º do Regulamento da Instrução Publica Primaria do estado de Matogrosso (Decreto n.759, de 22 de abril de 1927, p. 3 In Brito, 2001: 57.

nacionalização das fronteiras, mas foi somente em 1945 que se iniciou a redemocratização do país; em se presenciou uma atividade deste organismo enfocando a questão nacional, de um lado, pelas possíveis relações entre nacionalismo, e por outro, a integração das regiões fronteiriças à unidade nacional, especialmente preocupada com o desenvolvimento desta parte do Brasil, cujo exemplo, temos Ponta Porã.

Conforme Brito (2001,p.62), entre os anos de 1930 a 1942 houve um aumento significativo de estabelecimentos públicos de ensino isolados no Estado do Mato Grosso; e ao ensino primário rural recebeu o de maior índice de alunos, entre os anos de 1936 e 1937. Talvez aqui encontramos uma oportunidade para começar o entendimento sobre a contribuição da IVG no MS, mesmo não sendo suas escolas públicas, mas destinadas ao ensino primário, pois é este justamente o período em que a congregação estava difundindo seus ensinamentos nas terras Sul Mato-Grosso, quando estava difundindo seus ensinamentos religiosos e educativos com suas atividades, nas regiões distantes da capital, na época, Cuiabá.

A esse respeito Brito (2001) traz um dado de suma importância quanto à existência de uma portaria de número 4, com data de 1º de março de 1935 do Mato Grosso sobre Instrução pública, que reforça o Regulamento de 1927 já anteriormente citado, quanto ao número mínimo de alunos que era de 26 e 30 para o funcionamento das classes em qualquer modalidade, seja na cidade ou na zona rural, bem como a proibição de contratação de professores auxiliares, para classe com número inferior a 45 alunos. E que regulamentava também sobre a separação das classes entre meninos e meninas, se estas ficassem com menos de 30 alunos e /ou alunas.O regulamento de instrução pública dificultava assim a implantação dessa instrução pública, dada as proporções demográficas, na época, na região pesquisada, com o agravante de não contar com o número de alunos suficientes ao exposto no regulamento.

Brito (2001) assinala ainda que o Decreto nº 260 de 25/03/1939 estabeleceu o número de 25 alunos para as classes escolares isoladas, de 28 para as reunidas e de 30 alunos para as classes de grupos escolares.

Através de relatório⁵⁷ o Governador Belmiro Julio Stübing Müller, em 1942, informa ao Sr. Dr. Getúlio Vargas que houve um aumento expressivo e animador da população escolar do curso primário no estado, cujo o percentual ultrapassa mais de vinte cinco mil entre todas as escolas sejam noturnas, regimentais ou isoladas, o que então ira exigir a presença da IVG para atender à demanda.

No início da Era Vargas, segundo Brito (2001) havia ainda uma ausência de fiscalização e controle nas escolas existentes, públicas e particulares, com número insuficiente de professores no Mato Grosso o que mereceu uma reivindicação⁵⁸ do senhor Alberto Ratier, fronteiro. Este, em 1943 no mês de janeiro, escreve ao gabinete da presidência da República, solicitando a reabertura e o funcionamento da escola Estadual Getúlio Vargas, em Paranhos; distrito de Ponta Porã, uma vez que, muitas crianças brasileiras estariam atravessando a faixa de fronteira para o Paraguai para lá estudarem. Esse fato, mencionado por Brito (2001) atesta a carência de escolas públicas na região.

Coincidentemente, é justamente nessa época, em 1944, que chega à fronteira Ponta Porã sul do MT, a Congregação Redentorista para assumir as atividades religiosas e juntamente, as Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres” de Gijzegem, para assumirem o ensino da educação religiosa nos moldes da Igreja Católica. Vale lembrar, porém, que esse ensino não é público, e sim, particular.

O ensino público no Mato Grosso do Sul enfrentou muitos problemas na época do Estado Novo entre 1930 – 1945, seja por causa da distância, seja por falta de professores, seja por falta de fiscalização, controle e manutenção. Talvez esses problemas sejam uns dos fatores que influíram e contribuíram para o fortalecimento e consolidação das escolas paroquiais nas “mãos” da IVG nas cidades de Miranda, Aquidauana, Bela Vista, Campo Grande e Ponta Porã.

No período após 1946, com o chamado pós-guerra, a industrialização na área central do Estado de Mato Grosso desenvolveu muito a região, vários projetos de colonização tanto público como privado foram empreendidos nas localidades Sul do Estado e na região Norte para a ocupação dos territórios, o que levará à instituição de vários elementos, que permitiram à IVG se fortalecer na educação fronteiriça com as escolas paroquiais dos municípios já mencionados, uma vez que

⁵⁷Relatório do período de 1941-1942 impresso Oficial em 1942 p.17 APE-MT, citado por Brito, (2001, p. 64)

⁵⁸In Brito (2001, p.66)

aumentavam o fluxo de crianças abastadas cujas famílias exigiam uma educação diferenciada.

Mesmo com o Regulamento da Instrução Pública que estabelecia em seu artigo 3º o ensino público gratuito, leigo e obrigatório para todas as crianças normais, analfabetas, residentes num perímetro de até 2 km da escola pública, o Estado não assumia a obrigatoriedade, a universalização e o acesso das crianças, pois a gratuidade estava condicionada a uma organização de um caixa escolar (recursos de contribuição de associados, alunos).

Talvez seja esta questão que viabilizou a consolidação e o desenvolvimento das escolas particulares que recebiam recursos financeiros do Estado através de convênios, a exemplo das Escolas Paroquiais da IVG, em Ponta Porã, Bela Vista, Aquidauana, Miranda e Campo Grande.

Ao chegar aqui neste contexto pode-se perceber que a educação nos anos 30 no Mato Grosso estava inserida no projeto desenvolvimentista do Governo Vargas, o qual buscava através da ocupação das fronteiras, da colonização, da expansão e do ensino público, ou mesmo particular, um projeto ideológico maior, cujo objetivo era combater os efeitos da crise de 29, que trouxe aos cofres públicos o fortalecimento do ideário do nacionalismo por meio da educação. A nacionalização da fronteira se fazia necessária, conforme já se Melo e Silva (2003), assim, a educação em Mato Grosso, a partir de 1930, constituir-se-ia numa ação expansionista do ensino nacional, e também dos ideais de progresso e civilidade necessárias ao desenvolvimento político e econômico cultural, que instituiu as sociedades, e são por elas instituídas, conforme Castoriades.

Vale ressaltar aqui como aponta Hobsbawm (1994, p. 83) a Educação utilizada como elemento de difusão de ideais políticos e religiosos, sendo que a religião “*é um cimento paradoxal para o protonacionalismo*”.

A educação assim, enquanto instituição sistematizada, sempre contribuiu historicamente como um fenômeno de ascensão e controle social, mesmo quando assume suas especificidades culturais locais no social – histórico. Com a IVG no MT isso não foi diferente, as Irmãs estiveram atuando nas atividades educacionais como ainda hoje continuam, porém direcionando seu trabalho para as atividades religiosas e sociais na fronteira, ora disseminando ideais religiosos, ora ideais político-patrióticos.

5.4 - REDENTORISTAS E IRMÃS VICENTINAS

Segundo Souza⁵⁹ (s/d) o grupo que se denomina Congregação dos Padres Redentoristas teve sua criação em 1734, em Nápoles – Itália, por Afonso Maria de Liguori (1696 -1788), filho de nobres.

Segundo seu fundador, ela teria nascido do desejo de ajudar as populações mais desprovidas de socorros espirituais e procurando-as nos lugares mais abandonados, até nas cabanas; e ela tem como regra geral (estabelecer-se no meio destas populações, para visitá-las sem cessar).

A chegada da IVG em terras sul mato-grossenses juntamente com a congregação decorre de um trabalho missionário entre os Redentoristas de Baltimore como nos aponta o Cinqüentenário dos Redentoristas da Província de Campo Grande-MS.

(...) Na manhã do dia 05 de dezembro de 1929 os padres Mohr e Hild foram recebidos pelos redentoristas holandeses no Rio. À noite embarcaram para Santos [...] permaneceram em São Paulo 6 semanas para se familiarizarem com a Língua Portuguesa e fazerem os últimos preparativos a fim de lançarem-se definitivamente para o “Hinterland”.

(...) Nesse ínterim, Dom Lustosa (em Corumbá) apressou-se em comunicar aos novos missionários a necessidade de assumirem as paróquias de Aquidauana, Miranda, Bela Vista, Nioaque e Porto Murtinho.

No dia 20 de janeiro, em companhia do Pe. Estevão Heigenhauser partiram de trem de Bauru. Três dias depois empoeirados da viagem, chegaram a Aquidauana, ponto final de uma longa viagem, início de uma caminhada mais longa ainda. (1980, p. 12-13).

Souza (s/d), afirma que em 1836, João Neuman, sacerdote Redentorista da Boêmia chegou aos Estados Unidos para um trabalho missionário e constituiu ali a Congregação Redentorista que veio à assumir as paróquias localizadas ao oeste do Estado aliaram-se então as irmãs da IVG que atuaram no ensino e nas atividades sociais conjuntamente com os Padres da Missão Redentorista Norte Americana de Baltimore na missão no Mato Grosso, em todas as instalações, conforme dados do mapa das missões redentoristas.

⁵⁹SOUZA, A.A.A. Apontamentos sobre a educação confessional na fronteira de Bela Vista com o Paraguai: O Ginásio comercial Santo Afonso.

A instalação da Congregação Redentorista em Mato Grosso foi relevante por serem os seus componentes os responsáveis pelo planejamento na expansão do projeto missionário na região bem como as Irmãs para auxiliarem na missão através do ensino escolar. Para tanto, foram visitadas várias aldeias, cidades e até mesmo o país vizinho do Brasil, o Paraguai, para desenvolverem o empreendimento da congregação.

FIGURA XVI – Mapa das Missões Redentoristas /MS



Fonte: Livro Cinquentenário os Redentoristas⁶⁰

Conforme dados do Cinquentenário (1980, p. 15), em 09 de agosto chegaram em Aquidauana, 06 padres para três comunidades: Aquidauana, Miranda e Bela Vista, incluindo Bella Vista no Paraguai, como já era enunciado no Planejamento da Congregação Redentorista, que ressaltava a presença de religiosas para suas escolas.

PLANEJAMENTO

Em outubro o Padre Francis convocou os padres para uma reunião em Aquidauana. Onde se destacam:

- meios e métodos de trabalhos apostólicos
- ampliação ou construção de igrejas
- aquisição de terrenos para construir as residências dos padres
- **religiosas para dirigir as escolas**⁶¹

⁶⁰Ilustração das Missões Redentoristas Vice Província de Campo Grande e da Missão de Asuncion. Imagem Escaneada do livro Cinquentenário os Redentoristas Vice Província de Campo Grande. 1980, p.17.

-manutenção das comunidades. (CINQUENTENÁRIO 1980, p. 15).

Dessa maneira, a IVG adentrou em terras sul mato-grossenses em 1931, sob a indicação do Padre Estevão Heigenhauser de São Paulo ao Padre Francis quando este redentoristas solicitou; *“que lhe indicasse alguma Congregação religiosa feminina para dirigir as escolas que pretendia criar em todas as paróquias”* (id.bid.1980, p. 16).

Assim,

no dia 20 de janeiro a madre provincial e mais duas irmãs vicentinas estiveram em Aquidauana, para um reconhecimento de seu futuro campo apostólico, e no dia 09 de março de 1.931 começou a funcionar a primeira escola paroquial em Aquidauana com o nome de “Colégio de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro”, sob a orientação das Irmãs Vicentinas. (op.cit. 1980, p. 16)

Vale ressaltar ainda que a chegada e a fixação dos Redentoristas e das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos Pobres“ de Gijzegem, em terras sul mato-grossenses só foram possíveis graças às relações amistosas entre o Estado e a Igreja, durante o Estado Novo.

5.5 - ATIVIDADES DAS IRMÃS EM MS

Além, das atividades Educacionais, atuavam também as irmãs na catequese em todos os municípios em que estavam. Consta que o motivo pelo qual as irmãs da IVG vieram para MT foi porque na época o reverendo Padre Francisco e seus companheiros missionários redentoristas enfrentavam alguns compatriotas seus ministrando a religião protestante. E ainda, o que lhe parecia pior, *“abriram uma escola em frente à Igreja, onde os redentoristas oficiavam”*. Isto bastou para que o reverendo Padre Francisco escrevesse uma carta ao Reverendo padre Estevam em São Paulo, solicitando providências. Assim, foi que a Reverenda Madre Hermeta e sua assistente a par da situação responderam ao padre que aguardavam resposta da Casa Matriz na Bélgica. Breve, porém, escreveram-lhe: “Acordé – Felicitações –

Mère!”⁶². E assim, as irmãs iniciaram as atividades apesar de elas aparentemente estarem “adormecidas” para esta questão, para a evangelização, para a catequese e para o ensino escolar, perdendo terreno religioso para os protestantes.

Dentre as atividades das irmãs a catequese era uma das principais. O que se pode verificar na foto de 1944, a relação entre o Estado e a Igreja é bem visível, como se percebe, no grupo de crianças uniformizadas em frente à lateral da escola, com a presença de um padre. A imagem reflete uma padronização quase que militar, evidenciando o caráter disciplinar.

Diferentemente da uniformização de características militares das roupas utilizadas em 1944 em Aquidauana, em 1932, em Bela Vista ainda se verificava crianças vestidas com roupas que apresentavam singularidade religiosa no imaginário coletivo, cuja presença leva à mãe de Jesus, pois tanto nas vestes como nos véus sobre as cabeças, têm uma *significação no imaginário individual* que age como *magma na psique*, à *representação simbólica*, cujo imaginário presentifica o sagrado, no caso o Bem (divino).

FIGURA XVII - Crianças Reunidas para Primeira Comunhão⁶³



Fonte: Livro Cinqüentenário da IVG

Em Bela Vista em 1932, as Irmãs da IVG também deixaram seu legado religioso e educacional como se pode constatar; elas ensinavam a primeiras letras, no antigo primário e também a doutrina católica através das aulas de catequese. A representação simbólica dos véus na cabeça tem um significado no imaginário social: a representação do divino e sagrado.

⁶²“T.N.– Tudo certo – Felicitações – Mãe (Irmã)”

⁶³Imagem escaneada do livro Cinqüentenário da IVG (1946, p.17).

FIGURA XVIII - Cruzada Eucarística de Aquidauana⁶⁴



Fonte: Livro Cinqüentenário da IVG

A imagem das crianças em 1944 reflete a representação “soldadinhos da fé”, ou melhor, “soldadinhos da pátria” como desejava Getúlio Vargas, além do uso da boina nas cabeças de todas as crianças, lembrando os soldados, a faixa simbólica, reflete o símbolo que entrelaça a religião e o Estado, esta é “obediência à ordem e à disciplina”, já aludido anteriormente.

Consta que em Ponta Porã, e também nos demais municípios do MS, as religiosas da IVG, além das atividades missionárias com a catequese das crianças, desenvolviam também atividades com senhoras casadas e com jovens.

FIGURA XIX - Congregação do Sagrado Coração de Jesus Maria⁶⁵



Fonte: Foto acervo da ex-aluna da IVG em Ponta Porã

O grupo de senhoras casadas, da Igreja católica, denomina-se Congregação do Sagrado Coração de Jesus Maria⁶⁶, sendo elas devotas do sagrado coração. Já o

⁶⁴Imagem Escaneada do livro Cinqüentenário da IVG no Brasil (1946 p.17).

⁶⁵Foto de Ex-membro do Sagrado Coração de Jesus e Maria, e mãe de ex-aluna da IVG Ponta Porã

⁶⁶Foto das senhoras casadas em procissão vestidas de preto.

grupo de jovens, solteiras era chamado de Filhas de Maria, e participavam também das procissões, como se pode verificar na foto em 1954, com todas, em fila.

FIGURA XX - Congregação de Filhas de Maria⁶⁷



Fonte: Foto acervo da ex-aluna da IVG em Ponta Porã

Há informações de que além das atividades educativas e religiosas, as irmãs ofereciam também cursos de letras desenhadas e de datilografia.

FIGURA XXI - Cerimônia da 1ª Eucaristia na Igreja Católica⁶⁸



Fonte: Acervo da Casa Provincial

Ainda, em Ponta Porã há muitas referências a uma religiosa da IVG, constante na foto⁶⁹ cujo nome foi citado em várias entrevistas de ex-alunos, marcando forte contribuição religiosa e educativa na fronteira, por ser também uma das pioneiras da IVG em Ponta Porã, conforme anotações de memórias (figura

⁶⁷Foto do acervo de Ex- membro do Sagrado Coração de Jesus e Maria, e ex-aluna e mãe de ex-aluna da IVG Ponta Porã

⁶⁸Foto da IVG em Campo Grande

⁶⁹Imagem escaneada da foto original do acervo da IVG em Campo Grande - MS.

número 19a e 19b). Irmã Lina⁷⁰, como era conhecida por todos, aparece na foto, junto com seus alunos na Cerimônia da 1ª Eucaristia da Igreja Católica, no Bairro da Granja, em Ponta Porã. Neste local havia também uma escola-extensão da Paroquial São José, intitulada Escola Paroquial Perpétuo Socorro, onde Irmã Lina exerceu o cargo de diretora. A escola Paroquial foi vendida para instituição Mace & São José, e a extensão do bairro da Granja continuou por breve espaço de tempo sob a direção geral da Irmã Lina, que se retirou de suas funções por motivo de saúde, deixando a cargo de leigos o ensino que estava ligada à estrutura física e administrava da Igreja Católica do Bairro da Granja.

Consta no Cinqüentenário (1946, p.46) da IVG um marcante papel social das irmãs na região de Aquidauana, mais precisamente onde desenvolveram muitas atividades sociais com índios nas Aldeias de Limão Verde, Cancha, Aldeia dos Passarinhos, Moreira e Morrinho.

5.6 - ESCOLA PAROQUIAL SÃO JOSÉ PONTA PORÃ

Para descrever a história da escola São José, em Ponta Porã a pesquisadora recorreu aos arquivos fontes primárias da ainda existente escola hoje Mace e São José, em Ponta Porã. Segundo ata (anexo figura 18a b c) dos arquivos, a escola antes de ser da IVG, estava sob os cuidados dos Salesianos.

Sua história educacional com as Irmãs da IVG começou em 1944, em um espaço construído em madeira, muito simples, com apenas 2 salas de aula, sob os cuidados pedagógicos das irmãs e direção dos padres.

⁷⁰Senhora ao lado esquerdo na foto com óculos e cabelos curtos.

FIGURA XXII – Primeira Escola Paroquial Ponta Porã em Alvenaria



Fonte: acervo de ex-aluna

Posteriormente, a escola foi ampliada e então a construíram em alvenaria, que constitui um patrimônio histórico da arquitetura de Ponta Porã.

FIGURA XXIII – Fachada Lateral da Atual Escola Mace & São José ⁷¹



Fonte: Acervo da pesquisadora

⁷¹Fotografada em 10/ 09/2007 com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixels

As janelas que aparecem acima nas salas de aulas são da Escola Paroquial são antigas, construída na escola em alvenaria; no início ficavam ao lado do pátio, onde meninas e meninos brincavam, às vezes juntos, e, às vezes, separados até 1960.

Hoje, este espaço é utilizado por todos com brincadeiras em grupo, sem distinção de sexo.

A Escola por ser de caráter particular era mantida com fundos de mensalidades e donativos dos pais dos alunos com cobrança mensal. Era controlada mensalmente no próprio Boletim, (Caderneta de Notas) que servia de carnê de cobrança também.

Pela figura do Boletim pode-se verificar que no mês de julho a aluna dessa caderneta pagou também um taxa-extra pelo fornecimento do livro de português.

FIGURA XXIV - Boletim de Ex- aluna da Escola Paroquial⁷²

FEVEREIRO	JUNHO
Mensalidade	Mensalidade 06 10,00
Fornecimentos	Fornecimentos
Total	Total
MARÇO	JULHO
Mensalidade 05 5,00	Mensalidade 06 10,00
Fornecimentos	Fornecimentos 00,00
Total	Total
ABRIL	AGOSTO
Mensalidade 10,00	Mensalidade 08 16,00
Fornecimentos	Fornecimentos
Total	Total
MAIO	SETEMBRO
Mensalidade 10,00	Mensalidade 09 16,00
Fornecimentos	Fornecimentos
Total	Total

Fonte: Acervo de ex-aluna

A caderneta além de servir de Boletim (figura 13) de notas mensais, como já foi dito, das disciplinas Religião, Aritmética, Português, História da Pátria, Geografia, Ciências, Educação Cívica, Educação Física, continha também as Disposições Regimentais:

⁷²Foto do Boletim de ex-aluna de 1970 da Escola Paroquial São José Dirigida pelas Irmãs Vicentinas em Ponta Porã – Mato Grosso

1. - É obrigatório o uso do uniforme oficial do Estabelecimento.
- 2. - É obrigatória a assistência à Santa Missa aos Domingos e Dias Santos.**
3. - As mensalidades serão pagas até o dia 10 de cada mês.
4. - Os Srs. Pais ou Tutores devem assinar o Boletim e devolve-lo pelo aluno.
5. - Além do horário escolar é necessário que o aluno estude pelo menos 2 horas diariamente em casa, a fim de alcançar a promoção.

Quanto às Disposições Regimentais destacam para interpretação dessa pesquisa são: o uso obrigatório do uniforme e a obrigatoriedade às missas, demonstrando a rigidez e a disciplina da educação IVG. Quanto ao item 3, fica claro quanto a estas cobranças o pedido de pontualidade no pagamento, conforme bilhete em anexo 14.

Para angariar proventos extras à manutenção dos gastos e serviços das Casas e das Escolas, as Irmãs da IVG realizavam ainda sorteios de rifas e bingos, com diversos brindes que ganhavam dos comerciantes; essa promoção, no entanto não era exclusiva do município, mas corria entre todas as casas do Brasil, com a participação dos familiares dos alunos e de todas as comunidades, conforme dados a seguir:

- 1.o prêmio – Caixinha com rica jóia – Sra. Thereza de Jesus Lopes – Garça
- 2.o prêmio – Caneta-tinteiro – Sra. Maria Cecília Gomes – São Paulo
- 3.o prêmio – Jogo “Panex” – Sra. Carolina Martins - Paraná
- 4.o prêmio - Um quebra luz com base de mármore – Profa. Margarida Campos (da Casa Pia) – São Paulo
- 5.o prêmio – Uma original boneca – Sra. Maria Elida Sartori – aluna de nosso Colégio de Ponta Porã**
- 6.o prêmio – Imagem de N. S. de Banneaux – Sra. Catarina Ide – Santa Cruz do Rio Pardo
- 7.o prêmio – Coleção de Livros de Contos – Sra. Regina Elza Castanheira Santos – Casa Pia
- 8.o prêmio – Artístico vaso de porcelana – Sr Paulo Alves Machado – S.Paulo
- 9.o prêmio – Uma caixinha de Segredo – Sra. Rita J. Silva – São Paulo
- 10.o prêmio – Uma Coleção de Livros de Contos – Sra. Ruth de Mello – São Paulo (Casa da Pia)
- 11.o prêmio – Uma bola de borracha – Irmã Maria Aloísia – Laranjal. (REVISTA ELIZABETH, 1960, p. 32)⁷³.

A antiga Escola Paroquial São José, em Ponta Porã, tem sua história marcada por muitos eventos sociais, mas seu destaque maior é por seu feito educativo, pois muitas mulheres e homens que lá estudaram fazem ainda hoje a

⁷³Revista Elizabeth, Nº 8, Ano III, Janeiro/ fevereiro/ Março, 1960, p. 32. (Acervo da IVG de Ponta Porã – MS).

história do Estado de maneira política, social, econômica e cultural; vários são os médicos, advogados, professores e professoras, políticos e tantas outras profissões cujo legado se deve à IVG na fronteira e no território brasileiro.

A antiga Escola Paroquial São José, atualmente, está agregada à Moderna Associação Campo-grandense de Ensino-MACE hoje grupo Anhanguera - São Paulo.

Segundo antigos funcionários no lugar onde consta MACE⁷⁴ havia outra palavra: Paroquial. Sua ex-extensão, no Bairro da Granja, como foi dito, hoje tem o ensino (ministrado) a cargo da Prefeitura.

FIGURA XXV - Fachada Central Escola São José/ Ponta Porã⁷⁵



Fonte: Acervo da pesquisadora

Tal como as outras escolas visitadas pela pesquisadora, em Aquidauana e em Bela Vista, a antiga escola Paroquial São José, em Ponta Porã, tem também uma representação da religiosidade; como pode ser vista e contemplada por leigos e religiosos, já na entrada, com uma gruta entalhada, na parede da fachada central, atualmente, com pintura em branco e azul, a imagem de Nossa Senhora.

⁷⁴Fotografia em 10/01/2008 pela pesquisadora.

⁷⁵Fotografada em 10/09/2007 pela pesquisadora com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixels

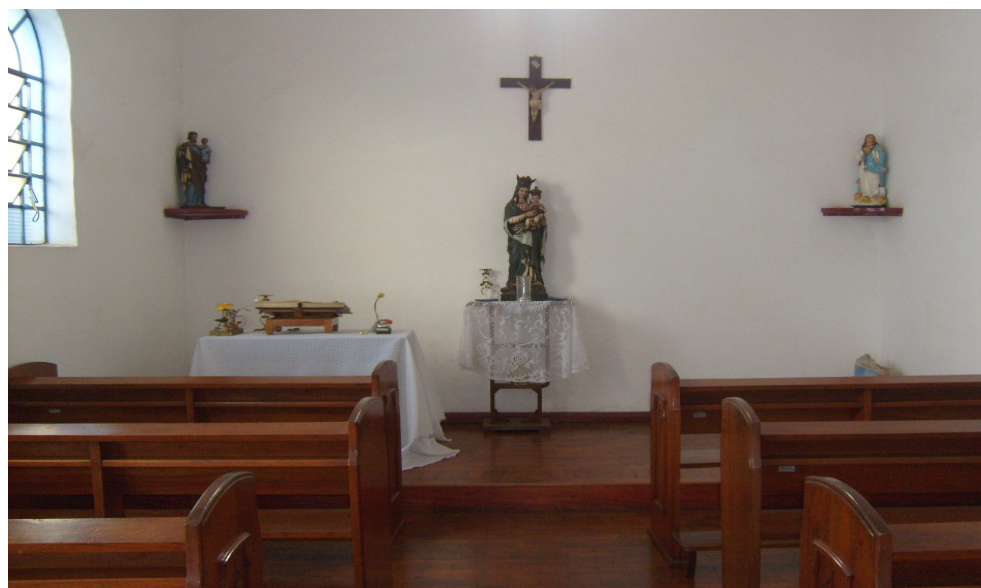
FIGURA XXVI - Representação de Gruta na Fachada da Escola São José/Ponta Porã⁷⁶



Fonte: Acervo da pesquisadora

Existe ainda uma sala utilizada como uma singela, capela, dentro da escola, com imagens de São José, Nossa Senhora, um crucifixo com Jesus sacrificado e a Bíblia (livro sagrado da religião cristã) além de 6 bancos.

FIGURA XXVII - Capela Na Escola São Jose Ponta Porã⁷⁷



Fonte: Acervo da pesquisadora

⁷⁶Fotografada em 10/ 09/2007 pela pesquisadora com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixels

⁷⁷Fotografada em 10/ 09/2007 pela pesquisadora com Máquina Samsung Digital 7.2 Mega Pixels

Segundo funcionários que estavam no dia em que a pesquisadora foi fotografar a capela, esta, servia como local de oração para as religiosas, sem que precisassem sair da escola ou da casa, já que, antigamente, a parte superior da escola servia de casa para as irmãs. Onde elas residiam, hoje é uma pequena biblioteca.

5.7 - ESCOLA SANTO AFONSO BELA VISTA

A Escola de Santo Afonso de Bela Vista foi Instituída em 1932, e depois se tornou Ginásio Santo Afonso, sob as atividades das irmãs da IVG, e, segundo consta funcionou até meados de 80 no século XX sob a tutela das religiosas como escola paroquial.

FIGURA XXVIII – Fachada Lateral Antiga Escola de Bela Vista /MS - 2004⁷⁸



Fonte: Laura, acadêmica do 2º ano do curso em Pedagogia em 2004

De acordo com o Caderno Pastoral (2005) da Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório da Diocese de Jardim, Regional Oeste I CNBB de Bela Vista, MS, a Comunidade das Irmãs Vicentinas em Bela Vista teve início com “*as irmãs pioneiras, Maria Hubert (superiora –Belga), Bernadete (Belga), Roberta (brasileira) e Emíliana (brasileira), com chegada em 27/12/1931*”.

⁷⁸Foto do prédio da Escola Santo Afonso em Bela Vista MS, fotografada por Laura (acadêmica do 2º ano do curso em Pedagogia em 2004) com câmera digital.

As Irmãs vieram a convite dos Padres Redentoristas da Província de Campo Grande, com a finalidade de assumir a educação formal, evangelizadora e catequética das crianças adolescentes e jovens na escola Paroquial Santo Afonso, iniciada em março de 1932, e nas Escolas Rurais: S. Geraldo (Água Doce), S. Patrício (Cancha) e S. Clemente (Nunca Te- VI). (CADERNO PASTORAL, 2005, p. 88).

Pelos registros pode-se constatar que a comunidade das Irmãs de São Vicente de Paula de Gijzegem se encontra na região de Bela Vista há 77 anos, onde se dedicaram até os anos 80, do século XX, à Educação Escolar na Escola Paroquial Santo Afonso, além de exercer atividades de evangelização, Catequeses, Ação Pastoral, atendimento ao povo de modo geral, visitas às famílias e aos doentes, às comunidades rurais e indígenas, às pessoas carentes e o Ensino Religioso nas Escolas Públicas Estaduais e Municipais, ou ainda como professoras e coordenadoras desses trabalhos.

Segundo dados do Caderno Pastoral (2005, id. bid.) a Educação formal nas Escolas Paroquiais foi extinta nos anos 70-80. Caso ocorrido também em Miranda e Aquidauana, onde as Irmãs atuaram. Em Ponta Porã e Campo Grande, segundo os dados o fechamento se deu mais tarde.

Por que o fechamento das escolas?

Pela má vontade do Governo Estadual em manter o convênio com as mesmas. O governo pagava às professoras, a alguns funcionários e às Irmãs. Sem um aviso prévio, simplesmente retirou os professores e as Irmãs das Escolas Paroquiais. Algumas foram demitidas e outras tiveram que ir trabalhar nas escolas públicas. Aconteceu que muitos alunos não pagavam nada. Outros pagavam uma pequena taxa escolar, e outros uma pequena mensalidade que não cobria os salários das professoras. Foram feitas reuniões com os pais, mas estes não quiseram pagar mais. O jeito foi fechar as Escolas Paroquiais. E assim, a Igreja perdeu esta modalidade de formação na convivência do povo. (CADERNO PASTORAL, 2005, id. bid.)

Essa citação corrobora para clarificar a interpretação de que realmente havia um entrelaçamento de relações entre o Estado e a Igreja na educação da IVG, na região de fronteira.

Mas, o interessante, citação datilografada no Caderno Pastoral (2005) na última frase onde consta que “*E, assim, a Igreja perdeu esta modalidade de formação na convivência do povo*” no original do acervo da Paróquia de Bela Vista, há uma correção com caneta esferográfica sobre a palavra **convivência para consciência**, o que permite compreender que essa consciência é uma doutrinação de

um magma de *significações imaginárias*, que inibe a autonomia individual e coletiva. Esse discurso de consciência constitui também o foco do Estado com a Educação.

Registra-se ainda que algumas irmãs após o fechamento das escolas começaram a dedicar-se à Pastoral da Saúde, incentivado a população ao uso de ervas medicinal como tratamento alternativo, e outras começaram a trabalhar como funcionárias no hospital São Vicente de Paulo, no município de Bela Vista.

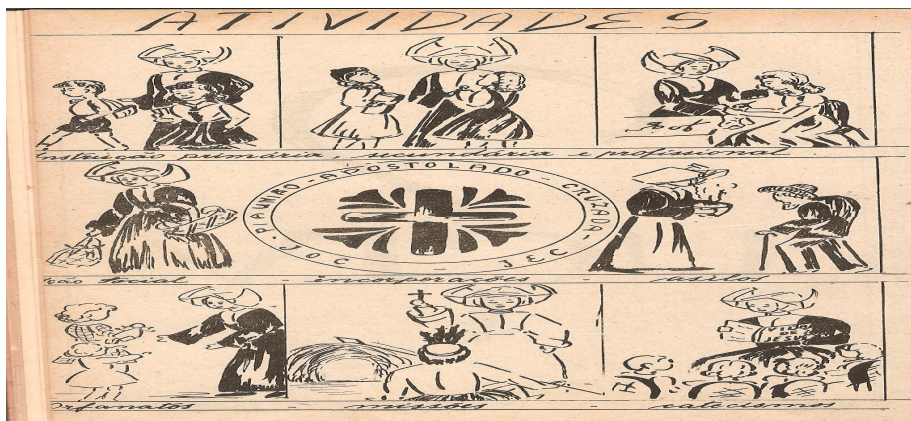
Em um depoimento sob o nº 01 (anexo 20a), de Maria Benilda Ajala de 29/09/2003, consta que a escola era formada pelas Ir. Vicentinas e pelos Padres Redentoristas.

Ainda guardamos com carinho seus nomes: Ir. Maria Júlia (diretora), 3º ano feminino; Ir. Lucinda Galvão de Castro (Professora de 4ª e 5ª Série feminina); Ir. Irene (Professora do 2º ano feminino); Ir. Idelgarde (Professora de 1º ano feminino); Ir. Maria Pia (1º ano masculino); Ir. Modesta (2º ano masculino); Ir. Sebastiana (3º ano masculino); e Ir. Maria Rita (4º e 5º ano masculino). (CADERNO PASTORAL, 2005, p.84.)

Além de explicitar os nomes e as turmas Maria Benilda ainda fala sobre as aulas, sobre as salas de aula, missa, padres e exposição de trabalhos no final do ano por alunos; dentre os relatos dos depoimentos encontrados no Caderno pastoral (2005), há ainda informações sobre festas religiosas, recreio, uniforme, teatro, mensalidade, primeira comunhão, artes, músicas, etiquetas, desfiles, proibições, formação moral e religiosa e religião, claro em primeiro lugar, conforme depoimento nº4 (anexo 20 d). Foi reforçado ainda que “*o patriotismo e a religiosidade caminhavam juntos*”.

5.8 - AÇÕES EDUCATIVAS DA CONGREGAÇÃO

A Instituição Vicentina de Gijzegem desenvolvia diversas atividades como é apresentado no desenho alusivo da IVG, nas suas casas destacando: Instituição primária, secundária e profissional, ação social, incorporações, asilos, orfanatos missões e catecismo.

FIGURA XXIX – Ilustração das atividades desempenhadas pela IVG⁷⁹

Fonte: Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo

As irmãs Vicentinas de Gijzegem assim atuaram em diversas instituições escolares as denominadas escolas paroquiais, em São Paulo e no Mato Grosso atual Mato Grosso do Sul.

FIGURA XXX - Sala de Aula em São Paulo 1959⁸⁰

Fonte: Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo

Além do ensino primário como se pode constatar pela imagem acima e das aulas de catequese a IVG também ensinava atividades profissionais como corte e costura. O ensino era tradicional como mostra a disposição das carteiras e a

⁷⁹ Imagem escaneada da Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo. Julho/Agosto/Setembro . Província Brasileira 1958, p. 04.

⁸⁰ Imagem escaneada da Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo. ANO II. Outubro/Novembro /Dezembro. Nº 7 (1959 p. 11 -12)

conservação do mobiliário ressaltava a educação rígida e de obediência, apesar de prazerosa, citada pelos alunos.

FIGURA XXXI - Sala de Ensinos de Corte e Costura em São Paulo⁸¹



Fonte: Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo

A IVG desenvolvia atividades para a criança preparando-a para ser adulta, como exemplo, às meninas era ensinado como cuidar de bonecas, uma representação de “mamãezinhas” e seus bebês, abaixo, e bordados e atividades manuais acima: pregar botões, fazer bainhas (atividades de corte e costura e bordado).

FIGURA XXXII - Meninas Aprendendo a Ser Mães⁸²



As “Mamãesinhas” e seus Bebês

Fonte: Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo

Assim, as irmãs com ensinamentos e brincadeiras contribuíam para o *imaginário feminino*, da mulher para procriar e educar, no futuro papel de mãe.

81 Id. bid

82op. cit

5.9 - EX-ALUNAS (OS) DA INSTITUIÇÃO VICENTINA ENTRE 1940 - 1980

Muitas senhoras que hoje participam da sociedade fronteiriça, sul mato-grossense, e brasileira estudaram com as irmãs da IVG em uma das Escolas Paroquiais do estado em que atuaram por mais de meio século.

Há muitas na atuação político-educacional de Mato Grosso do Sul; Mas há também senhores que estudaram com as irmãs e compõem a política e profissões liberais. Sabe-se que muitos dos políticos estaduais do MS estudaram com as irmãs vicentinas, seja em Ponta Porã, seja em Bela Vista, Miranda Aquidauana, Campo Grande ou outros lugares como em São Paulo, Goiânia ou ainda no Pernambuco.

Muitas mulheres ex-alunas da IVG atuam efetivamente na educação sul mato-grossense. Há dados nos documentos escolares de Ponta Porã, nomes conhecidos de senhoras que hoje são proprietárias de instituições particulares de ensino tanto de Educação Básica como de Ensino Superior e/ ou que ocupam posições de relevância no ensino do Mato Grosso do Sul em Fátima do Sul, Amambai, Bela Vista, Campo Grande, Ponta Porã, e demais municípios do estado.

5.10 - INTERPRETAÇÃO DOS DADOS

A pesquisa ora apresentada em relatório final é uma interpretação qualitativa de estudos realizada no “campo da educação”, de natureza descritiva, com apoio teórico na fenomenologia.

E como as descrições dos fenômenos estão impregnadas dos significados, (...) a interpretação dos resultados surge com a totalidade de uma especulação que tem como base a percepção de um fenômeno num contexto. Por isso não é vazia, mas coerente, lógica e consistente. Assim, os resultados são expressos, por exemplo, em retratos (ou descrições), em narrativas, ilustradas com declaração das pessoas para dar o fundamento concreto necessário, com fotografias etc., acompanhado de documentos pessoais, fragmentos de entrevistas etc. (TRIVIÑOS 1995, p. 128)

Assim, foi que procedemos de acordo com Triviños (1995) num processo qualitativo de pesquisa através da coleta de dados com a História de Vida de ex-alunos e irmãs de IVG, através da entrevista porque essa técnica é um

veículo para nova busca de informações. As idéias expressas por um sujeito numa entrevista, *verbi gratia*, imediatamente analisadas e interpretadas, podem recomendar novos encontros com outras pessoas ou a mesma, para explorar aprofundadamente o mesmo assunto ou outros tópicos que se consideram importantes para os esclarecimentos. (id.bid.1995, p. 137).

Dessa maneira, foi necessário tecer um caminho que levasse à busca de indagações sobre a relação entre a Religiosidade exacerbada da Mulher fronteiriça, a partir da IVG, do Estado e da Igreja Católica entre 1940 a 1980.

5.10.1 - TECENDO A METODOLOGIA E A COMPREENSÃO DO ENTRELAÇAMENTO ESTADO, IGREJA E EDUCAÇÃO

Vários foram os referenciais que compuseram o *corpus teórico* na construção desta dissertação sobre a contribuição da *Instituição Vicentina de Gijzegem: Um entrelaçamento de Relações entre Política, Religião e Educação na Instituição da Sociedade Fronteiriça Brasil/Paraguai entre 1940 a 1980* e sua contribuição social histórica à história da educação da região lócus da pesquisa no Br /Py no século XX.

Para tanto, realizou-se um levantamento bibliográfico no qual se encontrou a biografia da fundadora; livros sobre o Cinquentenário do instituto das Irmãs de São Vicente de Paulo de Gijzegem no Brasil⁸³; sobre o Cinquentenário: Dos Redentoristas da Vice Província de Campo Grande; Revistas e Boletins das Irmãs de São Vicente de Paulo entre 1958 a 1960; documentos pessoais de ex-alunos, documentos pessoais das Irmãs da IVG; documentos particulares dos arquivos das escolas paroquiais de Ponta Porã e Bela Vista; fotografias e outros.

Partiu se para uma busca nos livros de documentação escolar da Escola, A e B, nomes de ex-alunos, e ainda arquivos da congregação nas comunidades dos municípios fronteiriços no sul do Mato Grosso do Sul; Ponta Porã, Bela Vista e na Comunidade Central da Província Centro Oeste em Campo Grande, o que compôs nosso trabalho com documentos, fotos como fontes primárias e secundárias.

⁸³Livro do Cinquentenário da Instalação das Irmãs de São Vicente de Paulo de Gysegem - Bélgica (1896-1946) produzido, pela Supervisão Provincial das Irmãs de Gijzegem, em 05 de novembro de 1946 na Penha - São Paulo.

Através de uma tabela (apêndice 01) elaborada para a coleta de nomes de ex-alunos nos livros de documentação escolar de Ponta Porã, listamos alguns nomes aleatórios de série e anos, de pessoas a partir do sobrenome de famílias conhecidas no município, ora citado.

Posteriormente, buscou-se na entrevista semi-estruturada aberta, elaborada pela pesquisadora, na coleta de dados elementos que apontassem para a compreensão do estudo sobre a contribuição da IVG à História da Educação na Fronteira sul do Mato Grosso do Sul. A atenção dirigiu-se aos ex-alunos das irmãs da IVG numa investigação qualitativa.

Adotou-se a entrevista, pois se pretendia a análise através da triangulação de dados porque esse método “*abrange a máxima amplitude na descrição, explicação e compreensão do foco em estudo*” Triviños (1995, p. 138).

Completando o estudo, buscou-se transcrever e interpretar as entrevistas realizadas com 13 ex-alunos e 06 irmãs da IVG. A princípio, a pesquisa tentou conhecer a história de vida dos entrevistados, de seus pais e depois se partiu para um questionamento sobre educação escolar, condições materiais, físicas, conteúdos e relação educação, política e religião.

A elaboração das questões para a entrevista permitiu maiores indagações quando a pesquisadora visualizava um conhecimento maior por parte do entrevistado a ser compreendido.

As entrevistas iniciaram-se em setembro de 2003, após contatos telefônicos e, posteriormente, entrevistas “*in lócus*”, com gravações em fitas cassete nas residências, nos locais de trabalho dos entrevistados, em Ponta Porã, Bela Vista, Campo Grande e Ycuamandjý no Paraguai. Houve revisões bibliográficas, Seleção de livros, Revistas, artigos, folders e capítulos, além da leitura de documentos para transcrições das entrevistas e interpretações.

Por meio do estudo sobre a história da criação da IVG na Bélgica, compôs-se um referencial teórico que permitiu compreender as teorias do Estado, e quando se iniciaram as relações entre Estado e Igreja, bem como o estudo sobre os Papas e suas encíclicas, que levaram ao estudo sobre a História da Educação Ocidental, com foco na Europa e no Brasil entre os séculos XIX e XX, e, posteriormente, a História da Educação no MS, no início do século XX.

Procedeu-se com a citação de trechos de textos que sedimentassem as questões à pesquisadora, no trabalho, numa perspectiva para compreender a

contribuição da IVG na História da Educação Brasileira, na região de fronteira sul do MS, a partir do entrelaçamento de relações entre o Estado, a Igreja e a Educação, ou seja, Política, Religião e Educação e a relação com a religiosidade da mulher fronteiriça, indagação primeira que suscitou este trabalho.

5.10.2 - INTERPRETAÇÃO DE DOCUMENTOS

Segundo Triviños (1995) a maioria dos estudos que se realizam no campo da educação é de natureza descritiva. Assim, numa pesquisa de análise qualitativa com estudos descritivos, os documentos podem constituir fontes primárias na interpretação de dados.

Dessa maneira Triviños (1995, p.111) corrobora à análise documental como:

outro tipo de estudo descritivo que fornece ao investigador a possibilidade de reunir uma grande quantidade de informação sobre leis estaduais de educação, processos e condições escolares, planos de estudo, requisitos de ingresso , livros-texto etc.

Partindo dessa interpretação, buscamos, em documentos da instituição escola em Ponta Porã e Bela Vista, documentos que permitissem compreender a História da IVG em Ponta Porã.

5. 10.3 - ATAS E LIVROS DE EXAMES E PROMOÇÕES

Conforme pesquisas realizadas na escola “A” no município de Ponta Porã, fronteira sul do Mato Grosso do Sul, no Livro Ata de 1970⁸⁴, foi possível averiguar um pouco da história da escola *locus* pesquisada já que na ata de número 5, que se encontra nas páginas 03, verso, e 04, lavrada em 20 de outubro de mil novecentos e setenta e três, registra-se um fato que mudou nossas interpretações *a priori*, quando teve início a pesquisa, em 2004.

Consta na ata que foi nesta data que ocorreu a integração física da Escola Paroquial São José e o Ginásio Paroquial “São José”, sendo situada na rua Tiradentes s/n instituído pela Congregação Missionária do SS. Redentor (Padres Redentoristas)

em 20 de fevereiro de 1961, registrado em cartório de Pessoas Jurídicas em 31 de junho de 1965, no livro nº. 01 sob o nº. 31 folhas 71 e 75 cuja finalidade seria filantrópica, e da escola Paroquial, situada na Avenida Brasil ° 1753. As duas escolas se situavam no mesmo quarteirão; a integração realizou-se em decorrência das determinações legais, como estabelecia o artigo da Lei nº. 5692/71.

Através da leitura e interpretação da Ata nº. 05 de 20/10/1973 se pode constatar que a Escola Paroquial não foi instituída em 1932 pelas irmãs Vicentinas de Gijzegem, como se havia postulado no pré-projeto, para o estudo por ter, na época, encontrado nas primeiras leituras exploratórias à pesquisa esta data como sendo a da chegada das irmãs em Ponta Porã.

As interpretações a priori sobre a época em que a IVG teria chegado a Ponta Porã se entre 1930, ou 1932 foram solapadas, quando começaram as buscas nos arquivos da antiga escola, São José. Verificou-se que a escola foi instituída em 1929, entretanto, não foram às irmãs da IVG ou os redentoristas os responsáveis pelo feito, naquele momento, mas, os Padres Salesianos, que se encontravam muito doentes e idosos para as atividades educativas e missionárias na região. Naquela época a escola recebeu a denominação de “Colégio Dom Bosco”; todavia em 1943 é que passou a se chamar “Escola Paroquial São José”, e só em 1944, foi entregue aos cuidados das Irmãs Vicentinas de Gijzegem, permanecendo sob direção e docência destas até a data da ata que ora descrevemos, 1973.

Conforme a ata nº. 05, assinada por Reverendo John Louis Smyth, diretor do Ginásio, a escola foi registrada na Divisão de Educação e Cultura em 24 de março de 1945, como instituição que se dedicaria ao ensino de 1º grau, níveis I a V.

Porém documentos como: atas, diários, livros de visita, atas de resultados finais constata a presença das Irmãs também no ensino ginásial como docentes em disciplinas ou em cargos administrativos como consta na ata nº. 18 de 12/04/1982, em que a Irmã Maria Benedita Menezes era a Secretária no Conselho Administrativo com mais quatro membros masculinos eclesiásticos em Ponta Porã, até meados da década de 1980.

A escola passou sob a direção de membros civis da sociedade pontaporanense, e vale ressaltar que a primeira diretora foi aluna da primeira turma

de ensino das irmãs em 1944, no 1º ano C. misto, como consta no verso da página 06 do Livro de Ata dos Exames Finais (anexo 08).

Consta ainda que em 1944 a diretoria (página 8 da ata) da Escola Paroquial São José estava sob a Direção da Irmã M. Colette, normalista e professora do 4º e 5º anos, Irmã M. Madalena, professora do 2º e 3º ano feminino, Irmã M. Ursula, professora do 2º e 3º anos masculinos e Irmã M. Lina, professora dos 1º anos.

Conforme se pode verificar a escola esteve sempre sob a regulamentação do Estado, pois assinou em 21 de novembro de 1944 a ata de exames finais o Inspetor e Diretor do Serviço de Segurança e Sanitária Intendente, senhor Respúcio do Espírito Santo. Outro detalhe que se encontrou quanto à relação do Estado com a Escola Paroquial São José foi uma cópia do Diário Oficial do Estado MT, dezembro de 1960, p. 2, que apresenta a nomeação legal do Estado, de várias religiosas para lecionarem em Escolas Paroquiais, inclusive em Ponta Porã, na determinação nº. 408 do referido D.O. Isso permite entender que havia uma relação entre Igreja (IVG) e Estado na Educação no Mato Grosso do Sul inclusive na região de fronteira, entrelaçando a instituição da sociedade fronteiriça sob um *magma de significações imaginárias* religiosas, políticas e educacionais.

As angariações ainda possibilitaram também coletar nomes de ex-alunos para contatos e entrevistas dos alunos matriculados na Escola Paroquial de 1944 a 1963, a partir do livro ata de Exames finais e promoções (anexo 08) e em outro livro de resultados de 1963 a 1973.

No decorrer da pesquisa documental encontrou-se no livro de Visita, alguns termos (anexo 12a e 12b) que datam de 1964, três anos após a criação do Ginásio Paroquial São José, época de inspeção, que despertam a atenção para a questão do papel da educação à nação, à família e à religião.

A educação é a base de todo progresso duma nação, duma cidade. Quando bem orientada, a educação faz prodígios. Tôda uma plêiade de jovens, quando profundamente marcada pelo sinête duma formação Reta, atual e benfazeja, contribui eficazmente, para o engrandecimento da pátria, da família, da religião. (TERMO DE VISITA, 1964)

Nesse termo de visita (1964, p. 10 -11) observa-se ainda a fala de dois visitantes que o ginásio orienta os alunos com aulas eficientes, com os últimos eventos da técnica educacional, grande atualização de material pedagógico, sólida formação cívica, empenho dos sacerdotes e das religiosas em fazer dos alunos

“*homens de íntegro caráter, fiéis, tementes a Deus*”. A menção ainda no termo sobre o “*papel fabuloso, das irmãs e padres quanto ao mandado do Divino Mestre: Ide e ensinai*”.

Há ainda dois termos também selecionados, um que parabeniza o ginásio por estar familiarizados e cumprindo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, e outro, que autoridades de Campinas - SP, Juiz de Fora -MG, Bauru- SP que constituíram a Comissão de Inquérito para apurar atividades constantes dos artigos 7º e 8º do Ato Institucional na área de Inspeção Seccional de Cuiabá, atestam que verificaram o zelo e a dedicação dos padres e das irmãs, chamados pela comissão de autênticos educadores, no desempenho ao estabelecimento de educação e instrução à infância e adolescência de Ponta Porã.

Durante as pesquisas encontrou-se um livro utilizado pela IVG no ano de 1956 no 4º ano primário. Esse livro de dimensão pequena classifica-se como livro de bolso, e apesar de constar de 214 páginas há somente ¼ aproximadamente, pois o que existem só 52 páginas. Em sua apresentação o autor Vicente Peixoto explica que além da leitura e linguagem, o livro incluiu pontos (como eram chamados os conteúdos na época) de *Ciências naturais – higiene, geografia e História do Brasil*, além de explicar aos professores que o livro contém,

Páginas, em que se procura inculcar no espírito e no coração das crianças, o amor à escola, à família e à Pátria; O respeito aos mestres, aos pais e aos semelhantes e o culto às nossas tradições e às nossas coisas, não faltam nestes pequenos volumes da série “CORACÃO INFANTIL”. (PEIXOTO, s/d, p.7).

Assim, Peixoto (s/d) confirmava as interpretações de que nos livros utilizados pelas Irmãs como material pedagógico no 4º ano primário, havia elementos propícios ao ensino patriótico e disciplinar.

Os conteúdos que constam no Livro Coração Infantil de Vicente Peixoto contemplam várias temáticas para o patriotismo, como enfatiza o autor:

(...) ser bem acolhidos e, sobretudo, realizar os **fins patrióticos**⁸⁵, sob cuja inspiração foram organizados, e o que mais desejamos, ao apresentá-los a esses bravos e nunca assaz enaltecidos brasileiros – os professores primários.

85 Grifo nosso

Na citação de Peixoto pode-se observar que os livros cumpriam com as finalidades patrióticas que sempre esteve aliada a religiosidade.

Durante as buscas sobre o ensino das irmãs encontrou-se uma encardenação de alguns números da Revista denominada Elizabeth e outras de Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo; na Revista⁸⁶ Elizabeth (1960) há um exemplo de texto citado pela Irmã da congregação IVG como atividades utilizadas por ela na educação das Crianças.

FIGURA XXXIII - Livro Didático 1956⁸⁷



Fonte: Acervo da Pesquisadora

Utilizando-se do método de reprodução textual a irmã enfatizou o texto “A lebre e o Cão”, porém, no exemplo da imagem a seguir encontramos as fábulas “o Leão e o Rato” e “O Cão e o Osso”, ela reforçou que as irmãs utilizavam além disso os livros didáticos.

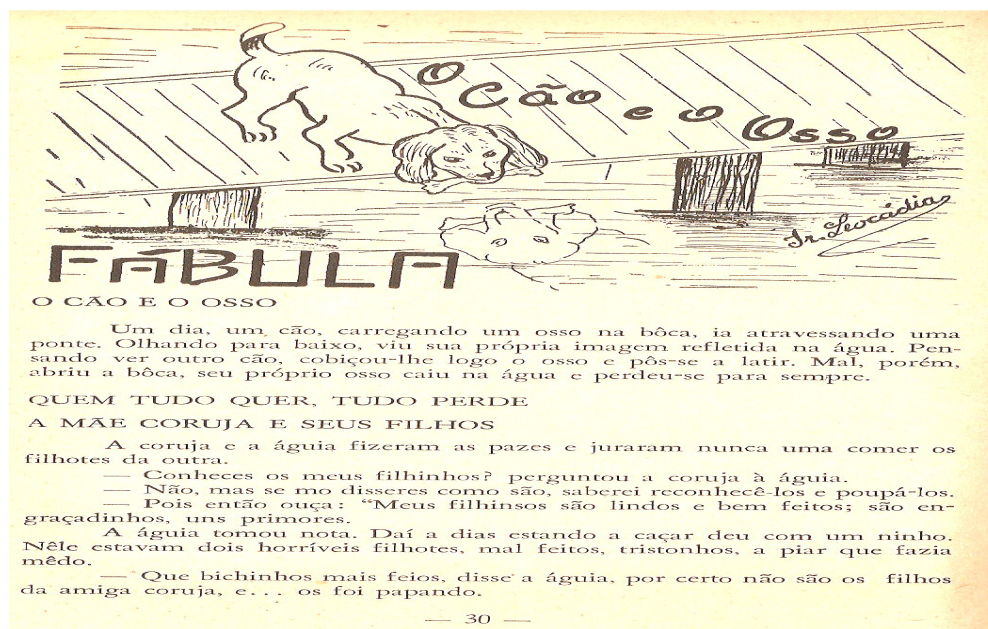
⁸⁶ Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo. Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo. ANO II . Outubro/Novembro /Dezembro. Nº 7 (1959 p. 11 -12)

⁸⁷ Livro encontrado e adquirido no Sebo em Ponta Porã - MS

Dessa maneira o recurso pedagógico torna-se aliado no cumprimento de objetivos da Igreja, do Estado e da própria congregação, pois através das fábulas elas conseguiam criar as *significações imaginárias* necessárias ao cumprimento de regras das *instituições da sociedade*, para incutir princípios morais.

As irmãs da IVG utilizam-se dos textos/ fábulas, que eram publicados nas revistas de circulação da IVG no Brasil, para cumprir com objetivos educacionais, religiosos e patrióticos.

FIGURA XXXIV -Texto Pedagógico1960⁸⁸

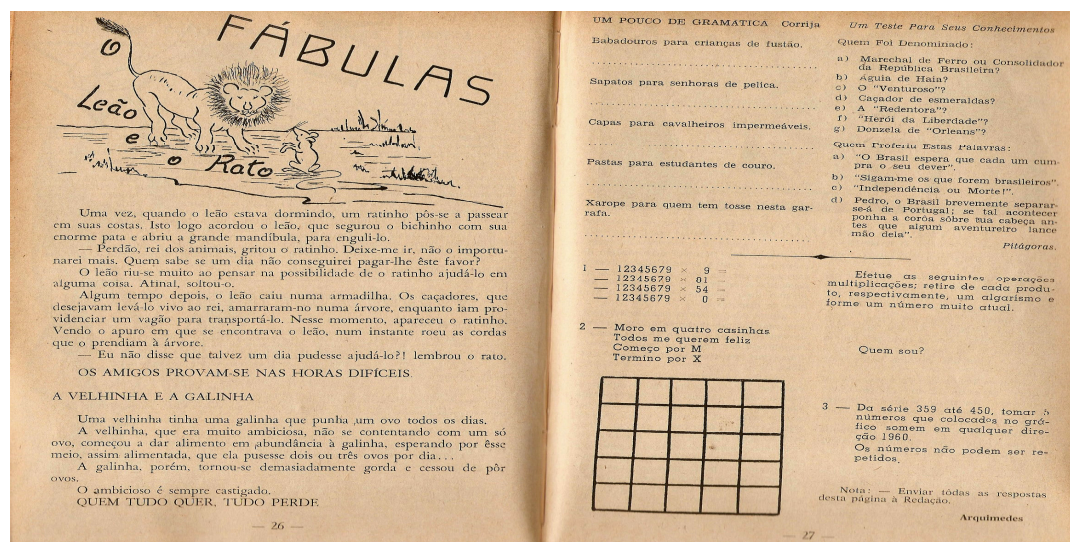


Fonte: Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo

As fábulas permitem ensinamentos morais, pois seus personagens têm vida, e aguçam a imaginação infantil. Onde a moral é sempre voltada à instituição da psique social.

88 Imagem escaneada da Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo. ANO II. Outubro/Novembro /Dezembro. Nº 7 (195p. 11 -12)

FIGURA XXXV - Texto Pedagógico Revista Elizabeth 1960⁸⁹



Fonte: Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo

5.10.4 - PERFIL DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistadas, dentre as pessoas selecionadas para a amostra na coleta de dados nos livros de atas de resultados finais de 1944 a 1973, nomes e sobrenomes de pessoas, conhecidos em Ponta Porã e região; desses nomes e sobrenomes, posteriormente foram pré-selecionadas novamente, somente 31 pessoas para contatos, dentre as quais foram contatadas finalmente para entrevista 13 pessoas, sendo que 03 delas do sexo masculino e 10 do sexo feminino. Uma das entrevistadas foi uma senhora, paraguaia, mãe e avó de ex-alunas e alunos, além de alguns membros de famílias pioneiras da região de fronteira como: Cardinal, Carpes, Bela, Kayatt, Marmora, Boeira, Trindade, Carvalho, Capusso, Mosqueira, Badeca, Coutinho, Simão e Vilhanueva. Além dos leigos, entrevistaram-se também 06 mulheres religiosas, Irmãs da Congregação IVG.

Do total de 19 pessoas entrevistadas, 12 delas são residentes em Ponta Porã; 02 pessoas no Paraguai e 05 em Campo Grande.

No Paraguai residem 02 religiosas, uma ocupante do papel de membro da congregação, a entrevistada nº 01, com 35 anos de idade e 16 de Congregação; e a

89 Imagem escaneada da Revista das Irmãs de São Vicente de Paulo. ANO III Janeiro-Fevereiro-Março Nº 8 (1960, p. 11-12)

outra entrevistada nº 02, com 47 anos de idade e 18 anos de Congregação, ambas pertencentes à IVG e residindo numa Casa, como são chamadas as Comunidades, sendo esta a Comunidad del Nuestra Señora de La Asunción San Pedro de Ycuamandyjú, Py⁹⁰.

Em Campo Grande residem 03 religiosas entrevistadas, sendo a entrevistada nº 03, aposentada, com 83 anos e 67 de Congregação; e uma membro, entrevistada nº 04, com 38 anos de idade e 18 de congregação, e a outra religiosa entrevistada nº 05, ocupante do cargo de Coordenadora Provincial até o ano de 2009, tem 49 anos de idade e 27 de Congregação, ocupa o cargo que antes compreendia ao cargo de Madre Superiora, mas que, na contemporaneidade não mais absorve tal hierarquia, a própria irmã ao ser questionada sobre se esse cargo de coordenadora provincial poderia ser comparado ao cargo de Madre Superiora afirmou⁹¹:

- É, exato, não é, duns anos pra cá, quando a igreja foi se renovando e a vida religiosa também, acompanhando esse processo né, então já quase não se fala mais na madre superiora né, porque depois a vida religiosa foi vendo que a é uma soma e somos iguais, né, e a linguagem superiora, já com o tempo já não foi funcionando mais né, não foi viável mais usá-la né mais seria isso né (risos) né.

Enfatizou que, o cargo de Coordenadora Provincial na Casa Provincial, Central ou sede, é responsável por toda a burocracia das casas e também pelas ações religiosas; esclareceu que a casa onde reside é uma casa de coordenação provincial, é uma de casa de formação, instituto de preparação para novas irmãs da região, pois agrega 11 casas da Província Centro Oeste, tendo casas em MS, Brasília, Paraguai, e uma Irmã em Manaus, em missão.

Das seis irmãs somente uma era residente em Ponta Porã na época da entrevista. Esta foi ocupante do cargo de coordenadora da Casa de Ponta Porã até 2006, com 77 anos de idade e 50 anos de Congregação, no final de 2006, foi transferida para coordenar a Casa das Idosas/ aposentadas em Campo Grande, identificada sob o nº.06.

Dentre as seis entrevistadas, membros da IVG, cinco delas são nascidas em Mato Grosso do Sul, duas em Goiás e uma nascida em Aparecida do Norte, São

⁹⁰ Comunidade de Nossa Senhora da Assunção São Pedro de Ycuamandyjú Paraguai.

Paulo; sendo uma das pioneiras da IVG, a nascida no Mato Grosso do Sul; a nº. 01 é nascida em Nova Esperança, cidade próxima à Fátima do Sul e Glória de Dourados (Mato Grosso do Sul), a nº. 02 em Tubiara, Goiás; a nº. 03, em Aparecida do Norte – São Paulo; a nº. 04, em Miranda; Mato Grosso do Sul, a nº. 05 em Serranópolis – Goiás; e a nº. 06, em Bela Vista, Mato Grosso do Sul. Isto mostra que o trabalho catequético das irmãs entre 1940-1980 no MS, frutificou vocações entre as mulheres sul-mato-grossenses.

Dos entrevistados homens ex-alunos, o entrevistado nº 07, é advogado, economista, aviador, ex-coroinha da Igreja católica, ex-secretário de Deputado Estadual, Ex-secretário da Assembléia Legislativa de Campo Grande, ex-ocupante de todos os cargos comissionados na Prefeitura de Ponta Porã, exceto o de Prefeito; em 2006, época da entrevista, Procurador Jurídico da Prefeitura de Ponta Porã. Segundo ele, seu pai é um dos fundadores do município como se pode constatar quando se perguntou seu nome, ele afirmou com certo orgulho no discurso:

Bom, eu me chamo você se apresentou vou me apresentar também, eu me chamo Mauro Marmora, meu pai foi um dos fundadores daqui da cidade de Ponta Porã inclusive, inclusive o primeiro prédio de apartamento aqui de Ponta Porã foi feito por ele fato que está, gravado com o ano de 1940. Eu sou Economista, sou Advogado, e, fui piloto, voei 25 anos.

Outro ex-aluno, entrevistado nº 08 é advogado também, ex-coroinha, bancário aposentado, depois de 28 anos no Banco do Brasil, atualmente rotariano; e o outro entrevistado nº 09, também advogado, e economista de formação, ex-coroinha da Igreja São José, ex-membro dos Marianos⁹², pós graduado em Administração, ex-professor de História e de Geografia em escolas públicas, ex-fundador presidente em vários mandatos do Sindicato do Comércio Varejista em Ponta Porã, ex fundador-presidente da Associação Comercial de Ponta Porã em vários mandatos, ex-Delegado de Educação e Cultura em Ponta Porã, ex-Secretário de Administração do Município de Ponta Porã, em vários mandatos, e atualmente vereador Suplente.

Entre as mulheres entrevistadas temos:

91 As respostas transcritas das entrevistas realizadas para este trabalho aparecerão a partir desta página fora do corpo do texto em tipo 10, em itálico, com letra Times New Roman, com recuo de 3 cm do corpo do texto.

92 Marianos (grupos de homens leigos religiosos).

- 1- Entrevistada nº 10, paraguaia, 97 anos, do lar, mãe, avó e bisavó de alunos da IVG em Ponta Porã;
- 2- Entrevistada nº 11, com 72 anos, ex-aluna da IVG, professora, ex-diretora da Escola Paroquial São José, por mais ou menos 20 anos, atual diretora de Escola de Educação Básica e Instituição de Ensino Superior;
- 3- Entrevistada nº 12, com 70 anos, ex – aluna da IVG, ex-professora do antigo primário da Escola Paroquial São José, ex-presidente e secretária da Congregação Filhas de Maria⁹³, atualmente do lar.
- 4- Entrevistada nº 13, com 62 anos, professora aposentada da rede estadual; ex- aluna da IVG, ex-professora e ex-Secretária do Colégio Paroquial São José (1970), ex-Secretária de Educação de Campo Grande, ex-Inspetora Setorial de Finanças na SED/MS, ex-Coordenadora Geral de Planejamento, ex- Delegada do Ministério de Educação em MS; atualmente, Secretária de Estado de Educação do MS.
- 5- Entrevistada nº 14, 62 anos, ex-aluna da IVG, ex-professora de Escola Pública Estadual, atualmente comerciante.
- 6- Entrevistada nº 15, com 53 anos, ex-aluna da IVG, ex-professora da Escola MACE & São José, mestranda em geografia pela UFMS, professora de História e professora-coordenadora da Escola Estadual.
- 7- Entrevistada nº 16, com 49 anos, ex-aluna da IVG, professora de Geografia em Escola pública Estadual.
- 8- Entrevistada nº 17, com 57 anos, ex-aluna da IVG, ex-membro da Congregação Filhas de Maria, professora substituta da UFMS.
- 9- Entrevistada nº 18, com 62 anos, professora aposentada, Ex-Secretária Municipal de Educação, Ex-Diretora de Escola Estadual, 1ª Mulher Vereadora do Estado do MS e vereadora em vários mandatos.
- 10- Entrevistada 19, com 44 anos, professora, diretora de Escola Municipal.

⁹³Já aludida neste capítulo.

Para interpretação dos discursos dos sujeitos entrevistados, optou-se pela síntese e agrupamento de perguntas e respostas, uma vez que a entrevista aberta originou um montante de questões, as quais dificultariam a análise de conteúdo separadamente; considerando que durante as entrevistas as perguntas foram sendo desmembradas para melhor captação de respostas, uma vez que muitos entrevistados tendem a oferecer respostas evasivas.

5. 10. 5 - INTERPRETAÇÕES DAS ENTREVISTAS DAS IRMÃS DA IVG

Uma das primeiras questões direcionadas às irmãs foi por que nasceu a Congregação IVG. As repostas dadas abalizam sempre um discurso quanto ao nascimento da congregação voltada ao serviço da pobreza, a mesma missão que acompanha a IVG desde a origem, na Bélgica, até os dias atuais, como se pode verificar nas falas:

01 - Nasceu, bom primeiro pra atender às pessoas pobres que estavam na Fran... na, na Bélgica. Depois da revolução Francesa houve muita pobreza muita fome e as pessoas que moravam no campo passavam muitas necessidade, por exemplo, as crianças do campo não tinha, é acesso à educação.

02 - Porque São Vicente é o nosso patrono, a nossa fundadora, é Elisabeth de Robiano né, e Elisabeth ela se espelhou em São Vicente né, ela amava o serviço de São Vicente, porque São Vicente foi um homem né, totalmente dos pobres, São Vicente utilizava do rico para servir os pobres, São Vicente é amiguíssimo dos ricos, mas para ajudar os pobres.

03 - Olha nós, o nosso lema é as Servas dos Pobres, então nós temos que saber trabalhar com o pobre, receber o pobre, o nosso lema é mais é, o pobre. Os pobres são nossos mestres e senhores, é o lema.

04 - A palavra principal a palavra eixo desse nome nosso é servas dos pobres, por causa do carisma, não é? Aquela ação que devemos que devemos, desenvolver na congregação, servas dos pobres, não é?! Estar ao lado do pobre aonde for que, estejamos e de Gijzegem porque então nasceu né, em Gijzegem, Estado de Gijzegem, na Bélgica.

05 - O trabalho nosso é a missão, servir ao pobre. O objetivo é estar a serviço da religiosidade.

06 - O nosso Carisma e missão, contemplando o Senhor Jesus Cristo na pessoa do pobre e abandonado. Também anunciamos o evangelho com humildade e simplicidade, caridade onde estamos engajadas. Testemunhos pelo nosso ser e agir, que nossa vocação é um dom de Deus para a Igreja, esse dom de Deus quer dizer um presente de Deus pra nós, nós não somos dignos disso, mais ele quis nos dá, e nós acolhemos né; e alimentamos nossa vocação a Deus e à Igreja por meio:- da oração contínua, pessoal e comunitária; participação diária da eucaristia; devoção à Virgem Maria, que é a mãe de Jesus; dedicação apostólica, todo trabalho pastoral né, é apostólico; anunciamos o evangelho e

servimos os pobres nos seguintes países: na Argentina, na Bélgica, no Brasil, aqui somos duas províncias; tem Camarões na África, tem Congo na África, no Paraguai, no Uruguai e também na Argentina como já dissemos.

Pode-se verificar, dessa maneira, nas falas das irmãs entrevistadas da IVG, que o trabalho delas está sempre se voltando aos pobres, porque a pobreza justifica a existência da instituição, na esperança da solução dos problemas de sobrevivência dos pobres, por meio da fé em Deus. Assim, a religião vem cumprir o objetivo que Castoriadis aponta afugentar o caos e acomodar uma situação de insatisfação e insubordinação provocada pela desordem social. Essa situação de carência, de desigualdades sociais origina-se da contradição entre ricos e pobres e provoca a transgressão de normas ao Estado, à Sociedade e à Igreja, institucionalizadas por essas Instituições as quais buscavam regular o comportamento do indivíduo na sociedade. Por meio da religião, através da evangelização ou catequização, trabalha-se a psique humana, criando um magma que leva as pessoas à submissão e ao respeito às leis, restabelecendo a ordem necessária para a sociedade, em cada época histórica, dependendo do social-histórico.

Ao questionar as irmãs sobre os motivos que as levaram a buscar a vida religiosa numa congregação, a maioria das respostas ressalta que:

01 - Porque eu achei que eu tinha uma missão maior pra dar no mundo, pra oferecer pra realizar e como religiosa eu poderia desenvolver isso melhor.

02 - Olha, a vida religiosa sempre, é, sempre me encantou, quando Deus, ele nos fala em chamado, né, desde o (...) desde o início e eu senti esse chamado eu tinha nove anos de idade, em Minas Gerais, em Curvelo, né, não sei se você conhece, a cidade de São Geraldo, e foi quando eu fui, pela primeira vez que eu entrei na igreja São Geraldo, eu vi umas irmãs, e me parece que era irmã vicentina, eu não sei, eu sei que era hábito branco; aí eu falei assim, eu vou ser religiosa. Eu vou ser irmã, mas também não sabia o que, que era irmã, que função que ela fazia, qual que era o seu trabalho...

03 - Olha, eu sempre pensei ah! Meus pais sempre falavam muito de vida Religiosa, porque na minha rua tinha sete irmãs de São Vicente de Paulo. E minha mãe sempre falava, olha aqui nessa rua uma quadra e meia são sete religiosas de São Vicente de Paulo, e aquilo foi uma terapia que falavam, assim né, e eu fui pensando, pensando, pensando, e um dia falei pra minha tia, nem foi pra minha mãe, tia vai falar pra minha mãe que eu quero ser religiosa. E ela falou: você fica aqui, cuidando das crianças, que eu vou lá na sua casa, era uma quadra e meia né, eu vou na sua casa e falo com sua mãe. Dali uma semana depois, eu fui pra São Paulo, onde me preparei um mês, antes de entrar definitivo na Coligação, eu fiquei na casa da minha tia me preparando, depois entrei e lá fiquei.

04 - Então é, eu fui me identificando devagar no tempo da juventude lá dos anos dos dezessete, dezesseis anos de idade, eu fui assim percebendo, vendo a vida, a

atividade, o empenho das irmãs que residiam na minha cidade, Miranda, e fui me identificando com esse estilo de vida, não é, e passo a passo participando, vendo, aprofundando como era esse, essa vida, que eu estava me identificando, e eu fui dando passos pra frente. Eu freqüentava a Igreja, a comunidade de jovens, não é. (A senhora estudava com as irmãs?) Não, estudava nas escolas públicas, mas tinha muito encontro com as irmãs né, na catequese mesmo, elas atuavam com a juventude, né, e tinha muito contato, as irmãs eram muito inseridas com todas as atividades não é pastoral que tinha a criançada e que tinha a juventude, então eu tinha muito contato com elas.

05 - Participava do grupo de jovens, retiros e aí senti um apelo para dedicar a fé e a Jesus.

06 - Não, não é que eu tivesse escolhido; eu dei uma resposta né, porque eu sentia esse chamado já algum tempo, já vinha sentindo né, foi se desenvolvendo esse chamado, essa inquietação na, a esse, esse serviço na igreja né.

A maioria das entrevistadas destaca a questão do chamado de Deus, em que a subjetividade dá vazão ao imaginário, que tanto pode ser instigado individualmente ou influenciado pelo coletivo. Vale ressaltar que a maioria, por ser natural do Estado lócus da pesquisa, já refletem o gérmen da religiosidade trazido pelas irmãs pioneiras de São Paulo, pelo exemplo de dedicação social, despertando o interesse, a vocação, e também sendo incentivadas pela prática religiosa dos pais dentro da religião católica, como é explicitado pela entrevistada nº 04.

Buscou-se saber, também se as religiosas da IVG trabalharam antes de ingressarem na congregação, e em que sendo que algumas apontaram o trabalho pedagógico em escolas.

01 - Eu já trabalhei de balconista, também de empregada doméstica né, são dois trabalhos que eu realizei antes de ser irmã, depois de consagrada comecei a lecionar para pré-escola e primeira série, faz 11 anos.

02 - Não, eu não trabalhava na escola paroquial, eu trabalhava no nosso centro comunitário que nós tínhamos na época na...em Nova Andradina nós temos um centro é...comunitário que nós atendemos crianças carentes que as mães trabalham fora e não têm onde deixar seus filhos.

03 - Ah! Sim lecionei aqui na, em Aquidauana, não me lembro o nome da escola agora, ali perto da Praça da Estação,... Escola estadual, mas eu dava ensino religioso, mas como eu falei pra diretora que foi minha aluna, olha, eu queria deixar um pouco de Ensino religioso, se precisar eu dou, aí ela me deu uma 1ª série, dali fiquei uns três anos lecionando, depois eu entreguei e não quis mais e não fui. Depois só em escolas paroquiais.

04 - Eu sou formada em serviço social não è!? Trabalhei assim, não como profissão remunerada vamos dizer não é!? Mas depois que eu terminei o curso aonde eu permaneci aqui na periferia, aqui mesmo da cidade, eu sempre atuei não é!? (Antes de ser freira?) Ah. Antes você diz; não, não antes não; (A senhora não trabalhou em nada antes de ser freira) Sim eu trabalhava em

pequenas lojas né!? Meu irmão, meus cunhados, não é, pequenas lojas de comércio.

05 - Não, não trabalhei. Só fiz estágio em sala de aula.

06 - Antes da congregação, lecionei 10 anos, para o Estado, nomeada.

Consta que, como religiosas, parte trabalhou para o Estado, parte particularmente nas Escolas Paroquiais e instituições da congregação. Esse trabalho, ainda que não diretamente ligado ao Estado, ressalta a inter-relação, Estado-Igreja, pois no serviço social realizado pelas irmãs, implicitamente havia a colaboração religiosa na construção e manutenção de uma sociedade melhor, em termos de igualdade social. As respostas recebidas de certa maneira abrangem as questões em que se indagou também às Irmãs se elas lecionavam, em escolas paroquiais, particulares ou públicas. Seus discursos traduzem que:

01 - Eu nunca trabalhei em escolas paroquiais, ou escolas particulares, só nas escolas públicas. Em Rio Verde de Goiás, aí eu ensinei nas escolas públicas. Uns três anos, depois que eu já era irmã consagrada, ainda hoje trabalho como professora no Paraguai.

02 - Em Nova Andradina, em Nova Andradina eu atuei lá praticamente dez anos, nove, de nove a dez anos, agora, trabalhar em escola pública ou escola particular em outro assim, acadêmico, não. Agora trabalho com massagens para coluna e estética no Paraguai,i

03- Ah! Sim lecionei aqui na, em Aquidauana, não me lembro o nome da escola agora, ali perto da Praça da Estação. Era Escola estadual, mas eu dava ensino religioso, mas como eu falei pra diretora que foi minha aluna, olha, eu queria deixar um pouco de Ensino Religioso, se precisar eu dou, aí ela me deu uma 1ª série, dali fiquei uns três anos lecionando, depois eu entreguei e não quis mais e não fui. Eu dei Ensino Religioso no centro educacional estadual em Ponta Porã Eu não me lembro o nome da rua mais era perto da prefeitura, nova prefeitura. Era onde é o Joaquim Murtinho

04 – Não, não trabalhei como professora, (nunca lecionou?) Não, só nos pequenos estágios não é, no período do magistério, nos pequenos estágios necessários, mas não diretamente como profissão, numa sala de aula. Pô mas nossa vida, é uma vida de educação formal, nós dissemos que somos educadoras não é, porque se você está trabalhando com o povo, principalmente, no caso do nosso carisma o povo mais carente né!? Então é uma forma de educação.

05 - Não lecionei.

06 - Inclusive aqui em Ponta Porã também, eu cheguei a lecionar aqui como religiosa, tenho vários alunos aqui. Ensinei aqui quando era casa de formação também, psicologia. Auxiliei nos trabalhos de fundação do Ginásio Santo Afonso em Bela Vista, na Campanha Nacional dos Educandários.

Dentre as entrevistadas, consta como já se disse que algumas irmãs trabalharam em escolas públicas, outras nas escolas paróquias e ainda nos cursos de

formação para novas Irmãs ou em centros sociais da IVG. Sendo que em escolas públicas destacava-se a prática pedagógica para a disciplina de Ensino Religioso e até de alfabetização como referendou a entrevistada nº 03.

Ao indagar as irmãs sobre quais seriam os motivos que levavam os pais a procurarem as escolas paroquiais da IVG para os filhos estudarem, as entrevistadas enfatizam a questão do ensino de qualidade, do ensino vocacional, da preparação para um bom futuro e o fortalecimento da religião católica.

01- Porque acreditavam no tipo da educação, partido né nessas instituições éé... o tipo da vocação, a dedicação das irmãs, eu acho que no começo por isso...

02 - Pra..é...eu acho que eles colocavam os filhos com as irmãs... né, que eles sabia, né, que... que tipo de educação, seus filhos iriam receber com as irmãs né... e.... isso aí pra mim foi é... né que... pra eles né, os filhos estarem estudando com as irmãs, além de ser um orgulho muito grande...né...e...eu não sei se seria essa palavra orgulho, eu não sei... né, mas eles saberiam que os filhos né, que estaria bem, seria, estaria sendo bem encaminhado para o futuro e outra, o nível de educação né, era melhor, nós sabemos, que o... que eu saiba, que eu já ouvi fala né, numa conversa, que o nível de educação das escolas das irmãs, era melhor do que outros, né

03 - Olha, eles tinham muita, tinha muita..., muita confiança no colégio, eles estudaram lá e, e e de pais para filhos né, eles tinham muita, muita consideração, e acreditavam no ensino, no ensino da, das escolas paroquial.

04 – As escolas paroquiais porque, bom eram, elas eram escola, pensada num todo, da pessoa que abrangesse também e especificamente, a formação humana, religiosa não é? Toda essa preocupação com o lado humano, religioso, né da criança, do jovem né, porque eram escolas que estavam em mãos de religiosos, de religiosas né. E que garantia esse complemento, vamos dizer assim, religioso que muitas vezes faltava né, nas famílias né, desde lá.

Interpretando as falas das irmãs constata-se a relação do significado da Educação da IVG com a formação para o melhor, os aristós, conceito de educação que visa à formação de dirigentes para a excelência, tal como Platão idealizava para a aristocracia na antiguidade, visto que os pais tinham muita confiança no colégio, muita consideração e acreditavam no ensino das escolas paroquiais. Além da ênfase dada pela entrevistada nº 04 quanto à questão da religiosidade-católica, ensinada nas escolas paroquiais, e o encaminhamento para o futuro, expresso pela entrevistada nº 02.

Dessa maneira, foi necessário saber qual era a concepção de Educação da IVG que tanto atraía as classes da elite;

01 - (...) que a educação seja muito útil para a vida da pessoa né, que essa educação leve que ela, ela seja, por exemplo, bom cristão na vida, uma boa

peessoa dentro da comunidade, se ela seja um advogado, que mais, que seja um advogado honesto; seja uma professora, mas uma professora que toma séria sua função; seja educar pra vida, tendo em conta os valores né cristãos, católicos; acho que só isso que eu posso dizer, outras coisas eu num posso dizê muito.

02 – (...) formar né, cidadão para isso, para isso, para aquilo né. Que eu acho que cada aluno que elas, que sentava nas cadeiras, ela olhava né, pensando né, no futuro né, que, dê um bom médico, dê um bom professor, dê um bom dentista né, dê um bom... Dê um bom político né, dê um político honesto né, dê um profe... Dê um bom professor, dê um bom maestro. Tudo isso né, eu tenho certeza que o pensamento de cada irmã né, era... Era pra isso.

03 - Olha, formar o cidadão, aquele que primeira coisa tem que amar o lugar onde ele mora né; as pessoas; primeiro, a família,

04 - É desde o princípio foi a promoção da pessoa, né, como a pessoa, porque a educação é o ponto de partida para a cidadania, para a promoção da pessoa, né, então isso na historia foi se estendendo, acompanhando né, não é, a questão da educação para a promoção, para a cidadania, e isso existe ate hoje né, também até porque no instituto todo, não é, para região de São Paulo todas as escolas são muito bem equipadas, atinge, tem uma demanda muito grande pela; inclusive pela classe média e a classe alta de São Paulo, né?! Centro, capital de São Paulo, porque são escolas muito bem equipadas, muito bem preparadas, mas permanece essa preocupação de continuar esse espaço à criança pobre, mesmo assim.

05 – Educar para a vida e para a religião. Na constituição da congregação há normas, carisma, histórico, organização, como deve funcionar.

06 – Educar para ser gente, porque não nascemos gente, à medida que nos deixamos educar tornamos um ser em devir, vir a ser né, a raiz de nossa formação é através dos princípios básicos da fé, né, primeiro na palavra de Deus.

Fica evidente que a educação segundo a concepção da IVG, como abalizam as entrevistadas, é uma educação útil na vida da pessoa, assim fornecia subsídios para que a pessoa fosse cristã, uma boa pessoa na comunidade, no sentido de cumprir com seus deveres seja em qualquer profissão que escolher, que tivessem princípios e valores de honestidade, compromisso e comprometimento em fazer o melhor na função que escolhesse, para assim constituir-se em um cidadão que ame o lugar onde ele mora, as pessoas, a família, e que possa se promover como pessoa. Pois, segundo a entrevistada nº 04 a “*educação é o ponto de partida para a cidadania para a promoção da pessoa*” e isso seria possível nas escolas da IVG, pois segundo ela, as escolas são “*muito bem equipadas, atinge, tem uma demanda muito grande pela; inclusive pela classe média e a classe alta*”, mas ela não se esquece do discurso com a criança pobre. Vale ainda enfatizar que nessa concepção, educar-se para ser gente e a religião é para devir (vir a ser), pois o homem só se torna homem se for educado para isso.

Dessa maneira compreende-se que a concepção de Educação defendida pela IVG atendia ao ideal de educação no país, na época em que as irmãs vieram para o

Brasil, pois, ao perguntar sobre como era a educação na época em que a congregação chegou ao Brasil, as entrevistadas nº 03 e nº 04 afirmaram que:

03 - Olha, era mais para a educação religiosa né, a educação em si, no geral. Eu não educava para o trabalho não, eu educava mais para eles viver no dia-a-dia com os pais principalmente, que nós todos os dias temos que dar meia, ou mais de meia hora de ensino religioso. O Ensino Religioso não baseava no ensino religioso não, mas como nós diríamos uma educação religiosa, eles podiam ser crentes, podiam ser o que fossem, mas eles tinham que ter uma educação de cristão, conviver com outra pessoa, assim era meu modo de transmitir.

04 - É... eu vejo que o que era e o que permaneceu até agora, uma filosofia, um investimento assim para o homem e o cidadão, a cidadã, né... Comprometida com a sociedade né!?, Mesmo que do que eu já disse... Pertence a uma classe elite que respeite todos como pessoa, sobretudo..né?! E que compromete não é!?! Com o seu país, com o seu estado... né?! e com o município, com a sua rua, enfim... Não é... Até com a sua vizinhança, então permanece essa preocupação.. né!! O cidadão, homem ou mulher comprometido, né! Consigo mesmo, com a pessoa, mas também com o outro, com o bem estar do outro.

Nessa perspectiva a entrevistada nº 03 aponta que a tendência da educação no Brasil era tecnicista, para o trabalho, apesar de ela enfatizar que sua preocupação educacional era educar para a religião, para ser obediente, ou melhor, cristão, o que para ela seria ser católico; já a entrevistada nº 04 evidenciou uma formação patriótica, cidadã, para ser político, que busca soluções para problemas, seu e dos outros, em que a formação da psique é o foco.

Dessa maneira, entende-se que a Educação da IVG contribuiria para a organização da sociedade, dando ao ser, uma significação para auxiliar no magma de significações imaginárias na instituição da sociedade capitalista que estava sendo instituída naquela época, uma vez que o discurso é educar para o bem-estar social de todos.

Destarte foi necessário compreender como era a educação no país, no final do século XIX e meados do século XX; levando a pesquisadora a indagar que tipo de homem ou cidadão brasileiro se deveria formar na época em que a IVG veio para o Brasil, em 1886. Segundo as entrevistadas:

01 - Como deveria ser..., (risos) i eu acho qui não sei, é que eu não, não tenho o ano exato que as irmãs vierem não sei se mil ...100 anos (...) pessoas de caráter, bastante é... e religioso ou seja, pessoas bastantes religiosas, pessoas de palavras, porque naquela época né, os documentos não eram tanto valia, muito é a palavra, acho que deviam ser pessoas assim.

02 - Ah, eu.. Eu acho que... É... Eu... A grande luta que...delas né, que era formar esses cidadãos, né, que fossem pessoas conscientes né, pessoas que né

realmente né, pudessem, que lutassem pelo social, pela igualdade né... Que... Eu acho que, que muitas dessas coisas... Eu não saberia te explicar como né, uma pessoa do bem né, pessoas que realmente fossem ajudar o país né, que fosse ajudar o Brasil. Acho que tudo isso tinha na cabeça delas. Eu vou formar né, cidadão para isso, para isso, para aquilo né.

03- (...) se ele ama a família de casa né, a própria família, os filhos a esposa, aí então ele vai, como eu já disse, aqui é um canteiro, às vezes naquele canteiro ele planta flores, ele rega, daqui ele leva pra lá, você entendeu, ele, ele cuida da família como se fosse um canteiro de flores, um cidadão e depois e, e ele leva as mudas pra outros lugares, amar, amar primeiro o lugar onde ele mora, primeiro amar a família né, se ele é um bom pai, um bom esposo, ele vai ser bom cidadão, é ali na família que ele vai começar, depois ele vai da família ele... no outro dia, no, não passa todo o dia com a família, ele vai para o emprego, numa repartição, ali ele tem que mostrar uma coisa, a, as virtudes, não os vícios que ele leva né.

04 Pela história, não é, pelo o que foi ficando não é de mente em mente, de boca em boca não é, ah ah, que era um povo né, cidadãos e cidadãs menos conscientes dos seus direitos, dos seus deveres não é?!, Como cidadãos não é, então menos politizados vamos dizer, menos evangelizados e menos politizados. Depois foi intensificando muito mais com o tempo, com a história, as oportunidades na, tanto para a evangelização, catequização como nos, falamos, quanto pra formação da cidadania, né, qualquer é, funcionário público aí, agora, ele deve ser e tem oportunidades né, públicos e particulares de ter essa formação para a cidadania. Então, essa oportunidade foi crescendo né, não é, e as irmãs, por sua vez, foram também fazendo parte dessa formação, não é. A formação, ela não foi ficando só religiosa, específica, só para a vida religiosa, mas a formação religiosa, abrangendo a formação para a cidadania não é!? Então, por sua vez, as irmãs também tiveram que participar de toda essa questão né, sócio, política, econômica social, é muito mais agora quem entra para a vida religiosa né, tem todo esse leque de formação.

Nas falas fica implícito o entrelaçamento do ensino através de uma educação voltada para os princípios e valores da religião e da política. Há um trio nos objetivos expressos pelas entrevistadas cujo princípio é a formação da psique, em que a educação se volta para o Estado, para a Família e para a Igreja, com ideais apontados para a época, em estudo, pelo Governo Federal. Ser um bom católico subentendia ser, também, um bom membro familiar, um bom cidadão ou um bom profissional.

Segundo a entrevistada nº. 04, a história que ficou na mente era a formação para a cidadania, de um povo consciente dos seus direitos, dos seus deveres, evangelizado, catequizado e politizado de toda questão política, econômica e social do país.

Vale destacar que na fala da entrevistada nº 03, no seu discurso, está implícito, que para ser cidadão era necessário ser ensinado a ser cidadão, o que nos leva a Damis, (2003). Porque ela abaliza Comenius como o teórico que fornecerá a base da didática ocidental, pois para ele, o homem precisa ser educado para ser homem, como se pode verificar em sua afirmação: “por isso, e não sem razão,

alguém definiu o homem como um ‘animal educável’ pois não pode tornar-se homem a não ser que se eduque”, máxima que corrobora para fortalecimento da compreensão de que, segundo a Igreja, o Estado no MT, havia a necessidade do trabalho pedagógico da IVG.

Ao buscar saber quais seriam os motivos que fizeram a IVG vir para o Brasil as entrevistadas responderam que,

01- Eu sei que se teve, se era uma época que as irmãs tinham que se expandir, tinha que sair um pouco da Europa né, então quando falaram em sair da Europa, pensaram num país Católico, num país né que tivesse bastante acolhida, então pensaram no Brasil, eu sei que as irmãs vieram né para o Brasil, as primeiras irmãs eram Belgas sem falar português, sem nada mais, chegaram em Olinda se eu não me equivoco eu posso me equivocar né e chegaram em Olinda e aí foi o primeiro lugar, agora é, como congregação quais foram os motivos é, escritos lá, porque nós vamos ao Brasil? Eu não sei, mas que eu já estudei é por isso, um país que tava crescendo muito e que também tinham possibilidade de vocações, porque isso também conta né, a gente não vai pra um país onde não vamos também estar crescendo como... crescendo como congregação, nos vamos dar, mais também vamos receber.

02 - Olha, a primeira vinda delas, que nos queremos que, o.. o sentido delas era expandir mais né, a nossa congregação, né, não ficar só na Bélgica. Então, escolheram o Brasil, né, para essa tentativa e...e foram para Olinda, né.

03- Foi em 1886 né, foi, não foi fácil pra elas né, pra chegar numa terra distante, primeiro os costumes diferentes, a língua, que as irmãs que vinham da Bélgica elas vinham, falavam o francês e o flamengo, agora o francês é uma língua mais fácil, mas o flamengo uma língua mais difícil, e pra elas aprender o português era difícil também

04- Vieram para o Brasil porque o Brasil ainda é terra de missão, considerado em outros países né,! Sobretudo na Europa, que eu conheço um pouco né!! É Brasil é terra de missão, porque é um país extenso, não é, e porque eu, por mais que há riqueza do país, né! Com a riqueza original vamos dizer né, mas a pobreza é muito grande ainda no país, com um todo e ainda grandes regiões com pouca presença religiosa, do acompanhamento religioso né! Basta ver na região do Amazonas né!? Toda Igreja que chama por mais presença religiosa, o próprio povo né!?

05 - Por causa das missões, precisava evangelizar e catequizar o povo.

06 - Vieram porque era época de missões e as igrejas pediam religiosas da Europa. Havia igrejas, havia sacerdotes e trabalhos missionários havia necessidade de colégios, e as religiosas da IVG por causa do carisma, a educação ficou com as mulheres pela sua perspicácia em se doar, capacidade de gerar, abrir horizontes dar mais vida, eterna de Deus, seria o lado feminino de Deus, o lado criativo, bondoso, amoroso, pois a mulher tem a capacidade de amar, comparada a Deus por causa da doação. Não servir, mas doar, doar porque ama, então a fé leva à ação; a história mostra a doação através das missões, e a mulher tem esse entendimento de doação. Nem todas as mulheres, seja religiosas ou não, têm consciência da dimensão do que a mulher é capaz, diante das experiências que conheço, pois é limitado.

As entrevistadas nº 01 e nº 02 nos expressam que havia a necessidade de expansão de novas vocações e o Brasil eram propício devido à crise que estava

ocorrendo, além da necessidade de evangelizar as terras brasileiras, através das missões, sendo esse o principal motivo e como objetivo primeiro da IVG, a educação formal.

Foi necessário questionar as entrevistadas se na época em que a IVG veio para o Brasil em 1886 a Igreja Católica tinha algum compromisso ou obrigação com o Estado brasileiro. As respostas confirmam uma relação implícita, pois parece que o compromisso era expresso pelo cumprimento de um ensino para a nação.

01 - Eu acho assim que, não que tenha algo em particular que dá pro estado em si, mas eu vejo assim pra população não por ser o estado, por exemplo, do Brasil que tem que colaborar com isso, com aquilo, com aquilo, mas por serem pessoas né, a Igreja ajuda na educação, a educação moral, a educação cívica também né, eu acho que são papéis importantes, trabalhando dentro dos valores com os jovens, com as crianças, mas não por ser Brasil ou por ser tal país, mas é um dever com as pessoas, a igreja tem a função com a pessoa humana mesmo né, com os cristãos, católicos, batizados, então...

02 - Pra mim, a igreja, ela tem um papel muito importante né de... conscientização, né de ser... conscientizadora, principalmente quanto ao papel do estado, e quando nós já falamos de Estado entra no... No político em si né... No geral... E esse papel de conscientizar né, de ajuda né, de mostrar, de ser luz né, porque, às vezes, muitos né, depois que... eu não sei se devo fala de Lula... não sei lá...Deixa o Lula pra lá... (muito receio para concluir seus pensamentos) é... porque as vezes nós envolvemos muito... (ficou temerosa em falar) né na política no, na... Na... Que as vez... A igreja tem esse papel muito importante, na política de ta...de apoiar um político, (.....)e as vez... se envolvemos demais né, e também nos esquecemos de olha né o que que estaria errado também né, dentro do, dentro desse nível político né.

03- Nós somos educadores, educadoras, têm as irmãs educadoras, têm as irmãs que trabalham com os idosos, então como educadoras nós temos que, a educação tem que levar as crianças não só a educação religiosa como em geral né, respeitar o ambiente, respeitar... assim a família, e ir mostrando a... a, conforme a idade mostrando aos poucos pra ela poder entrar numa sociedade né, não é por a criança, jogar a criança na..., iii... como se fosse uma escada com degraus, sobe esse, aqui você vai ser uma criança que vai estudar, depois vai trabalhar, e cada lugar você tem que mostrar uma cidadã, uma pessoa que tem educação, que fala... ah tem que ter educação, respeito.

04 – Olha certamente, tinha algumas obrigações, para eram escolas éé paroquiais não é, então na questão de, de ensino na secretária, de ensino, aliás, né!? Secretaria de Educação, com certeza, permanece uma liga... Uma ligação. Mas eu não saberia dizer quais as obrigações porque eram escolas paroquiais.

As entrevistadas apontaram para a necessidade de educar a população, no Brasil, colaborar em especial com a educação moral e cívica, trabalhando valores com os jovens e com as crianças, como afirmou a entrevistada nº 01, “mas não por ser Brasil ou por ser tal país, mas é um dever com as pessoas, a igreja tem a função com a pessoa humana mesmo né com os cristãos, católicos batizados então...” e também conscientizar “principalmente quanto ao papel do Estado, e quando nós já

falamos de Estado entra no... No político” assim auxiliando na formação política da nação, segundo a entrevistada nº 02.

Segundo a entrevistada nº 03, por elas serem educadoras, a responsabilidade com o Estado é a educação formal e informal, sempre sob o princípio de educação religiosa para que todos aprendam a respeitar a todos na sociedade, e assim a IVG cumpriria com a formação do respeito à família, ao ambiente e às pessoas, pois era necessário educar as crianças para que entendessem que na sociedade é como se *“fosse uma escada com degraus, sabe esse, aqui você vai ser uma criança que vai estudar, depois vai trabalhar, e cada lugar, você tem que mostrar uma cidadã, uma pessoa que tem educação, que fala... ah tem que ter educação, respeito”*.

Assim é evidente que a Igreja estava de certa maneira submetida aos interesses do Estado, mesmo que estivesse buscando cumprir com a missão evangelizadora, aclamada por Leão XIII, na formação de *“cristãos, católicos batizados”*.

Por isso, buscou-se saber qual seria o papel do Estado para com a Igreja, e as entrevistadas foram firmes em suas colocações:

01 - Não sei, talvez seria é,é,é, apoiar a Igreja né, nas atividades que a igreja realiza, não necessariamente com dinheiro, é, mas ao menos dizer que a Igreja Católica atua bem no que está fazendo, não, não perseguindo, no Brasil, ao menos a, na nossa época, não tem isso né, mais em outros países que o Estado persegue né, a, as igrejas, a Igreja Católica, acho que uma das coisas, seria isso.

02 – Ah, eu acredito... Tem que ter né, tem que tê..esse papel né, do Estado para a Igreja, da Igreja, para com o Estado né, eu acho que os dois né, os dois, tem, teria, deveria ne caminhar juntos e... E o papel da Igreja para o Estado, hoje... Ainda é muito forte, que no, no... nós vemos que a igreja é, é o estado ainda respeito muito né, a Igreja né, muito... se não fosse no, no... Nosso Estado, nosso Brasil, muita coisa ruim, muita coisa feia, né, estaria né, acontecendo e devido...

03- Como nós somos um país católico né, então o Estado tem que, ajudar naquilo que for possível né, porque a igreja, as igrejas se sustentam sozinhas né, pelos, pelos católicos, pelas pessoas é, que tem a crente, tem a católica, então o estado tem que primeiro respeitar cada crença né, porque o, o Estado tem, como eu já disse, falei pra você (risos), cada um é um canteiro, então ele, ele vai dar um tratamento pra aquela flor que ela precisa, cada um precisa de um...

Ao questionar sobre qual seria o papel da Igreja para com o Estado, as entrevistadas enfatizaram muito o papel de contribuir com a formação de uma pessoa consciente e politizada: nas falas fica evidente o entrelaçamento entre Educação, Estado e Igreja, pois é visível nas repostas obtidas, preocupação com a cidadania,

com valores, deveres, direitos, classes sociais e a religiosidade na formação da pessoa, do cidadão, pois para a entrevistada nº 06, a educação também é uma missão.

04 – Hum, o papel da Igreja Católica, então como nós já havíamos falado ontem, é dentro da evangelização e da catequese, né, preocupa com o ser humano, com a pessoal por inteira, não é, não si fixar só no aspecto religioso, mas também na pessoa toda não é, é, a sua vida, é a questão da cidadania, dos seus direitos, de seus deveres, é o bem estar da pessoa. E se o Estado falha não é, é, nesse direito, deveres da própria, da pessoa não importa se ela é pobre se, se não é, então a igreja ela é, tem o dever de interferir. Eu tava dizendo que, por isso a preocupação da igreja com as classes mais empobrecidas, mais oprimidas, não é, porque é muitas vezes o Estado, o Estado concentra suas preocupações em grandes construções, né, estradas e etc.... não é, então a pessoa não é a população mais carente, não é, às vezes ou na maioria das vezes, fica né, a margem né, esquecida, e ali é a pessoa que sofre né, a pessoa, então por isso essa preocupação das igrejas e volta para a., inclusive aquele que não tem um espaço pra sobreviver, o sem terra, o sem teto, não é, a mãe a jovem gestante, todas as pessoas que sofre.

05 – A Igreja deve evangelizar, catequizar e ajudar na formação do homem e da mulher de bem, do homem religioso.

06 – O papel da Igreja é, é no campo da educação, da evangelização né e mesmo da missão né, porque além da, na missão né, também ajudar na formação da pessoa, do cidadão, isso também é, missão né.

É importante ressaltar que as preocupações da Igreja, conforme as falas das irmãs da IVG, sempre se voltam para a questão do homem de bem para a formação religiosa, cidadã o que exige também a evangelização. Essa relação com a formação do homem, de mulher, de bem, expressa o idealismo na educação pela Igreja.

Um dado interessante foi quando se perguntou à coordenadora provincial entrevistada nº 04 sobre a importância do trabalho das irmãs para a questão da religiosidade ou da religião, ela expressou uma fala que nos reporta a interpretação, segundo Castoriadis (1987), quanto à religião ser elemento instituído na instituição da sociedade. No caso, a fala da entrevistada permite compreender que é através de um trabalho evangelizador ou educacional que podemos fazer alguém vir a ser católico ou não.

04- Uma pergunta bastante ampla, bom é tem muita gente é,é,é, muita gente que tem uma religião, vamos dizer que se denomina católica, né, mas tem aquelas pessoas que já tem uma consciência da, du, da sua caminhada no catolicismo, né, tem os mais conscientes, os que já fizeram muitas formações, não é, já é claro o que é não é o catolicismo, o que é seguir Jesus Cristo como um cristão, católico né, bom e tem aqueles e aquelas que bom, eu, eu sou católico porque minha mãe foi, meu pai foi, minha vó foi, não é, então eu sou católico. Mas, não tem uma...vamos dizer até um sentimento **de pertença ao catolicismo**, à Igreja Católica vamos dizer, até às vezes não tem isso, eu sou católico por tradição. Né, por tradição né, então são trabalhos diferentes não é, da vida religiosa nossa,

entre essa população porque é um trabalho, é, você é, você é, você investir, estar junto daqueles e daquelas que já têm uma consciência. Porque você vai trabalhar dali pra frente, vai aprofundar um seguimento, uma consciência não é, da vida cristã, é uma formação já mais aguçada, e tem aquele contato que a gente faz com aquela população que é tradicionalmente, católica, não é, a gente tem que trabalhar a evangelização antes da ca-te-quização. (É diferente?) Diferente não é, porque, sim a evangelização nós vamos trabalhar quem é Jesus Cristo, né?!. Então a pessoa não esta evangelizada é, é, o conhecimento do catolicismo, conhecimento de outras religiões, né?!, Não é?! Então é uma coisa muito mais ampla não é?! A catequese já é a adesão o seguimento à pessoa que você aderiu, na, à pessoa de Jesus Cristo nessa igreja né, então né, ali já entra a parte especifica né, dessa religião né.

Fica claro que o papel das religiosas é mister para evidenciar a religiosidade, ou melhor, na formação das mulheres religiosas na fronteira, indagação primeira desse trabalho que sob o sentimento de pertença, fora aguçado pela catequese e evangelização das irmãs. A entrevistada ainda explicou que há uma diferença entre evangelizar e catequizar, e o papel das religiosas é trabalhar a consciência daqueles que já foram evangelizados, mas para terem o sentimento de pertença ao catolicismo, à Igreja Católica vamos dizer, é preciso ser conduzida pela missão, que compete também às religiosas, o que pode ser verificado na sociedade fronteira do Mato Grosso do Sul, pela forte presença católica na vida social do povo, ainda hoje.

Ao questionar sobre os motivos que trouxeram as irmãs da IVG ao Mato Grosso as entrevistadas responderam que:

01 - Não sei, se oferta de trabalho de escola, sempre as irmãs foram chamadas e estando no Brasil, em geral, naquela época, era o que ofereciam escolas pra elas, pra elas cuidarem porque as irmãs eram bastante conhecidas pela educação né, como elas trabalhavam na educação, então as congregações, as dioceses ou as paróquias sabiam dos trabalhos das irmãs, então convidavam as irmãs, queriam que as irmãs tivessem na diocese e na paróquia por causa do trabalho educacional que elas tinham, agora eu não posso dizer exatamente quem chamou, mas deve ser por isso.

02 - Não saberia te dizer, com seguridade.

03 - Elas vieram porque os Padres Redentoristas era carisma, era deles, onde eles tinham uma paróquia como aqui, Pépetuo Socorro, teria que ter uma escola para os pobres ao lado. Então nós viemos atender às escolas dos redentoristas, eles são americanos, nós trabalhávamos com os redentoristas americanos, porque tem os alemães. Tem diversos países, mas os nossos que nós trabalhamos com eles aqui, no Mato Grosso, foram os americanos.

04 - Foi mais ou menos em 1900 e 32 pelo o que conta a história. Mato Grosso foi nessa região de Aquidauana, Miranda, Campo Grande, né. Aquidauana 1932 pela história né. Em Aquidauana chegaram quatro irmãs não é, uma belga que chamava Tereza José, e outras que chamavam, Irmã Lourença, Irmã Xavier e Irmã Roberta pelo que conta a história não é?!. Aquele tempo ainda da, aqueles anos, ainda usava aquele primeira vestimenta, na é, aquele primeiro hábito religioso né, que estão aí nas fotografias não é, então era um grande veste preta, uma grande vestido preto, muito quente, pra essa região, sapatos fechados,

meias, imagina, nesse verão aqui, e, e um grande chapéu, né, um grande chapéu branco, né, bem engomado, é assim muito bonito né, pra vê, mas pra usa, com certeza muito quente, ah, ah, ah, um grande terço na cintura e um crucifixo também, um grande crucifixo com cristo né. Hoje já é diferente, nós usamos um crucifixo com o registro é SV São Vicente, né pra dizer né, irmãs de São Vicente. Essas mulheres pioneiras que vieram para o MT eram mulheres muito corajosas que enfrentaram, vindo de outro país né, e as outras, de São Paulo.

05 – Vieram para assumir a educação porque os redentoristas eram missionários, mas abriam escolas e as irmãs seriam para lecionar.

06 – para acompanhar os redentoristas, a congregação veio para assumir a educação, nas escolas paroquiais, e ainda, auxiliar os padres na missão, com idosos, senhores e crianças.

Essas respostas demonstram a contribuição da IVG à religiosidade, a qual pode ser corroborada pelo cumprimento dos objetivos propostos pela IVG expressas pelos motivos de sua vinda às terras mato-grossenses. Pois, como referendaram as entrevistadas, a missão da IVG sempre foi a educação.

Buscou-se ainda saber se o Estado apoiou a vinda das irmãs ao Mato Grosso, em meados do século XX. A entrevistada nº 04 enfatizou que de acordo com a história, o Estado apoiou sim, as pioneiras.

04 - É a história, não é, não é, conta as irmãs mais antigas que sim, o Estado contam, apoiava né, mesmo essas primeiras educadoras né, através das escolas, então o estado queria muito a presença religiosa mas, como eu disse, o Estado tinha seus interesses porque é a igreja, a vida religiosa, era mais submissa ao Estado né, então era muito assim, complementação daquilo que o Estado deveria fazer. Tanto na questão educacional quanto na questão social né, até hoje ainda tem um uma herança disso ai, né. Hoje auxilia, mas questionando o Estado. Naquela época, auxiliava sem um questionamento. Não é, que era a obrigação do estado, por exemplo, hoje o Estado, nessas parcerias como eu já disse, tem pequenino, repasse para uma grande ação. Não é, porque se aqui um caso concreto, se nos atingimos 60 criança, não são só 60 criança, não é, porque é, a, atinge que precisa atingir lá a mãe, a avó, a vizinha etc. E os grupos que estão em contatos explorando essas criança, não é, é o marginal lá, é não sei quem?!?! Né, é uma rede né, é um leque, então que dizer que de uma forma ou de outra, a gente sempre que pode, estamos questionando com relação a isso.

Tal discurso aponta que houve apoio, apesar de não ter sido encontrado nos registros, buscou-se então saber o porquê da IVG ter se fixado na região de fronteira, com atividades educativas, no ensino escolar:

04 - Porque era uma região com pouca presença religiosa, né, era uma região como dizia Mato Grooso, era só mato e onça né, ah, ah, ah, né, i gente perdida por ali não né, então os padres redentoristas, é começaram com essa escola, grandes escolas nessa região não é!?! , de fronteira e então não havia padres suficientes para acompanhar essas escolas, então convocaram essas irmãs para

ajudar, e também nas questões de trabalho pastorais. Sobretudo para Educar e evangelizar o, incluindo a catequese.

Na fala da entrevistada ressalta-se a falta da presença religiosa que refletia um povo perdido, com necessidades de educação, evangelização e catequese.

Quando se questionou sobre quais atividades desenvolviam e desenvolvem na fronteira, as entrevistadas disseram:

01 - Bom, elas trabalharam também na saúde como enfermeiras, né, também em serviço social, depois nas pastorais né, de maneira geral. Bom é,é,é, também nós temos irmãs que trabalham dentro da área da saúde, né, como enfermeiras até hoje, temos irmãs que ensinam, que são professoras né, na, na educação é, é, é, na, na ... do governo, nas escolas públicas né, temos também projetos, projetos que oferecem reforço escolares para as crianças que... onde as irmãs trabalham, às vezes é das irmãs, às vezes é da comunidade, mas as irmãs estão também trabalhando im São Pedro, também no Paraguai nós temos trabalho de reforço escolar com as crianças, também a parte das aulas que a gente dá. (E hoje quais as atividades que as irmãs desenvolvem na fronteira ou até mesmo no Paraguai?)- Bom é, é, é, também nós temos irmãs que trabalham dentro da área da saúde, né, como enfermeiras até hoje, temos irmãs que ensinam que são professoras ne na na educação é, é, é, na, na ... do governo, nas escolas públicas né, temos também projetos, projetos que oferecem reforço escolares para as crianças que... onde as irmãs trabalham, às vezes é das irmãs, às vezes é da comunidade mas as irmãs estão também trabalhando im São Pedro também no Paraguai nós temos trabalho de reforço escolar com as crianças, também a parte das aulas que a gente dá. Nós temos mais ou menos cinquenta crianças, né qui, qui nós trabalhamos com elas, dando reforço escolar.

02 - Lá na comunidade Paraguaia nos trabalhamos com os vicentinos não sei se você conhece né, os vicentinos, os vicentinos são pess...é um grupo de leigos que atende as pessoas carente, mais carente do...da comunidade e, principalmente, os idosos né, que nós atendemos, principalmente, as pessoas idosos... não só os idosos mais as pessoas que é, que às vezes, não têm, que são mãe solteiras, que não têm marido, que têm muita criança, que não têm alimentação, então nós fazemos promoção, vendemos roupas usadas, então nós levamos muitas roupas usadas aqui do Brasil, levamo lá na feira, colocamo a dois mil guarani, três mil, parece bobage porque é um pouquinho né... e com esse dinheiro nós compramo as alimentação e levamos para esses nossos assistidos e lá o que mais nós assistimos são pessoas idosas né, o idoso nós colocamos em primeiro lugar, né, porque..por que lá em São Pedro, o idoso ele não tem assim, um respaldo assim da comunidade, os filho não cuida, são pessoas abandonada, né, são pessoas que, às vezes, você chega na, na, na casa, você... a gente chora de vê, que a pessoa está lá com um gatinho, um porquinho é um “coisinha”deitado na cama, né, sozinho, abandonado, sujo, né, então, é de fazê, de pessoas que, muitas pessoas que são novas, que têm quarenta, quarenta e cinco anos, cinquenta anos e estão cega, né com catarata, e não tem como né...revertê o quadro mais, porque já passô, já, já faz tanto tempo que

nos já levamos ao médico né, tem médico de Cuba que vai lá, que dá assistência, que tem a possibilidade de fazer cirurgia, a gente consegue fazer, esse encaminhamento, e ajuda as pessoas, mas tem outras que já não têm devido que o quadro já são muito avançado. Com as irmãs nós trabalhamos né, eu e essa irmã Vera que trabalha mais de perto lá, no nosso centro de apoio né, ao pequeno trabalhador e trabalha com reforço escolar. (Ao pequeno trabalhador, é um projeto?)-É, o pequeno trabalhador, porque é, o... no início quando foi criado o projeto pequeno trabalhador, porque as crianças lá, eles trabalham.... eles vendem né, esse jujô na rua, né, sai vendendo remédio, coisas pra tereré, então eles sai cedo e fica né, andando descalço, não tem alimentação, não tem onde fazer a sua tarefa escolar, então o que que eles fazem? Pra poder ter um pouco de reforço escolar, pra poder no ano, para o próximo ano, eles conseguem passar e ter um bom rendimento na escola, aí eles ficam, é pouco tempo que eles fica no nosso centro, eles fica, uma hora, né, então as professoras, né, conseguem estudar com eles e dá aquele reforço. Os professores são do estado. É que atende, atende no centro nosso, são ... Três professoras.

04- Bom, aqui em Campo Grande, nós estamos na questão educacional, né...acompanhando sobre tudo esse projeto né... Esse centro social com 60 crianças né...Estão fortalecendo, reforçando a questão da educação em vários sentidos, né... a questão da educação, a educação religiosa etc. e também como eu falei, esse reforço do que elas, às vezes, captam muito pouco nas escolas né...Que são classes superlotadas e a criança fica perdida né... Muitas vezes nessa sala de aula e nós estamos também nas atividades pastorais diversas né!? Estamos procurando assentamentos, acampamentos, né!? Estamos diretamente na catequese, formação de liderança. Lideranças religiosas, né!? E nessa formação religiosa também atinge, abrange né!? A formação sócio-econômico-política sempre que a gente pode. Nos próximos à fronteira não é!? No trabalho de pastoral da criança, sobretudo, né..., então as irmãs estão diretamente em contato com essas jovens, adolescentes e gestantes né..

Assim, se percebe que no Paraguai, tal como no Brasil, há também uma relação entre as atividades da IVG e o Estado, através de parcerias, lembrando que a congregação, de certa forma, representa a Igreja e o Estado nas atividades. Vale ressaltar que as entrevistadas, membros da IVG, apontaram para a necessidade de auxiliar a educação formal do Estado, pois elas enfatizam o trabalho com o reforço escolar, além de apontarem, também, serviços sociais, projetos e atividades religiosas.

Quando se questionou as irmãs da IVG como as casas se mantêm, se elas recebem alguma ajuda do Estado, do município ou de particulares, elas disseram:

01 - Hum... algumas pessoas fazem doações né, i as paróquias geralmente, geralmente não, todas também oferecem um salário mínimo pras irmãs, um a dois salários. E da paróquia local, por exemplo a paróquia aqui São, São José e as paróquias onde as irmãs estão inseridas, geralmente oferecem né, a parte os salários ou a aposentadoria que elas recebem que nós recebemos.É... a casa em si não, agora nós temos projetos né e esses projetos são em parceria com o Estado, com o município, com o Governo Federal, que são projetos de, pras

crianças mais pobres, onde as crianças mais pobres são atendidas, na parte de educação, alimentação, é educação de maneira geral é inclusive pra banhar, tomar banho, pra comer, como comer, tudo, tudo, muito globalizado, então nesses projetos nós temos sim ,parceria com o estado, com o município e com o governo federal, agora pra vida particular das irmãs, pra manutenção das irmãs ,não.

02- As irmãs que estão numa comunidade, mantém aquela comunidade, por exemplo, a comunidade de Ponta Porã que é aqui é mantida pelas irmãs que estão aqui, então se tem alguma aposentada esse salário das aposentadas é pra manutenção da comunidade, e os excedentes ou a contribuição manda pra a província também, é, é, pra, pra... E nós temos o convênio com o Estado, o convênio com o estado é um absurdo, mas é de 270 reais, por mês, para atender, praticamente quarenta criança... e nós temos o convenio com o federal que é de seiscentos e oitenta, seiscentos e oitenta reais me parece, esse desde que quando eu cheguei em Nova Andradina era seiscentos e oitenta e mantêm até hoje, e é esse que nós compramos alimentação, né, para atender as nossas crianças e nós temos o convênio com a prefeitura, esse convênio com a prefeitura é uma parceria pra pagá funcionário de alguns conserto que acontece no prédio, porque a cada ano vai ...deteriorando né, e sobrevivemos mais com a ajuda da comunidade né, que se não fosse com a ajuda da comunidade que com promoções que, nós fazemos, almoço, essas coisa, pra podê pôr um dinheirinho, pra podê conserta banheiro, pra consertá telhado, pra consertá tudo isso, daí, não conseguiríamos.

03 - Sim, tinham particulares, tinha pessoas que pagavam mensalidades pra... você conhece aquela família Fuady, lá de Ponta Porã, eles tinha, eles tinham dez crianças que eles sustentavam, que essas, essas firmas maiores ajudavam, pagavam, mas as crianças não sabiam, e também eles não sabiam pra quem eles pagavam, porque alguns, se fosse menina, mocinha eles queriam... a gente não falava, porque a bolsa é pro colégio; (...) a prefeitura também ajudava. A Igreja não, porque era da paróquia né, não tinha como..., o colégio sustentava os professores, sustentava o próprio colégio, que tinha as despesas de colégio, né, pedagógico, então eles tinham, o colégio dava pra sustentar e pagar os professores e...

04- Bom, várias ainda atuam profissionalmente né, seja na área de saúde, né, área da saúde como assistente social né, outras são aposentadas, outras em pequenos trabalhos, como enfermagem, não é, pequenos grupos de geração de renda, vamos dizer assim, também artesanatos, diversidades né, Nessa região que nós chamamos província, vivemos do nosso trabalho (Vocês recebem ajuda de custo da Igreja ou do Estado?) Do Estado e do Município, e nós fazemos com é com esses centros sociais, parcerias, pequenas parcerias, né! Como aqui em Campo Grande, que temos esse centro social, com 60 crianças, não, exato aqui até esse ano de 2006, a partir de 2007então nós estamos transferindo pra uma outra região mais empobrecida, não é?!! que é chamada de grande região do Los Angeles, lá,! a partir de 2007; Para o funcionamento do centro social a associação ajuda e o Próprio instituto também complementa, né! Então, nós temos monitores, não é!! Pra ajudar, temos pessoa de serviços gerais, que cuida da alimentação, inclusive dessas crianças, então como esse centro, ele funciona de segunda a sexta feira, com atividades diversas, não só reforço escolar, mas atividade religiosa, teatro, oficinas várias não é!?!?Artesanato então é necessário vários monitores, né!! Hum... em algumas casas pessoas fazem doações né, i as paróquias, geralmente, geralmente não todas também oferecem um salário mínimo pras irmãs, um a dois salários.

05 – Com doações, projetos, parcerias, salários, e aposentadorias. Mas há muitas dificuldades.

06 – Temos doações, salários de aposentadas, e alguma renda pequena de trabalhos que as irmãs ainda fazem na comunidade, como curso de pintura, de letras, de bordado.....e outras.

As respostas mostraram que há relações entre a IVG e o Estado visivelmente através das parcerias e dos convênios, inclusive na casa de São Pedro no Paraguai, e que é subordinada à administração da província Centro Oeste com sede em Campo Grande MS; estes convênios ocorrem com projetos sociais, com associações de moradores, com particulares, ou com empresas. E ainda com o Município e o Estado, porém vale destacar que elas sobrevivem com os salários de aposentadas ou de atividades que ainda executam no dia a dia.

Foi perguntado às entrevistadas se quando ingressaram no Instituto da IVG, ainda existiam escolas da IVG na fronteira. A entrevistada nº 04 enfatizou que:

Existia, escolas do instituto, é, ah, as escolas do instituto são mais concentradas na outra região né!? De São Paulo, e interior, escolas próprias do Instituto. Nessa região, as escolas eram em parcerias não é!? Com a Paróquia, por isso que se chamavam Escola Paroquial, então as irmãs trabalhavam, mas não era escola do Instituto, nessa região era Escolas Paroquial, da Paróquia, em varias região dos Padres Redentorista não é!? Nas quais as irmãs atuavam. (Na época que a senhora ingressou aproximadamente por volta de 79 elas, as irmãs da IVG, ainda nessa região de fronteira do MS elas atuavam nas escolas?) Sim! Elas atuavam, Miranda, Aquidauana, é, acredito que né!? Ponta Porã, ainda existia em toda essa região.

Como o objetivo desse trabalho é a contribuição da IVG à Educação no MS perguntou-se ainda se nas escolas paroquiais da IVG estudavam negros. As respostas apontam desconhecimento.

01 - Também não sei dizer porque eu já entrei na congregação quando a congregação não tinha mais nenhuma escola então essas perguntas.... (risos)

02- Não sei se estudavam.

03 - Sim, se eu tive fala, eu tinha no colégio, chegô uma menina, do de um militar, que lá, que todos os nossos colégios é perto do quartel né, era negra, e, e, Ponta Porã não tinha uma negra nu colégio, a menina se pois na sala de aula e chorava, ficou doente, aí mande... Chamei a mãe, falei: olha a sua menina não está se adaptando no colégio, eu não falei que é por causa da cor, talvez ela estranhe o ambiente, as professoras, ela veio do Rio de Janeiro, o ensino é diferente então era a parte pedagógica, ela não não assimila nada, mas não era nada, era por causa da cor, não tinha um negro em Ponta Porã._ Ela, ela se achou inferior a todos, e ficou dentro da sala não saía e chorava né, só fala que queria a minha mãe, aí eu falei com a Diretora do Joaquim Murtinho, olha eu vou mandar a menina pra cá, mas eu não falei que era por causa da cor, ela não se adapta no meu colégio do jeito, nenhum eu vou aconselhar a mãe de pô – lá aqui, antes a gente tinha esse contato profissional né, ela foi, lá no Joaquim Murtinho tinha bastante tinha negros né, Ponta Porã tinha poucos negros né, se acredita que a menina se transformou que ela achou uma coleguinha negra.

04- Penso que sim, mas não sei.

Mas fica implícito que apesar da religiosidade utilizar se de um simulacro de igualdade de tratamento entre todos os seres sociais étnicos, na escola da IVG, as irmãs não conseguiam essa igualdade, como apontou a entrevistada nº 03, quando explica que uma aluna negra precisou ser transferida para uma escola pública para ser “igual” pois na Escola Paroquial era discriminada.

Outra questão direcionada às entrevistadas foi quem dirigia as escolas paroquiais.

Algumas eram as irmãs mesmo né, em algumas elas eram professoras, outras diretoras e outras é, era um ou outro padre na direção. Depois, com os anos, então, foi preparando leigos não é, porque então tanto os padres como as irmãs começaram a se dedicar a outras atividades não é, e também porque foi faltando né padres e irmãs pra a direção das escolas. E, a, porque os de mais idade não é, padres que vieram dos Estados Unidos não é, redentoristas, salvo algumas brasileiras, outras belgas, que foram se envelhecendo não é, e algumas voltaram pros seus países não é, né, e outras que foram se preparando, algumas assumiram né, e outras é escolheram outras profissões, e também o número de vocações que diminuíram porque o mundo, a sociedade, enfim de anos pra frente, pra cá, é, foi assim demonstrando menos apoio à vida religiosa, à vida sacerdotal, muitas ofertas de outros valores né, pra nossa juventude, e pouco apoio para a vida religiosa sacerdotal, então isso foi fazendo uma diferença, isso não só no Brasil mas em diversos outros países.

As respostas afirmam que financeiramente quem dirigia as escolas eram os Padres Redentoristas, e às irmãs da IVG cabiam as questões pedagógicas. Mas após 1960, começaram a ficar nas mãos de leigos como foi o caso de Ponta Porã, quando uma ex-aluna assumiu a direção.

Vale ressaltar que as irmãs, nessa época, com a entrada de leigos para a direção, começaram a assumir aulas, ou outros cargos.

Foi questionado também, quando as irmãs da IVG começaram a se afastar do ensino, na região de fronteira, as respostas confirmam que:

01 - Não poderia dizer também.

02 - E elas, começaram a se afastar como eu expliquei, alguns foram se envelhecendo não né, outras voltaram para seu país de origem, não é, e outras foram entrando pra vida religiosa, foram aderindo a outra profissão, como a saúde, como a área social, né, então foi diminuindo né, as irmãs, para as escolas, sobretudo particulares não é?! E também com o fechamento, com a época, com os tempos, foram se fechando escolas é, é, paroquiais.

03 - É porque, os padres começaram a fechar as escolas né, Porque eles mudam muito né, americanos, elas brasileiras, então houve um, assim....Um choque, dificuldades entre relacionamentos né, então...Não, nunca, nunca eles foram eles confiaram muito na gente. Eu não não me

lembro, por quê? Porque depois os americanos foram também diminuindo, vieram os brasileiros. Os padres brasileiros, desculpa, e eles não tinham o mesmo carisma assim a mesma.... (parou para pensar) Missão de dedicação de escola. Era diferente, a escola por exemplo aqui, a Perpetuo Socorro aqui, é uma faculdade né, mas é leiga; o prédio nem sei se venderam, o prédio é alugado. Ponta Porã também né; Chama-se Macce, todas as escolas foram passadas para os leigos. Olha as últimas que saíram, 85 por aí, eu não digo a data.

04 - É acho que no ano de 83, penso 83 a 85 ainda uma ou outra estava nas escolas, mais depois foram optando pra concursos, são várias irmãs que são concursadas e começaram a atuar nas escolas públicas não é, municipais, estaduais, em várias regiões, tanto aqui como Goiás, tanto na educação como na área da saúde, também nesses projetos sociais, não é, que agente atua diretamente na educação, não é?! Fortalecendo a gente chama de reforço escolar, não é?! Como ponto inicial vamo dizer né, mas fortalecendo aquela, aquele ensino que as crianças recebem tanto na área, no município, quanto no estado, não é?!.

Quando se perguntou o que as irmãs ensinavam nas escolas paroquiais, as respostas apontaram que o conteúdo ensinado iria de encontro com aos objetivos e às concepções da IVG, do Estado ou da Educação, seja no final do século XIX ou meados do século XX.

01 - A bordar, as crianças aprendiam a bordar e as coisas mais elementares dentro da educação que é somar, ler, dividir, resta, então ela começou um grupinho de, não sei se de oito alunos, hum... mais isso eu não me lembro bem, mais mais, ou menos isso de oito alunos e que ensinavam essas coisas elementares, bordar né, fazer trabalho de fiação de bordado e depois ensinar a calcular e a lê, então essa foi o começo né, da congregação.

02 - Olha, pelo que eu... ah...o que as irmãs ensina né, ensinava né, ensina, eu acho que é...é tudo, é tudo que é, que faz o bem, né, pra si, para a humanidade, pra família né, pra sociedade, né, esse respeito que nós te... nós deveremos ter uma para com os outros né independente né que... sempre respeitar as pessoas... isso que... que... que é o ensinamento...né, primeiro, é esse respeito ao ser humano, né e religião, esse amor a Jesus Cristo, esse amor a Maria né, esse amor aos pais né, e isso tudo é... e é... que nos procuramos passar né, e passamos... é, e, às vezes, a gente fica com vergonha, muita das vezes sentimos vergonha né de quando um político, né, ele tá lá em cima e ele faz tanta... tanta roubalheira, rouba daqui, rouba dali, rouba daqui e fala assim “aí eu estudei nas escolas das irmãs tal tal assim” isso pra gente é triste porque a gente, porque nós sabemos que não foi isso que foi ensinado né... você que é professora, você sabe né? Que que ensina né, esses alunos... É triste quando a gente ouve pessoas que fala “eu estudei na é... com, com irmã fulana, eu estudei com padre fulano, eu estudei no colégio salesiano” tudo assim... E eu vo... Eu penso assim que, nos professoras né, quando você vê né que um aluno seu né, está dentro da droga, está preso, é um assassino eu acho que né, é... deve dá uma tristeza muito grande né, pensa “aquele ali foi meu aluno” né, mais e... não podemos culpar, nós não tivemos culpa, né, o... o... melhor foi passado pra eles... Né, mas nós não tivemos culpa que com... que chegou na situação, não queremos, mais chego né, e é assim.

03 - Tinha mais eu nunca ensinei, eu tinha problema no dedo e eu nunca ensinei, o meu, a minha área era o bordado, desenho, sempre tive muita facilidade pra

desenho, e outra outra matéria, principalmente, nós tínhamos que ensinar muito pras crianças, a minha série 3ª série, naquele tempo, o programa era fazer reprodução, sabe o que é reprodução?! Você conta uma história, faz as crianças primeiro ouvir, você lê a historinha, por exemplo, “ a lebre e o cão”, olha vocês prestem bem atenção, o que vou ler, depois que eu lia, eles tinham que reproduzir a história, e tinha descrição, descrição você punha, nós, tínhamos antigamente um mapa pedagógico, eu não sei se eram 30 figuras. ai você virava assim e aparecia uma família, um gatinho tomando leite, umas galinhas, uma uma família, ai você deixava ali e dizia: agora vocês vai descrever o que vocês vêem; eu vejo um gatinho que ta tomando leite num prato, só, só não dá nome em ninguém, porque você não sabe o nome da menina, a menina esta assustada, então ela vê a fisionomia da menina né, ela se veste de rosa, com toda a roupa rosa.

04 – Ensinar a ler, escrever e também a trabalhar com fição, né, fiagem, fios para fazer tecido.

05 - Pai Nosso, Amém Maria né, orações preliminares, interessante, era que o padre perguntava: - irmã a Srª está preparada pra trabalhar com os índios? Né!? A gente dizia não, mas nós íamos porque eles pediam né, mas foi um trabalho muito bom viu.

06 - A educação religiosa, a evangelização, a leitura, a educação mesmo formal e educação informal.

Os ensinamentos da IVG priorizavam de certa maneira as fábulas, pois elas permitem trabalhar valores morais e cívicos necessários a formação religiosa e patriótica, de maneira implícita no imaginário individual e coletivo.

Dessa maneira as irmãs da IVG trabalhavam com fábulas, a exemplo, “o leão e o cão”, “o leão e a lebre” e “o cão e o osso” Figura nº 23 e 24. Pois essas histórias trabalhavam a questão da aceitação da condição financeira através da moral das fábulas que implicitamente ia se consolidando a atitude de resignação e conformismo cuja, a base é uma representação que transcende o real para o ideal seja em defesa da anuência a pobreza sob o prisma da religião católica cujo objetivo evangelizar e catequizar para expansão dessa religião pregada pelas irmãs da IVG.

Sociedade organizada é sociedade cumpridora de leis; cada um exerce na sua função social de maneira submissa com resignação incorporando a religião, o respeito, ao sobrenatural, ao divino, ao melhor, a Deus como o máximo, aquilo que e o melhor a excelência.

Desse modo, para elas a educação deveria ensinar a sociedade a ser pai, profissional políticos, ou seja, deveriam trabalhar para que o homem buscasse refletir em todos os seus papéis sociais, o seu melhor, espelhando a educação recebida por elas, cuja função, de acordo com as irmãs, era a de formar o cidadão autônomo, de acordo com o papel de cada um na sociedade. Assim, vemos claramente, a relação da educação, da Igreja e do Estado na época que se estampavam nos objetivos de

Vargas “ a Família, a Religião e a Pátria”, valores que se perdidos e que deveriam ser retomados pela sociedade

Elas deveriam dar o melhor de si para os pobres como voluntárias, pois as intenções, ou o carisma que elas têm que seguir de educação desde a criação na Bélgica está no discurso em atender aos pobres; mas vale lembrar que a igreja estava perdendo fiéis, e que educação, desde a antiguidade, era para os melhores, “aristós”, ou para serem aristocratas governantes, e não era para todos.

Ao perguntar quais as atividades a IVG executam atualmente nas casas além do reforço escolar as irmãs responderam que:

01 - É, é ensino é, é manualidades em todos os lugares que têm reforço escolar, sempre tem manualidades ou pintura, bordado ou crochê ou tricô sempre acompanhado de algum outro trabalho. Que eu sei fazer, eu sei fazer crochê, tricô, pintura acho que só, ah! Depois sei é, é trabalhar, fazer cartões em vege...

02 - E na área social também, né a nossa congre... A congregação contribuiu muito e continua contribuindo, né. Na área social né, quer dizer, nós não podemos é confundir a área social só do dá, do dá mas também da pessoa ser, da pessoa aprender né, e ensinar trabalhos manuais pra ela sobreviver com a... Né, ter a dignidade de chegar no mercado e fa e chegar na prateleira e pegar isso, isso, isso e ir ao caixa e pagar com o seu dinheirinho, né com seu trabalho, com essa dignidade, então eu sei muitas irmãs né, com seus trabalhos manuais que ensina né, as mães a trabalharem, a bordarem, a pintarem, a fazer outros tipos de trabalhos né leva..né graças a esse trabalho social das irmãs que elas fazem... Que... Isso que eu acho que é dignidade, eu não acho que a pessoa né, que na só. Não sou contra a cesta básica do governo não... Claro, uma vez um homem falou assim... “Quem fala que é contra a cesta básica é que nunca passo fome, nunca sentiu fome na barriga” e eu concordo com ele né... Eu pens...tem razão, mas também eu..eu penso assim que o..que a maior dignidade do homem também e da mulher e ela pegá o seu dinheirinho, ir no supermercado, e poder escolher o que ela vai comer...e não comer o que os outros vão escrever.. né. Porque quando eu ganho uma cesta básica, que vem tudo ali, eu vô come o que eles querem que eu coma né... Não... não o que o outro.. né. Então eu vejo assim que o... Que nosso trabalho social né, deve ser esse, né, promover a pessoa, para que ela possa ter dignidade, de comprar o seu sapato, de comprar a sua roupinha, de pod... de ir no mercado no final de semana, compra a sua carninha, faze né com o seu dinheirinho e saber assim, “esse é do meu so... é do meu suor, é o fruto do meu trabalho” né...

Fica claro nessas respostas que as irmãs contribuem para o estado capitalista em que vivemos, mesmo sob um discurso benemérito e filantrópico para auxiliar na promoção pessoal do ser, possibilitando-lhe dignidade por meio de atividades manuais autônomas cujos objetivos é a inserção social, apesar de saberem que essa renda é a de sobrevivência, e de certa maneira, perpetuando as idéias liberais do Estado, como um simulacro social.

As irmãs têm, relativamente, o mesmo conceito de cidadão:

01 - *Bom cidadão é uma pessoa que está dentro né da sociedade, que tem suas obrigações que tem seus deveres que tem os seus direitos e que deve lutar por uma vida melhor não só sua, mais de toda a sociedade, não sei mais o que dizer de cidadão (risos).*

02 – *Ah, pra mim, cidadão é aquele que sabe, realmente, exercer os seus direitos com responsabilidade e com justiça, né, esse pra mim é o bom cidadão, né, que sabe né, olha, e também sabe, olha a necessidade do outro que, às vezes, muitas vezes o cidadão olhá só para o seu umbigo e esquece de olha né, a realidade né, a outra pessoa que está ao seu redor que também necessita não só da ajuda material, coisa assim, mas que também que necessita dos seus né, dos seus trabalhos, pra ajudá a encaminha né, seria a luz, né, também muitas vezes precisa de luz, muitas pessoas sabem fazer as coisas, mas não têm, não sabem como... Como agir, como fazer. Então pra mim o cidadão é esse que... Possa estar né ajudando ahm.. e também é... exercer os seus direitos com justiça e lutar pelo pobre e lutar por aquele que não tem ninguém quem lute por ele...*

03- *Olha, cidadão é aquele que primeira coisa tem que amar o lugar onde ele mora né, as pessoas, primeiro a família, se ele ama a família de casa né, a própria família, os filhos a esposa, aí então ele vai, como eu já disse, aqui é um canteiro, às vezes naquele canteiro ele planta flores, ele rega, daqui, ele leva pra lá, você entendeu, ele, ele cuida da família como se fosse um canteiro de flores, um cidadão e depois, e, e ele leva as mudas pra outros lugares, amar, amar primeiro o lugar onde ele mora, primeiro amar a família né, se ele é um bom pai, um bom esposo, ele vai ser bom cidadão, é ali na família que ele vai começar, depois ele vai da família, ele... no outro dia, no, não passa todo o dia com a família, ele vai para o emprego, numa repartição, ali ele tem que mostrar uma coisa, a, as virtudes não os vícios que ele leva né.*

04 – *Cidadania, no meu entendimento, é a pessoa ah, sabe ou aprofundar ou buscar ah, os seus direitos e seus deveres, aonde ela vive, né, seus direitos e seus deveres, ter consciência, não é de buscar viver isso, não importa a intensidade dessa cidadania pra criança a cidadania é uma coisa pro adulto, pro jovem outra, mas é em qualquer etapa da sua vida, essa consciência não é, maior ou menor, mas crescer nessa consciência, de seus direitos e de seus deveres. Né.*

Os conceitos abarcam os objetivos na preparação para a cidadania, em que com maior ou menor consciência, a pessoa busca os seus direitos de cumprir com seus deveres.

Assim se buscou também saber como era a metodologia e as avaliações utilizadas pelas irmãs da IVG em seus ensinamentos educacionais, foi quando a entrevistada nº 03 transmitiu muitos dados interessantes.

03 - *A parte pedagógica, ah, trabalhos manuais... Sim, qualquer trabalho, nós fazíamos exposições grandes, todos os anos. Naquele tempo, nas escolas era, era, era uma matéria, como se fosse uma matéria obrigatória, né?! Tiinha os trabalhos né, desenhos, eu não digo a pintura né, desenho, lembra já ouviu falar do desenho agrion!? Agrion é o lápis preto e o lápis de cor mas preto, desenho agrion, e é eles tinham aula de desenho, as crianças, de desenho, caligrafia, trabalhos manuais, os meninos, trabalhavam nesses trabalhos de made, digo na minha sala não tinha trabalhos de madeira, tapetes,... Tape... de estopa, a gente comprava estopa e fazia pra e eles faze o trabalho deles, para menino, não não porque também tinha um trabalho de tricô, não tricô, com agulha é um trabalho especial que eles fazia pulove... Não é tear é suponhamos uma madeira com*

bastantes preguinhos e vai traçando e um trabalho que seria pra meninos mesmo. Meninos, pras meninas bordado de todos, por exemplo, a minha sala, você conhece trabalho de xadrez? É porque você borda o xadrez azul você borda o branco, é um trabalho muito bonito, a minha sala de aula era o xadrez, cada sala, cada série, por exemplo, a 4ª série, era ponto cheio, a minha série era o xadrez. Cada série um bordado havia um modo de ensinar, as crianças menores era o ponto aste. Aste, esse ponto mais facinho né ponto cadeia, e aí ia conforme a série eles iam se tornando mais difícil, não eu não estou falando não eu vou buscar depois um trabalho pra você vê qual é o bordado pra você saber. Sim, caligrafia, desenho, matemática, português todos os dias né.

Nesse relato a irmã da IVG expressa que as irmãs ensinavam muito artesanato que pudessem ser transformados em objetos para uso pessoal ou para o comércio. Assim, como caligrafia e datilografia que possibilitaria aos alunos uma promoção social e profissional. Mas, jamais se esqueciam da formação para ser cidadão, na família, na Igreja ou em qualquer outra situação social.

Foi questionado se as irmãs trabalhavam com Índios e as respostas apresentam dados que permitem futuras indagações.

01- Eu sei que trabalhava agora quando, quem foi eu já não sei, mas sei que sempre trabalharam.

02 - Sim, trabalhavam e... Continua trabalhando. É... A irmã Maurília, que é dessa comunidade (refere-se a Ponta Porã), né... É mais difícil você encontrar ela aqui, porque ela sai cedo e já está por aí.

03 - Nós supomos que, nós tínhamos, durante até a 6ª feira, nós trabalhávamos nas escolas, sábado e domingo nós íamos pras periferias para as aldeias dos índios, índios terenos, nós trabalhamos muito com os índios terenos, Limão Verde, Morrinho. Limão Verde é Aquidauana, uma aldeia muito bonita, que tem lá. Morrinho não é aldeia, mas é um lugar, diríamos uma vila né. Fica entre Aquidauana, Limão Verde, Limão Verde fica ná, no meio das montanhas, que Aquidauana é um lugar plano, mas lá tem umas montanhas, então sabe o que chama Limão Verde? Porque houve uma guerra do Paraguai, e houve aquela peste, os, os paraguaios ficaram, sabes então eles foram até ná, no Limão Verde, (neste momento o telefone toca, ela fala a irmã atende), e com aquela, aquele desespero de febre, eles chuparam limão, que encontraram na região, nativo, e eles ficaram bons, então puseram o nome de Limão Verde, aldeia de índios, só dos terenos e uma aldeia muito bonita, muito bem organizada.

04 - Na região de Miranda, Aquidauna que tem muitas aldeias não é, então as irmãs sempre estão em contato com os índios, né com os índios. Pelo que contam né, mais nas aldeias Miranda, Aquidauana, eram mesmo a evangelização e a catequese.

05 - Não há resposta

06 - Isso já no caso onde havia aldeias, em Aquidauana, por exemplo, quando eu morei né, havia um dia de missão nas aldeias, um dia a gente ficava uns dois, três dias naquelas aldeias, fazendo missão, evangelização, né ensinando a religião para os índios que quisessem, cantando, fazendo uma pequena missão, mas o trabalho era simples né, que nós falamos o trabalho de missão, trabalho pastoral, e sempre junto eles é que eram os párcos, os vigários né, com quem trabalhávamos juntos né. Em Campo Grande também né era o mesmo trabalho

né, já havia um colégio, onde as irmãs também sempre foram às administradoras das escolas, em Miranda a mesma coisa né, depois aqui, em Ponta Porã também, inclusive aqui em Ponta Porã também, eu cheguei a lecionar aqui, como religiosa, tenho vários alunos aqui.

Hoje, em Ponta Porã, as irmãs atuam no trabalho de assistência social junto aos assentados, na fazenda Itamarati, junto aos Índios, às jovens gestantes, pois já não há mais colégio, no Mato Grosso do Sul, sob o trabalho pedagógico das irmãs da IVG.

01- Hoje, Sim na região de Ponta Porã, Bela Vista, não, é ainda trabalham próximo aos assentamentos, acampamentos, né, aldeias, ali pela de região Bela Vista, as irmãs ainda têm muito contatos com os índios. Ainda catequizações também né, porque antes era muito mais a evangelização, hoje os próprios indígenas já procuram prosseguir né, na sua caminhada religiosa e querem né ser catequeses né, uma catequese para os sacramentos né, inclusive então eles pedem hum.

04 – Projetos, temos, inclusive aqui nesse local com essa mudança, desse centro social lá pra outra região (Los Angeles) então já temos em mente, mas ainda não é escrito, registrado, mas temos em mente um novo projeto pra construir pra funcionar, um pouco na linha de geração de renda né porque ainda é, aqui na região, há muitas mulheres pobres que sobrevive de pequenina renda em trabalhos de família, então a nossa idéia é pensando nessas, propor cursos de culinária, costura, até de informática nessas salas e também a formação humana, a formação para a cidadania, junto claro com a formação religiosa também.

Questionou-se ainda sobre o que as entrevistadas compreendiam como educação e elas afirmaram que.

01 - Olha tem dois lados né, eu vejo assim, educação hoje está melhor em relação ao tratamento é, é... humano com os alunos, esse relacionamento né com aluno hoje em dia é bem melhor, porque antes é castigo, é ajoelhado é, é, é, muita repressão né assim com os alunos, mas em questão de conteúdo de currículo vamos dizer assim hoje perde né, porque uma criança um jov, por exemplo o meu pai que estudou até a quarta série antes, ele sabe muito mais coisa que uma criança da quarta, de quinta de sexta.

02 - Òh, hoje eu vejo a educação... Ainda está um pouco, um pouco falha é... Eu vejo assim os compromissos né... Principalmente com os pais, primeiro eu coloco os compromissos com os pais, o pai joga toda a responsabilidade da educação, pro professor não é.....? O professor tem que ser pai, tem que ser mãe, tem que ser tudo para o instituto né... E depois ai vem à cobrança né, quando chega...tá se aproximando o final do ano, a cobrança né... Vem pro professor, e se o filho não se sai bem, se o filho não se sai assim, o professor que é o ruim... O professor depois... Mas só que eles se esquecem de né, cumpri a sua parte, muitos pais hoje não... Nem olha o... O caderno do seu filho, nem sabe o que o seu filho fez na escola, se ele está indo, se tá participando né nessa... Então, Mais é... Graças a Deus eu vejo assim também que... Que hoje também né, os professores hoje têm um compromisso também muito grande né, e essa preocupação muito grande com a educação né pra forma bons cidadãos.

03 - _ Olha, hoje o pai trabalha fora, a mãe trabalha fora, e os filhos estudam, a casa, não é mais aquele lar aconchegante, o pai chega cansado, a mãe chega estressada, os filhos chegam da escola cansada, o quê que você..., qual é o seu encontro? Chega a casa a primeira coisa que a mãe chega é cansada, tem que preparar a casa né, e como hoje não são tão zelosas, não vão encontrar aquela casa que, às vezes o homem deseja, que a criança deseja, uma refeição gostosa, devido à situação financeira deles também né, os dois trabalham fora, as crianças estudam, não se encontram, se encontram só naquela hora que tá todo mundo cansado pro encontro né, então eles têm que ter um preparo muito grande pra poder nos encontrar, nós temos que saber nos encontrar, coisa que eles não sabem, as vezes né, não respeitam a diferença.

Contraopondo-se o relato dos ex-alunos com a fala das irmãs da IVG, pode-se ver a transformação não só da educação que do ponto de vista das irmãs não mudou nem sua essência de procurar o melhor, por parte do professor para formar bons cidadãos, porém, de acordo, com a entrevistada, nº 01, perde na questão de currículo e ganha em relação ao tratamento humano entre professor e aluno, pois sobre aquele recai uma grande responsabilidade, gerada pelas formações familiares sociais em que filhos e pais pouco se encontravam.

Segundo as entrevistadas a Religião permite ao homem uma ligação com Deus, e por ser uma crença deve ser respeitada: não importa qual.

03 _ religião, é você, é a pessoa ter uma crença, que deve ser respeitada por todos nós, (o telefone começou a tocar) você vai, respeita o crente, respeita o espírita, e vai respeita o católico, porque ele é uma pessoa. (neste momento alguém chama pela irmã Godoliva) . oi, (a pessoa sussurou algo para ela).

04 - a palavra já diz que é o religar a deus, né é essa ligação minha, sua, com Deus, religião, a palavra em si, por isso que quando falamos a palavra religião não importa qual, é uma ligação, religião com Deus, né, e depois, então vem a de...definir qual é ela de que forma, eu me religo a Deus. Aí então vem o específico, de cada uma delas, já aí entra a doutrina, outros pormenores.

A maneira que cada ser se liga ou se religa a Deus faz parte de cada religião, de cada doutrina e tem ritos e preceitos diferenciados.

03 - Ah, por exemplo, a política é a cidade né, fala, o quê que é... Pra mim, é um povo no seu dia-a-dia no seu trabalho, na sua luta, no seu ambiente, nas suas decepções, nos seus desencontros, no seu desemprego, né, no seu dia-a-dia_ Pra mim é, por que se não tem pessoa não tem política.

Em relação à política, a informante de nº 03 revela ter uma consciência acentuada nesse aspecto, pois seu conceito se confunde com o próprio ser. O ser é político, “se não tem pessoa não tem política” ela diz. O existir pressupõe o governar,

o gerir ações, o fazer autônomo que Castoriadis enfatiza na instituição da sociedade como mister.

5. 10. 6 – INTERPRETAÇÃO DA CLASSE SOCIAL DOS ALUNOS DA IVG NA FRONTEIRA

Percebe-se no perfil dos entrevistados que estes pertencem à classe social elevada pelo que se buscou constatar suas descendências e origens. Foi assim, por que se intentou agregar algumas questões da entrevista tais como: profissão dos pais avós, origem da família, religião e motivos da vinda para a região de fronteira para análise e interpretação sobre a classe social dos alunos da IVG.

Nº 07 - (...)E eles como meu avô por parte de mãe era um era um, engenheiro agrônomo (...) E meus avós, por parte de pai, vieram da Itália i meu avô era engenheiro civil, arquiteto.

Nº 08 - É, ele veio designado para trabalhar na receita federal como guarda da alfândega; (mãe) Era do lar.

Nº 09 – Meu pai era contador, chamava guarda livro, minha mãe doméstica, do lar.

Nº 10 –(não soube dizer)

Nº 11- Comerciante.

Nº 12 - _ Ele foi da... mesa de renda né, foi muitos anos se aposentou aí, é que se falava antigamente guarda da mesa de renda, mas depois evoluiu pra auditor, auditor fiscal e ultimamente eu não sei o que que ele é, é auditor, auditor.

Nº 13 - Pecuáristas.

Nº 14 – Meu pai é quando a gente era pequeno né, ele era motorista de táxi muito tempo aqui em Ponta Porã, depois quando ele ficou com mais idade ele fez um curso e foi trabalhar no correio, aí trabalhou no correio, aí se aposentou pelo correio.

Nº 15 – (avô) - Ele era proprietário, proprietário rural, (mãe) Dona de casa.

Nº 16 – (omitiu a figura paterna) Do lar. (avô) Ervateiro

Nº 17 – meu pai era pecuarista, é é né, mexia com gado na época; minha mãe do lar; pecuária (avós) isso pecuária (pecuaristas também).

Nº 18 – comerciante.

Nº 19 - Meu pai pecuarista, minha mãe do lar. E meus avós trabalhavam com a pecuária.

Essas respostas mostram as profissões dos familiares dos entrevistados, reforçando que a maioria é de classe média e classe media alta, pois se destacam

pecuaristas, profissionais liberais, funcionários públicos e comerciantes, e, somente 01 entrevistado é de família de classe baixa.

De acordo com as entrevistas muitos destes familiares, preocupados com a questão econômica, buscaram nessa região pesquisada a subsistência do lar e a oportunidade para melhorarem de vida. Esse dado é importante para a pesquisa, pois demonstra o estrato social da maioria dos pioneiros da região fronteira, em Ponta Porã, que assinalou a educação tradicional e religiosa da IVG, como uma possibilidade de promoção social aos seus filhos e filhas.

Nº 07 - Não, a minha família é o seguinte a minha; meus avós por parte de mãe, espanhóis e meus avós por parte de pai, são italiano; minha mãe é espanhola, meu pai já nasceu em Corumbá. E i i minha mãe veio pra pra Ponta Porã e casou-se aqui, em Ponta Porã 1919.

Nº 08 - É em parte, parte veio de São Paulo de Cuiabá e minha mãe era daqui.

Nº 09- É meu, minha mãe é nascida em Ponta Porã, em Lagunita, meu pai veio do Rio Grande do Sul em 1932, e se instalaram aqui.

Nº 10 – daqui, paraguaios,

Nº 11 –(...) Eu, eu, eu nasci aqui em Ponta Porã mesmo, a minha família meu pai minha mãe, não são daqui de Ponta Porã, mas moraram desde muitos anos, meu pai é de origem, ele é libanês, e minha mãe era paraguaia, eles erradicaram (sic) aqui em Ponta Porã há muitos anos.

Nº 12 - Não, da parte da dos paternos é do Rio Grande do Sul, de São, São Luis Gonzaga, da minha mãe são da Argentina, da Argentina, de encostado dessa região de Misiones.

Nº 13- Avós paternos: avô goiano e avó Argentina; Avós maternos: ambos gaúchos.

Nº 14 - Meu pai é daqui de Ponta Porã e minha mãe é do Paraguai. - Daqui. - Daqui do Paraguai mesmo de Pedro Juan Caballero. - Do meu pai eu lembro que ele falava que o pai dele era português, mas, também eu nem cheguei a conhecer eles né, meus avós, da parte de meu pai, eu não lembro direito.

Nº 15 - Olha a origem da minha família é de Aquidauana, tá, quem veio pra Ponta Porã, foram os meus avós, tá o meu pai já nasceu em Aquidauana, mas foi criado em Ponta Porã. O meu pai é nascido em Aquidauana. Eu nasci, em Campo Grande, mas fui criada em Ponta Porã.

Nº 16 - Não, é de Iguatemi.

Nº 17 - Meus avós são advindos do Rio Grande do Sul. (...) É é fala - se que meus avós são de origem italiana, Cardinal não é. Meus pais sim, meus avós não.

Nº 18 - A minha avó, a minha bisavó, desculpa paterna, materna quer dizer é Argentina, o meu bisavó é gaúcho, e os por parte paterna são pernambucanos, a minha vó e meu avô mato-grossense...

Nº 19 – meus pais sim são de Ponta Porã, meus avós não; meus avós são advindos do RS. É, é fala-se que meus avós são de origem italiana CARdinal (deu ênfase no sobrenome).

Como se pode observar, a origem dos entrevistados, por parte de pais ou avós, é diversa, pois alguns são provenientes de outras regiões do sul do país, e até mesmo de outros países, o que os evidencia como elementos constitutivos, de alguns membros da população pioneira, a qual compôs a instituição da região fronteira, lócus da pesquisa, Ponta Porã. Ambos os entrevistados afirmaram que seus pais eram católicos quando iniciaram seus estudos com as Irmãs. Uma das entrevistadas, categoricamente, afirmou ainda:

Nº 19 - Eu, sempre fui católica, apostólica romana. E meus pais também.

Quanto à afirmação dos entrevistados sobre a religião, a entrevistada nº. 11 deixou um suspense, pois ao afirmar que eram católicos se conteve na fala.

Nº 11 - Tá, minha mãe era católica, meu pai tinha nome de ser mulçumano né, mais na verdade como ele veio jovem para o Brasil assim e ele não era uma pessoa fanática e o pensamento dele era o seguinte que os filhos deles tinham que ser adaptados ao lugar que eles moravam. Então foi isso, que ele fez eles é a minha mãe tinha essa inclinação católica então ele achou que a gente devia também seguir esse lado, nunca fez objeção.

Desse modo, pode-se observar que as Resoluções da Igreja Católica, segundo Tambara (2002), quanto à obrigatoriedade em ser católico para estudar em escolas católicas, estavam sendo cobrada implicitamente na fronteira, pois a partir da fala da entrevistada de origem libanesa, percebe-se a força do Direito Canônico de 1920, no artigo 27, que proibia admitir alunos acatólicos.

Além disso, observa também que a região apresentava uma diversidade cultural, étnica, econômica e religiosa e principalmente ideológica o que exigia uma identidade nacional brasileira. No dizer de Melo e Silva (2002, p.185) “é necessário que se de a fusão com os estrangeiros que lá se encontram, e que deste amálgama resulte o predomínio de nossos costumes, o império da civilização nacional” (...) e assim o elemento magma será então a educação religiosa católica pela IVG.

Quanto à época de chegada à fronteira, alguns entrevistados apontam entre o início do século XX por volta de 1906, 1908, e outros entre 1914 e 1924, época da 1ª Guerra e da Revolução no Sul e ainda outros 1930, 1932, momento da Revolução de 30, e da Revolução Constitucionalista de 1932, aproximadamente. Ou seja, a emigração as terras fronteiriças ocorre com maior fluxo entre as três primeiras

décadas do século XX, e os motivos da vinda dos pais ou avós para a região de acordo com seus descendentes, seria a fuga política ou busca de melhoria econômica, como se pode comprovar em Corrêa (2005, p. 68) “à emigração rio grandense que dia a dia, vai se avolumando e estendendo pelo sul do estado”.

Segundo os entrevistados,

Nº 07- Pelo governo na época, e ir pra Corumbá pra fazer certas construções, i começar com uma mina, que hoje é a mina de Urucum, que pertence a ele tá no estado que o proprietário era Miguel Marmora. Mas, depois o governo: aí ele fez muita amizade com Getúlio Vargas e continuou em Corumbá nas minas de Urucum, tomando conta daquilo, i i enfim, fazendo prédios, casas e casas da época. Mas em certa ocasião, ele brigou com Getúlio Vargas, porque Gétulio Vargas falou pra ele: Oh!! Seu Miguel, o senhor já fez muito por nós, só que agora o senhor vai deixar Corumbá e vai pra outro lugar, e ele falou assim: daqui só saio preso. E Getúlio mandou prendê-lo e aí ele fugiu para Montevidéu, onde existem famílias nossa, em Montevidéu.

Nº 08 - É, ele veio designado para trabalhar na receita federal como guarda da alfândega e daí foi destacado aqui na região de porteiro Ortiz, quando veio conhecer minha mãe. É que, ele passou no concurso para a alfândega e veio e foi designado para trabalhar aqui.

Nº 09 - Eu acredito que eles eram da política contrária inclusive todos ficaram aqui na fronteira onde eles achavam que estavam no Paraguai vamos dizer assim né...

Nº 10 - Nõn, nõn; Eles não vieram, eles, sõn daqui mesmo, Ponta Porã e Paraguai.

Nº 11 - Sim, eles vieram para cá em busca de trabalho né. A princípio ele do Líbano ele veio com dezoito anos e ele veio é, primeiro ele chegou na Argentina mas ele não se adaptou bem lá, então ele veio pra esse lado e acabou chegando aqui em Ponta Porã.

Nº 12 - Eu acho que pra, é melhorar de vida, plantar, apesar que diziam que eram bem de vida lá na Argentina, e venderam as coisas pra lá, fazendas pra vir investir pra cá, diz que as terras eram boas, aquela revolução que teve né, por isso que eles vieram para cá.

Nº 13 - Não sei.

Nº 14 - Meu pai é daqui de Ponta Porã e minha mãe é do Paraguai.

Nº 15 - Eu acredito que tenha sido devida à compra de terras ali na região de Antonio João, o meu avô tinha uma fazenda muito grande naquela região e acho que eles vieram pra trabalhar nisso aí.

Nº 16 – Não, minha família é, é de Iguatemi, Paraná; Veio porque a família do meu avô é de Ponta Porã. São paraguaios de Pedro Juan.

Nº 17 - É eles vieram do Rio Grande do Sul pra Ponta Porã em busca de uma vida melhor, em busca de trabalhar com a terra, que a terra aqui era mais barata e lá, no Rio Grande do Sul, já estava saturado, então eles vieram pra cá.

Nº 18 – (não respondeu)

Nº 19 - É é pelo lado financeiro né?! Falou-se que Ponta Po... Que a região do Mato Grosso do Sul tava em fase de expansão territorial, a Companhia Mate Laranjeira, aquelas histórias de colonização ainda da região de Ponta Porã, meus avós tinham algum interesse em ampliar seus ganhos né, e aí, resolveram conhecer a região e por aqui ficaram.

Essas respostas revelam que os motivos encontram-se em momentos de crise mundial ou ainda nacional, fluxo migratório de estrangeiros no Brasil, com a política após abolição dos escravos, e depois com o período da 1ª Guerra Mundial; já para a região de fronteira foi em virtude das Revoltas constitucionalistas e militares entre as décadas de 1920 e 1930, além da política de colonização da fronteira, desenvolvida por Getúlio Vargas; foram esses os motivos que originaram a vinda dos familiares dos entrevistados à região lócus da pesquisa.

Segundo Corrêa (2005, p. 57-58), ocorreu revoluções entre 1892 e 1906, tendo início na cidade de Corumbá (22.01.1982), a partir da aliança, entre políticos do Partido Nacional Republicano, então na oposição, e de comerciantes e militares, originando o movimento revolucionário que,

*ao contrário do que se esperava, não recebeu o necessário apoio do governo federal, em vista de ter sido entendido como parte de um plano maior (juntamente com o Rio Grande do Sul, São Paulo e Pernambuco), para derrubar o governo Floriano Peixoto. A reação do governo federal veio com a nomeação do general Ewbank para o comando do 7º Distrito Militar, supostamente encarregado de assumir o governo estadual (o presidente Manoel José Murinho tinha sido destituído do cargo pelas forças revolucionárias). Entendendo a posição do governo federal como agressão à **autonomia**⁹⁴ estadual, os militares ligados à revolução e sediados em Corumbá intimaram Ewbank a não ultrapassar o Forte de Coimbra. (id.bid.p, 58).*

A questão da autonomia foi destacada na citação, pois essa é uma questão primeira e única na instituição de uma sociedade autônoma segundo Castoriadis. E assim, percebe-se que a autonomia é sempre banida da coletividade social por ações políticas e financeiras de instituições sociais políticas, econômicas, culturais e religiosas.

Nas entrevistas pode-se entender que a migração para a região no discurso ressalta a questão do trabalho e a oportunidade de melhorar de vida, no que tange ao financeiro foi a alavanca principal para o pioneirismo na região fronteira, em Ponta Porã, pois as respostas assinalam esse migrar como uma possibilidade de ascensão social. E ainda, abalizam a qualidade do solo fértil da região, tanto para a agricultura quanto para a pecuária, já demarcando a questão política e a elitização do povo fronteiriço, que exigirá uma educação e uma formação para continuidade desse

94Grifo nosso

estrato social. Todavia, é claro, também a fuga das perseguições devido às atitudes revolucionárias.

Nota-se nesta questão sobre a época da chegada dos entrevistados ou de seus familiares que muitos deles compreendem o pioneirismo em Ponta Porã, pois as respostas o assinalam como sendo essa época, início ou meados do século XX, o que se pode constatar na ênfase da entrevistada nº 18, atentando para a fase da faixa etária de seus antepassados.

nº 18 – Meu pai veio pra cá ainda menino, mocinho novo pra Bela Vista. Mocinho. Toda família veio, foram uns dos pioneiros de Ponta Porã

É relevante destacar ainda que alguns são de descendência paraguaia, outras gaúcha e argentina devido a diversidade étnica há a necessidade de um elemento que unifique as idéias, comportamentos e atitudes. A miscigeação de descendências, pois, explica o fato e, a necessidade, de um magma para tornar a população uma comunidade imaginária nacional brasileira, assim a psique se torna primordial no simulacro das significações imaginárias e a religião como uma instituição forte, que historicamente acompanha a formação do sentimento de nacionalidade ou de consciência nacional, é mister a essa intencionalidade, na região de fronteira.

No caso da instituição da sociedade fronteiriça, segundo corrobora LOBO (on line, s/d), faz-se com a auto-ocultação do caos por meio da religião, conferindo desse modo à IVG um papel de suma importância na sociedade fronteiriça, pois o caos era evidente, tendo até contribuído, segundo o entrevistado nº 09, para a vinda dos familiares do sul e de muitos outros;

- Eu acredito que foi após a revolução de Getulio Vargas que veio muitos gaúchos que vieram aqui, família Cardinal, Moura, ééé, Carpes, então uma dezena de famílias conhecidas do Rio Grande do Sul que vieram nessa época pra cá.

Essa afirmativa reforça a questão política, e as diferenças ideológicas que exigiam um magma para a nacionalização da fronteira.

Segundo Melo e Silva (2002, p. 184)

a nacionalização daquele pedaço de território pátrio não se realizará sem a solução do problema do povoamento daquela região lindeira, mas

este deve ser feito em condições propícias e em ordem também à sua imediata nacionalização.

Isso justifica a emigração para a região e assim a criação do município de Ponta Porã, nas primeiras décadas do século XX. Todavia, para conhecer a educação das Irmãs IVG na região de fronteira foi preciso recorrer às entrevistas com esses inquiridos, os quais forneceram elementos e conteúdos para essa compreensão. Utilizar-se-á uma numeração de 01 a 19 para localização do leitor quanto à fala dos entrevistados, conforme o perfil dos entrevistados, constantes nas páginas 173 à 176.

5.10.7 - INTERPRETAÇÃO DOS ENSINAMENTOS DA IVG

Para que fossem verificados os conteúdos ensinados pelas irmãs da IVG de Ponta Porã agruparam-se as questões de números: 29, 52, 53, 60, 61, 69 e 71 do instrumento de pesquisa aos ex-alunos. Segundo consta na fala dos entrevistados, os ensinamentos das irmãs foram ensinamentos para a vida e servem de modelo e exemplo para os filhos e até para ensinar os alunos. Os entrevistados nº. 08 e nº. 18 afirmaram que:

Nº. 08 - Eu sou crente naqueles ensinamentos que me ensinaram, respeito certas coisas que fica em dúvida pra todo mundo, mas isso é cada um pra si.

Nº. 18-Ensinei, respeito a Deus, amor ao próximo que elas sempre nos ensinou, respeitar os pais._ Passei, religião, amor e honestidade, para meus filhos.

Segundo o entrevistado nº. 08, as irmãs ensinaram coisas importantes, tanto conteúdos para a formação geral quanto ensinamentos religiosos que permanecem na vida de todos e servem de orientações.

Nº. 08 (...) o que aprendi quando era pequenininho e sempre segui é, é aquelas orientações nunca fiz mal a ninguém nunca. Não, como eu tava te dizendo orientações que nós aprendemos me servem de lição até hoje, e é o que quero passar para meu filho, só que o tipo de aprendizado hoje do meu filho é completamente diferente do meu. No sentido de respeito no sentido de, de prezar o professor, no sentido de, de digamos da parte é, é carinhosa que era aos mestres. Hoje, dado o excesso de aluno, o professor ou professora tem menos condição de ter aquele carinho.

De acordo com a entrevistada nº. 11 pode-se perceber a importância do trabalho dessas religiosas na vida das mulheres da fronteira, pois, quando crianças

aprenderam os ensinamentos ministrados pelas irmãs, através da catequese ou como é chamada no meio religioso da Igreja Católica, “preparação para a primeira comunhão ou primeira eucaristia”. Portanto, fica evidente que elas foram as responsáveis, por muito tempo, pela formação religiosa.

Nº 11(...) a fé que eu aprendi a respeitar e a viver isso que eu aprendi com as Irmãs, Vicentinas, porque elas também davam catequese, preparavam pra 1ª comunhão, então nós tínhamos aula de catecismo, então essa foi à formação que eu recebi. - É muito importante você ter uma fé. É muito importante tanto nos bons momentos como também naqueles momentos em que a vida se torna pesada, que você tem que enfrentar batalhas enormes, então a fé cristã te empresta essa força, te dá essa força, de você lutar e vencer os obstáculos

É a partir desta fala que podemos entender o porquê das mulheres na fronteira, brasileiras ou descendentes de paraguaios, nascidos em Ponta Porã, ainda no início deste século, apresentar uma religiosidade com características excessivas, indagação que suscitou este trabalho.

Os objetivos das IVG na região de fronteira eram ensinar a educação “para os melhores”, compreendendo melhores numa concepção de educação para a elite, mas também, e principalmente, cumprir com seu papel institucional, ensinar a doutrina religiosa cristã. Tal como ocorreu em 1896 em Olinda – Pernambuco, as crianças da fronteira, “terra de ninguém” precisavam de ensinamentos para ser em patriotas e tementes a Deus, segundo a religião Cristã, o que fica claro na fala da entrevistada n° 18 quando diz que os ensinamentos da IVG,

Nº18- Eles, elas gravavam muito Deus, dentro do coração da gente, e a bondade e o perdão.

Assim o imaginário presente na religião, afugenta o caos, os problemas sociais, permitindo ao indivíduo uma (re) apresentação do divino, nas suas atitudes, onde bondade e o perdão são sinônimos de elevação, submissão, resignação e compreensão.

A gente tinha o catecismo, eu fiz a primeira comunhão, fiz a catequese, tudo com as freiras. Não eram pessoas que davam a catequese, eram as freiras e a gente tinha um livrinho, que a gente tinha que estudar, pra fazer a primeira comunhão, a mesma coisa com a crisma: então elas ensinavam tudo de religião pra gente e eu fui criada dentro desse principio.

Quanto ao questionamento sobre os ex-alunos ocuparem um cargo ou função religiosa, os homens destacaram que quando crianças foram coroinhas (auxiliar do padre) e quando adultos, pertenceram ao grupo de homens chamados “marianos”; as mulheres enfatizaram o papel no grupo de mulheres solteiras como “Filhas de Maria” ou, quando casadas, no grupo, “Sagrado Coração de Jesus”.

Segundo a entrevistada nº18, as irmãs se preocupavam com a peculiaridade da fronteira, pois orientavam os alunos, falando sobre as diferenças em morar numa fronteira.

Nº 18 Foram ótima nos trabalhos delas, elas nos orientava elas nos ensinava-nos para o caminho da vida que nós morava numa fronteira, como viver numa fronteira, elas sempre se preocuparam num todo.

Pela resposta a entrevistada nº 19, permite-se compreender a preocupação das irmãs com a vida em sociedade fronteiriça por isso buscavam ensinar, de certa maneira, atitudes políticas a partir dos conteúdos curriculares e dos objetivos religiosos da IVG.

Nº19 – A irmã Lina o que a gente gostava de aprender com ela era quando ela falava sobre os problemas que a gente vivia na sociedade, né, eu sempre gostei desse lado de falá

os probleminhas que a gente tinha na casa, na sociedade; as dificuldades. A Irmã Lina tinha um carinho especial quando ela falava dessas, desses problemas né, aí, incluía nesse trabalho, ela incluía a religião, como Deus vê essas coisas com a gente e era muito gostoso.

Dessa maneira ficam implícitos os ensinamentos político-sociais, religiosos e educacionais, permitindo o entrelaçamento do Estado, da Igreja e da Educação, o que pode ser constatado nas respostas obtidas com as entrevistas dos alunos.

A IVG de modo quase que imperceptível influenciava o ensino numa tendência educativa nos moldes do protonacionalismo. Isso pode ser compreendido a partir do uso obrigatório do uniforme, o que marca a presença do Estado na disciplina e na ordem escolar através do *magma de significações imaginárias*.

Todos os entrevistados afirmaram a existência do uniforme tanto para as aulas quanto um uniforme de gala para as festividades fora da escola, segundo o entrevistado nº 7:

nº 07 Havia uniforme inclusive tipo de uniforme militar, um cinto talavante; O que consta na foto que lhe entreguei pra senhora; Aquela foto foi tirada, já vou te dizer há 65 anos atrás;. Eu tinha 7 anos. Uniforme cáqui, como se fosse hoje da polícia militar, mas cáqui, com aba e o cinto, e o chapeuzinho e o gorrinho né.

Quando questionado sobre a existência de uniforme diferente para meninas e meninos ele disse ser diferente. Todavia, outros também afirmaram a existência de uniformes como podemos constatar com as entrevistadas nº 11, 15 e 17 que frisaram o uso de uniformes diferentes para dias de festas, desfiles, em datas comemorativas, alegando ainda que ele fosse obrigatório.

Nº 11 - Havia uniforme.- Esse uniforme era uma saia pregueada, depois tinha duas alças grandes pra trás e uma blusa branca, ah, meia $\frac{3}{4}$ branca, sapato preto.- Ah!! Eu gostava, achava lindo! O uniforme tinha uma gravatinha (risos). Ah! É, tinha uniforme de gala, para desfile. Esse uniforme de gala se eu não estou enganada, era bordô. A saia era bordô. Tinha um boné, também bordô.

Nº 15 - Ele era feito de um outro tecido. Um tecido um pouco melhor, parece que era um tecido assim meio lãzinha, e a blusa branca, aí que usava a gravata e a boina.

Nº 17 - Eu lembro, era uma saia bordô, cor de vinho, tinha uma blusinha branca e gravatinha.

Confrontando as figuras nº17 e nº 18 , constantes nas paginas 153 e, tal com a fala dos entrevistados nº07 e 11, percebe-se, claramente a diferença de uniforme para os sexos masculino e feminino, além da preocupação com as roupas para os desfiles cívicos em exaltação à pátria.

Outro elemento, que possibilita comprovar os ensinamentos de caráter patrióticos e religiosos entrelaçados, encontra-se no discurso dos entrevistados quando se questionou se havia filas, orações e hinos antes das aulas, pois esses, juntos, com certeza, reforçam os ideais no cumprimento dos objetivos à evangelização, à disciplina e à ordem.

Nº 08 – A base era oração, antes das aulas; geralmente padre nosso e ave Maria; a oração era depois do hino nacional.

Segundo os entrevistados, o hino, a oração e as filas eram uma constante o que permite compreender que: as Irmãs da IVG cumpriam com as suas finalidades para com o Estado e com a Igreja na instituição da sociedade fronteiriça.

Nº 07 - Havia oração e havia cântico do hino nacional

Nº 08 - Fila, não. Lá ia entrando aos poucos né, só quando fosse cantar o hino nacional, que geralmente tinha que cantar o hino nacional ali na bandeira, no começo, fazia aquela formação né, ali.

Nº 09 - o que era relevante (...) a gente vinha a pé da igreja que era lá na praça, de lá a gente vinha a pé, até o colégio aqui São José, havia uma pontezinha que a gente passava, em fila, aí chegava ali e cantava o hino nacional, que era obrigado e a freira ia olhando um por um, olhando, oh! Você não tá cantando, você tem que cantá, você só tá mexendo com a boca, você não tá cantando. Que dizer era um... Cantava todos os dias, aí entrava tinha que rezar ai começava a aula.

Nº 12 - Havia filas e se cantava o hino Nacional quando era pequena, e depois quando mudou em 40 e.... em 54 já era no colégio atual, então todo dia a gente assistia à missa lá na igrejinha que foi demolida, todo dia era obrigado assistir à missa lá 07 horas até 7:40 h, de lá a gente vinha em fila pro colégio São José, aí no colégio São José se cantava um hino da Mocidade Católica Brasileira, que eu não lembro mais a letra.

Nº 14 - Havia fila para entrar na sala de aula.

Nº 15 - Era cantado todos os dias, pelo que eu me lembro..

Nº 17 - Então com a nação havia um respeito muito grande; pela bandeira a gente aprendia o hino nacional, o respeito né, àquele símbolo que era a bandeira. Nas festas de sete de setembro, com a maior festa era um orgulho e tinha cada carro alegórico em Ponta Porã coisa mais linda, então, aquilo era um orgulho participa; eu participava, tocava na banda, tocava marimba, depois teve uma época que eu toquei flauta, então isso era aprendido com as irmãs, eu falei que não aprendi nenhum instrumento, mais aprendia sim, pelo menos pra tocá na banda aprendia, sim:

Nº 19 Cantava o hino todos os dias, e rezava também.

Corroborando com essa compreensão sobre o papel da religiosidade na instituição da sociedade, temos Castoriadis (1987) que afirma ser a religião a própria instituição da sociedade, ou seja, que sociedade e religião são instituinte e instituídas, e estão entrelaçadas na própria instituição da sociedade.

Quando se questionou sobre os ensinamentos que a IVG transmitia sobre a pátria ou a nação, a entrevistada nº 18 enfatizou que elas:

Nº 18- Ensinava, que o país era uma família.

Isso permite entender que as irmãs concebiam esses princípios pátrios, familiares, educacionais e políticos entrelaçados. O que pode ser reafirmado com a fala de uma ex-aluna, entrevistada nº11, pois, segundo ela, as irmãs sempre incentivavam muito o amor à pátria, sempre através de comparações entre família e país.

N ° 11 - (...) elas incentivavam esse amor à pátria, esse patriotismo, que civilizava a educação, o dever cumprido né.

Dessa maneira, perceber-se claramente o poder que elas utilizavam, a psique, que ao internalizar a família como pátria ou vice – versa, geraria sentimentos e obrigações como se fossem filhos e pais dedicados à nação.

Além de ensinar o amor à pátria e comparar a nação e a família, a entrevistada nº 12 afirmou que elas também ensinavam sobre a História do país, principalmente, com relação às datas aos feitos históricos:

Nº 12 – Ah, elas ensinavam que era da, da sobre assim, histórias do Brasil, mesmo né, ... as... falavam sobre os jesuítas, falavam sobre as independências, aquilo que eu já falei.

O entrevistado nº 07 enfatizou que as irmãs falavam também sobre a sua nacionalidade, seu país de origem:

N ° 07 - Elas contavam às vezes histórias, mas fora do nosso país , de onde elas vieram né, teve irmã que veio da Bélgica, teve irmã que vinha dos Estados Unidos, enfim existia assim um aprendizado di, di, di, lugares du, du, de fora do país; então a gente gostava das histórias né ,como era tal, como nós éramos ou como era Paris na época; pra nós era uma novidade. Né!?

Assim, compreende-se que os ensinamentos ministrados pela IVG corroboravam com o imaginário coletivo à identidade nacional, mesmo que a valorização fosse a partir de sua própria cultura, para assim despertar de maneira implícita o sentimento de patriotismo, a partir de suas histórias e de seus países. Pois, assim a criança aprenderia a ter um sentimento pátrio e se ela desejasse o Bem para a família também deveria fazê-lo para com a nação. Os princípios defendidos por Vargas quanto aos “valores perdidos” da pátria, da família, e da religião, poderiam ser resolvidos na região de fronteira, instituídos por meio da educação da IVG.

Além dos conteúdos patrióticos, as irmãs da IVG, nas escolas paroquiais, ensinavam disciplinas como trabalhos manuais, desenhos, artesanatos, música, datilografia, português, matemática, história, geografia, dentre tantas outras. Como se

pode constatar nas falas dos entrevistados e também nos depoimentos⁹⁵ dos ex-alunos da IVG, em Bela Vista.

Nº 07 - Ensinavam sim, inclusive é, é, é, na, na, na parte de arte fazer cintos e esculturas enfim, aquilo o, o, os, os poderiam continuar como existe colegas meus, hoje, que é pintor, escultor, talvez, até dado aquele começo de vida. Bom, na época, nós fazíamos, é pintura e, peças manuais, tais como: esculturas, é, é, eu não sei te dizer, cintos, que a gente fazia com tranças de linha né, seria mais ou menos isso aí..

Nº 08 - Trabalhos manuais. Era antigamente. Cada um se defendia para uma coisa ou então quando não tinham, eles sugeriam... Lembro era carrinho, era pão, eram coisas assim. Boneca a gente não aprendia. O que eu guardei foram os ensinamentos de português, matemática e de história e geografia, me serviram de base até pra responder perguntas de quando eu fiz a prova do vestibular de direito lá, geografia os caras, apanhavam lá, apanhavam por geografia, eu sabia de cor e dava geografia mesmo do Brasil e do mundo.

Nº 09 - Eu aprendia a desenhar, fazer quadrinhos não saía lá essas coisas, mas todo mundo tinha que fazer, tá valendo nota esse mês, vam, borda, vamos é, é fazer montagem com palito, fazer essas coisas. A gente aprendia muito, era muito boa a escola.

Nº11 - Tinham, tinham sim, elas davam aulas de tudo, né datilografia, piano, bordado, pintura sabe, trabalhos manuais...O trabalho delas foi muito importante pra Ponta Porã, porque elas tinham uma cultura enorme, então vindas irmãs européias pra dar uma formação aqui em Ponta Porã, uma cidade pequena e onde existia escolas estaduais do governo, existiam também professores que davam aulas particulares, mas, a formação que elas davam, que ofereceram pras meninas e meninos de Ponta Porã, foi algo assim grandioso porque elas davam uma formação completa, também, tanto musical, e parte científica, a parte religiosa, foi muito importante pra Ponta Porã, e pra quem teve essa oportunidade de conviver com elas.

Nº 16 - Eu acho que o respeito à educação pra mim, isso é o principal, tanto é que eu eu prego isso na minha casa: o respeito, a educação, a moral, acho que isso vem de onde eu aprendi.

Nº 17 - É a gente tinha caderno de caligrafia né, fazia. Aprendia escrevê até com bico de pena né, fazia aquelas, letras góticas, eu era boa nisso. Tinha, tinha, mais era tipo bordado, crochê era mais assim, tá não era essa artes que tem hoje, desenha, essas coisas, não.

Nº 19 – mais as aulas que eu aprendi com a irmã, foi religião mesmo, educação religiosa, as aulas que a professora passava, os conteúdos programáticos era da escola. E a irmã Lina passava pra nós só educação religiosa. O que eu aprendi mesmo foi a educação religiosa. As minhas professoras da escola paroquial São José nenhuma era irmã, a única que era da casa das irmãs, era a irmã Lina.

Para se abstrair a metodologia utilizada pelas irmãs, considerando-se as questões no ensinamento desses conteúdos sobre “como eram as aulas das irmãs”, “se gostava ou não de estudar com as irmãs”, “o que elas ensinavam”, “o que aprendiam”. Segundo os entrevistados, a metodologia era bastante rígida, tradicional,

⁹⁵Figura 25 a, b, c e d.

Nº 16 – Não, eu acho assim, na época era, era bastante rígido, mas a educação era uma educação boa, pra época era o ideal né, era uma educação onde se aprendia e se aprendia, não tinha meio termo não, ou se aprende ou se aprende, apesar de ser uma coisa, era de decorar e a gente tinha que saber aquilo que você, não fugia da necessidade de você ter que aprender aquilo ali, que o assunto é, acho que seria isso, não me lembro muita coisa

Nº 19 - As aulas eram um pouco mais sérias do que se leva hoje né, e havia um respeito, muito grande por parte da gente, a gente tinha muito medo dos professores da gente né, era uma coisa mais seria né, do que se leva hoje. Os professores hoje têm uma forma deferente de educar, na, na nossa época, eu me lembro que ninguém conversava, nós sentávamos ali para assistir aula e os professores eram sisudos os professores ensinar, sérios né: Hoje não, o professor tem uma forma diferenciada, ele trata os alunos mais como amigos deles né, aquela coisa tradicional, eu sou o sabedor e você está aprendendo né, hoje nós dividimos com nosso aluno, a interação é muito maior né. Elas tratavam a gente com muita educação, mas eram muito sérias, não havia essa, como eu vou te explicar, dividi mesmo esse conhecimento, você passa pra elas o que você tem de conhecimento, não, elas é que, elas é que sabiam, nós éramos apenas ouvinte (risos), tradicionalismo mesmo né.

Alguns entrevistados destacaram ainda que, para o cumprimento dos objetivos propostos nos conteúdos disciplinares, dentre eles, o cálculo matemático, através da tabuada, as irmãs ainda lançavam mão de um recurso autoritário, mas que surtia efeitos: os ditos castigos.

Nº 07- Na tabuada, era uma espécie de uma raquete com um furinho no meio. Você esticava a mão e ali se recebia um, dois, três ou quatro, quantas fossem o seu castigo mais não de machucar, mais de deixar a pessoa (risos) envergonhada (risos). Castigos, Bom, primeiro notas baixas; segundo conversas na sala, que, que eles não permitiam; terceira quando entrava um mestre ou um professor, aquele, que não levantasse, tomava as tabuadinhas .

Nº 08 Só ia lá pra frente né. É. Castigo maior ia falar com a madre superior.

Nº 15 Olha muito pouco, muito pouco. Era assim, uma vez eu me lembro que a minha sala no ginásio fez muita bagunça, aí nós ficamos até meio dia e meio de castigo. E meu pai tava na porta, esperando. Esse tipo de castigo assim de sair um pouco mais tarde.

Nº 16 – Sim, havia castigos. Se não soubesse a tabuada era uma questão de castigo, não estuda a tabuada, não estudo, não sabia a tabuada ia pro castigo. A desobediência também levava o castigo. Ficava de pé atrás da porta, de joelho, no milho na tampinha, era um castigo. Fiquei de castigo, sim, por não saber a tabuada, porque a tabuada tinha que saber na ponta da língua, decoreba mesmo.

Nº 17 – Ah, tinham uns castigos mais era assim, fica de pé lá na frente, perto do quadro, mais só se fosse muito bagunceiro né, eu acho que eu nunca fiquei, mais tinha uns que ficavam.

Nº 18 - É fica sem recreio, fica de pé lá atrás da porta.

Com esses discursos foi possível compreender que a disciplina e a ordem eram práticas importantes para a IVG, que serviam de instrumento na formação dos

indivíduos, principalmente sob os sentimentos de submissão e medo, que reforçavam o *magma de significações imaginárias* necessárias para o entrelaçamento dos objetivos políticos, religiosos e educacionais.

Sendo que para que fossem verificadas a assimilação e a aprendizagem desses conteúdos, segundo a maioria dos entrevistados, as irmãs da Escola Paroquial São José, recorriam com frequência às provas, aos trabalhos e às avaliações.

N° 08 - Havia avaliações, faz uma ou duas por mês, assim, vamos ver vamos fazer uma provinha aí. É. Prova, mas agora vamos dar ponto, mas não dava, quando saía muito pessoa ruim, aí falava aquilo lá era só avaliação.

N° 09 - Haviam avaliações com notas.

N° 11 - É, havia as provas. As provas você tinha era parecidas com as de hoje, não é, você ia lá e tinha que responder às perguntas, e as tarefas eram mais ou menos parecidos porque havia os exercícios de matemática, exercícios de português, caligrafia, e você tinha que fazer em casa.

N° 12 - Era..., sabatina que se falava né, era saba, sabatina mensal, (a filha sussurrou algo), tinha a sabatina mensal.

N° 14 - As avaliações eram provas. Não, não era muito difícil, mais também tinha que quando elas marcavam as provas, vamos supor né, matemática ou ciências e história a gente tinha que chegar em casa assim, estudar bastante pra decorar aquelas data, pra não tirar nota baixa também né, não era muito difícil, muito.

N° 15 Eram provas, eram provas dissertativas, perguntas e respostas.

N° 16 Haviam provas

N° 17 Sim, tinham provas né. Elas eram, eu lembro assim que era escrita no quadro fazia uma ,por exemplo de matemática, escrevia as continhas, você copiava e fazia. Era sempre pergunta e resposta, mas sempre em cima da matéria dada, era mais assim, decorado né, naquele tempo algumas coisas pra completar, mas tinha a parte de pergunta, eu acho, pergunta e resposta.

N° 18_ Provas, trabalhos, igual hoje, somente que eram notas, não eram o bom, regular, ótimo, eram notas.

N° 19 – Havia provas

Isso demonstra que as irmãs da IVG na escola paroquial cumpriam com as determinações legais para com a educação através de vários instrumentos de avaliação e verificação de conteúdos.

Todavia, para que se pudesse visualizar a escola paroquial em que estes entrevistados estudaram buscou-se também saber como eram as salas de aula, as carteiras, a quantidade de alunos em sala e os aspectos físicos como iluminação, ventilação e espaço.

Nº 07 - *Lembro era uma sala, veja bem, a minha sala era esquina com avenida Brasil com aquela rua do bosque que é a presidente Vargas né, era uma casa de madeira⁹⁶, uma sala quadrada, a minha sala não tinha mais que 20 alunos em cada sala*

Nº 08 - *Grande, era muito boa iluminação, era arejada, não tinha muitos alunos, era na base de 30, 36, que 35 naquela época não tinha, 36 alunos, tinha 27, 25. A Carteira era normal. As carteiras eram, não é igual essas de hoje, curva assim, ela vinha aqui, as pernas entravam embaixo e você tinha um espaço assim, suficiente pra botar o braço em cima. Individual. Um ou outro lugar tinha dupla né. Em fileiras cada um escolhia o seu lugar, só quando fazia arte que ia lá pra frente né.*

Nº10 - *não lhe foi perguntado*

Nº 11 - *Era salas amplas, bem arejadas, carteiras, as carteiras não eram individuais, eram em dupla; aí tinha o lugarzinho do tinteiro, né, naquela tempo era tinteiro né. Ah, eu gostava, tinha que tomar um cuidado, antes de apagar... (entou a voz). Ah, devia ser por volta de mais ou menos 30 alunos, não era sala muito cheia de, de aluno não, mas uns 30, pelo menos devia ter. Eram duplas.- Enfileiradas.- Enfileirada.*

Nº12 - *Quando eu comecei estudar era no antigo colégio D. Bosco, né, estudei a primeira, segunda e terceira série neste colégio, depois foi inaugurado o colégio novo que é o atual, as salas eram grandes, eram modernas, o colégio era bem moderno, bom, várias salas, era muito bom. É. Sim. Sim, elas vieram para cá em 14, né, aí, já, o, o D. Bosco já tinha.... Se afastado.- São José. Sim. Era dupla, no começo dupla, depois que passou pro colégio São José foi individual. É, Não antes. Ham... (ficou pensativa) (filha presente menciona que quando ela estudou já eram carteira) Eram duplas. Eram carteiras duplas, as meninas e do outro lado os meninos Era mista, sala mista, mas não ficava tudo misturada um com outro, sentando um do lado do outro... Não, não, é da mesma sala, mas vamo supor , duas fileiras de meninas e duas de meninos. na carteira é, é tinteiro, tinha.*

15 *Muito bem. Olha, é muito parecida, como ela é hoje ainda na escola São José, era aquelas janelas antigas, com vidro de madeira, tinha uma parte de fora que agora foi tirada e o piso também, já foi mudado, que era piso de madeira. Sim, havia carteiras. Eu não me lembro bem. Me parece que eram individuais.*

16- *É era iluminada, não era, é era não era muito pequena e nem grande, não era tão grande, o espaço não era tão grande, que eram poucos alunos, não era uma sala muito lotada. Acho uns vinte, vinte cinco mais ou menos não chegava isso ate menos. Carteiras duplas. Como que eu posso te explica? Eram grandes não havia separação, sentavam-se duas pessoas em uma carteira só, umas mesas tabua reclinadas né, os bancos todos eles cadeirinha separadinhas, cadeiras antigas mesmo.*

Nº 17 - *Era uma sala grande com bastante janela, porta, quadro negro bem grande de uma ponta a outra da sala. As carteiras eram de duplas sentavam de dois em dois numa carteira tinha aquela coisa de levanta assim de por o material em baixo. Em fileira. Pois deixa me lembra, eu não me lembro de menino não, não tenho tanta certeza mais eu acho que era só meninas.*

Nº 18 - *Era, é a mesma que há de hoje, mesma coisa, grande. Eram aquelas carteira que, tem um braço assim de lado, tipo de uma mesinha.*

Nº 19 - *Da escola era normal, mais ou menos o padrão que existe ainda hoje em algumas escolas, porque algumas escolas ainda permanecem.*

Essas respostas dos entrevistados apontam que a Escola Paroquial São José era uma escola com excelentes condições físicas e materiais para a época em comparação a outros estabelecimentos de ensino público, até porque esta escola como eles atestaram era particular

Nº 07 Pagava só que eu não me lembro quantos, quem pagava era meu pai. - Não me lembro do valor, mas não era gratuito nunca teve nada gratuito no meu tempo

Nº 08 Pagava. Mas, comparado aos preços de hoje seria bem barato. Minha mãe ficou recebendo pensão do meu pai né, então não tinha muito problema pra ela, e nos trabalhávamos também direto ajudava ela fazer compra tudo. Eu tinha meia bolsa, no valor da escola.

Nº 11- Pagava, que era uma quantia eu desconfio que não era assim tão alta porque eu nunca vi que eles reclamassem do valor da mensalidade.

Nº 12_ Pagava. A gente...; não sei, se na época, não sei se era muito ou pouco, mas eu acho que não era muito não, não. Pro meus pais tava bom, mas tinham outros que reclamavam que achavam que era caro né, que as, que as irmãs, tinha muita gente que falava que as irmãs só cobravam e ensinavam religião._ Tinha gente que falava isso, que não coloca os filhos porque era caro, que só ensinava, só igreja e cobra caro, que só queria o dinheiro, mas não posso dizer..._ Acho que era 5 re., 5 cruzeiros né, 5 mil reis, era mil reis na época , 5, 10, 15, 20, 25 subia 5, 5 mil reis por ano né, primeiro ano era 5, depois no segundo 10, e assim ia.

Nº 13 – A gente pagava uma mensalidade, não lembro o valor (...) haviam alunos com mensalidades reduzidas e também gratuidade total.

Nº 14 - Pagava - Eu acho que era mais ou menos inclusive eles falavam estudem bastante para não perder o ano porque a gente trabalha muito pra pagar escola, porque a escola não é barato, e não queriam que a gente perdesse o ano pra não perder o dinheiro também, mas não era muito barato era mais ou menos.

Nº15- Meus pais pagavam sim.

Nº16- Eu não pagava

Nº17- Sim, pagava. Nunca comentaram na, eu acho que era uma coisa padrão né, dentro das possibilidades.

Nº 18_ Pagava. _É, como hoje mesmo..._ Não, nunca, nunca falou nada, nunca escutei nada dizendo que ah não tenho dinheiro para paga

Nº 19 – Pagava .sim.

Porém é importante ainda salientar que para manter e conquistar novos alunos as irmãs da IVG disponibilizavam de um recurso motivador interessante à psique dos alunos, estimulando e provocando a competição dos “melhores”: as premiações.

Nº 11- Eu não me lembro de medalha nem de diploma para os primeiros colocados de repente né.

Nº 13 - Sim, havia premiação com medalhas e diplomas.

Nº 15 - Havia, havia prêmios sim. Não me lembro que tipo de prêmios que era mais, mas eu acho que era tipo assim de certificados. A eu sempre ganhava porque eu sempre estava entre as primeiras três alunas. Guardei. Todos os diplomas os certificados eu tenho guardado

O que mais contribuiu para as interpretações quanto aos motivos que levaram os pais dos entrevistados a escolherem a Escola Paroquial São José para seus filhos, é explicitado, também na “questão sobre se eles gostavam ou não de estudar com as irmãs”.

Na escolha sobre o porquê da Escola da IVG, pode-se verificar também a relação aluno/professor, ou melhor, aluno e irmã religiosa segundo os entrevistados, todos gostavam de estudar com as irmãs da IVG, como se pode constatar:

Nº 11 - Eu gostava, muito. Muito. (...) eu ia lá pra estudar pra aprender, e elas tinham muitas novidades sempre tinham alguma coisa bonita pra mostrar pra ensinar né. Ah, eu lembro, por exemplo, essa irmã Gertrudes, ela ensinava fazer umas caixinhas de jóias assim, e elas faziam flores com escamas de peixes né, eu nunca esqueci daquilo, umas flores maravilhosas que ficava aquilo, sei lá que tratamento ela dava, mas ficava aquela escama de peixe que ela pintava aí ela formava aquela flor sabe, aí ela colocava em cima das caixinhas de vidro que a gente fazia com babadinhos de cetim era uma coisa linda! (risos alegres).

Nº 19 - Ah! Elas eram sempre muito queridinhas com a gente, tinha um carinho muito especial, com o tratamento que elas dedicavam aos alunos, não elas eram muito queridinhas mesmo.

Tal como ocorreu em 1823, na Bélgica, quanto às pessoas abastadas começarem a considerar a Spinhuis um ensino bom, assim também ocorreu na região de fronteira, pois, na fala das entrevistadas quando questionadas sobre o porquê estudarem na escola da IVG, as respostas demonstram orgulho e satisfação por terem estudado com as Irmãs da IVG, os motivos são: a qualidade de ensino, e a questão do ensinamento de religião, como enfatiza a entrevistada nº18, para quem a escola era considerada a melhor,

Porque ali você recebia uma orientação religiosa, uma orientação familiar, como também a orientação a respeito aos seres” e outra ainda afirma que “Ah, meus pais queria me dar a melhor educação possível. Então, eles achavam que só as freiras poderiam dar essa educação. Eles não acreditavam em escola pública infelizmente como hoje, pra eles tinha que ser escola particular e escola religiosa, porque eles achavam que eu deveria ser criada dentro de um caminho de religião, de fé era a idéia deles.

O que se constata, a partir desses discursos, são os objetivos da IVG na região de fronteira: ensinar a educação dos “melhores”, mas também cumprir com seu papel social de ensinar a doutrina religiosa cristã, tal como se iniciou, em 1896 em Olinda-Pernambuco, às crianças da fronteira, terra considerada “terra de ninguém”, como apontou Melo e Silva (2002) e Torrecilha (2004, p. 94).

Assim, pais almejando sucesso, elevação social, qualidade de ensino, e profissão de *status*, colocavam seus filhos para estudarem com as Irmãs da IVG em Ponta Porã e região, pois consideravam que a escola ensinava além dos conteúdos necessários, a formação acadêmica e também a doutrina católica, como enfatiza o entrevistado nº 07.

Nº 07-(...) é minha minha mãe era muito católica, meu pai católico, então a minha mãe na época era filha de Maria da Igreja São José⁹⁷, e por esse motivo eles me colocaram na escola e eu além de ser coroinha nada mais eu não poderia ir para outra escola e seguia o o conselho deles né.

Essa resposta é reforçada pela resposta da entrevistada nº 11, a qual revela o interesse dos pais, pela escola, já que ela ensinava princípios necessários, na época.

Nº 11- Porque ali você recebia uma orientação religiosa, uma orientação familiar, como também a orientação a respeito aos seres.

E, ficou claro, que os pais desejavam aos filhos e filhas a melhor educação, ainda que tivessem que pagar mais caro por isso.

Nº 19- Há, meus pais queria me dar a melhor educação possível. Então, eles achavam que só as freiras poderiam dar essa educação. Eles não acreditavam em escola pública infelizmente como hoje, pra eles tinha que ser escola particular e escola religiosa, porque eles achavam que eu deveria ser criada dentro de um caminho de religião, de fé era a idéia deles.

Várias são as informações prestadas, revelando o status dessa educação perante a sociedade como atesta a entrevistada nº 18.

97Foto de Filhas de Maria acervo de uma ex-aluna e mãe de ex-aluna da Escola Paroquial São José (entrevistada nº 12)

Porque meu pai e minha mãe são religiosos, são católicos e era um lugar adequado para criar uma criança em níveis sociais que nós precisávamos ser criado, pela orientação que tinha lá dentro.

Segundo os entrevistados a fama da escola era inquestionável na região, o ensino era muito bom e os ensinamentos religiosos eram imprescindíveis à formação dos homens e das mulheres aos seus estudos, como se pode verificar nos discursos dos entrevistados.

Nº11 – (...) ocorria que a fama das irmãs era muito boa, que elas eram excelentes educadoras davam uma formação especial e correspondia a verdade, então os pais sempre querem oferecer aos filhos o melhor. (...) - A melhor formação, exatamente .

Nº 12- Há, porque, acho que era novidade e todo mundo falava que era bom né, e já tinha estudado um ano no grupo, com seis anos no Mendes quando fui pro primeiro ano, repeti o primeiro ano pra começar desde o começo com as freiras né, em 44.

Nº 07 - É justamente é minha minha mãe é muito católica, meu pai católico, então a minha mãe na época era filha de Maria da Igreja São José , e por esse motivo eles me colocaram na escola e eu além de ser coroinha nada mais eu não poderia ir para outra escola e seguia o o conselho deles né.

Nº 08 - Porque das circunstancia né, essa escola das freiras aqui era muito boa, especial. Então, minha mãe falou, vamos fazer o sacrifício de estudar lá, depois de um tempo eu consegui meia bolsa, então de vez em quando eu ia ajudar a limpar a sala e coisa e tal, foi passando né (...) Era ótimo, porque naquele tempo, não tinha muita a presença de paraguaios na escola particular, a presença de paraguaios, era só na escola pública, do grupo escolar Mendes Gonçalves.

Nº 09 – Primeiro, é, era muito fraca, não se compara, não tinha termo de qualificação, um exemplo a qualidade da escola das freira na época, era única, e a escola publica que tínhamos era o grupo escolar, e a turma falava assim, de diversão, eu me lembro muito bem, turma falava é a turma do cuspi, e a nossa era era, porque era muito fraca, ali não tinha, e nem depois quando eu fui fazer ginásio não tinha energia elétrica, e a dos padres já tinha motor se falta luz na rua tinha motor próprio, tinha gerador de energia então a a as aulas eram que eu estava te falando que a gente aprendia os trabalhos manuais lá era como o que a gente aprendia na faculdades de artes visuais

Nº 10 - Non estudei com as irmãs no Brasil. Eu qui colocar as meninas porque falavam muito das irmãs, mas tinha quem podia pagar levava as filhas lá no Campo Grande, e u gostava de que estudem assim aqui elas, as três filhas mulheres minha estudaram no colégio das irmã, e um menino.- Mas eu preferi as freiras, porque as freiras nesse tempo ensinava a bordar a fazer trabalhos, enton eu gostava disso, non. Coloquei na escola das irmã porque era religioso.

Nº 13 - (...), a melhor e mais procurada era a Escola Paroquial São José.

Nº 18 - Porque meu pai e minha mãe são religiosos, são católicos e era um lugar adequado para criar uma criança em níveis sociais que nós precisávamos ser criados. Pela orientação que tinha lá dentro⁹⁸.

Nº 14 - _ Por que a gente freqüentava muito a igreja né, a São José. A Igreja São José que a gente ia todos os domingos à missa; aí então a gente falou pro meu pai que a gente queria estudar nessa escola, que era do lado da igreja, e a gente achou melhor estudar aí, aí meu pai colocou a gente nessa escola. Inclusive ele era taxista naquela época e ele levava e trazia a gente na escola todo o dia, de manhã cedo ele preparava nosso lanche, ele mesmo e já levava a gente e deixava na escola, na volta que ele vinha pra almoçar ele trazia a gente pra casa de carro. (...) Para meu pai, essa escola era muito boa, que naquela época que a gente tava era uma das melhores, era a Escola São José, não falando da outra escola que não era boa né mais meu pai gostava dessa escola aí por isso que ele coloco todos nós nessa escola, e nós também gostava muito dessa escola.

Nº 15 - Há meus pais queria me dar a melhor educação possível. Então eles achavam que só as freiras poderiam dar essa educação. Eles não acreditavam em escola pública infelizmente como hoje, pra eles tinha que ser escola particular e escola religiosa, por que eles achavam que eu deveria ser criada dentro de um caminho de religião, de fé era a idéia deles.

Nº 16 - Por opção da minha vó, pela formação religiosa mesmo, da minha vó, que optou em me por numa escola religiosa.

Nº 17 - Eu acho que os pais da gente achavam a melhor pra educação, tinha acompanhamento religioso, eu acho que era por isso.

Nº 19 - Falava-se que a Escola São Jose , na época era a melhor escola, e as educação religiosa na época, os pais preferia aquela escola que tinha uma mais, que era acentuada a religião né, então os pais da gente sempre gostava, preferiam que a gente tivesse essa educação religiosa mais acentuada .

Essas considerações dadas como respostas pontuam a relação entre a missão educativa da IVG e a formação de uma elite socioeconômica e política aos entrevistados, avigorar as preocupações dos pais em colocarem os filhos numa educação que pudesse ser considerada a melhor, por sua formação religiosa e, pela idéia de fé que era transmitida aos educados e por um acompanhamento religioso, que como disse a entrevistada nº 06, fazia da Escola da IVG, em Ponta Porã, “um lugar adequado para criar uma criança em níveis sociais que nós precisávamos ser criados, pela orientação que tinha lá dentro”, reforçando a educação elitizada que se propunha a uma camada social em ascensão na região de fronteira. Para os pais essa formação religiosa teria uma magma de significações na psique que se fazia presente no comportamento obediente dos filhos aos pais.

Há de reforçar também que a Escola pública existente na cidade era mantida pela Companhia Mate Laranjeira e esta por sua vez, sofria inúmeras e duras acusações contra a falta de contribuição ao desenvolvimento econômico nacional da região.

Das quais as mais importantes são: a) o fato de ser estrangeira, especialmente de paraguaios e argentinos, a maioria dos empregados e operários; b) concorrer para a devastação dos ervais; c) retardar o

povoamento da zona com o monopólio do arrendamento das terras; d) serem estrangeiros muitos diretores; e) canalizar para a Argentina grande parte das rendas resultantes da produção, sobretudo deixando de beneficiar a erva no Brasil, e vendendo-a como matéria-prima para ser industrializada nos moinhos estrangeiros. (MELO E SILVA, 2002, p. 174).

Considerando tais acusações, pode-se entender o porquê era necessário nacionalizar a fronteira como o autor, Melo e Silva (2002) afirmou, justificando a presença da IVG como força de significações imaginárias à identidade da fronteira brasileira.

Lembrando, que era necessário o domínio da autonomia desses homens e dessas lideranças, que por sua vez só seria possível num estado de heteronomia, que, segundo Tauro (2006) é qualificada por Castoriadis como o estado em que o indivíduo é dominado pelo inconsciente e suas pulsões.

Assim, a IVG, através da educação e da catequização logo possibilitaria o domínio da “consciência” autônoma para a “consciência” de nacionalidade, através da inculcação simbólica no imaginário social, que “é, também condição de todo pensamento, do mais simples ao mais complexo” Chaves (1994, p. 66).

Segundo Chaves (1994), as “coisas e mundo são, enfim, instituições sociais - históricas e, sob este prisma criações do imaginário social”.

Chaves (1994) ainda aponta que as teorias da educação que ratificam esse pensamento são as teorias de reprodução que esquecem que a estrutura estruturante, por desconhecem, na maioria das vezes, o poder de produção simbólica em que se constituem as linguagens e representações por meio das quais, a sociedade se faz. Esse poder pode estar em qualquer instituição social,

Até mesmo a religião que se apresenta de imediato como um sistema “fechado” e “autônomo” não o é totalmente e a compreensão de suas práticas e discursos encontra-se referida às lutas dos grupos e agentes religiosos. Nestas lutas atuam interesses materiais e simbólicos das diferentes empresas de bens de salvação. (CHAVES 1994, p. 67).

Esse argumento de Chaves (1994) corrobora para entender que a IVG enquanto instituição religiosa, apesar do discurso de educação para os pobres e para a autonomia, o que realmente fez foi um magma de significação que aguçou a ambição dos filhos da classe de elite, como pecuaristas, comerciantes e profissionais liberais, militares e funcionários públicos, que na época era “status quo”, mas ao mesmo

tempo, reprimiu a criatividade e os anseios da classe baixa. Vale destacar ainda que o entrelaçamento de relações entre o Estado, a Igreja e a Educação, a partir da IVG na região de fronteira é compreendido como a origem da existência e da instituição da sociedade, que sempre foi definida na e pelas crenças religiosas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A região pesquisada foi constituída por um fluxo de muitas *significações imaginárias* de imigrantes e emigrantes, e pela “estrangeirada” população que vivia na fronteira, em função da Companhia Mate Laranjeira. Essas diversidades populacionais fizeram emergir a necessidade de um *magma* que coletivamente presentificasse a nacionalidade brasileira, assim a religiosidade cristã católica, considerada um elemento nacional, permitindo a instituição dessa identidade nacional à fronteira, uma vez que esta era considerada “*terra de ninguém*”.

A chegada dos familiares dos entrevistados à região fronteira foi motivada pela política expansionista com a Marcha para Oeste, de Getúlio Vargas, com a emigração para a região em função das Revoluções ocorridas no Brasil, no início do século XX, o que trouxe para a fronteira muitos divergentes ideológicos, fugitivos das perseguições, políticas e militares; e ainda, a política nacional brasileira que beneficiava, assim, a imigração dos estrangeiros ao país; fatores esses que muito contribuíram para a colonização da região, a que necessitava de ser nacionalizada.

A partir desse contexto colonizador na fronteira, é possível começar a compreender as instituições religiosas, enquanto instituições sociais, como objeto de elucidação social - histórico, neste caso a IVG pesquisada; não só para entendimento da educação fronteira no Mato Grosso do Sul, mas também para a Educação de outras regiões e de outros países, pois a Instituição Vicentina de Gijzegem esteve entrelaçada, desde o final do século XIX, *na e à instituição da sociedade*, e foi assim, como um elemento instituinte e instituído, como *magma de significações imaginárias*, que ela contribuiu para o ideário de nação, através da religiosidade católica.

Por isso, partiu-se para um entendimento da Educação como uma *teia*, que instituiu a sociedade fronteira, por meio das atividades educativas, ora com leigos, ora com religiosos, e é nesses últimos que encontramos as Irmãs da Instituição Religiosa Feminina, Irmãs de São Vicente de Paulo “*Servas dos Pobres*” de Gijzegem.

O Brasil, como é de conhecimento, sofreu no século XIX uma fase embrionária no seu desenvolvimento econômico, social e político, mas, só com a utilização da Educação como meio para difusão de seus ideais patrióticos foi possível

incentivar o desenvolvimento em meados do século XX, em todo o país, inclusive na região de fronteira, como apontou Melo e Silva (2002). Era necessário colonizar a região para torna - lá uma civilidade brasileira, um elemento de progresso e desenvolvimento; a região precisava de gêneros de primeira necessidade e de um desenvolvimento econômico, político e social.

Pois, como nos afirma Hobsbawm (1982, p. 62), a exemplo da Europa, o desenvolvimento ocorre com a Educação. Para ele, os primeiros a pensar educação e desenvolvimento foram a Inglaterra e a Bélgica, que precisaram investir em educação para que viessem a se tornarem uma economia forte e de desenvolvimento. Ele enfatiza dizendo que (...) *era quase impossível que um país onde faltasse educação de massa e instituições de educação avançada viesse a se tornar uma economia “moderna”*, pois para ele, o valor prático de uma boa educação primária para uma tecnologia científica, econômica e militar é evidente.

Dessa maneira, a força da Educação da IVG, no processo de desenvolvimento da região de fronteira com a educação e a formação por ela ministrada, permitiria a possibilidade de trabalho e renda futura para os alunos, como alguns entrevistados afirmaram, pois elas ensinavam atividades que poderiam desenvolver e ter lucros financeiros, como tecelagem, costura e outras.

As Irmãs da IVG disseminaram, de certa maneira, uma ascensão social implícita ao papel feminino profissional, a exemplo, têm-se muitas professoras ex-alunas, e muitas profissionais liberais, ocupando diversos papéis sociais, políticos e culturais na fronteira, no Mato Grosso do Sul e no Brasil.

As irmãs trabalharam a consciência com *significações imaginárias*, frente aos interesses da Igreja, da Educação vigente e do Estado, durante o tempo em que elas estiveram no ensino na região de fronteira, mas também nas demais sociedades em que estavam inseridas no MS e no país. Assim elas contribuíram na instituição da sociedade sul mato-grossense, confirmando o pensamento de Castoriadis, quanto à idéia de que a religião é o elemento instituinte das sociedades.

Vale destacar, que a autonomia nessas instituições sociais é suprimida pela presentificação do ser superior, que ao mesmo tempo permite à criação humana fazer e refazer num modo instituinte o passado, o presente e o futuro, que se entrelaçam na política, na educação e na religião sob um *magma de significações*, que tende a instituir uma sociedade heterônoma, sob um simulacro de autonomia.

Assim, nessa linha de compreensão percebe-se que no Brasil a autonomia, sempre esteve ligada a outros, e à criação de outros; no início, pelos portugueses; depois, pelos jesuítas, e por outros; e na fronteira com a educação da IVG, que se instituiu num *magma de significações imaginárias*, uma sociedade fronteira ora para o Estado, ora para a Religião.

Assim, entende-se que a religiosidade aguçada das mulheres fronteiriças é a (re) apresentação da formação recebida por religiosas até meados da década de 80 do século XX, o que aponta para um fenômeno de total subjugação da autonomia individual e criativa, uma vez que o ser divino está presente para justificar ações e submissões, ainda no século XXI, refletindo uma sociedade conformada com seu *modus vivendi*.

A educação da IVG na fronteira, de certo modo, cumpriu com o papel na autonomia individual e coletiva, pois aqueles que receberam sua instrução sobressaíram na posição social, que muitos ocupavam por serem filhos de pessoas de “bem”, com dinheiro e posses, mesmo que essa educação recebida tenha sido religiosa com intenções ora nacionalista para o Estado e pelo Estado e ora para religiosidade da Igreja católica. Muitos que com elas estudaram, destacaram-se com *status social*, ocupando diversas funções nos campos político, econômico e cultural; pois, a formação era para a elite.

A educação na IVG era para que os alunos fossem os “melhores” e que fossem obedientes à lei, à disciplina da Família, da Igreja e do Estado. Na fala das irmãs, essa intenção de educar “os melhores” é explicitada quando a entrevistada nº. 03, em especial, afirma que a educação que elas transmitem é para que o cidadão seja um jardineiro, que cuida das suas plantas, faz as mudas e as transplanta a outros jardins; com essa analogia ela compara o cidadão ao jardineiro, cujo dever é o de cuidar da família, da pátria. Esse ato é semelhante ao trabalho de se fazerem mudas de seu jardim para outros jardins; pois o ensino delas enfatiza o papel social do ser na família e na sociedade. Além de assegurar que aquele que for bom pai, será também bom cidadão.

As Irmãs recorriam às Fábulas como elemento didático, que segundo Feracine (2007), tem o mesmo recurso da parábola, da imagem, pois apela para as atitudes das aves e dos animais em geral, tal como Cristo, que utilizava a parábola para falar com o povo, mediante exemplos extraídos da vida diária para elucidar as verdades do seu ensinamento divino.

É possível considerar que as irmãs da IVG difundiram os ideais gregos da Areté na região de fronteira, uma vez que os entrevistados todos enfatizaram que era a melhor educação; o que leva ao princípio da formação dos aristós, modelo de educação grega, assimilado e difundido por vários teóricos, que influíram nas teorias educacionais desde a antiguidade, até os nossos dias, e, dessa maneira, espalhou-se no Brasil, também através da contribuição da IVG na instituição da sociedade, já que esse tipo de educação é a busca do agathós, o “BEM”.

As irmãs da IVG assim cumpririam com o princípio do Estado e da Religião, cujo objetivo era incutir a consciência moral para que o indivíduo fosse um cidadão segundo o modelo esperado e acomodasse a autonomia individual que pudesse aflorar em função da psique, força criadora. Desse modo, os homens perpetuam as heteronímias e, a IVG, como instituição social, assume o papel nessa formação de identidades alienadas à (re) representação do poder atribuído à força exterior e superior à humanidade, em que a religião cumpre essa função a que se destinou desde a sua criação social, no *imaginário individual e coletivo*: mascarar o caos em que consiste a própria sociedade, em especial, na fronteira entre 1940 -1980, pois há de se levar em conta que essa região, na época, vivia uma situação caótica como nos apontou os historiadores pesquisados como Melo e Silva (2002), Rosa (1962), Corrêa (2005), Torrecilha (2004) e outros.

Era emergente uma organização completa de nacionalização da faixa de fronteira como referenciou Melo e Silva (2002) e a necessidade de povoar, para isso era necessário o elemento *magma* dessa nacionalização, a religião e, portanto, a educação, para que se pudesse dar significação às pessoas naquela região, pois estas se encontravam, como diz, na Fronteira, o que naquela época significava “*uma terra de ninguém*”, onde imperava o calibre 32, o banditismo, e a crise agrícola com a crise ervateira, além dos conflitos entre a Cia Mate Laranjeira e os muitos emigrantes revolucionários do sul e do sudeste do país. Como se pode constatar nas falas dos entrevistados, filhos de pais fugitivos políticos. Assim, a IVG sob uma concepção cristã, patriótica, tradicional, mas baseada no idealismo, via na educação, uma maneira de acalmar o caos para a Educação, para o Estado e para a Religião.

Parece que as irmãs da IVG (re) apresentaram, através da Educação, a imagem de perfeição de DEUS, tal como faziam Platão, Agostinho, Descartes, Kant e Comenius, pois elas acreditavam e difundiam que o homem para ser melhor deveria se igualar a *Deus, Ser Divino e Superior*, fato que pode ser verificado no

discurso das entrevistadas, membros da IVG, *sob “homem de bem”, “cidadão de bem”, “um bom político”, “um bom pai”, “um bom profissional”, etc.* E, que essa pessoa pudesse propagar essa excelência na sociedade.

Assim, é possível que essa educação tradicional burguesa, aristocrática, seja a responsável por este povo fronteiriço disciplinado nos moldes religiosos, que ainda pede a bênção de mãos - justapostas como reverência as pessoas mais velhas (idosas) como se estas fossem a representação do divino, tornando-se submisso ao poder que o outro representa.

Talvez, essa educação que se faz presente na religiosidade exacerbada da mulher fronteiriça esteja se refletindo nos jovens fronteiriços, pois suas mães os educam para a obediência, disciplina e para a ordem. Motivo que os leva a não se organizarem em benefício de reivindicações, tal como suas mães religiosas.

Percebe-se que os jovens, a senhoras, enfim o povo fronteiriço pouco utiliza sua autonomia, e sua criatividade coletiva e ou individual. Sempre ficam à espera de outrem. Nas reivindicações, eles são apáticos à política transformadora e autônoma, reflexo da educação de seus pais.

Dessa maneira os relatos dos entrevistados permitiram o registro da história da contribuição das irmãs da IVG na fronteira de uma elite socioeconômica e política através das atividades educacionais na região entre 1940 a 1980 quando se afastaram das escolas em que atuavam e dirigiam.

A contribuição da Instituição Religiosa Vicentina de Gijzegem pode ser percebida na história da instituição da sociedade fronteiriça que se reflete na História da Educação Brasileira. Elas contribuíram para o processo educacional brasileiro, nos moldes das concepções do Estado Novo, sob um ideário religioso, católico, tradicional e patriótico, em que o entrelaçamento da Igreja, do Estado e da Educação é visível, nas falas dos entrevistados; e ainda, implicitamente, no *magma de significações imaginárias* da sociedade, num período de perda da *autonomia individual e coletiva*, em função do militarismo brasileiro. Pois, com certeza, a IVG, contribuiu para com o Estado, na construção da instituição do sentimento de pertencimento, de "pátria minha", através dos valores patrióticos trabalhados na educação através das famosas fábulas.

Vale destacar ainda que a presença da religiosidade católica na fronteira é expressada na figura das mulheres em suas ações e ensinamentos sociais, que reflete a formação de um sentimento de pertença ao catolicismo, e segundo foi dito pela

coordenadora provincial da IVG, na Província Centro Oeste, com sede em Campo Grande, esse sentimento é um trabalho, fruto não só da evangelização, mas também da catequização e da educação formal, carisma próprio da IVG, patente nas falas dos ex-alunos já que eles, como a maioria da população fronteiriça, foram catequizados pelas irmãs da IVG e perpetuados em gerações posteriores através dos ensinamentos tanto educativos quanto religiosos.

E, foram essas mulheres religiosas, que possibilitaram instituir na posteridade um social-histórico com *magma de significações imaginárias*, na sociedade da fronteira, um amanhã, que análogo à epigrafe de Melo Neto (2004), instituiu e ainda institui a educação na região.

Espera-se então, que este trabalho de pesquisa sirva como subsídio para outros dentro dessa temática e que seu conteúdo contribua de registro para a História da Educação Regional, em especial, permitindo também compreender como a história da educação de ontem, interfere na realidade atual e, conseqüentemente na História da Educação Brasileira.

Educadores e vários profissionais apanharam esse grito, deixado e instituído por meio da teia das fiandeiras, como é conhecida a IVG, entrelaçado à História Educacional, e ele ainda hoje ecoa na sociedade fronteiriça sul matogrossense, enquanto criação humana intencional na educação e na formação desse povo, cujo *imaginário coletivo*, deixa aflorar a religiosidade católica nas mulheres e descendentes na sociedade.

A educação na fronteira transmitida pelas religiosas tem revelado sua contribuição social histórica para o conhecimento da identidade do ser fronteiriço, homem ou mulher, uma vez que reflete, por meio de uma elite pioneira, sócio-econômica e política, a característica de uma educação voltada à excelência com o entrelaçamento entre Estado, Igreja e Educação; que propiciou a permanência de uma camada social, a qual ocupando cargos públicos, na área educacional, na representatividade política, na saúde ou nos demais setores da sociedade sul matogrossense, tem disseminado o *magma de significações imaginárias*, deixado pelos ensinamentos da IVG, no social-histórico da Educação regional e na História da Educação Brasileira.

REFERÊNCIAS

- ALVES, G. L. A produção da escola pública contemporânea. Campo Grande: UFMS, 2004.
- ANDERSON, B. Nação e consciência nacional. São Paulo: Ática, 1989.
- ARANHA, M. L. de A e MARTINS, M.H.P. Filosofando. Introdução a Filosofia. 3ª ed. revista São Paulo: Moderna, 2003.
- ARANHA, M. L. de A. História da Educação. 2 ed.rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.
- ARAÚJO, C. B. Z. M. de. O Ensino de Didática na década de trinta, no Sul de Mato Grosso: Ordem e Controle?. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 1997.
- ARAÚJO, J.C. S. Igreja católica no Brasil: um estudo de mentalidade ideológica. São Paulo. Ed. Paulinas, 1986.
- BARROS, G. N. M. de. Areté e Cultura Grega Antiga - Pontos E Contrapontos. (s/d) <http://www.hottopos.com/videtur16/index.htm>. Acessado em 18 /07/2007.
- BAÍÁ HORTA, J. S. O hino, o sermão e a ordem do dia: a educação no Brasil (1930 - 1945) Rio de Janeiro: UFRJ, 1994.
- BELA VISTA, Caderno Pastoral. Paróquia Santo Afonso Maria de Ligório. Diocese de Jardim – Regional Oeste I – CNBB. Bela Vista, 2005. (encadernação em espiral).
- BELA VISTA, Congregação Irmãs Vicentinas de Gijzegem (documentos das irmãs e da congregação).
- BELA VISTA, Escola Paroquial Santo Afonso (documento escolar Livro Matrícula e Frequência dos alunos e outros 1940 - 1980).
- BENEDICT, A. Nação e Consciência Nacional. São Paulo: Ática, 1989.
- BENCOSTTA, M. L. A. Cultura escolar e história eclesiástica: reflexões sobre a ação romanizadora pedagógica na formação de sacerdotes católicos e o Seminário Diocesano de Santa Maria (1915-1919). *Cad. CEDES*, nov. 2000, vol.20, nº. 52, p.88-103. ISSN 0101-3262. Acessado em 03/04/2006.
- BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 4.024 de 20 de dezembro de 1961.
- BRASIL, Ministério de Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº. 5692 de 11 de agosto de 1971.
- BRITCHAM [1916 - 2006]. A contribuição Belga no Brasil. 2006. <http://www.britcham.com.br>

- BRITO, S. H. A. de. Educação e sociedade na Fronteira Oeste do Brasil: Corumbá (1930 – 1954) Campinas, SP: UNICAMP, 2001. Tese (doutorado em educação) Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação. 2001.
- BUENO, L. M. S. A. As cores do nacionalismo e a diversidade: educação e artes no período modernista. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 2001.
- CÁCERES, F. Evolução do Cristianismo no Império Romano – Civilização Romana in História Geral. 3.ed. ver. e ampl. São Paulo Moderna, 1993.
- CARNEIRO JR, Renato. A Igreja Católica e a Modernidade. Tuiuti: Ciência e Cultura, n°. 11/out. 1999: 71-79 p. Universidade Tuiuti do Paraná, 1999.
- CARNOY, M. Estado e teoria política. (Trad. Equipe de Tradutores do Instituto de Letras da Puccamp) 3. Ed.Campinas, SP: Papyrus, 1990.
- CASTORIADIS, C. Sobre O Político de Platão. Trad. Luciana Moreira Pudenzi. São Paulo: Loyola, 2004.
- _____. Figuras do Pensável: As Encruzilhadas no labirinto 6. [EL6] Trad, Eliana Aguiar. Rio de Janeiro : Civização Brasileira, 2004.
- _____. Feito e a ser feito: as encruzilhadas no labirinto 5. [EL5] Trad. Lílian do Valle. Rio de Janeiro: DP&A, 1999.
- _____. A Ascensão da insignificância: As Encruzilhadas do Labirinto 4. [EL4] Trad. Carlos Correia de Oliveira. Lisboa: Bizâncio, 1998.
- _____. As Encruzilhadas do Labirinto 3: O mundo fragmentado. [EL3] Trad. Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.
- _____. Instituição da sociedade e religião. In As encruzilhadas do labirinto II. [EL2] Trad. José Oscar de Almeida Marques. Rio de Janeiro Paz e Terra, 1987.
- _____. As Encruzilhadas do Labirinto 1. [EL1] Trad. Carmen Sylvia Guedes & Rosa Maria Boaventura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- _____. Os Destinos do Totalitarismo & Outros Escritos. Trad. Zilá Bernd e Élvio Funck. Porto Alegre: L & PM, 1985.
- _____. A instituição imaginária da sociedade. [IIS] (Trad. Guy Reynaud); Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- CAMPO GRANDE, Congregação Irmãs Vicentinas de Gijzegem (documentos das irmãs e da congregação).
- CAVALCANTI, Dom Joaquim Arcoverde de Albuquerque (1894-1897).
http://www.arquidiocese-sp.org.br/cpub/pt/Historia/Historia_2a_fase.php; acessado em 12/12/2006.

CINQUENTENÁRIO: Os Redentoristas – Vice Província de Campo Grande (1930-1980). Livro Comemorativo do ano Jubilar. S/d (acervo da Biblioteca Redentorista “São Clemente”). Campo Grande: 1980.

CINQUENTENÁRIO da Instalação no Brasil da Congregação das Irmãs de São Vicente de Paulo de GYSEGEM – Bélgica (1896-1946). São Paulo: 1946.

CHAUI, M. Brasil: Mito Fundador e a Sociedade Autoritária. 1ª Edição. Fundação Perseu Abramo. São Paulo: 2000.

CHAVES, L. F. O Imaginário Social e a Educação (1ª parte). Caderno de Filosofia e Ciências Humanas – Ano II – Nº. 2 – Abril/94.

_____. O Imaginário Social e a Educação (2ª parte). Caderno de Filosofia e Ciências Humanas – Ano II – Nº. 3 – Outubro/94.

CHIZZOTTI, A. A constituinte de 1823 e a Educação. In: FAVERO, O. (org.) A educação nas Constituintes brasileiras 1823-1998. 3ª edição. Campinas, SP: Autores Associados, 2005. (coleção memória da educação).

COTRIM, G. História Geral. Volume único. 1ª Edição. 1ª Tiragem. Saraiva, São Paulo: 2002.

CORREA, R. L. T. O livro escolar como fonte de pesquisa em História da Educação. Cad. CEDES, nov.2000, vol.20, nº. 52, p.11-23. ISSN 01101 - 3262.

CORRÊA, V.B. Fronteira Oeste. 2ª edição. Campo Grande: UNIDERP, 2005.

CURY, C. R. J. Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo. São Paulo: Autores Associados, 1987.

DAMIS, O. T. Didática e Sociedade: o conteúdo implícito do ato de ensinar. In: VEIGA, I. P. A. (org.). 7ª Edição. Campinas, São Paulo: Papirus, 2003.

DESCARTES, R. O Discurso do Método. Tradução Ciro Mioranza. Escala, São Paulo. (s/d). (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal – 10).(s/d)

DEMPSEY, P. J. R. Freud, Psicanálise e Catolicismo. Tradução. Padre José Derntel. Paulinas. São Paulo: 1966. (“PSYCHOLOGICA” Coleção de Psicologia e Pedagogia – Série Maior).

DIÉGUES JR, M. Etnias e culturas no Brasil. Rio de Janeiro, Biblioteca do Exército: 1980.

ELISABETH-REVISTA, 01 a 11 (1958 a 1960). Boletim das Irmãs de São Vicente de Paulo - Província Brasileira. Praça Nossa Senhora da Penha, São Paulo (Publicação Trimestral). Encadernação da Congregação. 1958 - 1960.

ENGELS, F. A origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado, 1884. Tradução Ciro Mioranza. Editora Escala. São Paulo: 2005 (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal-2).

FAORO, R. Os donos do poder: formação do patronato político brasileiro. 9 edição. São Paulo: Globo, 1993.

FÁVERO, O. (org.) A educação nas Constituintes brasileiras (1823 – 1988) Campinas: autores associados, 1996.

FEDATTO, N. A. da S. F. Educação/Cultura/Fronteira: um estudo do processo educativo-cultural na fronteira Brasil-Paraguai. São Paulo: 1995. Tese (Doutorado em Educação) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1995.

FEDRO, T.L. Fábulas. Texto Integral. Tradução FERACINE, L. 1ª Edição. São Paulo: Escala, 2007.

FERNANDES, F. Antecedentes indígenas: organização geral das tribos tupis. In. COTRIM, G. Educação para uma escola democrática. História e Filosofia da Educação. 4ª edição. São Paulo: Saraiva, 2002. (p.86).

FERNANDES, M. D. E. Políticas públicas de educação: a gestão democrática na rede estadual de ensino em Mato Grosso do Sul (1991 a 1994). Campo Grande, MS: Dissertação de Mestrado em Educação, UFMS/CCHS, 1996,

FERREIRA, A.B.de H. Mini - Aurélio. Século XXI Escolar: O Mini-dicionário de língua portuguesa. 4. ed.rev.ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

GAARDE, J. et.all. O Livro das Religiões. Tradução Isa Mara Lando; Revisão técnica e apêndice. Antonio Flávio Pierucci. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

GALETTI, L. da S. G. Nos confins da civilização: sertão, fronteira e identidade nas representações sobre Mato Grosso. São Paulo, 2000. Tese (doutorado em história) – Faculdade de Filosofia Letras E Ciências Humanas, Universidade de São Paulo.

GHIRALDELLI, JR, P. História da Educação. São Paulo: Cortez, 2001.

GIANNOTTI, J. A. Marx, vida & obra. Porto Alegre: L&PM, 2001. (Coleção L&PM Pocket Filosofia, vol. 245).

GOIRIS, F. A. J. Descubriendo la frontera: história, sociedad y política en Pedro Juan Caballero. Paraguay Inpag: 1999.

GOMES, A. M. de.[et.al.].O Brasil republicano, v.3: Sociedade e política (1930-1964). 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (História geral da civilização brasileira; t.3; v.3).

GRAHAM, R. Construindo Uma Nação No Brasil Do Século XIX. Visões Novas E Antigas Sobre Classe, Cultura E Estado* Traduzido do artigo em inglês “Constructing a Nation in Nineteenth-Century Brazil: Old and New Views on Class, Culture, and the State,” *The Journal of the Historical Society*, v. 1, no. 2-3, p. 17-56, 2001. Acessado em 16/03/2006

Haidar, M. de L. M. e Tanuri, L.M. A educação Básica no Brasil: dos primórdios até a primeira Lei de Diretrizes e bases. 59 -101 p. in. MENESES, J.G.de

C. Estrutura e Funcionamento da Educação Básica. 3ª reimpressão da 2ª ed. Atual de 1999. São Paulo: Pioneira Thomson Learnig, 2002.

HALL, S. A Identidade Cultural na pós-modernidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva e Guaciara Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

HANS, J.K. et.al. Consciência Social. A história de um processo através da doutrina Social da Igreja. In KÖNIG. et all. Consciência Social. A história de um processo através da Doutrina Social da Igreja. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

HILSDORF, M. L. S. História da Educação Brasileira: Leituras. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2003.

HOBBSAWM, E. A Era das Revoluções: Europa 1789 – 1848. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira E Marcos Penchel. 13ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

_____. Nações e nacionalismos desde 1870: Programa, mito e realidade. Tradução. Maria Célia Paolo e Anna Maria Quirino. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.

_____. A Era do Capital 1848 – 1875. Tradução de Luciano Costa Neto. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

HOBBSAWM, E. e RANGER, T. A invenção das tradições. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1984.

HOORNAERT, E. (org.). História Geral d a Igreja na América Latina. História da Igreja no Brasil. Tomo II/2 Petrópolis: Vozes, 1980.

HÜRTEN, H. A doutrina Social da Igreja na práxis política 1850 -1950. São Leopoldo: Unisinos, 1994. In KÖNIG. et all. Consciência Social. A história de um processo através da Doutrina Social da Igreja. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

HUSSERL, E. Investigações Lógicas. Tradução: Zeljko Loparic e Andréa Maria Altino de Campos Loparic. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (coleção os pensadores).

INFORSATO, E. do C. Igreja e educação feminina (1859-1919) - uma face do conservadorismo. *Educ. Soc.* [online]. Dez. 1999, vol.20, nº.69 [citado 31 Março 2005], p. 215-217. Disponível na World Wid<<http://www.scielo.br/scielo.php>Acessado em 14 /10/2006.

JOSGRILBERT, M. F. V. A história da educação moral e cívica: um álbum de fotografias da sociedade brasileira. (1998). Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 1998.

JULIO MARIA, J. C. M. C. A igreja e a República. Brasília: Editora UnB, 1981.

KANT, I. A Religião nos Limites da Simples Razão. Tradução Ciro Mioranza. São Paulo: Escala 2005. (Coleção Grandes Obras do Pensamento Universal 15).

_____. Crítica da Razão Pura. Trad. Valério Rohden e Udo Baldur Moosburger. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção Pensadores).

KLESEWETTER, A Procura do Caminho na História da Doutrina Social Católica na Europa In KÖNIG. et all. Consciência Social. A história de um processo através da Doutrina Social da Igreja. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

KRADER, L. A Formação do Estado. Trad. MOREL, R. L. M. Rio de Janeiro, Zahar editores: 1970.

KÖNIG, H - J. [et all]. Consciência Social. A história de um processo através da Doutrina Social da Igreja. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

LARROYO, F. História Geral da Pedagogia. Apêndice “A Pedagogia no Brasil”. Tradução: Luiz Aparecido Caruso. TOMO I e II. Editora, Mestre Jou. São Paulo: 1974.

LEÃO XIII. http://pt.wikipedia.org/wiki/Papa_Leão_XIII.html. Acessado em 24/07/2006.

LOBO, R. Cultura e Democracia (Em Castoriadis). Acessado em 20 / 08/ 2007. <http://www.fflch.usp.br/df/geral3/reinaldo4.html>

LUZURIAGA. História da Educação e da Pedagogia. Tradução e notas de Luiz Penna e J.B. Damasco Penna. 15 ed. São Paulo, 1984. (atualidades pedagógicas; v. 59).

MACHADO, M.N.da M. Psicanálise e política no pensamento de Cornelius Castoriadis. Revista Psicologia Política, 2002: (4) 297-304. WWW. Acessado 03/03/2006.

MANACORDA. M.A. História da Educação da Antiguidade aos nossos dias. Tradução. de Caetano Lo Mônaco, revisão e tradução de .Rosa dos Anjos Oliveira e Paolo Nosella. São Paulo: Cortez, autores associados, 1989

MANFROI, J. A Missão Salesiana e a Educação em Corumbá. 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 1997

MARIN, J.R. Fronteiras e Fronteiriços: Os intercâmbios culturais e a nacionalização da fronteira no sul do Estado de Mato Grosso. In. Fronteiras: revista de História/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. V.4/5, n.7/9 p.151-182. Campo Grande, MS: 2000/2001.

_____. O acontecer e “desacontecer”: da romanização na fronteira do Brasil com o Paraguai e Bolívia. Assis, 2000. Tese (Doutorado em História) – Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista.

MARIN, J.R. e VASCONCELOS, C.A. de. (Orgs.) História, Região e Identidades. Campo Grande, MS: UFMS, 2003.

MARQUES, R. de C.. A Igreja no Estado Novo: Tempos de Colaboração e Intolerância Caderno de Filosofia e Ciências Humanas – Ano IV – Nº 7 – Outubro /96

MANFROI, J. A Missão Salesiana e a Educação em Corumbá. 1997.212 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 1997

MATOS, et. all. Para Filosofar. São Paulo: Scipione, 2000. Vários Autores.

MATOS, A. S. de. O Papado: do Renascimento até João Paulo II. http://www.ipb.org.br/artigos/artigo_inteligente.php3?id=54 (2005). Acessado em 23/04/2006

MELO NETO, J. C. DE. Melhores poemas de João Cabral de Melo Neto. 9 ed. São Paulo: Global, 2003.

MELO E SILVA, J. de. Fronteiras Guaranis. Atualizações e notas Hildebrando Campestrini. 2ª Edição. IHGMS: Campo Grande, 2003 <http://www.ihgms.com.br/>. Acessado em 15/ 09/2007.

MONTEIRO, R M. Civilização e cultura: paradigmas da nacionalidade. *Cad. CEDES*, nov. 2000, vol.20, no. 51, p.50-65. ISSN 0101-3262. Acessado em 04/05/2006.

NADAI, E. e NEVES, J. História Geral: Moderna e contemporânea. São Paulo: Saraiva, 1995.

NAGLE, J. Educação e sociedade na Primeira República. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

NERY, M. N. de F. Positivismo Ilustrado e Estado Novo: as idéias educacionais de Ivan Lins. 1993. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 1993.

NUNES, C. Anísio Teixeira entre nós: a defesa da educação como direito de todos. *Educ. Soc.* [online]. dez. 2000, vol.21, no.73 [citado 31 Março 2005], p.9-40. Disponível na World Wide Web: <<http://www.scielo.br/scielo.php>. Acessado em 22/ 02/ 2006.

OLIVEIRA, B. C. de. A Política de Colonização do Estado Novo em Mato Grosso (1937-1945). UNESP, Faculdade de Ciências e Letras, Assis, 1999. Dissertação (mestrado em Educação) Universidade Estadual de São Paulo, Faculdades de Ciências e Letras de Assis. 1999.

_____. A colonização do Estado Novo em Mato Grosso, 1937- 1945: o discurso da história. In *Fronteiras: revista de História/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul*. V.1, n.2, p.151-182. Campo Grande, MS: jul./dez: 1997.

OLIVEIRA, R.T.C.de. O Estado Brasileiro e o Neoliberalismo. In. SENNA, E. (org.). Trabalho, Educação e Política. Campo Grande, MS: Ed.UFMS, 2003.(Estudos em Educação).

PAIVA, A. R Católico, protestante, cidadão: Uma comparação entre Brasil e Estados Unidos. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2003.

PEETERS, Madre F. e COOMAN, Madre M^a. A. de. Pequena História da educação. 7ª edição. São Paulo. Edições Melhoramentos. 1967.

PEIXOTO, V. Coração Infantil. 4º Livro. 20ª Edição. Edições Melhoramentos. s/d.

PESSANHA, J.A. M. Santo Agostinho – Vida e Obra. Nova Cultural: São Paulo, 1999. (Coleção pensadores).

PEREIRA, J. H. do V. "Migração de Estudantes na Fronteira do Brasil com o Paraguai". 1997. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 1997.

PETRONE, M.t.s. Imigração. In PINHEIRO, P.S. [et. al]. III. O Brasil Republicano: 2 Sociedade e Instituições (1889 - 1930). Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997. (História geral da civilização brasileira; v.2, t 3).

PIERUCCI, [et. al.]. O Brasil republicano, v. 4: economia e cultura (1930-1964). 3ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004. (História geral da civilização brasileira; v.4; t 3).

PIRSON, I.L. Elisabeth de Robiano: Senhora de Lecandèle, baronesa de Ghysseghem 1773 -1864. São Paulo: Loyola, s/d.

PLATÃO. Diálogos: Eutífron ou da religiosidade. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Coleção os Pensadores).

_____. A República. Apresentação e comentários de Bernard Piettre; tradução de Elza Moreira Marcelina. 2.ed.Brasília: UnB, 1996.

PONCE, Aníbal. Educação e Luta de Classe. São Paulo, Cortez: 1990.

PONTA PORÃ, Congregação Irmãs Vicentinas de Gijzegem (documentos das irmãs e da congregação).

PONTA PORÃ, Escola Paroquial São José - MACE. (Livros de Matrícula e outros 1930 -1980).

PONTA PORÃ. Igreja Paroquial São José – MS (Livro Tomo, 1930 - 1980).

QUEIROZ, P.R.C. AS condições econômicas do sul de Mato Grosso no início do século XX. In Fronteiras: revista de História/Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. V.1, n.2, p.151-182. Campo Grande, MS: jul./dez: 1997.

RAUBER, P. "A disciplina prática de ensino como reveladora da História da Formação do Professor primário no Brasil". 1999.129 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 1999.

RERUM NOVARUM, <http://www.montfort.org.br/documentos/rerumnovarum.html>. Acessado em 21/06/2005.

REVISTA, Congregação do Santíssimo Redentor: Província de Campo Grande. "Jubileu 75 Anos de História e Missão", Editora Paranaense. Ponta Grossa: Outubro, 2005.

REVISTA INTERMEIO, Influência do Escolanovismo no Brasil e na Colômbia: 1930-1945 [http:// www.ufms.br/mstedu/revint.03/intermeio](http://www.ufms.br/mstedu/revint.03/intermeio). Acessado em 22/ 06/ 2006.

ROOS, L. A procura do Caminho na história da Doutrina Social Católica na Europa. In. KÖNIG. et all. Consciência Social. A história de um processo através da Doutrina Social da Igreja. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

ROSA, P. A. da. Resenha Histórica de Mato Grosso (Fronteira com o Paraguai). Livraria Ruy Barbosa. Campo Grande-MT, 1962.

ROSA, M. da G.Sá. Memória da cultura e da educação em Mato Grosso do Sul: histórias de vida. Campo Grande: UFMS, 1990.

ROMANELLI , O. de O. História da Educação no Brasil 9.ed.Petrópolis:Vozes, 1987.

SÁ, N. P. Política Educacional e Populismo no Brasil. São Paulo: Cortez Autores Associados, 1982. (Coleção educação contemporânea).

SANCHES, R.S.S. Fotografias Sociolinguísticas sob a Perspectiva das Atitudes Linguísticas na Região de Fronteira: Ponta Porã e Pedro Juan Caballero." 2006. 127 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Três Lagoas - MS, 2006.

SAVIANI, D. (org.) O legado educacional do século XX no Brasil. Campinas, Autores Associados, 2004.

_____. D. Educação e Colonização: As idéias pedagógicas no Brasil nos séculos XVI, XVII e XVIII. IV Congreso Iberoamericano de Historia da la Educación Latinoamericana. Santiago de Chile. 1998.

SCHÜLLY G. e KÖNIG. et all. Consciência Social. A história de um processo através da Doutrina Social da Igreja. São Leopoldo: Unisinos, 1994.

SIGRIST, M. Festa - Lugar de Educação: O Divino na Pontinha do Cocho. 1998. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal de Mato Grosso do Sul. Campo Grande - MS, 1998.

SOUZA, J.C. de. et.all. Os pré-Socráticos. Vida e Obra. Coleção Os pensadores. Editora Nova Cultural Ltda. São Paulo: 1999.

SOUZA, R. F. de. A militarização da infância: expressões do nacionalismo na cultura brasileira. *Cad. CEDES*, nov. 2000, vol.20, no. 52, p.104-121. ISSN 0101-3262. Acessado em 16/10/2006.

TAMBARA, E. ESTADO, IGREJA E EDUCAÇÃO – URBI ET ORBE – GT : História da Educação/ n.02 UFPel.

www.anped.org.br/reunioes/28/textos/GT02/GT02-272--Int.rtf. acessado em 18/04/2006.

TAURO, D.V.E. Itinerários no Labirinto: anotações e reflexões sobre a obra de Cornelius Castoriadis II. *[O] Único problema político é precisamente este: como os homens eles – mesmos podem se tornar capazes de resolver seus problemas políticos.* – Castoriadis. UFMS. MS, 2006.

_____. Cornelius Castoriadis (1922-1997) Itinerários no Labirinto II Parte. Intermeio: revista do Mestrado em Educação, Campo Grande, MS, v.10, n.19, p.4-17, 2004.

_____. Cornelius Castoriadis (1922 -1997). Intermeio: revista do Mestrado em Educação, Campo Grande, MS, v.9, n.18, p.24-37, 2003.

_____. Le Brésil: Une Société créée par L’Etat”(1500-1889), Paris, 1986. Thèse (doctorat Spiences Sociales) – École des Hautes Études en Sciences Sociales, Ministère de L’ Education Nationale. 1986.

TEIXEIRA, F.M.P. Brasil História e Sociedade. São Paulo: Ática, 2000.

TOMAZI, N. D. Iniciação À Sociologia. Coord. et. all. São Paulo: Atual, 1993.

TORRECILHA, M.L. A fronteira, as cidades e a linha. Campo Grande: UNIDERP, 2004.

TRIVINOS, A. N.S. Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa. São Paulo: Atlas, 2005

WERNET, A. A igreja Paulista no século XIX. São Paulo: Atica, 1987.

VALE, J. M .F.do. História da Educação. A Educação Contemporânea. São Paulo: Avercamp, 2006.

VALLE, L. do. Cornelius Castoriadis: da Paidéia à elucidação da escola pública. Rio de Janeiro: 1997

VASCONCELOS, C.A.de. Protestantes e Católicos em Mato Grosso: Relações conflitivas no início do século XX. Fronteiras: revista de História, campo Grande, MS 6(11): 133 -142 jan./jun. 2002.

VIEIRA, D.G. Os elementos em Conflito. In. O protestantismo, a maçonaria e a questão Religiosa no Brasil. 2ª edição. Brasília:UnB, 1980 p. 27-59.

XAVIER, M. E. Capitalismo e escola no Brasil: a constituição do liberalismo em ideologia educacional e as reformas do ensino (1931-1961). Campinas: Papyrus, 1990.

ZOTTI, S. A. Sociedade, Educação e Currículo no Brasil: dos jesuítas aos anos de 1980. Campinas: Autores Associados; Brasília: Plano, 2004.

APÊNDICE 1 -QUESTIONÁRIO/PESQUISA

COM EX – ALUNOS DA IVG

1. Apresentação da Inquerente:

Sou, Andréa Natalia da Silva, mineira de Juiz de Fora - MG, professora universitária, nas Faculdades FECLPP (Magsul) e FAPE, residente em Ponta Porã desde 1985, mestranda em educação na UFMS, em Campo Grande. Atualmente pesquisadora sobre ESTADO, IGREJA E POLITICA EDUCACIONAL NO MATO GROSSO DO SUL EM MEADOS DO SÉCULO XX: Um estudo sobre a Instituição Religiosa Irmãs Vicentinas de Gijzegem e sua contribuição a História da Educação na fronteira sul do MS, Brasil-Paraguai entre as décadas de 1930 a 1980.

2. O (a) senhor(a) autoriza a utilização de sua entrevista como fonte de dados para minha dissertação de mestrado?
3. o (a) senhor (a) poderia dizer seu nome e seu Sobrenome?
4. Sua Família é de Ponta Porã?
5. Quando sua família chegou a Ponta Porã?
6. Por que eles vieram para Ponta Porã?
7. Quem mais de seus familiares veio para Ponta Porã?
8. Qual era a profissão de seu pai e de sua mãe?
9. O (a) senhor (a) tem irmãos? Quantos são? Estão Vivos?
10. Poderia dizer a sua Idade?
11. Qual sua atual religião?
12. Qual a sua Profissão? Qual formação?
13. Qual a Função social que ocupa neste momento?
14. Já exerceu outras funções profissionais?Quais
15. Ocupou algum cargo político? Ou religioso? Quando? Onde?
16. Onde estudou o primário?
17. E o ginásio?
18. O colegial?
19. E a universidade?
20. Tem outras graduações?

21. Lembra qual o ano que estudou com as Irmãs Vicentinas de Gijzegem em Ponta Porã?
22. Com quantos anos começou a estudar com as Irmãs Vicentinas? E com quantos parou de estudar com elas? Por que parou?
23. Lembra de alguns nomes das irmãs que lecionavam na Escola Paroquial e séries que lecionavam?
24. Algum irmão ou irmão estudou também com as irmãs? Quais? Qual é a formação deles hoje, e profissão?
25. Algum irmão (a) que tenha estudado com as irmãs exerce ou exerceu cargo político na cidade, no estado ou no País?
26. Por que foi estudar na escola de Irmãs Religiosas, uma vez que na cidade havia escola pública?
27. Com que seus pais trabalhavam quando a senhora foi estudar com as irmãs?
28. Qual era a religião da família?
29. O que as irmãs ensinavam sobre religião?
30. Participavam da igreja? Como participavam? Quando?
31. E a senhora participavam? Como?
32. O (a) senhor (a) fez primeira comunhão, ou seja, os tais sacramentos na *Igreja Católica*?
33. Quem preparava os alunos para a primeira comunhão?
34. O (a) senhor (a) morava próximo da escola que distancia?
35. Caso a resposta seja não, onde morava então para estudar com as irmãs?
36. Gostava de estudar com as irmãs? Por quê?
37. Que horas estudava?
38. Que horas iniciavam as aulas?
39. Havia oração antes de iniciar as aulas?
40. O (a) senhor (a) lembra como era a sala de aula?
41. Havia carteiras?
42. Como eram as carteiras?
43. Como os alunos sentavam, em círculo, em fileira ou em grupos?
44. Na sala estudavam meninos e meninas juntos ou não?
45. E no intervalo (recreio) meninas e meninos ficavam juntos?
46. Qual era o lanche?
47. A escola oferecia o lanche ou você trazia de casa?

48. Que brincadeiras poderiam brincar?
49. Havia livros? Quais? Que lhes davam os livros?
50. Leu algum livro naquela época que lembra até hoje?
51. Com o eram as aulas?
52. O que aprendiam com as irmãs?
53. Quais as disciplinas ou matérias estudavam com as irmãs?
54. Havia fila para entrar na sala de aula?
55. O que mais gostava de aprender com as irmãs?
56. Havia castigos?
57. Quais os acontecimentos resultavam em castigos naquela época?
58. Quais eram esses castigos?
59. O (a) senhor (a) ficou alguma vez de castigo? Por quê?
60. Como eram as aulas das irmãs? Sobre o que elas falavam? Havia outros assuntos além dos conteúdos?
61. O (a) senhor (a) gostava das aulas? Por quê?
62. Havia cadernos e materiais escolares?
63. Quem lhes dava os materiais?
64. O (a) senhor (a) pagava para estudar com as irmãs?
65. Lembra o valor pago naquela época?
66. Havia uniforme?
67. Descreva como era esse uniforme
68. E para o desfile em datas comemorativas havia uniforme era diferente?
69. As irmãs falavam sobre outros assuntos que não fosse conteúdos curriculares com os senhores (as)? Sobre a pátria, sobre casamento, em fim outros assuntos?
70. Que atividades as irmãs desenvolviam nas aulas, tarefas escolares?
71. Elas ensinavam coisas praticas para a vida dos senhores (as)?
72. Como eram as avaliações
73. Havia notas ou conceitos?
74. Havia reuniões para os pais?
75. Quando aconteciam?
76. E por quê?
77. Os senhores (as) recebiam algum prêmio das irmãs?
78. Por quê?

79. O (a) senhor (a) nunca pensou em seguir a vida monástica (padre ou freira) por ter estudado com as Irmãs?
80. Gostaria de narrar ou descrever algum fato que tenha marcado a vida escolar com as irmãs?
81. Como define Religião
82. Como define Educação
83. Como define Política
84. O que as irmãs ensinaram que até hoje lhe serve de modelo ou principio para a sua vida social e política?

APÊNDICE 2 - QUESTIONARIO /ENTREVISTA

COM IRMÃS DA IVG

Apresentação da Inquerente:

Sou, Andréa Natalia da Silva, mineira de Juiz de Fora-MG, professora universitária, residente em Ponta Porã desde 1985, mestranda em educação pela UFMS, em Campo Grande. Atualmente pesquisando o ESTADO, IGREJA E POLITICA EDUCACIONAL NO MATO GROSSO DO SUL EM MEADOS DO SÉCULO XX: Um estudo sobre a Instituição Religiosa Irmãs Vicentinas de Gijzegem e sua contribuição à História da Educação na fronteira sul do MS, Brasil-Paraguai entre as décadas de 1930 a 1980.

1. A senhora autoriza a utilização dessa entrevista com fonte de dados na dissertação de mestrado.
2. Qual é o seu nome da senhora?
3. Qual a Instituição religiosa a senhora é consagrada Freira “Irmã de Caridade”?
4. Qual a sua idade irmã?
5. Quantos anos de Vida religiosa?
6. Onde a senhora nasceu?
7. Seu nome de Irmã é o mesmo de batismo?
8. Em qual Comunidade do instituto a senhora esta morando?
9. A senhora tem algum cargo na Comunidade?
10. Por que buscou a vida religiosa?
11. A senhora lembra-se de algum fato histórico da época que iniciou a vida religiosa no Instituto?
12. Quando chegou à fronteira? Por que veio para cá?
13. Como era a cidade? Aspectos urbanos, comunicação, segurança e outros.
14. A senhora era Filha Única?
15. Caso a resposta anterior seja não? Quantos irmãos têm?
16. Mais alguém da família seguiu a vida religiosa?
17. Onde estão seus irmãos?
18. Teve alguma função ou profissão antes de ser freira? Quais? Onde?

19. Além da formação religiosa. O que mais estudou?
20. Leciona? Já lecionou nas escolas Paroquiais ou escolas particulares e publicas do estado do MS?
21. Onde? Quando? Quanto tempo lecionou?
22. A senhora recebia algum beneficio, remuneração ajuda de custo? De quem?
23. Nas escolas paroquiais seja em Bela Vista, Nova Andradina, Aquidauana, Miranda, Campo Grande ou Ponta Porã, haviam professores ou professoras que não eram freiras?
24. Quem pagava os salários das professoras?^
25. As freiras recebiam salários para lecionarem?
26. E seus pais, o que acharam quando a senhora decidiu ser freira?
27. Onde a senhora estudou para ser freira?
28. Quais os motivos que a levaram a vida religiosa de Vicentinas de Gijzegem?
29. A senhora sabe dizer onde surgiu a congregação Irmãs Vicentinas de Gijzegem?
30. Por que nasceu essa Congregação?
31. Qual era e é a concepção de Educação defendida pela congregação IRIVG?
32. Que homem/ mulher a congregação queria formar?
33. A senhora saberia me dizer quando e por que, as Irmãs Vicentinas vieram para o Brasil?
34. Quais foram às atividades desenvolvidas pelas irmãs ao chegarem ao Brasil?
35. Onde as irmãs estão atuando atualmente no Brasil? Quantas comunidades há?
36. Quantas freiras do Instituto das Irmãs de São Vicente de Paulo “Servas dos pobres de Gijzegem” há no Brasil, entre atuantes e aposentadas?
37. Como deveria ser o cidadão brasileiro na época que as irmãs vieram para o Brasil?
38. A senhora sabe me dizer se a Igreja teria alguma obrigação para com o Estado na época em que as irmãs vieram para o MS?
39. Quando e por que, as Irmãs Vicentinas vieram para o estado de Mato Grosso do Sul?
40. Qual foi a cidade em que as Irmãs chegaram? E depois para onde foram? Por quê?
41. O Estado tinha alguma obrigação para com a Igreja na época que as Irmãs vieram para o MS?

42. Saberia dizer os nomes das Irmãs pioneiras que vieram para MS?
43. Quais foram às primeiras atividades das Irmãs da Instituição Religiosa Irmãs Vicentinas de Gijzegem no estado do Mato Grosso do Sul?
44. Por que se dedicaram ao ensino escolar na região do Mato Grosso do Sul e na fronteira?
45. Onde iniciaram as atividades de ensino escolar?
46. Além das atividades escolares que outras atividades as irmãs tinham para com a sociedade da fronteira antigamente?
47. E hoje quais as atividades as irmãs desenvolvem na sociedade fronteiriça ou do MS?
48. Saberia dizer quando teve início as atividades escolares em Ponta Porã?
49. Qual era o nome da escola que a senhora lecionava?
50. E em Ponta Porã qual era o nome da escola que esteve sob os cuidados das irmãs?
51. Quem dirigia a escola Paroquial em Ponta Porã?
52. Quando pessoas não religiosas começaram a exercerem funções administrativas nas escolas das Irmãs Vicentinas de Gijzegem?
53. Lembra de algum nome em especial?
54. Por que as irmãs começaram a se afastarem das atividades educacionais nas escolas Paroquiais?
55. Quando ocorreu o afastamento das irmãs do ensino na fronteira, saberia dizer o ano? E por quê?
56. E em Bela Vista saberia dizer quando iniciou as atividades escolares sob os cuidados das Irmãs? E quando elas se afastaram das atividades de ensino?
57. Saberia dizer se houve ensinamentos de índios pelas irmãs no MS?
58. O que ensinavam aos índios?
59. E hoje ainda há atividades com Índios? Onde? Por quê?
60. O que ensinavam aos alunos brancos?
61. No que trabalhavam os alunos das escolas paroquiais?
62. Era necessário ser católico para frequentar a Escola das Irmãs?
63. Havia alunos negros no MS?
64. Quais eram os princípios pedagógicos utilizados pelas Irmãs da instituição Vicentinas de Gijzegem? Seguiam algum teórico da Educação?
65. O que ensinavam?

66. Quais as matérias do currículo escolar da Instituição religiosa irmãs Vicentinas de Gijzegem?
67. As aulas eram para meninas ou para meninos?
68. Como eram ensinados os conteúdos?
69. Havia recursos pedagógicos? Quais?
70. Havia regras na Educação da Escola Paroquial a cumprir para a nação Brasileira?
71. E regras da Bélgica havia?
72. Como ensinavam? Havia métodos didáticos? Quais?
73. Havia livros?
74. Que livros utilizavam para ensinar?
75. Havia sanção ou punição para alunos que não cumpriam com as regras da escola?
76. Que tipo de punição havia
77. Como eram as avaliações?
78. O que era exigido nas avaliações?
79. Qual era o objetivo de ensino na época?
80. Como eram distribuídos os alunos na sala de aula e em suas carteiras?
81. Quantos alunos haviam por sala?
82. Por que os pais procuravam a Escola paroquial, se já havia Escolas Públicas?
83. Os alunos pagavam para Estudar? A senhora lembra os valores mais ou menos?
84. Os pais pagavam em dia as mensalidades da escola?
85. Quando não pagavam em dia qual era atitude das irmãs?
86. Se a resposta da pergunta anterior for não com que dinheiro mantinham a escola?
87. Como eram as brincadeiras na hora do recreio? Meninas e meninos juntos? Ou separados?
88. Havia merenda na Escola? O que era? Quem oferecia? Os Pais, a Igreja, a Comunidade, o Estado ou outros?
89. Qual era o objetivo principal da congregação para com os alunos?
90. Os professores eram todos religiosos?
91. Eles eram formados? Em que?
92. Quem pagava para eles trabalharem na escola?

93. Onde eles se formaram?
94. Os alunos estudavam que horas?
95. Havia salas de meninos e meninas separados?
96. Havia oração ou missa para iniciar as aulas?
97. Que horário?
98. Por que se tornou freira (irmã)?
99. Quantos anos quando iniciou a vida religiosa?
100. Sua mãe trabalhava fora? Em que?
101. E seu pai trabalhava com que?
102. Nunca quis deixar de ser freira?
103. Sim - Por quê?
104. Com quantos anos começou a lecionar?
105. O que gostava de ensinar? Por quê?
106. Lembra de algum ex-aluno que se tornou membro da Comunidade com posição social de destaque na sociedade?
107. Os alunos eram ricos ou pobres?
108. Qual método de ensino era utilizado pelas irmãs?
109. Havia algum teórico da Educação que se priorizava ou se baseavam para planejar as aulas para o ensino daquela época?
110. Vocês recebiam salários?
111. Que as pagavam? A Igreja ou o Estado?
112. Quando parou de lecionar? Por quê?
113. Após terem afastado das atividades pedagógicas escolares, que atividades desenvolveram e desenvolvem?
114. Como a senhora definiria o cidadão.
115. Qual é o papel da Igreja Católica para com o Estado
116. Qual é o papel do Estado para com a Igreja Católica?
117. Como a senhora vê a educação de Hoje?

ANEXO 01 A - ATA N° 05 INTEGRAÇÃO ESCOLA A

Instituto: Zomera Cláudia, vice Diretor: Prof. Alcides dos Reis, todos representando o Ginásio acima cita. do e pela Escola Paroquial São José, Sônia Maria Benedita Mendes - Diretora; Sônia Tereza Marston - Secretária e Prof. Helena Pereira Subtil, a fim de tratar da integração física entre ambas as escolas de acordo com o que estatui o artigo prépio da Lei 5699/71.

A Escola Paroquial São José, situada à Avenida Brasil nº 1763, foi fundada em 1929, com a denominação de "Colégio Dom Bosco", sob a direção dos Padres Salesianos, em 1943 passou a chamar-se Escola Paroquial São José e em 1944 sua direção e docência foram transferidas para as Sômas Licenciadas, continuando tal situação até a data de hoje, tal escola foi registrada na Divisão de Educação e Cultura em 24/02/45 e dedica-se ao ensino de 1º grau, níveis I a V.

O Ginásio Paroquial São José, fundado pela Congregação Missionária do Ss. Dezembro em 30/02/61, na cidade de Ponta Preta - MT, é uma sociedade de caráter educacional com finalidade filantrópica, registrado no Cartório de Registro Jurídicas, em data de 31/05/65, no Livro A, nº 1, sob o nº 31, fls. 71/72, dedica-se ao ensino de 1º grau níveis V a VIII e 2º grau autorizado através da Portaria nº 281 de 27/01/70, publicado no Diário Oficial nº 15725.

Ambas as escolas estão situadas no mesmo quarteirão e tem como uso coletivo a quadra de esportes e pátio de recreação, além de estarem sob a mesma orientação pedagógica.

De acordo com o que estatui a Lei, resolvem integrar-se

ANEXO 01 B - ATA N° 05 INTEGRAÇÃO ESCOLA A

3
dos Estatutos do mesmo Colégio, com o fim de se complementar o necessário para obter o Cedi fixado de Srs. Filantropicos.

Após lido e discutido todos os artigos do referido estatuto, cuja cópia e resumo se encontra no Arquivo do Colégio foi aprovado por unanimidade, visto tratar-se de um benefício maior para o Estado Matoense. Nada mais tendo a tratar em, Milene Bodega da Costa Baroni a presente ata que vai assinada por mim, e pelos demais membros do Conselho.

M. Bodega

Dr. John Lewis Smyth

Ata nº 5

Ata da integração física entre a Escola Paroquial "São José" e Ginásio Paroquial "São José"

Das vinte e duas do mês de outubro de mil novecentos e setenta e três, reuniram-se numa das salas de aula do Ginásio Paroquial "São José", sito à Rua Tiradentes nº 10, o Diretor desse Ginásio, Rev. John Lewis Smyth, Secretário, Milene Bodega da Costa, Auxiliar Administrativa.

ANEXO 01 C- ATA N° 05 INTEGRAÇÃO ESCOLA A

fisicamente, passando a constituir sob uma única Direção denominando-se "Colégio Paroquial São José", ministrando o ensino completo de 1.º e 2.º grau. Como nada mais havia a ser tratado, foi lavrada a presente ata que foi lida, aceita e assinada pelos presentes.

Ponta Porã, 20 de outubro de 1973.

Rev. John Louis Smyth

Ata nº 6

Dos vinte dias do mês de fevereiro de mil novecentos e setenta e quatro, na sede do Colégio Paroquial São José, na cidade de Ponta Porã, Estado de Mato Grosso, reuniu-se o Conselho Administrativo deste Estabelecimento de Ensino para a eleição da atual Diretoria, ficando assim constituída:

Diretor: Rev. John Louis Smyth
Vice Diretor: Dr. Alcides dos Reis
Secretária: Maria Milene Badeca da Costa.
Nada mais havendo a tratar, mandei lavrar a presente ata, que vai assinada por mim e pelos demais membros da Diretoria.

ANEXO 02 A - ANOTAÇÕES DE MEMÓRIAS PIONEIRA PONTA PORÃ

Caderno Anotações Simão Lima - Pioneira da Engenharia em P. Porã
Arquivo - Campo Grande
IVG

Ponta Porã
O pedido dos P. Redentoristas de Madre Hermeta ocorreu mais uma vez
- em 10 de janeiro de 1944
- P. Porã situada no extremo -
- sul de M. Grosso, limita-se com
a República do Paraguai
Esta foi a última fundação
da Madre Hermeta em M. Grosso,
De comunidade se compunha:
Sr. Coletor sup. Sr. Madalena S. Lima
Sr. Ritorio que era a secretária
que cuidava a casa enquanto que
os Simões, funcionavam e faziam
outras atividades.
A viagem saindo de Grande às 4,30
da manhã numa Coletor não
havia estrada de rodagem era
umas picadas cheias de Mato
Buro e certamente assim destes
caiu a mala que estava
amarrada em cima, com as

ANEXO 02 B - ANOTAÇÕES DE MEMÓRIAS PIONEIRA PONTA PORÃ

Em Bela Vista além do Colégio havia 4 escolas ~~de~~ filiais: Água Doce, Cancha, Nunca e Be Vi e no Bairro do Espírito Santo a Escola do P. Socorro.

Na Água Doce quem a dirigia era Sr. Angelina e na Cancha Sr. Lina por 8 anos nos fornos de Charré Nunca e Be Vi era uma escola cujos alunos eram Índios e Brasileiros. Sr. Lina trabalhou lá por 8 anos e depois quem continuou foi Sr. Felicitas.

Além das escolas aos domingos as Sr. atendiam vários pastores.

Vacações
Sr. ~~Lina~~ Rita, Casilda, Enir
Sr. Catalina Sr. M. Fatima Sr. Maria Euolascia

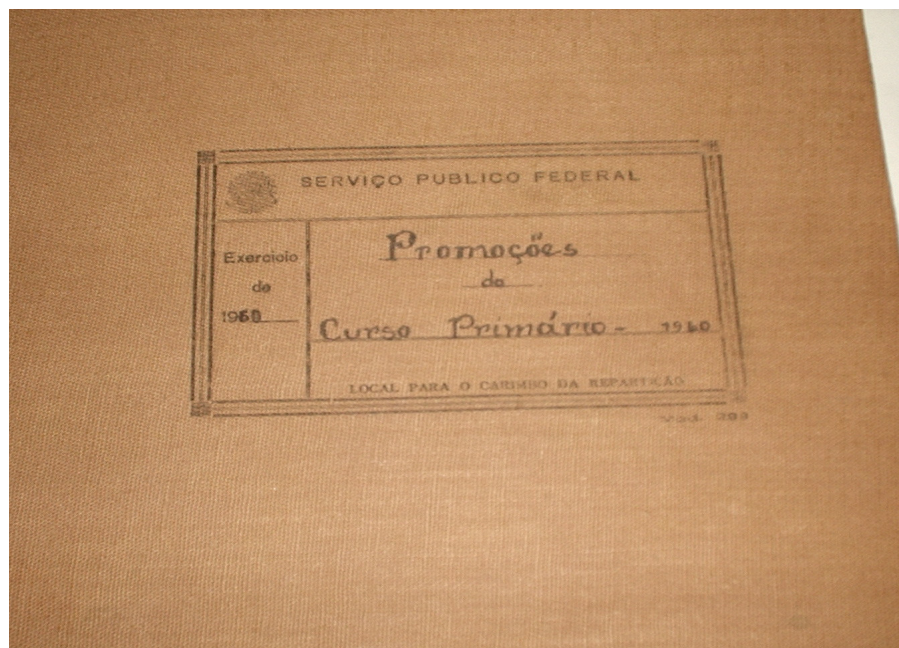
ANEXO 03 - CARTILHA ALBABETIZAÇÃO EX-ALUNA PONTA PORÃ



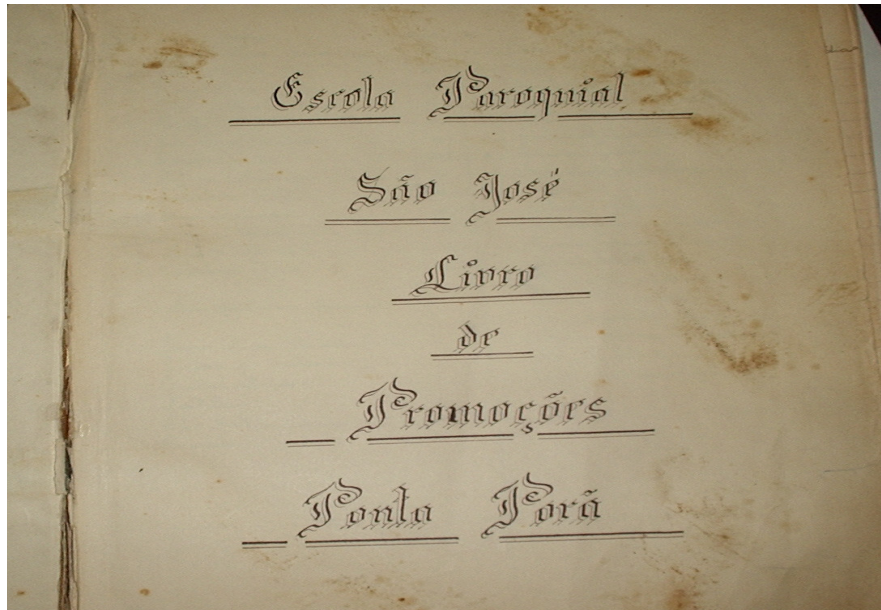
ANEXO 04 - LIVRO DE MATRÍCULA 1968 /1969 /1970 /1971 ESCOLA B



**ANEXO 05 - LIVRO PROMOÇÕES DO CURSO PRIMÁRIO 1960 ESCOLA
A**



ANEXO 06 - ABERTURA DO LIVRO DE PROMOÇÕES ESCOLA A



ANEXO 07 - ATA DOS EXAMES FINAIS 1944 ESCOLA A

Ata dos exames finais e de promoção realizados na Escola Paroquial de São José, em Fonla Forã, no período de 6 a 11 do mez de Novembro de 1944.

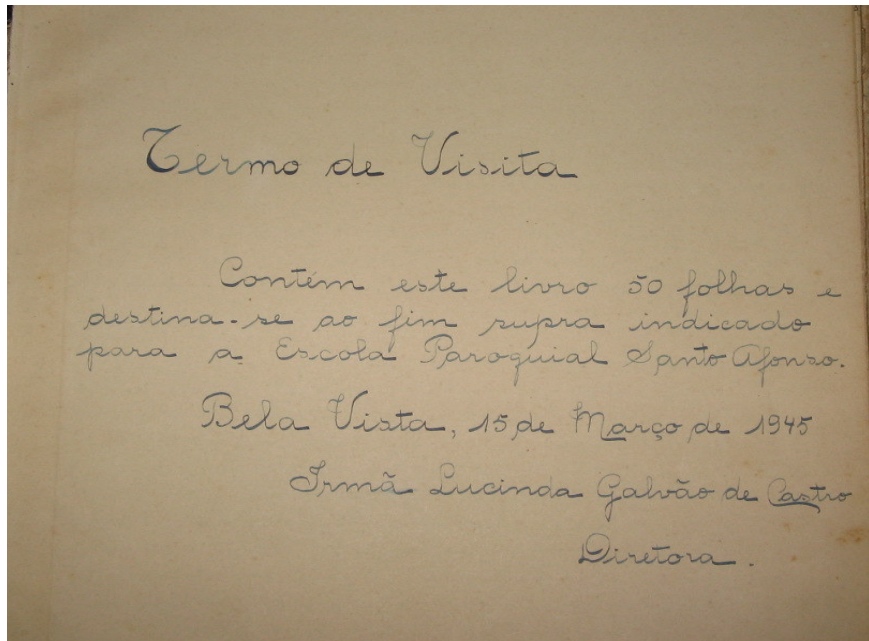
Ad vinte e um de Novembro do ano mil novecentos e quarenta e quatro na sala do Quinto ano, deste edificandario "Escola Paroquial São José" de Fonla Forã, presentes o Rev. mo Sr. José Figueiredo, de todas as profissões e de m. m. abaixo assinada, directora da dita escola, teve lugar o julgamento das provas orais e escritas dos exames finais e de promoção deste estabelecimento de ensino, de conformidade com o Art. 445 do Decreto n. 2.577 de 23 de Abril de 1927 e na forma do art. 4.º paragrafo primeiro e segundo do Regulamento Interno das Escolas Publicas e Paroquiales, apurando-se os seguintes resultados:

Relação das aprovações dos alunos do 5.º Ano Misto.

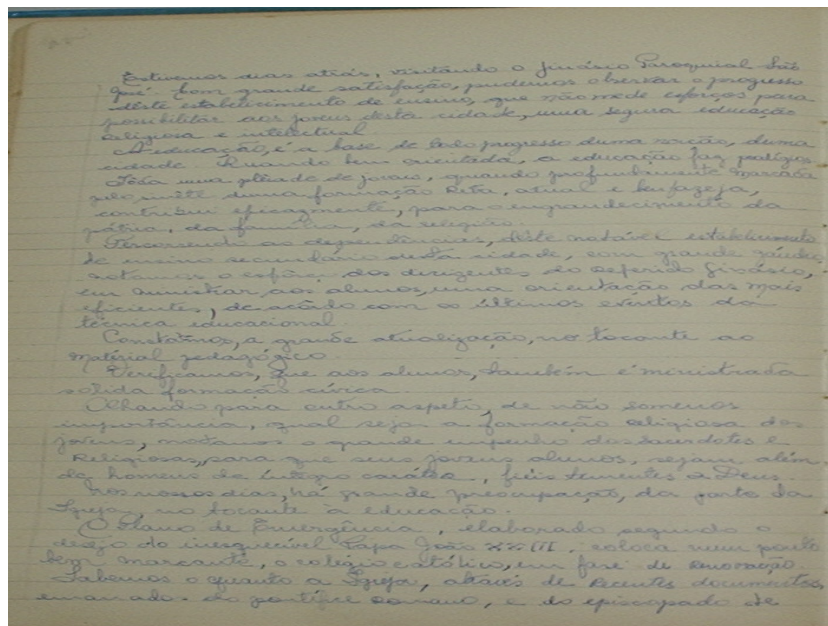
<i>Com Distinção:</i>	<i>Média geral</i>
<i>Galvão J. de Carvalho</i>	<i>90,7</i>
<i>Plenamente</i>	
<i>Famil José Sales</i>	<i>84,8</i>
<i>Simplemente:</i>	
<i>Leite J. Martins</i>	<i>74,2</i>
<i>Costa Arteta</i>	<i>73,8</i>
<i>Alinda J. Cunha</i>	<i>73,4</i>
<i>Diva Lopes</i>	<i>71,2</i>
<i>James F. Feijó</i>	<i>68,8</i>

ANEXO 10 - ABERTURA DO LIVRO DE TERMO DE VISITA

1945 ESCOLA B



ANEXO 11 A - TERMO DE VISITA 1960 ESCOLA A



**ANEXO 13 - FOTO DAS IRMÃS HÁBITO BRANCO E PRETO/PONTA
PORÃ**



ANEXO 14 -BILHETE AOS PAIS 1973 PONTA PORÃ

Ponta Porã, 01 de novembro de 1973

Da Escola Paroquial São José

Aos Pais

Senhores Pais,

Queremos por meio desta avisar-lhes que as prestações de novembro e dezembro devem ser liquidadas antes do 15 de novembro.

Fazemos este apêlo para facilitar o serviço da secretaria.

Ao mesmo tempo queremos avisar-lhes que os alunos que fecharem as notas estarão de férias dia 18, e os outros ficarão até o dia 30 de novembro para recuperação.

Atenciosamente,

A Diretoria.

ANEXO 15A - FOLDER (FRENTE) DA CONGREGAÇÃO IVG

O Credo do Chamado

Cremos que Deus nos escolheu antes da fundação do mundo para sermos santos e irrepreensíveis diante dele no amor. (Ef. 1, 4)

Cremos que os que de antemão Ele conheceu, esses também predestinou a serem conformes à imagem do seu filho. (Rm. 8, 29)

Cremos que aquele que nos escolheu desde o seio materno, nos chamou por sua graça e honra por bem revelar em nós o seu filho, para que o amocitássemos. (Gl. 1, 15-16)

Cremos que Deus nos salvou e nos chamou com uma vocação santa, não em virtude de nossas obras, mas em virtude de seu próprio desígnio de graça, que nos foi dada em Cristo Jesus, desde a eternidade. (1 Tm., 1, 9)

Cremos que Cristo Jesus nos julgou dignos de confiança tomando-nos para o seu serviço. (1 Tm. 4, 12)

Cremos ser apóstolos por vocação, servos de Jesus Cristo, escolhidos para anunciar o Evangelho de Deus. (Rm. 1, 1)

Cremos que Deus escolheu o que é loucura para o mundo para confundir os sábios, a fim de que a nossa fé não se baseie na sabedoria humana, mas sobre o poder de Deus. (1 Cor. 1, 27; 2, 5)

Cremos que a cada um, Deus concedeu uma manifestação do Espírito, para a utilidade de todos. (1 Cor. 12, 7)

Cremos que devemos comportar-nos de uma maneira digna da vocação a que fomos chamados: com toda a humildade, mansidão e paciência, procurando crescer em tudo, em direção a Ele. (Ef. 4, 1-2)

Cremos que tudo concorre para o bem daqueles que amam a Deus, daqueles que são chamados seguindo o seu desígnio. (Rm. 8, 28)

Cremos naquele que é poderoso para realizar por nós em tudo, infinitamente além do que podemos ou pensamos, segundo o poder que já opera em nós. (Ef. 3, 20)

Cremos que temos a plena certeza de que Aquêle que começou em nós a boa obra, há de levá-la a perfeição até o dia de Jesus Cristo, porque aquele que nos chamou é Fiel. (Fil. 1, 6; 1 Ts. 5, 24)



Siga a Cristo como Elisabeth de Robiano e São Vicente de Paulo!



Você nos encontra nos seguintes endereços:

- 1) **Comunidade São Vicente de Paulo:** Rua do Socorro, 483 • Via Frei João Portinho Pádua • CEP 79061-590 • Campo Grande • MS • Tel.: (0**67) 942-8294
- 2) **Comunidade Nossa Senhora dos Pobres:** Rua dos Barbosas, 458 • Bairro Anambal • CEP 79005-430 • Campo Grande • MS • Tel.: (0**67) 383-3153
- 3) **Comunidade Santa Inês:** Rua Antônio João, 644 • CEP 79000-000 • Ponta Para MS • Tel.: (0**67) 431-1312
- 4) **Comunidade Santo Antônio:** Rua Iwhitama, 140 • CEP 79750-000 • Nova Andradina • MS • Tel.: (0**67) 441-1628
- 5) **Comunidade Ir. Jeanne:** Rua Colábad, 482 • CEP 79260-000 • Bela Vista • MS Tel.: (0**67) 439-1305
- 6) **Comunidade Elisabeth de Robiano:** Rua Oliveira Rodrigues da Luz, 271 • Jardim das Macaúbas • CEP 79073-050 • Campo Grande • MS • Tel.: (0**67) 397-2072
- 7) **Comunidade Ir. Orlando de Moraes:** Rua 321, Nº 09 • CEP 74640-220 • Goiânia GO • Tel.: (0**62) 203-3745
- 8) **Comunidade São José:** Rua Capitão Serafim de Barros, 1310 • CEP 75800-000 Jataí • GO • Tel.: (0**62) 631-1321
- 9) **Comunidade Ir. Cecília Lindeiro:** Rua Augusta Bastos, 1456 • CEP 75903-370 Rio Verde - GO • Tel.: (0**62) 824-1115
- 10) **Comunidade Nossa Sr. de Baniense:** Caixa Postal 11279 • CEP 71690-970 São Sebastião - DF • Tel.: (0**61) 335-1162
- 11) **Comunidade Nossa Senhora de La Asunción San Pedro de Ycuamandiyú:** Paraguay • Calle General Mariscal Smaniego y Comuneros, 8000



"Se queres ser perfeito, vai, vende os teus bens e dá aos pobres, e terás um tesouro no céu. Depois, vem e segue-me." (Mt. 19, 21)

INSTITUTO DAS IRMÃS DE SÃO VICENTE DE PAULO

"Servas dos pobres de Gijzegem"



"... O Senhor me mandou evangelizar os pobres" ...

Pare, olhe, e venha fazer parte desta grande família.

Quem somos nós?

Uma família religiosa chamada: Irmãs de São Vicente de Paulo, servas dos pobres de Gijzegem.

Elisabeth de Robiano

Fundadora de nosso Instituto em 21/01/1818, sob a **espiritualidade** de São Vicente de Paulo.

Como vivemos?

Em comunidade de vida fraterna alimentamo-nos da vida de oração contínua, do zelo apostólico da devoção à Virgem Maria e da participação das Celebrações Eucarísticas na comunidade paroquial, onde residimos.

Anunciamos o Evangelho em 7 Países

Argentina, Bélgica, Brasil, Camarões, Congo, Paraguai e Uruguai.

Nosso Carisma e Missão

• Contemplamos, o rosto de Cristo, servindo os mais pobres e abandonados na humildade, simplicidade e caridade;

• Anunciamos o evangelho para que o rosto de Deus brilhe com mais intensidade em cada um de nossos destinatários;

• Testemunhamos pelo nosso SER + AGIR, que a nossa vocação é como: *“um tesouro escondido no campo, alguém o acha e torna a esconder e, na sua alegria, vai e vende tudo o que possui e compra aquele campo”.* (Mateus 13:44).



“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque Ele me consagrou com a unção, para anunciar a Boa Notícia aos pobres, enviou-me para proclamar a libertação aos presos e aos cegos a recuperação das vistas, para libertar os oprimidos e para proclamar o ano de graça do Senhor”. Lucas 4, 18-19

ANEXO 16 - ATESTADO DE PROMOÇÃO ESCOLAR

PONTA PORÃ

COLÉGIO PAROQUIAL SÃO JOSÉ
PONTA PORÃ - ESTADO DE MATO GROSSO

Atestado de Promoção

Certifico que o (a) aluno
..... foi promovido (a) para a
série do 1º. Grau.

Conceito

Ponta Porã, de Novembro de 1974

.....
PROFESSORA

Luzia Maria Benedita Menegu
DIRETORA

ANEXO 17 - DIPLOMA EX-ALUNA (1ª TURMA 1944-1948)

PONTA PORÃ

ESCOLA PAROQUIAL SÃO JOSÉ
CIDADE DE PONTA PORÃ
MATO-GROSSO - BRASIL
CURSO PRIMÁRIO

Eu, *Anna M. Colette* Diretora da Escola Paroquial de Ponta Porã, certifico que a aluna *Edmilene Cavallho* filha de *Manuelino e Cavallho*, nascida em Ponta Porã, a 21 de Abril de 1944, após ter concluído os estudos no curso primário de 1ª Turma, com aproveitamento satisfatório, está habilitada a receber o diploma de ex-aluna.

Ponta Porã, de 19 de Novembro de 1948

A DIRETORA
A. M. Colette

O DIRETOR ESCOLAS
Francisco de Paula

ANEXO 18 A- DEPOIMENTO EX -ALUNA BELA VISTA

DEPOIMENTO 01: *Maria Benilda Ajala (29/09/03)*

A escola era formada pelas Ir. Vicentinas e pelos Padres Redentorista. Ainda guardamos com carinho seus nomes: Ir. Maria Júlia (diretora), 3º ano feminino; Ir. Lucinda Galvão de Castro (Professora de 4º e 5ª Série feminina); Ir. Irene (Professora do 2º ano feminino); Ir. Idelgarde (Professora de 1º ano feminino); Ir. Maria Pia (1º ano masculino); Ir. Modesta (2º ano masculino); Ir. Sebastiana (3º ano masculino); Ir. Maria Rita (4º e 5º ano masculino)

As salas de aula eram divididas da seguinte forma: da secretaria (agora) até a Capelinha eram só meninas, e da casa do Padre (agora) até a cozinha eram somente meninos. O número de alunos nas salas eram em média de 20 a 25 alunos. As irmãs, além de lecionarem, davam aula de p (Ir. Lucinda) e datilografia (Ir. Sebastiana).

As aulas iniciavam todos os dias com a Santa Missa, às 07:00hs, e logo após, a fila seguia pelo corredor cada uma em sua respectiva sala, sendo primeiro os meninos seguido pelas meninas. As aulas terminavam às 11:00hs, sendo que, no período vespertino não havia aulas. Durante os meses de maio e junho havia anjo durante todas as noites as devoções; com a Coroação de N. Senhora no final do mês de maio, e durante o mês de junho a consagração ao Sagrado Coração de Jesus.

As missas eram rezada em Latim e a Ir. Lucinda tocava órgão, coordenando o Coral das meninas. Os cantos eram alguns em latim. Na missa de finados, o padre colocava batina preta, os coroinhas vestiam batina preta e um tipo de blusão branco. Colocavam tipo uma armação de madeira alta, representando o caixão, forrado com uma toalha preta e 6 (seis) castiçais bem altos, com velas acesas (três de cada lado). Antes da Bênção, final o padre aspergia água benta no caixão e fazia as orações do livro.

Os nomes dos padres que me lembro erma: Pe. Frederico, Pe. Chiquinho (Professor de jogo de queimada no recreio), Pe. Tomás, Pe. Eduardo, Pe. Tomé. As irmãs Lina e Angelina na Cancha e Água Doce respectivamente, e a Ir. Florentina na Escola N. Sra. Perpétuo Socorro, onde eu, Benilda, trabalhava como auxiliar, com 13 anos de idade. Comecei a estudar aos 7 (sete) anos. A escola deve ter sido construída por volta de 1932, pois existe uma placa ao lado da Igreja com esta data. Onde é a atual prefeitura, era a casa dos Padres, o atual Cefron, a casa das Irmãs.

Todo final de ano, havia exposição dos trabalhos manuais em todas as salas de aula. Os menino faziam no decorrer do ano confeccionavam sacolas e cintos de barbante, almofadas com agulha mágica, quadros, etc.; as meninas bordavam com diferentes pontos de agulha. No fim do ano também havia teatro. O recreio era separado por 1 (um) muro, as meninas do lado esquerdo e os meninos do lado direito. Nós éramos proibido brincar e olhar carnaval. O uniforme era sai xadrez pregueada e blusa branca com manga comprida. Aos Domingo, na Santa Missa, vestido branco de mangas compridas, e saia pregueada. A mensalidade era 8 (oito) mil réis, depois subiu para 10 (dez) mil réis. Quanto à 1ª Comunhão, as irmãs emprestavam a roupa para que não podia comprar. Os pais dos catôquizando faziam um bolo muito bonito, e ofereciam com chá para os demais fiéis após a Missa.

No dia 2 de agosto, dia de Sto. Afonso, iniciava-se com a Santa Missa, seguida de festa no restante do dia: corrida de saco, de velocidade, do ovo na colher, de estafela, da agulha, de carrinho de mão, churrasco, encerrando-se com a Santa Missa. No dia 07 se setembro havia desfile normal. Os teatros eram no Salão Paroquial. Ainda lembro-me de algumas peças em que participei, como: "O Bailado das Flores", "A Baiana", "A Lavadeira", entre outros.

Todo o Sábado era aula de História Sagrada (no lugar da Bíblia, porque nós não conhecíamos a Bíblia aquele tempo) e aula de trabalhos manuais. Existia também o *Quadro de Honra ao Mérito* em que os três melhores alunos permaneciam durante um mês. Havia também a Festa Junina com barraquinhas, pescaria, etc.

O Pe. Eduardo era professor de voleibol para as meninas. Naqueles tempos os meninos não brincavam com as meninas. Haviavam diversas associações na Igreja, como: Apostolado da Oração, Pia União das Filhas de Maria, Associação dos Santos Anjos (alunas fitas vermelhas), Cruzada Eucarística (Meninos fita amarela)

ANEXO 18B - DEPOIMENTO EX -ALUNA BELA VISTA

DEPOIMENTO 03: *Glória Battilani (23/09/03)*

Glória Battilani, 85, tem 13 irmãos. Nasce m Bela Vista, criou-se na Faz. Vaquilha, passou a infância atrás de guaviras, andando a cavalo, tomando banho de rio: "Infância muito saudável e feliz", afirma.

As Irmãs pareciam "E. ts", "seres superiores", numa imagem criada a partir do que se diziam delas e do que elas faziam, juntando a forma especial, com que se vestiam, notavelmente. A Casa das Irmãs era sem conforto, onde morou Sr. Peri de Almeida Melo. Nas duas casas defronte o Sr. Peri funcionou o primário: na maçonaria a na D. Bernarda. O estudo era rigoroso. Mas era um encanto de estudo. As irmãs tinham uma competência muito grande. Ensinavam artes, música, etiqueta... tudo o que sei, aprendi com as Irmãs. Até economia...

As 4(quatro) primeiras Irmãs era: Ir. M^o Odete (Belga) Ir. Emiliana, Ir. Modesta e Ir. Isabel. Chegaram no ano de 1932. Vivam quase enclausuradas. Com seus poucos recursos faziam maravilhosas exposições de artesanato. As meninas expunham bordados, pinturas, crochês... Os meninos, macramê, caixas de papelão, carinhos de madeira... Passaram-se 2 ou 3 anos e mudaram-se para sua nova casa (o atual CEFRON).

Na Igreja e na escola, meninos e meninas não se misturavam. O recreio era separado também. Tudo era muito rigoroso. Às vezes até demais... Nem música podiam ouvir. Sei de duas (meio parentes) que foram expulsas do colégio porque foram para uma fazenda num Domingo e ouviram um homem toando violão... Uma senhora "entregou" as meninas.

Os primeiros Padre chegaram em 1930. Ao chegarem, algumas famílias muito católicas os acolheram e, provavelmente, faziam a sua comida. Acredita-se que o Sr. Benites e sua esposa, D. Palmira, tenham ajudado muito os padres. Ao chegarem, alugaram uma casa de tijolos. Mas não moravam nela porque dizem que um militar havia afirmado que se o padres morasse naquela casa ele jogaria querosene e queimaria tudo. Então foram para uma casinha onde está o Sr. Maneco Miranda. Havia uma casa de tábuas de D. Elisa e nos fundos, germinada, uma casa de barro. A casa de barro foi toda roubada, restando a de barro, onde os padres moraram por algum tempo. Depois foram morar perto do Belavistense, próximo do Barcelos, em frente à esquerda. Casa de tábuas com pouco conforto. Mais tarde, comprara, a casa onde é o hotel central. Ampliaram a casa e fizeram uma para empregados. Tinha energia elétrica de motor movido a diesel.

A Igreja na época só tinha parte na frente e nos fundos. Mandaram fazer três janelas de cada lado e colocaram energia elétrica de gerador próprio. Dentro da Igreja era silêncio absoluto. Era pecado até virar o rosto para trás. O órgão da Igreja foi doação D. Maria Rita e o sino, pela família de Ildefonso Pinheiro.

ANEXO 18 C - DEPOIMENTO EX -ALUNA BELA VISTA

DEPOIMENTO 02: Flávio "Pistonho" Henrique

Em 1924

A Igreja Matriz original de Bela Vista é a Capela do Divino Espírito Santo, o prédio antigo de 13X6, que foi inaugurado em 1924, que está hoje num prédio de construção moderna. É importante ressaltar que a nossa população pecaram por não se atentarem para o valor do patrimônio (histórico) que a antiga Capela (prédio) tinham para a cidade, deixando ser demolida, para a construção do prédio atual (que apesar de ser maior e mais moderno, não tem valor histórico). Nesse mesmo ano, fora criada a Paróquia, precisamente em 04 de abril de 1924.

Em 19230, para ser mais preciso, em 14 de agosto de 1930, chegaram a Bela Vista os primeiros Padres Redentoristas. São eles: Pe. Willian Fee e Pe. Rudolph Rúss. Era o início das atividades da Congregação do Santíssimo Redentor. Outro fato lamentável (na minha ótica) foi que ninguém registrou esta data (14/05) como uma data comemorativa, como também não ter homenageado estes dois missionários, que doutrinaram o nosso povo fronteiriço, dando atendimento espiritual a todos os devotos de Bela Vista.

É importante lembrar que a cidade de Jardim, nossa Diocese, na época pertencia à Paróquia de Santo Afonso, foi desmembrada em 1954. Caracol (antiga Porteira) também fazia parte de nossa Paróquia. Em 1932, no dia 01/03/1932 foi inaugurada a ESCOLA PAROQUIAL, que congregou de início as famílias às associações religiosas: Apostolado da Oração, Cruzada Eucarística, Filhas de Maria e outras; alimentaram por muito tempo a vida de piedade. Depois surgiram outras Pastorais (como hoje chamamos): Legião de Maria, Movimento Cursilhos, Movimento Familiar Cristão e, inclusive, os Círculos Bíblicos, como também o grupo de jovens (o qual fui seu reator na década de 80, o J.U.S.A. - Jovens Unidos Santo Afonso), que trouxeram nova ênfase ao apostolado dos leigos.

Em 1935, foi o ano da inauguração da atual Matriz de Santo Afonso, imponente, construída pelos Padres Redentoristas, como também o Convento das Irmãs (atual CEFRON) e a Casa Paroquial (atual Paço Municipal). Assim descrevem resumidamente parte da história de nossa Paróquia de Santo Afonso.

Para complementar, vou relatar outro dado importante; a ação Pastoral. Ela teve início em 1975, desde as Missões Redentoristas, estando baseada no sistema de setores. Na época, a cidade foi dividida em 39 (trinta e nove) setores, cada setor era composto por 40 (quarenta) famílias aproximadamente, sob uma orientação de um coordenador, que contava com o auxílio de mais duas pessoas. Portanto, as coordenações de setores (comunidade) já existia, sendo também reativados atualmente. E os Sacerdotes também faziam a visita uma vez por mês, e cada setor também tinham culto dominical dirigido por algum leigo, como no tempo atual. As primeiras comunidades organizadas forma na Zona Rural, cada uma com seu respectivo Padroeiro: Água Doce - São Geraldo, Cancha - São Patricio e Nunca Te Vi - São Clemente.

Para finalizar, claro que não poderia de cometer o pecado de deixar de citar as Irmãs Vicentinas, que forma formidáveis colaboradoras dos Padres Redentoristas, principalmente na nossa formação (Moral e Religiosa). Aliás, elas continuam os seus trabalhos junto a Paróquia de Santo Afonso, que são indispensáveis para todos nós Católicos Apostólicos Romanos, a igreja de Nosso Redentor Jesus Cristo.

ANEXO 18D - DEPOIMENTO EX - ALUNA BELA VISTA

DEPOIMENTO 04: *Heloiza Fernandes*

Ao referir-me do antigo Colégio Santo Afonso, faço-o com imensa saudades e muito carinho. Estudei, e recebi minha educação religiosa, com as queridas e dedicadas Irmãs Vicentinas.

Eram ao todo 15 freiras, vindas de diversas partes ou Estados. Cada sala tinha uma só professora para as 8 (oito) matérias que era lecionadas durante as aulas. Tínhamos também, freiras belgas. Posso destacar a Ir. Maria Helena, nossa superiora, e os padres Redentoristas juntos dirigiam esta Paróquia e o Colégio... Nosso colégio tinha um regulamento rigoroso, fora de si. O patriotismo e a religiosidade caminhavam juntos. A religião, claro, em primeiro lugar. Missa todos os dias, antes das aulas. Entrávamos em classe às 08:00hs, e acabavam as 12:00hs. As datas da Pátria eram comemoradas com desfiles e pompas dignas de um Brasil querido. Assim também eram as festas religiosas.

Não posso esquecer a exposição dos trabalhos manuais, que eram verdadeiros sucessos para as irmãs no final do ano. Parabéns ao colégio Santo Afonso, às Irmãs Vicentinas, aos Padres Redentoristas. O meu, o nosso profundo agradecimento - seus ex-alunos deixam aqui seu "muito obrigado"

ANEXO 18 E - DEPOIMENTO EX -ALUNA BELA VISTA

DEPOIMENTO 05: *Nizete Laranjeira Silva (Dez 2003)*

Tenho pouco a relatar sobre a chegada do Padres Redentoristas aqui em Bela Vista. Pelo que sei, chegaram aqui em 1932 e as Irmãs Vicentinas, em 1933. Não sei relatar o número de padres e de irmãs, pois chegamos aqui em 1939, sete anos depois.

Anos depois inaugurou-se o Colégio Santo Afonso. Por sinal muito competente, onde era mantido muito ordem e disciplina. Os professores eram competentes enérgicos. Matriculei dois filhos, cujos professores eram: Ir. Angelina e Ir. Lucinda. E assim fui conhecendo mais as Irmãs e os Padres.

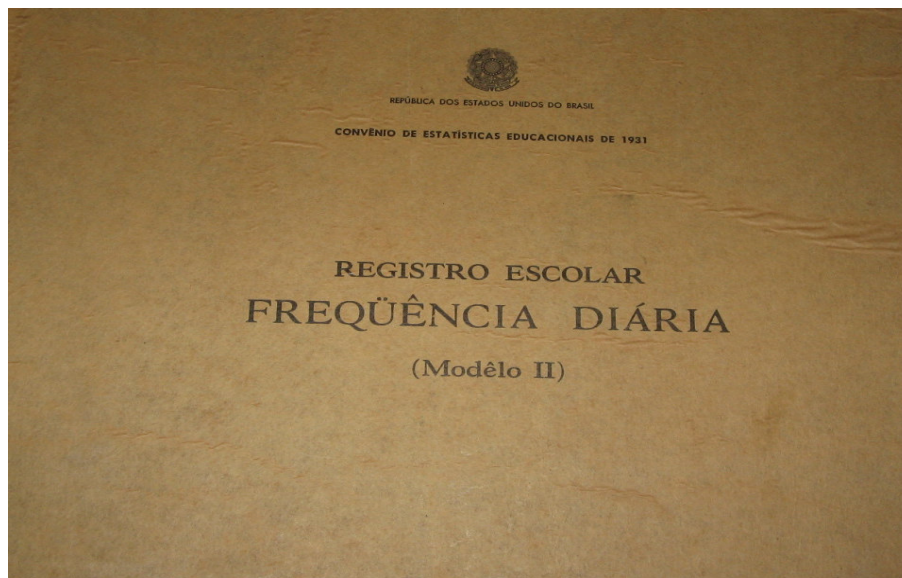
Os padres que serviram esta Paróquia e que me lembro os nomes foram: Pe. Jorge, Pe. Brandão, Pe. Eduardo, Pe. Jaime, Pe. Joãozinho e Pe. Guilherme, que era engenheiro e dirigia a construção do clube paroquial com o meu esposo, que era construtor. O Clube foi construído para que tivesse mais espaço.

A festa do Padroeiro Santo Afonso era muito concorrida com realizações de quermesses, com muitas barracas e músicas. Era um movimento e uma colaboração total.

ANEXO 19 - SALA DE AULA EM BELA VISTA DÉCADA DE 60



ANEXO 20 - LIVRO DE REGISTRO DE FREQUENCIA DIARIA ESCOLA B



ANEXO 23 - BOLETINS DA EX - ALUNA DE 4 ANOS



Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)